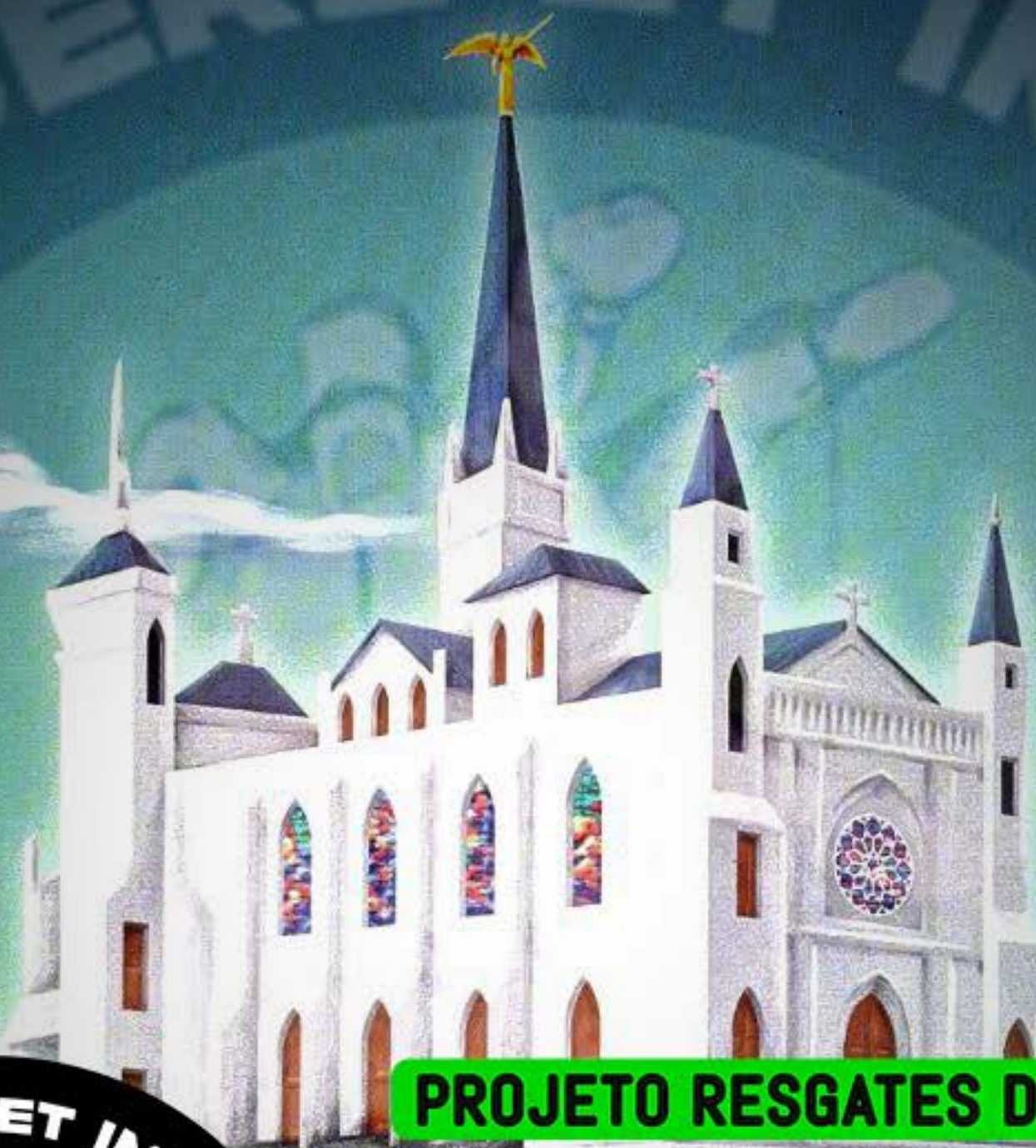


ROD DREHER

# A Opção Beneditina

Uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão



**PROJETO RESGATES DO ESBOÇO**

ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO EXCLUSIVAMENTE POR NÓS

## ESBOÇO DE SANIDADE



CONHEÇA O CANAL  
NO YOUTUBE







ROD DREHER

é um jornalista e escritor norte-americano. Nasceu numa família metodista, converteu-se ao catolicismo e depois tornou-se ortodoxo. Foi crítico de TV do jornal Washington Times, e de cinema do New York Post. Atualmente é editor da revista *The American Conservative*. É autor de *Crunchy Cons* (2006) *The Little Way of Ruthie Leming* (2013), *How Dante Can Save Your Life* (2015) e *A Opção Beneditina* (2017). Vive em Louisiana com a mulher e seus três filhos.



*Levantemo-nos então finalmente,  
pois a Escritura nos desperta dizendo:  
“Já é hora de nos levantarmos  
do sono” (Rm 13, 11).*

— Regra de São Bento



ROD DREHER

# *A Opção Beneditina*

Uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão

Tradução de Thomaz Perroni



ECCLESIAE



A Opção Beneditina: uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão

Rod Dreher

1ª edição — julho de 2018 – CEDET

© Rod Dreher

Título original: *The Benedict Option: A Strategy for Christians in a Post-Christian Nation*, Sentinel, Nova Iorque, 2017.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 – Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

e-mail: [livros@cedet.com.br](mailto:livros@cedet.com.br)

*Editor:*

Diogo Chiuso

*Tradução:*

Thomaz Perroni

*Revisão:*

Juliana Amato

*Capa:*

Fernando Mena

*Editoração:*

Gabriel Hidalgo

✠ ECCLESIAE

[www.ecclesiae.com.br](http://www.ecclesiae.com.br)

*Conselho Editorial:*

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.



Para Ken Myers



## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

O despertar .....11

CAPÍTULO 1: O Dilúvio .....17

CAPÍTULO 2: As raízes da crise .....33

CAPÍTULO 3: Uma regra de vida .....65

CAPÍTULO 4: Uma nova política cristã .....99

CAPÍTULO 5: Uma Igreja que não se venda .....125

CAPÍTULO 6: A idéia de uma aldeia cristã .....151

CAPÍTULO 7: A educação enquanto formação cristã .....175

CAPÍTULO 8: Preparando-se para o trabalho duro .....213

CAPÍTULO 9: Eros e a nova contracultura cristã .....235

CAPÍTULO 10: O homem e a máquina .....261

CONCLUSÃO: A decisão beneditina .....285

AGRADECIMENTOS .....293

ÍNDICE REMISSIVO .....295





## INTRODUÇÃO

# *O despertar*

TENHO SIDO UM CRISTÃO FIEL e um conservador engajado na maior parte de minha vida adulta. Não via nenhum conflito entre as duas coisas, até que meu primeiro filho veio ao mundo, em 1999. Nada muda tanto a perspectiva de um homem quanto a obrigação de pensar no mundo que seus filhos herdarão. Comigo também foi assim.

Enquanto Matthew dava seus primeiros passos, eu, na tentativa de criá-lo pelos princípios cristãos mais tradicionais, comecei a perceber como mudava a minha visão política. Comecei a me perguntar o que, exatamente, o conservadorismo atual queria conservar. Ocorreu-me que, dependendo das circunstâncias, algumas das causas que meus colegas conservadores defendem — principalmente o entusiasmo irrefletido pelo mercado — podem minar aquilo que eu, um tradicionalista, considero a instituição mais importante: a família.

Também passei a notar a vasta ineficiência das igrejas, inclusive da minha, no combate às forças do declínio cultural. O cristianismo tradicional, histórico — católico, protestante ou ortodoxo oriental — deveria ser uma poderosa força contrária ao individualismo radical e ao secularismo da modernidade. Mas, por mais que se dissesse que os cristãos conservadores estavam lutando uma guerra cultural, eu raramente via a minha turma brigando de verdade, exceto quando o assunto era aborto ou casamento *gay*. Parecíamos contentes em dar assistência



religiosa a uma cultura consumista que perdia rapidamente a noção do que significava ser cristão de verdade.

Em meu livro *Crunchy Cons*,<sup>1</sup> de 2006, que explora uma sensibilidade conservadora tradicionalista e de contracultura, mencionei o trabalho do filósofo Alasdair MacIntyre, que afirmou que a civilização ocidental perdera suas amarras. Segundo ele, aproximava-se o tempo em que homens e mulheres de virtude compreenderiam que aqueles que quisessem viver uma vida virtuosa e tradicional não poderiam mais participar integral e freqüentemente dos círculos sociais mais populares. Ele dizia que essas pessoas encontrariam novas maneiras de viver em comunidade, assim como, no séc. VI, São Bento, pai do monasticismo ocidental, respondeu ao colapso da civilização romana fundando uma ordem monástica.

Chamei esse recolhimento estratégico profetizado por MacIntyre de “Opção Beneditina”. Trata-se da idéia de que os cristãos conservadores não poderiam mais viver suas vidas de sempre, de que deveríamos encontrar soluções criativas e comunitárias que nos ajudassem a manter a nossa fé e os nossos valores em um mundo cada vez mais hostil. Teríamos de decidir dar um salto definitivo para um modo verdadeiramente contracultural de viver o cristianismo ou estaríamos condenando nossos filhos e os filhos dos nossos filhos à assimilação cultural.

No decorrer da última década, escrevi algumas vezes sobre a Opção Beneditina, mas o tema nunca saiu de um círculo relativamente pequeno de cristãos conservadores. Enquanto isso, a geração dos *millennials*<sup>2</sup> começou a abandonar a Igreja em números jamais vistos na história dos EUA. Com certeza quase absoluta eles não sabiam o que estavam descartando: novas pesquisas em ciências sociais indicam que os jovens adultos ignoram quase totalmente os ensinamentos e as práticas da fé cristã histórica.

---

1 “Direita canhota” — NT.

2 Os nascidos entre 1981 e 1999, aproximadamente; a primeira geração a viver a adolescência e/ou a juventude no novo milênio — NT.



O declínio invariável do cristianismo e o aumento regular da hostilidade aos valores tradicionais atingiram seu ápice em abril de 2015, quando em Indiana aprovou-se uma versão estadual da Lei Federal de Restauração da Liberdade Religiosa. A lei simplesmente garantia a validade da defesa da liberdade religiosa por parte daqueles acusados de terem sido discriminadores. Não garantia que tais acusados prevaleceriam. Militantes LGBT logo protestaram em alto e bom som, dizendo que a lei era intolerante — e, pela primeira vez na história, as grandes empresas tomaram partido na guerra cultural apoiando fortemente essa militância. O estado de Indiana recuou sob a pressão do empresariado — assim como fez o estado de Arkansas uma semana depois.

Esse evento foi um divisor de águas. Serviu para mostrar que, se as grandes corporações não topassem, nem mesmo os líderes políticos republicanos, em estados republicanos, defenderiam, ainda que timidamente, a liberdade religiosa. Qualquer um que professasse seu cristianismo bíblico e ortodoxo em matéria de sexualidade passou a ser considerado exemplo vivo de intolerância inaceitável. Os cristãos estavam destroçados. Vivíamos num novo país.

Passados dois meses, apenas, a Suprema Corte americana já aprovava o direito constitucional ao casamento homossexual. A decisão foi muito bem acolhida pelo povo americano, cuja mentalidade passara por mudanças assustadoras na última década em relação a direitos homossexuais e casamento *gay*. Tão logo foi conquistado o direito ao casamento homossexual, os ativistas e seus aliados políticos — o Partido Democrata — começaram a advogar pelos direitos dos transgêneros.

Desde o julgamento de Obergefell,<sup>3</sup> os cristãos que se mantêm fiéis ao ensinamento bíblico sobre sexo e casamento têm, para a cultura, o mesmo estatuto que os racistas — e, cada vez mais, aos olhos da lei também. A guerra cultural que começara nos anos sessenta com a Revolução Sexual terminou agora com

3 No qual foi concedido o direito ao casamento homossexual — NT.



a derrota dos cristãos conservadores. E a esquerda e sua cultura — o que cada vez mais quer dizer: o americano médio — não querem saber de viver um pós-guerra pacífico, mas continuam pressionando através da ocupação rigorosa e implacável de espaços, que aliás é amparada pela parvalhice dos cristãos que não têm a menor idéia do que está acontecendo. Não se engane: a vitória desconcertante de Donald Trump na corrida presidencial deu-nos, no máximo, um pouco mais de tempo de preparação para o inevitável.

Escrevi *A Opção Beneditina* para acordar a Igreja e encorajá-la a agir, a se fortalecer enquanto é tempo. Se queremos sobreviver, devemos retornar às raízes de nossa fé, tanto na mentalidade quanto na prática. Teremos de assimilar de coração hábitos que foram esquecidos pelos fiéis ocidentais. Teremos de mudar radicalmente de vida, mudar o modo como encaramos a vida. Em suma, *teremos de ser a Igreja*, sem concessões, custe o que custar.

Este livro não sugere uma agenda política. Tampouco é um manual espiritual e muito menos uma típica lamentação sobre o declínio e a queda de alguma coisa. É verdade que apresenta uma crítica da cultura moderna de um ponto de vista cristão tradicional, porém, mais importante que isso, conta a história de cristãos conservadores que estão protagonizando maneiras criativas de viver sua fé de modo alegre e contra a cultura desses dias sombrios. Minha esperança é que você seja inspirado por eles e colabore com os cristãos da sua região que comungam do mesmo pensamento, no intuito de propor respostas aos desafios que hoje a Igreja enfrenta no mundo. Se o sal não deve perder o sabor, temos de agir. Já é tarde. Isto não é um treino.

Alasdair MacIntyre disse que estamos à espera de “um novo — e sem dúvida bastante diferente — São Bento”. Com isso ele quis dizer: um líder inspirado e criativo que desbravará os caminhos para se viver a tradição em comunidade, de modo que a faça sobreviver a um período de grande provação. O Papa Emérito Bento XVI profetizou um mundo no qual a Igreja será



composta de pequenos círculos de fiéis devotos que viverão a fé intensamente, e que de algum modo terão de ser separados da sociedade a fim de sustentar a verdade. Leia este livro, aprenda com as pessoas que nele encontrar e se inspire pelo testemunho de vida dos monges. Deixe que todos eles lhe falem ao coração e à mente e então se mobilize em sua região a fim de se fortalecer e fortalecer sua família, sua igreja, seu colégio e sua comunidade.

Na primeira parte do livro, definirei os desafios postos aos cristãos americanos conforme me é possível observar. Explorarei as raízes filosóficas e teológicas da fragmentação de nossa sociedade e explicarei como as virtudes cristãs incorporadas à Regra de São Bento — um manual monástico do séc. VI que desempenhou um papel poderosíssimo na preservação da cultura cristã através da assim chamada Idade das Trevas — podem servir de ajuda a todos os cristãos de hoje.

Na segunda parte, discutirei como o modelo cristão de vida prescrito na Regra pode ser adaptado às circunstâncias dos cristãos conservadores modernos de todas as igrejas e todas as denominações. Para evitar a confusão política, usarei o termo “ortodoxo” — com “o” minúsculo — para me referir aos cristãos teologicamente tradicionais: católicos, ortodoxos orientais e protestantes. A Regra dá idéias de como abordar a política, a fé, a família, a comunidade, a educação e o trabalho. Exporei em detalhes como essas idéias se manifestam na vida de diversos cristãos, que teriam algo a ensinar para a Igreja inteira. Por fim, considerarei a importância fundamental dos cristãos que pensam e agem de modo radical diante dos dois fenômenos mais poderosos que dirigem a vida contemporânea e pulverizam as fundações da Igreja: o sexo e a tecnologia.

Por fim, espero que o leitor concorde quando digo que os cristãos vivem um momento de decisão. As escolhas que fazemos hoje têm conseqüências para a vida dos nossos descendentes, da nossa nação e da nossa civilização. Jesus Cristo prometeu que as portas do Inferno não prevalecerão contra



Sua Igreja, mas Ele não prometeu que o Inferno não prevaleceria *no Ocidente*. Isso depende de nós e das escolhas que fazemos aqui e agora.

Convido-o então, leitor, a manter em mente, conforme atravessa estas páginas, que talvez — talvez — o novo e sem dúvida bastante diferente São Bento que Deus está convocando para reviver e fortalecer Sua Igreja seja... *você*.



## CAPÍTULO 1

# *O Dilúvio*

NINGUÉM PREVIU O DILÚVIO.

Os jornais diziam que chuvas fortes rumavam para o sul de Louisiana naquele fim de semana de agosto de 2016, mas isso não era novidade para nós. Louisiana é um estado chuvoso, especialmente no verão. O homem do tempo disse que podíamos esperar de sete a quinze centímetros de precipitação por um período de cinco dias.

Quando a chuva parou, mais de setenta e cinco centímetros de água cobriam a grande área de Baton Rouge. Lugares que ninguém jamais suspeitou que seriam inundados haviam desaparecido na torrente lamacenta, enquanto rios e afluentes rompiam seus leitos feito hemorragia. As pessoas tiveram minutos para abandonar suas casas e buscar abrigo em locais mais altos. Alguns sequer tiveram esse tempo e, por sorte, conseguiram escalar com suas famílias até o telhado, de onde foram resgatados.

Passei aquele domingo num abrigo improvisado em Baton Rouge. Eu e meu filho Lucas ajudamos a receber as pessoas resgatadas pelos helicópteros da Guarda Nacional e também nos unimos a dezenas de outros voluntários na tarefa de alimentar e prestar socorros aos milhares de refugiados que chegavam das áreas vizinhas. Homens, mulheres, famílias, idosos, ricos, pobres, brancos, negros, asiáticos, latinos — uma verdadeira



Babel. E quase todos pareciam traumatizados, como se voltassem da guerra.

Ao servir *jambalaya*<sup>1</sup> para os desabrigados cheios de fome e espanto, ouvia-se a mesma história, sem parar: “Perdemos tudo. Ninguém esperava por isso. Nunca houve enchente onde vivíamos. Não estávamos preparados”.

Era compreensível que os pobres sobreviventes, confusos e desprotegidos, não tivessem se preparado. Quase ninguém pensou em contratar seguro contra inundação, afinal, um dilúvio desses era um evento milenar, e, desde que se tem registro, ninguém jamais vira aquela área inundada. A última vez que algo desse porte aconteceu em Louisiana, a civilização ocidental ainda sequer havia chegado à costa americana.

Nós, cristãos do Ocidente, estamos enfrentando o nosso próprio dilúvio milenar — ou, de acordo com as palavras do Papa Emérito Bento XVI, um dilúvio que só há mil e quinhentos anos houve igual. Em 2012, o então Pontífice disse que a crise espiritual que se abate sobre o Ocidente é a mais séria desde a queda do Império Romano, no final do séc. V. A luz do cristianismo cintila por todo o Ocidente. É muito provável que alguns dos que hoje estão vivos vejam a morte tácita do cristianismo em nossa civilização. Pode ser que a fé continue florescendo nos países mais ao sul do globo e na China, por misericórdia de Deus, mas, salvo uma reversão dramática das tendências atuais, ela desaparecerá completamente da Europa e da América do Norte. Talvez isso não seja o fim do mundo, mas certamente é o fim de *um* mundo, o que só um cego obstinado negaria. Nós ignoramos ou menosprezamos os sinais por muito tempo; agora as águas da enchente já nos alcançaram — e nós não estamos preparados.

As nuvens que prenunciam a tempestade vêm se amontoando há décadas, mas a maioria de nós, fiéis, continuamos agindo na ilusão de que elas se dispersariam. O colapso da família

---

1 Arroz com camarão, frango e vegetais; espécie de *paella* típica da região de Nova Orleans e da Louisiana — NT.



tradicional, a perda dos valores morais tradicionais e a fragmentação das comunidades — nos preocupávamos com esses acontecimentos, mas acreditávamos que eram reversíveis e que não eram sinais de que havia algo de fundamentalmente errado com a nossa abordagem da fé. Nossos líderes religiosos disseram que, reforçando as barragens da lei e da política, a enchente do secularismo ficaria contida nas baías. A sensação era a de que não há nada que não possa ser reparado se continuarmos fazendo o que os cristãos vêm fazendo há décadas — principalmente, votando nos republicanos.

Hoje podemos constatar que perdemos em todas as frentes e que as correntes ágeis e impiedosas do secularismo esmagaram as nossas frágeis barreiras. O niilismo secular e hostil ganhou a vez no governo nacional e a cultura voltou-se com força contra o cristianismo tradicional. Dizemos a nós mesmos que esse processo nos foi imposto por uma elite progressista porque não conseguimos tolerar a verdade: o povo americano, ativa ou passivamente, está de acordo.

Os avanços em matéria de direitos civis concedidos aos *gays*, junto da revogação de liberdades religiosas para fiéis que não aceitam a agenda LGBT, vêm acontecendo devagar, mas constantemente, há anos. A decisão da Suprema Corte americana no caso Obergefell, que concedeu o direito constitucional ao casamento *gay*, foi a batalha de Waterloo para o conservadorismo religioso. Foi o triunfo decisivo da Revolução Sexual, e a guerra cultural como conhecemos desde os anos sessenta acabou. A partir do caso Obergefell, as convicções cristãs a respeito da complementaridade sexual do casamento passaram a ser taxadas de abominável preconceito — e, num número cada vez maior de casos, passíveis de punição. A opinião pública foi estabelecida.

Não perdemos apenas a praça pública como também já não estão a salvo os supostos incólumes terrenos de nossos templos. Afinal, se aqueles que nos rodeiam não aceitam a nossa moral, o que importa? Podemos muito bem manter a fé e a doutrina



dentro das paredes das igrejas — pensamos; mas isso é depositar uma confiança injustificada na saúde das nossas instituições religiosas. As mudanças que tomaram o Ocidente na modernidade revolucionaram tudo, mesmo a Igreja, que não forma mais almas, mas presta serviços aos indivíduos. Como afirmou Ephraim Radner, conservador e teólogo anglicano: “Não há um lugar seguro no mundo ou nas nossas igrejas no qual se pode ser cristão. É uma nova época”.<sup>2</sup>

Não se engane com o grande número de igrejas que existem hoje em dia. Um número sem precedentes de jovens adultos americanos diz não ter afiliação religiosa nenhuma. De acordo com o Pew Research Center, um a cada três jovens de dezoito a vinte e nove anos deixou a religião de lado — se é que já a tinha considerado antes.<sup>3</sup> Se essa tendência demográfica persistir, muito em breve nossas igrejas estarão vazias.

O que é ainda mais preocupante é que muitas das igrejas que permanecerem ativas terão sido esvaziadas de conteúdo por um secularismo sorrateiro, a ponto de o “cristianismo” ensinado nelas não ter vida ou força alguma. Isso já aconteceu na maioria. Em 2005, os sociólogos Christian Smith e Melinda Lundquist Denton examinaram a vida espiritual e religiosa de adolescentes americanos dos mais diversos contextos sociais. O que eles descobriram foi que, na maioria dos casos, os adolescentes compactuam com uma pseudo-religião frouxa e inconsistente que os pesquisadores chamaram de Deísmo Moralista Terapêutico (DMT).<sup>4</sup>

O DMT tem cinco dogmas básicos:

- 2 Ephraim Radner, “No Safe Place Except Hope: The Anthropocene Epoch” [Não há segurança senão na esperança: a era antropocênica], *Living Church*, 28 de julho de 2016.
- 3 Michael Lipka, “Millennials Increasingly Are Driving the Growth of ‘Nones’” [A geração dos *millennials* cada vez mais aumenta o índice de “nenhuma”], Pew Research Center, 12 de maio de 2015.
- 4 Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* [Em busca da alma: a vida religiosa e espiritual dos adolescentes americanos], Nova York: Oxford University Press, 2005.



1. Existe um Deus que criou e governa o mundo e que observa a vida humana na Terra.

2. Esse Deus quer que as pessoas sejam boas, simpáticas e honestas umas com as outras, como ensina a Bíblia e a maioria das religiões do mundo.

3. O principal objetivo da vida é ser feliz e sentir-se bem consigo mesmo.

4. Não é necessário que Deus esteja particularmente envolvido na vida de alguém, exceto quando se precisa dele para resolver um problema.

5. Os bons vão para o céu quando morrem.

Eles constataram que esse credo é especialmente caro aos adolescentes católicos e de denominações protestantes tradicionais. Os evangélicos se saíram melhor até certo ponto, mas ainda ficaram longe da ortodoxia bíblica e histórica. Smith e Denton afirmaram que o DMT está colonizando as igrejas cristãs, destruindo por dentro o cristianismo bíblico e substituindo-o por um pseudocristianismo que é “apenas ligeiramente parecido com a real tradição cristã histórica”.

O DMT não está totalmente errado. Afinal de contas, Deus existe e quer mesmo que nós sejamos bons. O problema com o DMT, tanto na sua versão progressista quanto na conservadora, é que ele se propõe principalmente a melhorar a autoestima, gerar uma felicidade subjetiva e fazer com que todo o mundo se relacione bem. Quase não tem a ver com o cristianismo da Escritura e da Tradição, que ensina o arrependimento, o amor sacrificial e de entrega e a pureza de coração, além de propor como caminho para Deus o sofrimento — o Caminho da Cruz. Embora superficialmente cristão, o DMT é a religião natural de uma cultura que idolatra o Ego e o conforto material.

Por mais desoladoras que fossem as descobertas de Christian Smith, em 2005, sua pesquisa seguinte — da qual uma terceira parcela foi publicada em 2011 — foi ainda mais assustadora. Fazendo um levantamento por amostragem das convicções



morais de jovens de dezoito a vinte e três anos, Smith e seus colegas descobriram que 40% dos jovens cristãos consultados disseram que suas convicções morais estavam fundamentadas pela Bíblia ou por algum outro sentimento religioso.<sup>5</sup> É pouco provável que mesmo as convicções desses fiéis sejam biblicamente coerentes. Muitos desses “cristãos” são, na verdade, individualistas convictos, moralmente falando, que sequer conhecem ou vivenciam uma moralidade coerente e baseada na Bíblia.

Assombrosos 61% dos quase adultos não tinham problema algum com o materialismo e com o consumismo. Outros 30% disseram ter certos escrúpulos, mas nada que valesse a preocupação. De acordo com essa visão, Smith e sua equipe concluíram que “tudo o que a sociedade é, aparentemente, não passa de uma coleção de indivíduos autônomos que estão aí para gozar a vida”.

Essas pessoas não são más. Na verdade, são jovens adultos terrivelmente decepcionados pela família, pela Igreja e pelas outras instituições que formaram — ou melhor: não formaram — suas consciências e imaginações.

O DMT é a religião *de facto* não só dos adolescentes americanos, mas também dos adultos. Os jovens adotaram, a um grau considerável, as atitudes religiosas de seus pais. Somos uma nação DMT há um bom tempo.

Smith me disse em entrevista que “os EUA já viveram muito tempo de seu verniz cristão, em parte necessário por conta da Guerra Fria”, mas que “estão enfim se despojando dele pela combinação do capitalismo de consumo de massa e do individualismo liberal”.

Os dados das pesquisas de Smith e de outros deixam claro aquilo que muitos de nós queremos desesperadamente negar: a inundação sobe pelas paredes da Igreja americana. Toda e qualquer congregação americana deve se perguntar se já se com-

5 Christian Smith e Patricia Snell, *Lost in Transition: The Dark Side of Emerging Adulthood* [Perdidos na transição: o lado negro da maturidade emergente], Nova York: Oxford University Press, 2011, p. 86.



prometeu a tal ponto com o mundo que esteja agora comprometida em sua fidelidade. O cristianismo que estamos vivendo em família, nas congregações e comunidades é um meio para uma maior conversão ou estará ele servindo de vacina contra a seriedade com que os evangelhos nos pedem para assumir a fé?

Ninguém além da antiga e iludida Direita Religiosa acredita que essa revolução cultural possa ser revertida. Não se pode mais parar a onda, apenas redirecioná-la. Salvo exceções, os ativistas cristãos conservadores são tão ineficientes quanto os russos que fizeram parte da emigração branca,<sup>6</sup> tomando seus chás direto do samovar nos grandes salões parisienses, planejando a restauração da monarquia. Nada contra eles — muito pelo contrário — mas, no fundo, é evidente que não têm futuro.

Nenhum americano aguenta encarar a derrota ou aceitar limites quaisquer que sejam. Mas os cristãos americanos terão de aceitar o fato de que vivemos numa cultura na qual nossas convicções fazem cada vez menos sentido. Falamos uma língua que ninguém quer ouvir ou que soa cada vez mais ofensiva.

Será que o melhor jeito de lutar contra a maré não seria... parar de lutar contra a maré? Isto é, parar de empilhar os sacos de areia e começar a construir uma arca para se abrigar até que a água baixe e possamos pisar terra firme novamente? Em vez de gastar energia e recursos travando batalhas políticas invencíveis, deveríamos trabalhar na construção de comunidades, instituições e redes de resistência que possam driblar, ultrapassar e, por fim, superar a ocupação.

Não temam! Já passamos por isso antes. No primeiro século de cristianismo a Igreja primitiva sobreviveu e floresceu sob o jugo romano e mesmo depois do colapso do Império inteiro no Ocidente. Nós cristãos dos últimos tempos devemos aprender com seu exemplo — especialmente com o exemplo de São Bento.

6 *White émigré*: exilados russos que saíram do país entre 1917 e 1922 por causa da Revolução Bolchevique e da Guerra Civil — NT.



Certo dia, na virada do séc. VI, um jovem romano chamado Bento disse adeus à sua cidade natal, Nórcia, uma vila simplória escondida na região dos Montes Sibilinos. Filho do governador da cidade, Bento estava a caminho de Roma, aonde iam terminar os estudos os jovens de talento que procuravam seu lugar no mundo.

Essa já não era a Roma da glória imperial, cuja memória persistiu após a conversão de Constantino ter aberto o caminho para que o Império se tornasse oficialmente cristão. Cerca de setenta anos antes de Bento nascer, os visigodos haviam saqueado a Cidade Eterna. O colapso de Roma foi um golpe estrondoso no ânimo dos cidadãos de todo o Império, até então muito poderoso.

Naquele tempo, o Império era governado no Ocidente por Roma, que há muito estava em decadência, e no Oriente por Constantinopla, que prosperava. No entanto, os cristãos de todo o Império lamentavam, uma vez que o sofrimento de Roma os fazia encarar uma verdade terrível: a de que as fundações daquele mundo que eles e seus ancestrais conheceram desmoronavam diante de seus olhos.

“Minha voz prende-se à garganta; e, enquanto dito, soluços sufocam-me a fala”, escreve São Jerônimo na seqüência do ocorrido. “A cidade que conquistou o mundo inteiro agora cai conquistada”. O choque foi tão grande que fez Santo Agostinho, contemporâneo de São Jerônimo, escrever seu clássico *A Cidade de Deus*, em que explicava a catástrofe nos termos da vontade misteriosa de Deus, redirecionando a atenção dos cristãos para o reino celestial imperecível.

A cidade de Roma não desapareceu, mas quando Bento lá chegou ela era uma sombra esquelética de sua forma passada. Fora a maior cidade do mundo, com uma população estimada em um milhão de almas no séc. II, ápice de seu poder, mas nas décadas seguintes ao saque sua população despencou. Em 476, os bárbaros depuseram o último imperador romano do Ocidente; na virada do séc. VI, a população de Roma já tinha



se dispersado, deixando para trás apenas cem mil pessoas para reerguer as ruínas.

A derrocada do lado ocidental do Império não levou à anarquia. Muito pelo contrário: na Itália as coisas continuaram quase do mesmo jeito como estavam há décadas. Teodorico, o Grande — rei visigodo que, na época de Bento, governou a Itália diretamente de Ravena, sua capital — era um cristão herético (um ariano), mas no ano 500 fez uma peregrinação a Roma para prestar homenagens ao papa. O rei assegurou aos romanos seu auxílio e proteção. Na verdade, o que de melhor ele podia fazer era administrar o declínio romano.

Não conhecemos muitos detalhes da vida social em Roma quando do domínio bárbaro, mas a história mostra que um afrouxamento moral generalizado sempre se segue ao desmantelamento de uma ordem social duradoura. Considere-se a decadência de Paris e de Berlim depois da Primeira Guerra, ou da Rússia nas décadas subseqüentes ao fim do Império Soviético. O Papa São Gregório Magno nunca conheceu São Bento; escreveu a biografia do santo baseando-se em entrevistas que conduziu com os discípulos deste. São Gregório escreve que o santo de Nórcia, quando jovem, ficou tão chocado e desgostoso com os vícios e a corrupção da cidade que renunciou uma vida toda de privilégios que o aguardava, uma vez que era filho de um oficial do governo. Ele se mudou para uma floresta próxima, e depois para uma caverna a mais de sessenta quilômetros para o leste. Lá Bento viveu, como eremita, uma vida de oração e contemplação por três anos.

Isso era normal nos primeiros séculos de cristianismo, e ainda hoje acontece em alguns lugares. No séc. III, alguns homens (e até mesmo umas poucas mulheres) se retiravam para o deserto do Egito, renunciando a todo conforto corporal para buscar a Deus numa vida solitária de oração, silêncio e jejum. Levavam ao extremo o preceito das Escrituras de morrer para si mesmo para viver em Cristo, obedecendo à ordem do Senhor ao jovem rico de vender todos os seus bens, dar aos pobres e segui-Lo.



Crê-se que o primeiro eremita foi Santo Antão do Deserto (251–356). Seus seguidores fundaram comunidades cristãs monacais, mas a figura do ermitão continuou fazendo parte da vida e da prática monásticas.

Durante os três anos em que Bento viveu na caverna, um monge chamado Romano, de um monastério próximo dali, o alimentou. Quando saiu da caverna, Bento já tinha reputação de santo e foi convidado por uma comunidade de monges para ser seu abade. Ele acabou fundando doze monastérios naquela região por sua própria iniciativa. Sua irmã gêmea Escolástica seguiu seus passos e iniciou também sua própria comunidade de freiras. A fim de guiar os monges e freiras a viver uma vida simples, ordenada e consagrada a Cristo, Bento escreveu um livreto que hoje é conhecido como *Regra de São Bento*.

Para os primeiros monges, uma “regra” nada mais era do que um guia para viver numa comunidade cristã. A que Bento escreveu era uma versão mais flexível de outra regra antiga e muito rígida do Oriente cristão. Em sua Regra, Bento descreve o monastério como “uma escola para o serviço do Senhor”. Nesse sentido, sua Regra é simplesmente um manual de treinamento. Os leitores modernos que buscarem nela ensinamentos místicos de uma profundidade espiritual insondável sairão desapontados. A espiritualidade beneditina é inteiramente prática — em princípio, Bento não escreveu para monges, mas para leigos.

Quando deixou a devastada Roma, Bento não fazia idéia de que o fato de ter fundado suas escolas para o serviço do Senhor teria um impacto tão dramático na história da civilização ocidental. No início da Idade Média, a Europa cambaleava por conta do fim calamitoso do Império, que deixou um rastro de incontáveis guerras locais de tribos bárbaras que lutavam por poder. A queda de Roma deixou como herança um grau de pobreza assustador, resultado tanto da desintegração da complexa rede de comércio romana quanto da perda de sofisticação técnica e intelectual.



Em condições tão miseráveis, a Igreja era o governo mais forte — talvez o único — que havia. De seu vasto seio, foi o monasticismo que deu aos camponeses a esperança e a ajuda tão necessárias, e, graças a Bento, um foco renovado para a vida espiritual, que fez muitos homens e mulheres abandonarem o mundo e se dedicarem inteiramente a Deus dentro dos muros dos mosteiros, seguindo a Regra. Esses mosteiros mantiveram a fé acesa e o ensinamento vivo, evangelizaram os bárbaros, ensinaram-nos a rezar, a ler, a cultivar vegetais e a construir. Nos séculos seguintes, prepararam as sociedades devastadas da Europa pós-romana para o renascimento da civilização.

Tudo isso brotou de um grão de mostarda de fé, plantado por um jovem devoto italiano que não queria senão buscar e servir a Deus numa comunidade construída para resistir ao caos e à decadência do entorno. O exemplo de São Bento nos dá esperança nos dias de hoje, porque revela o que pode alcançar um grupo de fiéis que responda criativamente aos desafios de seu tempo, canalizando a graça que os perpassa em virtude de sua abertura radical a Deus e corporificando essa graça num modo distinto de viver a vida.

Em seu livro *Depois da virtude*, o filósofo Alasdair MacIntyre relacionou o momento cultural presente com a queda do Império Romano no Ocidente. Ele argumenta que o Ocidente abandonou a razão e a tradição das virtudes ao entregar-se ao relativismo que hoje inunda o mundo. Não somos governados pela fé nem pela razão, nem por nenhuma combinação das duas. Somos governados pelo que MacIntyre chamou de *emotivismo*: a idéia de que todas as escolhas morais não são mais que expressões daquilo que o indivíduo sente que é certo.

MacIntyre diz que uma sociedade governada por princípios emotivistas se pareceria muito com o Ocidente moderno, onde a liberdade da vontade individual é considerada o maior bem. Uma sociedade virtuosa, pelo contrário, crê conjuntamente em



bens morais objetivos e nas práticas necessárias para que as pessoas os incorporem na comunidade.

Viver “depois da virtude”, portanto, é participar de uma sociedade que não só não concorda mais quanto àquilo que constitui uma conduta e uma crença virtuosas, como também duvida da existência mesma da virtude. Na sociedade da pós-virtude, as pessoas têm liberdade máxima de pensamento e ação, e a própria sociedade se torna ela mesma “uma coleção de estranhos, cada um atrás do seu interesse, sob quase nenhuma restrição”.

Para que se alcance esse tipo de sociedade, é preciso:

1. abandonar os padrões morais objetivos;
2. recusar qualquer narrativa religiosa ou culturalmente unificadora que tenha origem fora do indivíduo, exceto quando for conveniente;
3. repudiar como irrelevante a memória do passado; e
4. retirar-se da comunidade, bem como de quaisquer obrigações sociais não escolhidas.

Esse tipo de mentalidade se aproxima do que é conhecido como barbárie. Quando pensamos em bárbaros, imaginamos homens tribais, selvagens, esbravejando por onde passam, destruindo com desdém as estruturas e instituições da civilização simplesmente porque podem fazê-lo. Os bárbaros são governados apenas por sua vontade de poder, não conhecem e menos ainda se importam com aquilo que estão aniquilando.

Nesse sentido, apesar de nossa riqueza e sofisticação tecnológica, nós, ocidentais modernos, estamos vivendo em meio à barbárie, ainda que não o reconheçamos. Nossos cientistas, juízes, monarcas, intelectuais e escritores — todos estão trabalhando para demolir a fé, a família, a sexualidade, aquilo mesmo que constitui o ser humano. Nossos bárbaros trocaram as lanças e peles de animais por *smartphones* e terninhos de alta-costura.



Para concluir *Depois da virtude*, MacIntyre recorda o momento em que as tribos bárbaras destituíam a ordem imperial romana no Ocidente. Assim ele escreve:

Nesse momento da história, um ponto crucial de mudança foi quando homens e mulheres de boa vontade desistiram da tarefa de restabelecer o Império Romano e pararam de identificar a continuação da civilidade e da comunidade moral com a preservação daquele Império. Em vez disso, o que passaram a buscar — raramente com plena consciência do que faziam — foi a constituição de novas formas de comunidade dentro das quais a vida moral pudesse se sustentar, a fim de que tanto a moral quanto a civilidade pudessem sobreviver às eras vindouras de barbarismo e escuridão.<sup>7</sup>

Na interpretação de MacIntyre, já era tarde demais para salvar o sistema pós-romano. São Bento é que tinha agido certo com relação a Roma: abandonara a sociedade e começara uma nova comunidade que preservaria a fé pelas próximas provações. MacIntyre, ainda que na época não fosse cristão, exortou os tradicionalistas que ainda acreditavam na fé e na razão a formar comunidades dentro das quais a vida de virtude pudesse suportar a longa idade de trevas que se aproximava.

Ele disse que o mundo espera “um novo — e sem dúvida bastante diferente — São Bento”. Os cristãos sitiados pelas águas furiosas da modernidade esperam que alguém como Bento construa arcas capazes de carregá-los e de carregar a fé viva pelos mares da crise — por uma Idade das Trevas que pode durar séculos.

Você conhecerá neste livro homens e mulheres que são os Bentos de hoje. Alguns moram no campo, outros, na cidade; e outros, ainda, nos subúrbios. Todos são cristãos fiéis e ortodoxos — isto é, conservadores dentro das três principais ramificações do cristianismo histórico — que sabem que, se os

7 Alasdair MacIntyre, *After Virtue* [*Depois da virtude*, Edusc, 2004], 3ª ed., Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2007, p. 263.



que têm fé não saírem da Babilônia e se afastarem, às vezes metaforicamente, às vezes literalmente, sua fé não sobreviverá nesta cultura da morte por mais de uma ou duas gerações. Eles reconhecem uma verdade inconveniente: a política não vai nos salvar. Em vez de buscar maneiras de dar suporte à ordem vigente das coisas, eles reconheceram que o reino do qual são cidadãos não é deste mundo e decidiram não comprometer essa cidadania.

O que esses cristãos ortodoxos estão fazendo agora é o embrião daquilo que chamo de Opção Beneditina, uma estratégia que se baseia na autoridade da Escritura e na sabedoria da Igreja primitiva para buscar o “exílio na própria terra” e formar uma contracultura retumbante. Reconhecendo o que há de tóxico no secularismo moderno, bem como a fragmentação causada pelo relativismo, os cristãos da Opção Beneditina procuram na Escritura e na Regra de São Bento maneiras de cultivar comunidades e práticas. Em vez de se desesperarem ou de serem complacentes, eles reconhecem que essa nova ordem de coisas não é um problema que se deve resolver, mas uma realidade com a qual se deve conviver. Serão aqueles que saberão permanecer firmes na fé com criatividade, aprofundar sua vida de oração e adotar medidas cujo foco é a família e a comunidade, em vez dos partidos políticos. Construirão igrejas, escolas e outras instituições através das quais a fé cristã ortodoxa poderá sobreviver e prosperar em meio ao dilúvio.

Isso tudo não diz respeito apenas à nossa própria sobrevivência. Se quisermos ser para o mundo aquilo que Cristo quis que fôssemos, teremos de passar mais tempo longe do mundo, em oração profunda e num sério treinamento espiritual — assim como Jesus se retirou para o deserto para rezar antes de pregar para o povo. Não poderemos dar ao mundo aquilo que não temos. Se os judeus tivessem sido assimilados pela cultura babilônica, teriam deixado de ser uma luz para o mundo. O mesmo vale para a Igreja.



A realidade da nossa situação é de fato alarmante, mas não podemos nos dar ao luxo de cair numa histeria pessimista e melancólica. Se tivermos olhos para ver, há uma bênção escondida nessa crise. Da mesma forma como, no Antigo Testamento, Deus castigava seu povo para fazê-lo voltar para Ele, é bem possível que Ele esteja dando uma sentença parecida a uma Igreja e um povo dessensibilizados por conta do egoísmo, do hedonismo e do materialismo. A tempestade que está por vir talvez seja o meio pelo qual Deus nos salvará.

Quando eu era jovem, no sul da Louisiana, sempre que um furacão era anunciado alguém tirava o caldeirão de ferro fundido do armário, cozinhava uma batelada de *gumbo*<sup>8</sup> e, depois de fechar todas as janelas e escotilhas, convidava os vizinhos para comer, contar histórias, festejar e vencer juntos a tempestade. Esse foi o espírito que dominou a reação ao dilúvio de 2016. Enquanto as águas ainda subiam, pequenos pelotões vindos de toda parte da Louisiana apressavam-se para socorrer os encurralados, acolher os desabrigados, alimentar os famintos (com montanhas de *jambalaya*, é claro) e confortar os abatidos e desesperados.

Essa resposta não veio de uma ordem superior. Emergiu espontaneamente, do amor que as pessoas tinham por seus vizinhos e do senso de responsabilidade que as fazia cuidar daqueles que a tempestade havia deixado pobres e desamparados. Homens e mulheres virtuosos — a Marinha Cajun,<sup>9</sup> membros de igrejas e outros — não esperaram que alguém lhes dissesse o que fazer. Perceberam a gravidade da crise e puseram-se em ação.

A grave crise cultural e espiritual que nos devassa não veio do nada. Ainda que sua marcha tenha acelerado nos últimos

8 Guisado típico da região de Louisiana, feito com carne, frango ou camarão, cebola, alho e pimentão — NT.

9 Grupo voluntário de proprietários locais de botes e barcos que ajudavam nas tarefas de procura e resgate de afogados — NT.



cinquenta anos, ela já vem sendo gerada há séculos. Se queremos encontrar uma maneira de vencer a tempestade e a neblina e chegar a um porto seguro, devemos entender como é que viemos parar aqui. As idéias, como veremos a seguir, têm conseqüências.





## CAPÍTULO 2

### *As raízes da crise*

NUMA NOITE QUENTE DE FIM DE OUTONO, uma mulher recém-aposentada senta-se com sua vizinha na varanda da frente da casa e ambas se põem a conversar sobre os rumos do mundo. Estão a duas semanas da eleição — Trump *versus* Clinton — e tudo ao redor parece ter ido para o brejo. Nisso elas concordam, e se perguntam: como é que o país chegou a esse ponto? Em termos culturais, ambas vêm da classe trabalhadora, mas graças às mudanças na economia e na cultura ocorridas em meados do séc. XX, entram na terceira idade como membros de uma modesta classe média. A América tem sido muito boa para elas e suas famílias.

No entanto, nenhuma das duas está segura quanto ao futuro de seus netos. Uma diz à outra que fora a seis chás de bebê de mulheres jovens, familiares ou conhecidas, no ano passado. Nenhuma das mães tinha marido. No caso de algumas, já não era a primeira criança fora do casamento. Aquelas senhoras já grisalhas, que sabem muito bem o que é a pobreza e a falta de segurança, não conseguiam acreditar que as jovens poriam filhos no mundo sem um pai em casa, pois é muito mais provável que uma criança em tal situação sofra com a pobreza. Afinal, onde é que estavam os pais? O que há de errado com os garotos hoje em dia?

Essas senhoras são cristãs conservadoras pró-vida que jamais admitiriam o aborto. Preferem que a criança nasça, custe



o que custar, a que ela seja exterminada ainda no útero. Ainda assim, para elas não é fácil engolir a normalização da gravidez extraconjugal. Entre os brancos, a taxa de crianças concebidas fora do casamento era de 2% em 1940, quando elas nasceram. Hoje, é de 30% (sendo que em geral — não só entre os brancos — a taxa de concepções fora do casamento é de 41%).<sup>1</sup> “Parece que o mundo está caindo aos pedaços”, suspirou uma das senhoras.

A outra completou: “Ainda bem que não estarei aqui para ver o resultado”.

Elas não estão imaginando coisas. O mundo está mesmo se despedaçando. É o que registra o cientista político Charles Murray em seu livro de 2012 cujo título certo é *Coming Apart: The State of White America 1960–2010* [Caindo aos pedaços: A situação da América branca, 1960–2010]. O estudo de Murray envolveu os brancos da classe operária, mas as tendências sociais e culturais que os arruinaram não os tomaram como alvo exclusivo. Tampouco os anos sessenta foram o começo da nossa dissolução, apesar de terem sido um momento crucial. Vivemos as consequências de certas idéias aceitas há muitas gerações, em razão das quais estamos perdendo a nossa religião — o que é muito pior do que perder o hábito de ir à missa aos domingos.

A palavra *religião* vem do latim *religare*, que significa “religar”, atar de novo. Do ponto de vista sociológico, uma religião é um sistema coerente de crenças e práticas através do qual a comunidade dos fiéis reconhece quem é e o que deve fazer. Considera-se que essas crenças e práticas estejam fundadas na (e sejam uma expressão da) ordem sagrada que embasa e transcende a existência. Elas narram e representam a história que une aquela comunidade.

1 Robert Rector, “Marriage: America’s Greatest Weapon Against Child Poverty” [Casamento: a maior arma americana contra a pobreza infantil], relatório especial da Heritage Foundation, nº 117, de 5 de setembro de 2012. Com base em estatísticas do governo americano, o relatório também afirma que o casamento reduz as chances de pobreza infantil em 82% (disponível em [www.heritage.org](http://www.heritage.org)).



A perda da religião cristã é o motivo da fragmentação do Ocidente, um processo que vem se desenrolando há algum tempo e está ganhando velocidade. Como foi que isso aconteceu? Há cinco eventos-chave que, ao longo de sete séculos, fizeram tremer o mundo ocidental, despojando-o de sua fé ancestral:

1. No séc. XIV, a perda da noção de que há um vínculo integrante entre Deus e a Criação — ou, em termos filosóficos, entre a realidade transcendente e a realidade material.

2. No séc. XVI, o colapso da unidade e da autoridade religiosas que veio com a Reforma Protestante.

3. No séc. XVIII, o Iluminismo, que instituiu o culto da razão no lugar da religião cristã, fez da vida religiosa uma questão de foro íntimo e inaugurou a era da democracia.

4. Nos séculos XIX e XX, a Revolução Industrial (de 1760 a 1840, aproximadamente) e o florescimento do capitalismo.

5. A Revolução Sexual (dos anos sessenta até o presente).

Esse esboço da história cultural do Ocidente desde a Alta Idade Média certamente deixa muita coisa de fora, além de ser enviesado no sentido de uma compreensão intelectual do processo causal histórico. Na verdade, é muito comum que nasçam idéias de condições materiais: a descoberta do Novo Mundo e a invenção da imprensa, ambas ocorridas no séc. XV, e a invenção da pílula anticoncepcional e da *internet*, no séc. XX, fizeram com que muita gente imaginasse coisas que jamais havia pensado, e, portanto, pensasse coisas novas. A história não nos dá linhas causais retas e definidas que encadeiam os eventos numa ordem clara. A história é um poema, não um silogismo.

Dito isto, resta ainda dizer que ganhamos um entendimento conceitual da natureza da nossa crise presente quando delineamos o papel que as idéias desempenharam nas mudanças históricas — especialmente as idéias relativas a Deus. É importante compreender esse quadro, por mais incompleto e extremamente simplificado que seja, para entendermos por que a humilde via



beneditina é uma potente força contrária às correntes desagregadoras da modernidade.

Na Idade Média, as pessoas viviam naquilo que o filósofo Charles Taylor chamou de “mundo encantado” — um mundo tão diferente do nosso que temos de fazer um esforço enorme para imaginá-lo. Nós, no Ocidente moderno, estamos a léguas de distância dele; a cosmovisão de nossos ancestrais do medievo ultrapassa o nosso horizonte, fora do alcance da vista.

Naquela época as pessoas tinham uma experiência muito mais concreta do divino, que se fazia presente em sua vida diária. Como sempre aconteceu com a maioria das pessoas ao longo de toda a história, cristãos ou não, a religião estava em tudo — e o que é mais importante: não enquanto matéria de opinião, mas enquanto experiência. No pensamento do cristão medieval o mundo espiritual e o material se interpenetravam; a divisão entre eles era porosa e tênue. Dito de outro modo, os medievais viviam no mundo de modo *sacramental*.

Associamos essa palavra com Igreja, e não estamos errados. O batismo é um sacramento, por exemplo, como o é a Eucaristia. São rituais especiais nos quais a graça de Deus está presente de um modo muito particular produzindo uma transformação efetiva naqueles que participam deles. Mas no pensamento medieval a sacralidade era um conceito muito mais amplo. Os medievais consideravam que tudo o que existia — até o próprio tempo — era de algum modo sacramental. Isto é, eles acreditavam que Deus estava em tudo e revelava-se a Si mesmo *através* de coisas, lugares e pessoas, pelos quais Seu poder afluía.

Os lugares sagrados e as relíquias dos santos tinham um poder tão grande para os medievais porque estes sabiam que Deus não estava presente de modo vago e espiritualista, como um mordomo discreto na casa de seus senhores, mas sim, como escreve Taylor, “como uma realidade imediata, como as pedras,



os rios e as montanhas”.<sup>2</sup> O modo preciso como Ele estava presente era um mistério — e fonte de especulação e disputa já naquela época —, mas o *fato* de Ele estar verdadeiramente presente não era disputado. A única razão de o mundo material ter algum sentido era a sua relação com Deus.

O homem medieval considerava que a realidade — aquilo que era *realmente* real — estava fora dele e que, imerso nas trevas da Queda, não era capaz de percebê-la completamente. Mas podia relacionar-se com ela intelectualmente pela fé e pela razão, e conhecê-la através da conversão do coração. O universo inteiro estava costurado no próprio Ser de Deus de tal maneira que o homem moderno, mesmo o cristão, tem dificuldade de compreender. Os cristãos da Idade Média tomavam de um modo muito mais literal do que nós as palavras de São Paulo nos Atos — “Nele vivemos, nos movemos e somos” (17, 28) — e na carta aos Colossenses — “Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele” (1, 17).

O homem medieval não se considerava essencialmente separado da ordem natural das coisas; antes, o desajuste que sentia era um efeito da Queda, uma catástrofe que, no seu entendimento, dificultava-lhe a percepção da Criação conforme ela era na realidade. Cabia a ele unir-se ao amor de Deus e adequar-se ao ritmo da grande dança cósmica. A verdade era assegurada pela existência de Deus, cujo Logos, princípio divino da ordem, havia se manifestado plenamente em Jesus Cristo, apesar de estar presente até certo ponto em toda a Criação.

Mas a Europa medieval não era uma utopia cristã. A Igreja era incrivelmente corrupta e o exercício do poder por vias truculentas — às vezes por parte da própria Igreja — parecia regra geral no mundo inteiro. Mesmo assim, apesar da debilidade do mundo em que viviam, os medievais levavam na memória uma poderosa visão de conjunto. Em geral, os homens da época interpretavam a realidade de um modo que os possibilitava harmonizar tudo conceitualmente e, assim, tirar sentido do caos.

2 Charles Taylor, *A Secular Age* [Uma era secular]. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 12.



A concepção medieval da realidade é uma idéia antiga, que data de antes do cristianismo. C. S. Lewis, que era um medievalista profissional, explica em seu último livro, *A imagem descartada*, que Platão cria que duas coisas só podiam se relacionar entre si através de uma terceira coisa. No que Lewis chama de “Modelo” medieval, tudo que existia se relacionava com as outras coisas através de sua correlação com Deus. Nossa relação com o mundo é mediada por Deus, e nossa relação com Deus é mediada pelo mundo.

A humanidade, portanto, não vivia num mundo indiferente e sem sentido, mas num *cosmos* no qual tudo tinha sentido porque participava da vida do Criador. Diz Lewis: “Os fatos e histórias particulares tornavam-se mais interessantes e prazerosos se, devidamente contextualizados, conduzissem o pensamento da pessoa de volta ao Modelo como um todo”.<sup>3</sup>

Lewis também diz que, para os medievais, pensar sobre o cosmos era como “olhar para uma enorme construção” — como a Catedral de Chartres, por exemplo — “esmagadora em sua grandiosidade, mas aprazível em sua harmonia”.

O modelo medieval sustentava que toda a Criação estava interligada numa unidade complexa que envolvia todo tempo e todo espaço. Ele atingiu seu apogeu na chamada Teologia Escolástica, extremamente complexa e racional, da qual o maior expoente foi o brilhante frade dominicano do séc. XIII, Tomás de Aquino (1225–1274).

Dentre os ensinamentos essenciais da escolástica está o princípio de que todas as coisas existem e têm uma natureza essencial que lhes foi dada por Deus, independentemente do pensamento humano. Tal concepção é chamada de “realismo metafísico”. Desse princípio vêm os três baluartes que asseguram o “imaginário” cristão medieval, conforme a análise de Charles Taylor — isto é, daí vem a percepção da realidade aceita

3 C. S. Lewis, *The Discarded Image: An Introduction to Medieval and Renaissance Literature*. Nova York: Cambridge University Press, 2012, p. 203 [edição brasileira: C. S. Lewis, *A imagem descartada: Para compreender a visão medieval do mundo*. Tradução de Gabriele Greggersen, São Paulo: É Realizações, 2015, p. 195 — NT].



por todos os cristãos ortodoxos desde a Igreja primitiva até a Alta Idade Média:

1. O mundo e tudo que ele contém são partes de um todo harmonioso e ordenado por Deus, preenchido de sentido, sendo todas as coisas sinais que apontam para Deus.
2. A sociedade está fundada sobre essa realidade superior.
3. O mundo está investido de uma força espiritual.

Taylor afirma que era preciso que esses três pilares desabassem para que o mundo moderno surgisse dos escombros. E desabaram. Não aconteceu de uma só vez, e nem foi um processo cristalino. Mas aconteceu. O teólogo David Bentley Hart descreve essa transformação como se fosse a abertura “de um abismo imaginativo entre o mundo pré-moderno e o moderno. A partir de então, era como se os seres humanos habitassem um universo diferente daquele que seus ancestrais habitaram”.<sup>4</sup>

O teólogo que mais fez para serrar o grande tronco do modelo medieval — isto é, o realismo metafísico cristão — foi um franciscano das Ilhas Britânicas chamado Guilherme de Ockham (1285–1347). A navalha que ele e seus aliados teológicos usaram para o serviço veio a ser conhecida como *nominalismo*.

Para o realismo, a essência de uma coisa foi embutida em sua existência por Deus, e seu significado definitivo está garantido por essa conexão com a ordem transcendente. Isso significa que a Criação é compreensível porque é racionalmente ordenada por Deus e é uma revelação dele.

“Os céus narram a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de Suas mãos”, diz o salmista (Sl 18, 1). A intuição de que o mundo material revela os procedimentos de uma ordem transcendente estava presente na filosofia antiga e em muitas

4 David Bentley Hart, *The Experience of God: Being, Consciousness, Bliss* [A experiência de Deus: Ser, consciência, felicidade]. New Haven, CT: Yale University Press, 2013, p. 62 da edição para Kindle.



religiões do mundo, mesmo em religiões não teístas como o taoísmo. O realismo metafísico nos diz que o assombro que sentimos na presença da natureza, da beleza ou da bondade — o sentimento de que deve haver algo além do que experimentamos com os sentidos — é uma intuição bastante razoável. Não nos diz quem é Deus, mas nos garante que não estamos imaginando coisas: algo — ou Alguém — está lá.

Santo Tomás de Aquino coloca as coisas nos seguintes termos: “Saber que alguém se aproxima não é o mesmo que saber que Pedro se aproxima, ainda que seja Pedro quem esteja se aproximando”. Pela oração e pela contemplação, podemos aprofundar essa intuição e chegar ao conhecimento da identidade d’Aquele que pressentíamos. David Bentley Hart diz, por exemplo, que a ânsia pelo sentido e pela verdade, que todo homem tem, “é simplesmente a manifestação da estrutura metafísica de toda a realidade”.

Mas se o Deus infinito se revela a Si mesmo através da matéria finita, isso não implicaria um tipo de limitação? Ockham achava que sim. Foi por zelo pela autoridade suprema de Deus que ele negou o realismo metafísico. Ele temia que o realismo restringisse a liberdade de ação de Deus. Para Ockham, se algo é bom é porque Deus quis que fosse bom. O significado de todas as coisas vem da vontade soberana de Deus — isto é, não pelo que Ele é, nem pela participação da coisa no ser dele, mas pelo que Ele impõe. Se Deus disser hoje que uma coisa é boa e disser amanhã que ela é má, estará exercendo um direito Seu.

Tal idéia sugere que os objetos não têm nenhum sentido intrínseco, mas apenas aquele que lhes for atribuído, e que portanto sua existência não é *significativa* fora da mente humana. Uma mesa não passa de um conjunto de madeiras e pregos arranjado de determinada maneira, até que nós o preenchamos de sentido denominando-o “mesa” (“nome” em latim é *nomen* — daí vem *nominalismo*).

Para Ockham, Deus é uma entidade todo-poderosa totalmente apartada da Criação. Ele tem de estar apartado, pensava



Ockham, pois ao contrário Sua liberdade de ação estaria atada às leis que Ele mesmo criou. Na concepção de Ockham, um Deus verdadeiramente onipotente não pode ser limitado por nada. Se algo é bom, é bom porque Deus assim o quis. A *voluntade* divina, portanto, é mais importante do que a *inteligência* divina.

Parece que estamos discutindo o sexo dos anjos, mas essa questão tem uma enorme importância. Os *metafísicos medievais* acreditavam que a natureza apontava para Deus; os *nominalistas*, não. Estes acreditavam que não havia um *sentido* interior objetivamente existente na natureza, *passível de ser conhecido* pela razão. O significado é *extrínseco* — isto é, *imposto* de fora por Deus — e só é acessível aos homens através da *fé em Deus* e em Sua revelação.

Se isso faz todo o sentido para você, você está *começando* a perceber quão revolucionário foi o nominalismo. O que no começo era uma teoria radical tornou-se, com o tempo, a *base* da compreensão da maioria das pessoas sobre a relação entre Deus e a Criação. Foi o que tornou o mundo moderno *possível* — e, como veremos, foi também o que preparou o terreno para o homem colocar-se a si mesmo no centro de tudo, no lugar de Deus.

As idéias não surgem do nada. Diz C. S. Lewis:

Estamos todos familiarizados, muito apropriadamente, com a idéia de que em toda época a mente humana é profundamente influenciada pelo Modelo de universo amplamente aceito. Mas essa é uma via de mão dupla; o Modelo também é influenciado pelo estado de espírito predominante.<sup>5</sup>

O nominalismo surgiu de uma civilização agitada em que as pessoas buscavam algo diferente. A Idade Média foi uma época de fé e de intensa espiritualidade, mas, como mostram a arte e a poesia do séc. XIV, a humanidade então já começava a desviar o olhar dos céus em direção a este mundo.

5 Lewis, *op. cit.*, p. 222 [na edição brasileira, p. 210 — NT].



Na trilha de Ockham, os chamados filósofos da natureza — os precursores dos cientistas — começaram a espalhar a bagagem metafísica que lhes havia sido legada por Aristóteles e seus sucessores cristãos. Eles descobriram que não era necessário ter uma teoria filosófica sobre o ser de determinado fenômeno natural a fim de examiná-lo empiricamente e tirar algumas conclusões.

Enquanto isso, no mundo da arte e da literatura surgiu uma nova ênfase no naturalismo e no individualismo. O velho mundo, com suas certezas metafísicas, suas hierarquias formais e seu enfoque espiritual perdeu gradualmente o controle sobre a imaginação do homem ocidental. A arte se tornou menos simbólica, menos idealizada, menos focada em temas religiosos e mais preocupada com a vida do homem.

O Modelo estremeceu sob uma investida filosófica, mas foi também abalado na base por eventos horríveis exteriores ao mundo da arte e das idéias. A guerra arruinou a Europa ocidental — especialmente a Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra —, uma Europa que já havia sofrido a fome catastrófica do séc. XIV. Pior de tudo foi a Peste Negra, uma epidemia que, antes de consumir-se totalmente, matou de um terço à metade de toda a população européia. Poucas civilizações são capazes de suportar tais tipos de traumas sem grandes convulsões sociais.

Por todos esses motivos, o Modelo ruiu. O realismo metafísico foi derrotado. O que emergiu foi um novo tipo de individualismo, uma mundanização que inauguraria o período histórico conhecido como Renascimento. A debacle do realismo metafísico iniciou uma nova e dinâmica fase da história do Ocidente — uma fase que culminaria numa revolução religiosa.

### *Renascimento e Reforma*

*Renaissance* é uma palavra francesa que significa “renascimento”. Ela se refere ao florescimento cultural que acompanhou a redescoberta das raízes greco-romanas da civilização



ocidental. É importante dizer que, até o séc. XIX, o termo não era aplicado ao período que une o fim da Idade Média ao começo da era moderna. Nele está contida a crença progressista de que o período medieval, marcado pela religiosidade, foi uma era de esterilidade intelectual e artística — julgamento completamente absurdo, mas bastante influente.

Ainda assim, o Renascimento marca uma mudança na cultura européia, que passou a focar não mais a glória de Deus, mas a glória do homem. “Podemos ser o que quisermos ser”, disse Pico della Mirandola (1463–1494), arquétipo do filósofo renascentista. Não se tratava de uma ousadia abertamente satânica — na verdade, Pico disse essa famosa frase no meio de uma oração na qual recomendava cuidado para não abusar do dom do livre-arbítrio concedido por Deus —, mas essas palavras expressam bem o otimismo renascentista quanto à natureza humana e suas possibilidades.

O que, de fato, renascia com o Renascimento? O espírito clássico da antigüidade greco-romana, que havia sido eclipsado pelo colapso do Império Romano Ocidental e pelo subsequente advento do período medieval cristão. Enquanto no último período medieval o foco foi a redescoberta de textos filosóficos gregos, os eruditos italianos do séc. XIV comandaram o revivescimento da história e da literatura antigas. “O homem é a medida de todas as coisas”, disse o filósofo grego antigo Protágoras, e essa mesma frase serviu para descrever o espírito de uma nova era que amanhecia sobre a Europa.

O humanismo renascentista passou a considerar o mundo através dos conhecimentos clássicos e a enfatizar o estudo da poesia, da retórica e de outras disciplinas que hoje chamamos de humanidades. Por mais que a cultura humanista não fosse tão focada na fé como a sua predecessora medieval, não era de modo algum uma cultura anticristã. O Renascimento trouxe ao Ocidente cristão uma preocupação maior com o indivíduo, com a liberdade e com a dignidade do homem enquanto imagem de Deus.



O cristianismo medieval realçava a queda do homem, mas o cristianismo mais humanista da Renascença concentrava-se no potencial do homem. O humanismo cristão era muito mais individualista do que tudo aquilo que o precedera, e tinha como objetivo cristianizar o modelo clássico de herói, de homem virtuoso. A escolástica enfatizava a razão e o intelecto como os caminhos para relacionar-se com Deus; o humanismo cristão concentrava-se na vontade.

O perigo era os humanistas cristãos ficarem tão apaixonados pelo potencial humano e pela capacidade do homem de autocriação a ponto de perder de vista sua inclinação crônica ao pecado. Os italianos estavam particularmente suscetíveis a isso: estavam todos muito contentes em livrar-se dos sacos penitenciais e das cinzas do ascetismo medieval para gozar o vigor e a glória da vida sensual. Os humanistas do norte da Europa não eram assim; eram mais modestos em sua piedade e mais contidos em seu otimismo pela natureza humana. Atraíam-se mais à Escritura do que à filosofia e se preocupavam principalmente em reformar a Igreja no sentido de uma moral mais rigorosa e de uma vida religiosa mais democrática. Eram céticos, desdenhosos até, quanto à sexualidade que havia tomado o modelo de vida europeu, especialmente dentro da Igreja.

À época do Renascimento, Roma era um fosso de vícios, a corrupção adentrava as cortes papais e os muros do Vaticano. Vários bispos eram desprezados por seu mundanismo, enquanto congregações enraivecidas desobedeciam seus clérigos paroquiais, ignorantes e beberrões, indiferentes ao evangelho. O clamor por alguma mudança só aumentava diante da hemorragia moral e espiritual das autoridades da Igreja. Mas os papas da Renascença, reféns de sua própria ganância e de seu gosto pela fartura, recusavam-se a prestar ouvidos. Julgavam que o que tinham duraria para sempre.

Foi preciso um monge agostiniano chamado Martinho Lutero para estilhaçar suas ilusões — e com elas, a unidade religiosa do Ocidente. A Reforma — assim chamamos a revolução que ele começou — não foi o primeiro movimento de protesto



contra a corrupção da Igreja Católica, mas certamente foi o primeiro a cortar as raízes teológicas e eclesiológicas do catolicismo romano.

Lutero embasou sua revolução não somente nos protestos contra a corrupção na Igreja, mas em formulações filosóficas e teológicas que já haviam aparecido na história do cristianismo latino. Em 1517, Lutero proclamou suas famosas “95 Teses” questionando a venda de indulgências, um mecanismo típico do sistema penitencial católico que permitia aos vivos que comprassem um abrandamento das penas daqueles parentes falecidos que estariam sendo castigados no Purgatório.

Na verdade, Lutero apontou seu formidável **canhão retórico** para a estrutura inteira do catolicismo romano **que definia** o que era pecado, o que era perdão e toda a **organização da autoridade** da Igreja. Em 1520, o Vaticano excomungou Lutero por ele ter se recusado a abjurar sua crença de que só a **Escritura** era a fonte da verdade cristã — em vez de esta vir tanto da **Escritura** quanto da interpretação oficial da Igreja romana. Assim nasceu a Reforma Protestante.

Por mais que houvesse bastante diversidade entre as **regiões** na Europa católica, a fidelidade à instituição católica romana e à sua autoridade de proclamar verdades religiosas objetivas **era** um princípio unificador da civilização. A Reforma destruiu essa unidade e despojou aqueles debaixo de sua influência de muitos símbolos, rituais e conceitos que estruturavam a vida interior dos fiéis. Os cristãos da época da Reforma — os protestantes — não se curvavam mais diante daquilo que os reformadores consideravam superstição e idolatria. Em matéria de religião, a Escritura era sua única autoridade.

A pergunta que logo surgiu foi: que interpretação da **Escritura** era válida? Nenhum reformista aceitava interpretações privadas da Escritura, mas não lhes sobrava nenhum jeito de discernir qual interpretação era a correta. Logo se deram conta de que descartar Roma solucionava um problema para criar outro. Assim diz o historiador Brad Gregory: “Porque os cristãos não entravam em acordo quanto ao que deveriam crer e



fazer, discordavam também quanto a quais *eram* os frutos de uma vida cristã”.<sup>6</sup> E é assim até hoje.

A religião era inseparável da política e da cultura, e por isso a Reforma Protestante e a Contra-Reforma católica logo geraram guerras ferozes que despedaçaram a Europa. A bem da verdade, as tais Guerras Religiosas foram tão políticas, sociais e econômicas quanto religiosas. Mas o fundamento religioso dos conflitos foi o que levou alguns intelectuais europeus, já exaustos, a explorar maneiras de conviver em paz com o cisma entre Roma e os reformistas.

### *O alvorecer do Iluminismo*

A Revolução Científica sugeriu indiretamente uma solução.

A ciência fez rápidos avanços mesmo quando as Guerras Religiosas estavam no auge. A Revolução Científica foi um período de avanços assombrosos nas ciências e na matemática, que durou cerca de duzentos anos, começou com Copérnico (1473–1543) — que mostrou que a Terra não era o centro fixo da Criação — e terminou com Newton (1642–1727), cujas descobertas inovadoras estabeleceram as bases da física moderna. Foi uma era que desbancou a cosmovisão aristotélico-cristã — cujo modelo de realidade é hierárquico, no qual todas as coisas existem organicamente em sua relação com Deus — em favor de um universo mecânico, ordenado pelas leis da natureza, sem necessidade de um fundamento transcendente.

Muitos dos que lideraram a Revolução Científica eram cristãos confessos, mas o movimento tinha inegavelmente suas bases no nominalismo. Se o mundo material pudesse ser estudado e compreendido em si mesmo, sem nenhuma referência a Deus, então a ciência também poderia existir por conta própria, livre das controvérsias teológicas.

6 Brad S. Gregory, *The Unintended Reformation: How a Religious Revolution Secularized Society* [A reforma não intencional: como uma revolução religiosa secularizou a sociedade]. Cambridge, MA: Belknap Press da Harvard University Press, 2012, p. 99.



Essa asserção pragmática permitiu à ciência desenvolver-se sem que fosse cerceada por suposições metafísicas e religiosas. Ela passou a focar os fatos do mundo material que podiam ser demonstrados e a adotar um método empírico de testar hipóteses a fim de provar ou desmentir suas alegações.

Na prática, a ciência *funcionava*. Sir Francis Bacon, notável filósofo do Renascimento tardio e fundador do método científico, numa de suas falas mais famosas disse que as descobertas científicas deveriam ser aplicadas “para aliviar a condição humana” — isto é, para melhorar a vida dos homens, reduzindo suas dores, seu sofrimento e sua pobreza. Isto foi um divisor de águas na história das idéias. O mundo natural não deveria mais ser matéria de contemplação, como se de algum modo fosse um ícone do divino, mas algo a ser compreendido e manipulado pela vontade humana em busca do seu próprio bem. Nesse sentido, para a mentalidade moderna, a Revolução Científica afastou mais ainda Deus da Criação.

A Revolução culminou na vida e obra de Sir Isaac Newton, físico, matemático e cristão pouco ortodoxo, que fabricou um novo modelo do universo capaz de explicar todo o seu funcionamento físico de um modo puramente mecânico. Newton certamente acreditava que as leis do movimento descobertas por ele tinham sido estabelecidas por Deus. Mas o deus de Newton, ao contrário do Deus da tradição metafísica cristã, era uma espécie de relojoeiro divino, que havia construído um relógio, dado-lhe corda e deixado que ele corresse solto, sem o Seu envolvimento.

A explosão da ciência mudou toda a epistemologia ocidental (o estudo de como sabemos o que sabemos). A ciência aristotélica, dominante na Idade Média, estava baseada em conceitos metafísicos a respeito da natureza essencial das coisas. A nova ciência descartou seus componentes metafísicos e passou a raciocinar apenas a partir da observação empírica. René Descartes (1596–1650), filósofo e matemático, mudaria ainda mais a abordagem à questão epistemológica. Enquanto Bacon dizia que deveríamos desenvolver modelos raciocinando a partir da



observação empírica, Descartes assumiu uma postura mais puramente racionalista.

Descartes ensinava que o melhor começo para o método era aceitar como verdadeiras somente as idéias claras que estivessem para além de qualquer dúvida. Não se deveria aceitar como verdadeiro nada que fosse imposto por autoridade, e dever-se-ia até duvidar dos próprios sentidos. Apenas aquilo sobre o que se pudesse ter certeza seria verdadeiro. O primeiro de todos os princípios desse método é “penso, logo existo”.

A única coisa sobre o que não pode haver dúvida, portanto, é a existência individual. Este é o fundamento de todos os outros pensamentos, segundo Descartes, que assim fez do sujeito pensante e autônomo o determinador do que é verdadeiro ou não. Descartes era racionalista, mas não era relativista moral — aliás, ele se considerava um católico devoto cuja missão era, em partes, reconciliar a ciência e a fé.

O que Descartes fez — e o que o torna pai da filosofia moderna — foi inverter a abordagem dos medievais em relação ao conhecimento. Para os escolásticos, a realidade era objetiva e o dever da humanidade era, antes de qualquer coisa, entender a natureza metafísica da realidade. Só então os homens poderiam começar a explorar o conhecimento do mundo e de tudo o que ele contém. Descartes, por sua vez, começava toda investigação a partir de um subjetivismo radical, declarando que o primeiro princípio do conhecimento era que o Eu é consciente de si mesmo.

A filosofia cartesiana abriu as portas para o Iluminismo, projeto de mudanças radicais no mundo todo assim denominado por seus entusiastas, que queriam contrastá-lo aos supostos dias sombrios de quando a religião revelada mantinha o pensamento ocidental em suas garras mortíferas. Em seu âmago, o Iluminismo foi uma tentativa dos intelectuais europeus de encontrar uma base comum fora da religião pela qual pudessem determinar a verdade moral. O sucesso das ciências levou os filósofos da moral a quererem explorar como a razão desin-



interessada, tão bem-sucedida no campo científico, era capaz de mostrar ao Ocidente um modo não-sectário de viver.

Os filósofos do Iluminismo buscaram usar apenas a razão para estabelecer uma nova base para a vida política e social que fosse totalmente separada do passado. Tentaram criar uma moralidade secular que qualquer pessoa sensata pudesse entender e aceitar, e acreditavam que isso era possível. Também defendiam que a ciência e a tecnologia eram maneiras de impor a vontade racional do homem sobre a natureza, exaltando assim o indivíduo dotado da capacidade de escolher livremente.

Para os nossos propósitos aqui, o Iluminismo é importante porque foi a ruptura decisiva com todo o legado cristão do Ocidente. O Deus que muito raramente era mencionado não era mais o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, mas a divindade indeterminada dos deístas. O deísmo é uma escola de pensamento racionalista que surgiu com o Iluminismo e que sustenta que Deus é uma espécie de arquiteto cósmico que criou o universo mas que não interage com ele. O deísmo rejeita a religião bíblica e tudo o que é sobrenatural e baseia seus princípios naquilo que pode ser conhecido a respeito de Deus — o “Ser Supremo” — apenas através da razão.

A maioria dos Pais Fundadores dos Estados Unidos<sup>7</sup> eram deístas confessos, como Benjamin Franklin (que também era maçom), ou eram fortemente influenciados pelo deísmo (Thomas Jefferson, por exemplo). O deísmo era uma força intelectual poderosa na vida americana do séc. XVIII. O filósofo político inglês John Locke, cujo ensinamento foi de grande influência na fundação dos EUA, não era tecnicamente um deísta — sua crença em milagres contrariava o Deus relojoeiro do deísmo —, mas sua filosofia era deveras consonante com os princípios deístas.

Locke acreditava que o indivíduo autônomo, que era como uma página em branco ao nascer, sem qualquer natureza própria, é a unidade fundamental da sociedade. O objetivo de qualquer governo, segundo ele, não seria buscar a virtude, mas

7 *The Founding Fathers*, no original — NT.



estabelecer e manter uma ordem social dentro da qual os indivíduos pudessem exercer sua vontade dentro dos parâmetros da racionalidade. O governo existe para garantir o direito desses indivíduos à vida, à liberdade e à propriedade. Os autores da Declaração da Independência mudaram essa última frase para: “à vida, à liberdade e à busca da felicidade”, coisa que todo garoto americano decora desde cedo como parte do catecismo cívico.

A Constituição Americana, documento lockeano, privatiza a religião separando-a do Estado. Todo aluno do primário nos EUA aprende a achar isso uma bênção, e talvez o seja. Mas a separação entre sagrado e profano moldou profundamente a consciência religiosa americana.

Por mais que a tolerância religiosa tenha trazido muitos bens a um país jovem marcado por uma população diversificada e conflitante, composta de várias denominações protestantes e uma minoria católica, ela também lançou as bases para a exclusão da religião da vida pública por tê-la feito matéria de foro íntimo, de escolha individual. Do modo como se ordenam os EUA, o papel do Estado é simplesmente agir como um juiz entre os indivíduos e as facções. O governo não tem uma concepção própria e definitiva de bem comum e considera a sua própria atuação limitada à proteção dos direitos dos indivíduos.

Numa sociedade inteiramente cristã, esse é um modo inteligente de manter a paz e dar espaço para o crescimento geral. No entanto, do ponto de vista cristão, o liberalismo iluminista contém as raízes mesmas da destruição do cristianismo.

John Adams, unitário praticante<sup>8</sup> e um dos Pais Fundadores, disse numa carta aos soldados, em 1798:

Não tínhamos governo algum cujo poder era capaz de competir com paixões humanas desimpedidas pela moralidade e pela religião. A avareza, a ambição, a vingança ou a bravura romperiam as mais fortes amarras da nossa Consti-

8 Assim como na heresia ariana (séc. III), os unitaristas rejeitam a doutrina da Santíssima Trindade. Acreditam que Deus é uno e que Jesus foi apenas um grande profeta e mestre — NE.



tuição como uma baleia estoura uma rede de pesca. A nossa Constituição foi feita exclusivamente para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo.<sup>9</sup>

Adams entendeu que a liberdade garantida pela Constituição só renderia bons frutos se a população fosse virtuosa, contivesse suas paixões e as direcionasse para o bem comum — tal como provavelmente definido pela crença racionalista de Adams. Graças ao Primeiro Grande Despertamento em meados do séc. XVIII,<sup>10</sup> os EUA eram fortemente evangélicos e os cidadãos compartilhavam uma idéia concreta da Bondade e uma definição comum de virtude. Infelizmente, isto durou pouco.

### *Democracia, capitalismo, romantismo: o calamitoso séc. XIX*

Em meados do séc. XVIII, novas barreiras tecnológicas foram quebradas, o que deu ao homem um poder sem precedentes sobre a natureza. Disso decorreu um aumento significativo na fabricação e no comércio de produtos, o que acarretou mudanças revolucionárias para a sociedade. O modo de vida socialmente estável que se baseava na lavoura e em trabalhos manuais chegou ao fim. Os camponeses se mudaram *en masse* para as cidades, onde se tornaram trabalhadores nas novas fábricas. As hierarquias da família tradicional e do vilarejo, assim, começaram a se dissolver.

O mesmo aconteceu na política. A Revolução Americana de 1776 depôs a monarquia e estabeleceu uma república constitucional. A Revolução Francesa de 1789, muito mais sangrenta, foi também muito mais radical na sua tentativa quase totalitária de reformular a sociedade francesa em nome do republicanismo. Seu terror teve fim na ditadura de Napoleão

9 John Adams, *Letter to the Massachusetts Militia*, 11 de outubro de 1798, Arquivo Nacional dos EUA (disponível em [founders.archives.gov](http://founders.archives.gov)).

10 Foi uma onda de reavivamento evangélico nas colônias anglo-americanas entre 1720 e 1740. Pregadores de diversas correntes protestantes atravessaram o Atlântico para despertar o zelo espiritual e religioso dos colonos americanos — NE.



Bonaparte, que restaurou a ordem, mas a violência desencadeada pela revolução e por seus ideais abalaram a Europa pelo resto do século. Ela estremeceu monarquias e sistemas estáveis de ordem ao usar os ideais de liberdade e democracia para dissolver antigas estruturas autoritárias.

Quase ao mesmo tempo, alguns artistas e intelectuais começaram a se rebelar contra a razão iluminista e os efeitos da Revolução Industrial. Os românticos, como eram chamados, consideravam desagradável a nova sociedade racionalista e mecanizada, mas não tinham nenhum interesse em voltar para o mundo cristão. Enalteciam a emoção, a individualidade, a natureza e a liberdade pessoal.

Eles defendiam um tipo ideal de herói, um sujeito criativo que rejeita as estruturas da sociedade, alguém que segue suas sensações e intuições. Os românticos consideravam que somente na arte, na natureza e na cultura era possível encontrar sentido; só nelas se encontrava uma saída para a feiúra da sociedade moderna. Sua reação contra o racionalismo indiferente da época precedente era primitivista.

Jean-Jacques Rousseau (1712–1778) tornou-se o pai do Romantismo, por mais que tenha pertencido à era iluminista. Foi ele quem propagou a idéia de que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe, e dele veio a noção de que quanto mais livre é uma sociedade, mais virtuosa ela é. Ao expressar a “vontade geral”, o povo está sempre certo.

Alexis de Tocqueville, um jovem aristocrata francês, enquanto viajava pela América entre 1831 e 1832, observou os ideais igualitários de Rousseau em prática. Em *Da democracia na América*, Tocqueville concluiu que a democracia era o futuro da Europa, mas viu que, por terem uma queda pela igualdade — o que fazia com que os padrões estivessem atrelados à vontade da maioria —, as democracias arriscavam eliminar as virtudes que tornavam possível o autogoverno individual. Elas obteriam sucesso contanto que “instituições intermediárias” prosperassem — inclusive as igrejas.



No séc. XIX, as elites intelectuais consideravam que o mundo ao redor estava se fragmentando rapidamente: “Tudo o que é sólido dissolve-se no ar”, disseram Marx e Engels n’*O manifesto comunista* de 1848, que notava corretamente que a Revolução Industrial destruía velhas certezas. Escrevendo uma geração depois da publicação de *Da origem das espécies*, de Charles Darwin (1859), o filósofo alemão Friedrich Nietzsche compreendeu a seleção natural como prova de que não havia qualquer plano divino por trás do progresso humano; tal progresso seria então aleatório, baseado na sobrevivência do mais apto. Nietzsche se baseou em Darwin para formular uma filosofia que exaltava a força e a vontade individual.

“Deus está morto, e nós o matamos”, disse Nietzsche, observando uma verdade patente a respeito do ateísmo que nascia no Ocidente. Matthew Arnold captou o espírito da época nestas linhas de seu poema *Dover Beach*, de 1867:

*The Sea of Faith*

*Was once, too, at the full, and round earth's shore  
Lay like the folds of a bright girdle furled.  
But now I only hear  
Its melancholy, long, withdrawing roar,  
Retreating, to the breath  
Of the night-wind, down the vast edges drear  
And naked shingles of the world.*

\*\*\*

O Mar da Fé

Também já foi cheio, e as costas da Terra  
Eram curvas de uma cinta brilhante enrolada.  
Mas só ouço agora  
Seu brado alongado, melancólico e retraído,  
Encolhendo, ao sopro  
Do vento noturno, sob as vastas e lúgubres encostas  
E expondo os seixos do mundo.



Apesar do desencanto de alguns artistas, filósofos e outros produtores culturais, o séc. XIX foi um período de grande fervor religioso tanto na Inglaterra quanto na América. Na Inglaterra, a Era Vitoriana se alongou de 1837 até a virada do séc. XX, e foi marcada por um cristianismo robusto, moralista e disciplinado. Notadamente cívico, era um cristianismo com forte ênfase na reforma social. Os evangélicos reformistas se alastraram nos EUA, disparando assim o Terceiro Grande Despertamento,<sup>11</sup> responsável por um aumento explosivo no número de igrejas protestantes, bem como por preparar o terreno para o movimento do Evangelho Social. A crescente taxa de imigração da Europa também trouxe às cidades americanas centenas de milhares de católicos.

No entanto, as mudanças mais importantes se deram em meio às elites culturais, que perdiam cada vez mais qualquer semelhança com o cristianismo tradicional. No período entre 1870 e 1930, as elites americanas operaram aquilo que o sociólogo Christian Smith chamou de “revolução secular”: empregaram a energia e o alvoroço da industrialização para reconfigurar a sociedade em linhas francamente “progressistas”.

O efeito desse movimento progressista na vida religiosa dos EUA foi devastador. Ele deu início à longa liberalização das linhas principais do protestantismo através da incorporação de uma paixão pela reforma social, acima e até contra a piedade individual e a evangelização. Os progressistas expulsaram o *establishment* religioso e protestante das universidades e de outras instituições culturais relevantes. Jogaram a religião para a periferia da vida pública, instituindo a ciência como fonte primária dos valores da sociedade, além de guia para a mudança social. No seio do cristianismo, substituíram o modelo religioso da pessoa humana por um modelo psicológico centrado no Eu. E o clamor político dos progressistas por mais democracia e igualdade encontrou sua expressão na vida das igrejas através da corrupção contínua da autoridade do clero e da Escritura.

11 Mais um período de grande atividade protestante dos Estados Unidos, entre 1850 e o início dos 1900. Continha forte apelo ao ativismo social — NT.



O séc. XX chegou em meio a uma onda de otimismo quanto ao futuro do Ocidente. Era um tempo de esperança e de fé no progresso. O sonho teve um fim catastrófico em 1914, quando estourou a guerra mais sangrenta que o mundo jamais vira.

### *O triunfo de Eros*

A carnificina da Primeira Guerra Mundial — quatro anos de combate massacrante que consumiram a vida de dezessete milhões de soldados e civis — estilhaçou os ideais europeus e deu o golpe final naquilo que restava de cristianismo. O desenrolar do pós-guerra acelerou o abandono das fontes tradicionais de autoridade cultural. A moralidade sexual se afrouxou. Surgiram novos estilos de arte e de literatura que rompiam conscientemente com os valores desacreditados do mundo pré-guerra.

A civilização ocidental vinha abandonando o cristianismo já há certo tempo, mas ainda conservava um sentido de progresso e o propósito de unificar-se e dar à sociedade uma direção e uma ordem. Mas progresso nenhum — nem o científico, nem o tecnológico, nem o econômico, nem o político, nem o social — foi capaz de impedir que a Europa se tornasse um imenso jazigo.

Foi nesse período que o Ocidente deixou de ser o que o sociólogo Zygmunt Bauman chamou de “modernidade sólida” — um período de mudanças sociais ainda bastante previsíveis e gerenciáveis — e passou a ser o que ele chamou de “modernidade líquida”, na qual as mudanças são tão rápidas que nenhuma instituição social tem tempo de se solidificar,<sup>12</sup> e esta é a nossa condição atual.

Sigmund Freud, pai da psicanálise, estabeleceu-se como uma **sumidade** não tanto enquanto figura científica, mas mais enquanto figura quase-religiosa, que reconheceu e proclamou o **Eu** como a deidade que substituiria a religião cristã. Mas sua **enorme** autoridade cultural dependia de seu papel de ícone da **ciência**. A **visão** de Freud tinha caráter de revelação entre as

---

12 Zygmunt Bauman. *Modernidade líquida*. Zahar, RJ, 2001.



elites secularizadas justamente porque essas elites, que disseminaram amplamente pela mídia de massa os pontos de vista freudianos, consideravam-na muito científica.

Para Freud, a religião não passava de um mecanismo inventado pelos homens para suportar a vida e controlar certos instintos que, se deixados soltos, tornariam inviável qualquer tipo de civilização. O homem ocidental perdera Deus de vista, e com Ele a consciência de que há um poder superior que dá sentido à vida. Mas o homem teria de continuar vivendo de alguma maneira.

A solução freudiana era substituir a religião pela psicologia. Nessa perspectiva terapêutica, deveríamos abrir mão da busca vã por uma fonte inexistente de sentido para a vida e, em vez disso, buscar a auto-realização. A busca pela felicidade não seria, então, uma tentativa de se unir a Deus, ou a dedicação sacrificial a uma causa maior do que nós mesmos, mas, ao contrário, uma tentativa de satisfazer o Eu.

No passado, o sujeito buscava fora de si aquilo que lhe daria o que fazer de sua vida. Porém, na modernidade, quando é sabido que a religião e toda pretensão à vivência de valores transcendentais são ilusões, devemos olhar para dentro de nós mesmos para encontrar o segredo de nosso bem-estar. A psicologia não quer necessariamente mudar o caráter da pessoa, como funcionavam as antigas terapias cristãs em que o arrependimento era uma etapa em direção à total conformação com a vontade de Deus; pelo contrário: a psicologia quer ajudar a pessoa a se conformar com aquilo que ela é.

O sociólogo Philip Rieff, grande estudioso de Freud, assim descreve o deslocamento da consciência ocidental: “O homem religioso nascia para ser salvo. O homem psicológico nasce para ser satisfeito”.<sup>13</sup>

13 Philip Rieff, *The Triumph of the Therapeutic: Uses of Faith After Freud*. Wilmington, DE: ISI Books, 2006, p. 19 [Edição brasileira: *O triunfo da terapêutica: os usos de fé depois de Freud*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990 — NT].



Foi na década de sessenta que o homem psicológico assumiu-se efetivamente. A liberdade do indivíduo de satisfazer os próprios desejos tornou-se o norte da nossa cultura e, como resultado, começou o rápido declínio da moralidade americana com relação ao seu ideal cristão. Apesar de uma reação conservadora na década de oitenta, o homem psicológico definitivamente ganhou a disputa e hoje domina a cultura — inclusive a maioria das igrejas — assim como os ostrogodos, visigodos, vândalos e outros povos conquistadores dominaram o que restava do Império Romano Ocidental.

Logo no início dessa nova era, em 1966, Rieff publicou um estudo chamado *O triunfo da terapêutica: os usos da fé depois de Freud*, livro que ainda assombra por sua presciência. Nele, Rieff, que não confessa nenhuma fé, argumenta que o Ocidente, vivendo uma prosperidade e uma liberdade sem precedentes, estava passando por uma profunda revolução cultural. Não havia se tornado ateu, mas espiritualizado o desejo e adotado um “evangelho da auto-realização”.

Muitos compreenderam que, desde o Iluminismo, a cultura ocidental aos poucos se afastava da cristandade, mas Rieff disse que o processo havia ido muito mais longe do que a maioria das pessoas imaginava.

Em sua teoria, uma cultura é definida por aquilo que ela proíbe. Cada cultura tem sua própria “ordem terapêutica” — um sistema que ensina aos membros da comunidade o que é permitido fazer dentro de seus limites e lhes dá a conhecer os modos lícitos de aliviar as tensões típicas da vida sob as regras daquela comunidade, regras que geralmente têm sua origem na religião. Além disso, numa cultura o ascetismo — isto é, o ideal de auto-negação — não pode ser um fim em si mesmo, uma vez que isso destruiria qualquer civilização. Em vez disso, deve haver um “ascetismo positivo” que alie a negação individual e os próprios desejos à conquista de um objetivo maior, que enfatize os aspectos positivos da vida.



O que mais contribui para a sobrevivência de uma cultura, afirma Rieff, é “o poder de suas instituições de conduzir o homem em seus problemas por meio de razões tão profundamente enraizadas na consciência que tenham se tornado orientações implícitas e comuns”. Uma cultura começa a morrer, continua, “quando suas instituições normativas falham em comunicar seus ideais, principalmente às suas elites, de uma maneira inteiramente atraente”.

Em outras palavras, a cultura judaico-cristã do Ocidente estava morrendo porque deixou de acreditar profundamente na ordem sagrada cristã, com todos os seus “não matarás”, e não conseguia mais consentir com nenhum “não matarás”, coisa que toda cultura deve ter a fim de controlar paixões individuais e direcioná-las para objetivos socialmente benéficos. Ele dizia que o que tornava nossa condição tão revolucionária era que, pela primeira vez na história, o Ocidente estava tentando construir uma cultura baseada na *ausência* de fé numa ordem superior que nos mande ser obedientes. Dito de outro modo, estávamos criando uma “anti-cultura” que impossibilitava qualquer fundamento para a estabilização cultural.

Isto é, temos uma cultura que, ao invés de nos dizer do que devemos abdicar para ser civilizados, está baseada no culto do desejo: uma cultura que nos ensina que podemos encontrar sentido e propósito na auto-libertação de antigas proibições, conforme nós — indivíduos movidos pelo próprio eu — bem entendermos.

“O culto de Eros deve atingir um patamar religioso na sociedade moderna, não porque estejamos mesmo tão obcecados por ele, mas porque assim o pede o mito da liberdade”, diz Stephen L. Gardner. “É no desejo carnal que o indivíduo moderno acredita afirmar sua ‘individualidade’. O corpo deve ser o verdadeiro ‘sujeito’ do desejo porque o indivíduo deve ser o autor do próprio desejo”.<sup>14</sup>

14 Stephen L. Gardner. “The Eros and Ambitions of Psychological Man” [O eros e as ambições do homem psicológico], *ibid.*, p. 244.



O ideal romântico do homem auto-criado é plenamente alcançado pela mais nova vanguarda da Revolução Sexual — o “transgenderismo”. Essas pessoas negam estar determinadas pela biologia e têm atrás de si todo um movimento de elite que está ensinando às novas gerações que o gênero é qualquer coisa que a pessoa queira. O advento da pílula anticoncepcional na década de sessenta possibilitou à humanidade que ampliasse seu domínio sobre a natureza e que a submetesse às vontades do próprio corpo humano. Logicamente, o próximo passo é o chamado “transgenderismo”, depois do qual virá a destruição de toda e qualquer obstrução, seja da lei, seja dos costumes, aos arranjos poligâmicos livremente feitos.

O prolongamento da Revolução Sexual terá seus custos, é claro. Já vimos esse filme antes. A década de setenta, conhecida como “Década do Eu”,<sup>15</sup> não foi senão o resultado do prolongamento da década de sessenta a todo o resto dos EUA. O índice de divórcios, que crescia nos anos sessenta, explodiu nos setenta. O número de abortos aumentou astronomicamente. Já não havia como reverter o quadro. Essa nova ordem de coisas ganhou sua legitimação constitucional na decisão da Suprema Corte do caso *Planned Parenthood versus Casey*, de 1992, que reafirmou o direito ao aborto. O juiz Anthony Kennedy, escrevendo em nome da maioria abortista, demonstrou (certamente sem querer) como a Revolução Sexual depende de uma concepção de liberdade totalmente radical, e até mesmo niilista: “No âmago da liberdade está o direito que cada um deve ter de definir os próprios conceitos de existência, de sentido, do universo e do mistério da vida humana”.

Eis o termo da modernidade: o indivíduo livre e autônomo que só encontra sentido em si mesmo.

O filósofo Charles Taylor descreve a mentalidade que nos capturou a todos:

15 No original, *The “Me” Decade*, termo cunhado pelo jornalista e escritor Tom Wolfe — NT.



Cada um tem o direito de encontrar a própria forma de viver, baseada nas próprias concepções sobre o que é importante e tem valor. As pessoas são chamadas a ser verdadeiras consigo mesmas e a buscar a própria realização. Em que isto consiste, cada um que determine para si mesmo, em última instância. Ninguém mais pode e nem deve tentar forçar a própria visão.<sup>16</sup>

Toda época, é claro, teve seus membros mais frouxos, moralmente falando, e também aqueles que assumiram ideais abandonados e o propósito de buscar o que o próprio coração pedia. Na verdade, todos nós cristãos somos assim às vezes; isso é o pecado. O que é diferente com relação à época presente, diz Taylor, é que “hoje muitos se sentem chamados a fazer isso, sentem que precisam fazer isso, sentem que suas vidas de algum modo se perderiam ou ficariam incompletas se não fizessem isso”.

E o que é “isso”? Seguir o próprio coração, independentemente do que diz a sociedade, a Igreja ou quem quer que seja. Esse tipo de pensamento é devastador para qualquer estabilidade social que se tente alcançar, mas especialmente para a Igreja. Por ser uma comunidade que ensina e forma seus membros de modo impositivo, ela não pode resistir a uma revolução na qual cada membro torna-se, efetivamente, o seu próprio papa. As igrejas — sejam protestantes, católicas ou ortodoxas orientais — que não passam de uma assembléia dispersa de indivíduos devotados a encontrar a sua própria “verdade” não são a Igreja de modo algum, e em nenhuma acepção do termo, justamente porque não comungam de uma mesma fé.

Nesse sentido, alguns cristãos de hoje em dia podem pensar que fazemos oposição à cultura secular, mas na verdade nós somos tão filhos do nosso tempo quanto aqueles que não têm religião. Charles Taylor diz: “Toda a postura ética dos modernos

16 Charles Taylor, *The Ethics of Authenticity* [A ética da autenticidade]. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 14.



pressupõe e deriva da morte de Deus (e também, é claro, da morte do cosmos inteligível)”. Ainda que possamos negar que Deus esteja morto, se aceitarmos o individualismo religioso e a estrutura teológica que o sustenta — o Deísmo Moralista Terapêutico —, estaremos declarando que Deus pode não estar morto, mas internado num hospício.

\*

\*            \*

Vejamos novamente a linha do tempo que mostra como o Ocidente chegou a esse poço maldito de atomização, fragmentação e descrença.

*Séc. XIV:* a derrota do realismo metafísico para o nominalismo nos debates teológicos medievais removeu o elo que unia os mundos material e transcendente. Para o nominalismo, o significado dos objetos e das ações no mundo material depende totalmente da intenção do homem. A guerra e a peste puseram abaixo todo o sistema medieval.

*Séc. XV:* surgiu o Renascimento, que, com seu olhar novo e otimista sobre o potencial humano, começou a deslocar a imaginação social e a perspectiva do Ocidente para longe de Deus e para perto do homem, considerando este “a medida de todas as coisas”.

*Séc. XVI:* a Reforma quebrou a unidade religiosa da Europa. Nasceu nas terras protestantes uma crise insolúvel da autoridade religiosa, que nos séculos vindouros causaria cismas intermináveis.

*Séc. XVII:* as Guerras Religiosas geraram a descrença na religião e a fundação do Estado-nação moderno. A Revolução Científica deu o golpe final no modelo orgânico medieval do cosmos, substituindo-o por uma visão do universo como máquina. A separação mente-corpo operada por Descartes



aplicou esta mesma noção ao corpo humano. O homem se separou do mundo natural.

*Séc. XVIII:* o Iluminismo tentou criar um arcabouço filosófico de governo e orientação da sociedade livre de qualquer referência religiosa. O norte da vida pública seria a razão, enquanto que a religião — considerada um fardo herdado da Idade das Trevas — ficaria relegada às questões de foro íntimo. As revoluções francesa e americana romperam com os antigos regimes e suas estruturas e inauguraram uma era democrática e igualitária.

*Séc. XIX:* o sucesso da Revolução Industrial eliminou o modelo de vida agrário, desarraigou inúmeras famílias do campo e transportou-as para a cidade. As relações entre as pessoas passaram a ser definidas pelo dinheiro. Os românticos se rebelaram contra essa alienação em nome do individualismo e da paixão. O ateísmo e a reforma social progressista influenciada pelo marxismo se espalharam pelas elites culturais.

*Séc. XX:* os horrores das duas guerras mundiais arruinaram a fé nos deuses da razão e do progresso, e no Deus da cristandade. Devido ao crescimento da sociedade de massa consumista e do aperfeiçoamento da tecnologia, as pessoas começaram a prestar mais atenção nelas mesmas e na realização de seus próprios desejos. A Revolução Sexual exaltou o indivíduo cheio de desejos e o colocou no centro da ordem social emergente, depondo assim uma cristandade enfraquecida do mesmo modo como os ostrogodos depuseram o último imperador do Império Romano Ocidental no séc. V.

A jornada desde um mundo medieval devastado pelo sofrimento, mas emprenhado de sentido, levou-nos a um lugar repleto de um conforto antes inimaginável, mas vazio de significado e de relação. O Ocidente perdeu o fio de ouro que nos une a Deus, à Criação e ao próximo. Se não o reencontrarmos, não há esperança de determos nossa dissolução. Na verdade, é improvável que o Ocidente enxergue essa linha vital por muito



mais tempo. Não a está mais buscando e, talvez, já nem tenha mais a capacidade de vê-la. Fomos soltos, mas não sabemos mais nos reatar.

“Quem acende uma vela produz uma sombra”, disse a escritora Ursula K. Le Guin.<sup>17</sup> A sombra advinda do fracasso da tentativa iluminista de substituir Deus pela razão encobriu o Ocidente e nos submergiu numa nova Idade das Trevas. Não há outra saída senão acelerar a verdadeira aurora. Nós, que ainda vislumbramos o fio da meada perdido, devemos tomar posse mais plena dele e nele agarrarmo-nos pelo bem das próximas gerações, pois do contrário ele sairá do nosso alcance.

Os cristãos sabem que há uma luz que a escuridão não pode compreender e nem subjugar, e é a esta Luz que devemos nos voltar se quisermos sobreviver a este tempo de provação. Esta é a Luz: Jesus Cristo, que iluminou os monastérios da Idade Média e todos aqueles que se reuniram em torno deles.

Os beneditinos não tinham segredos na hora de ensinar. Eles tinham o que ainda têm: a Regra, que ensina como ordenar a vida para tornar-se tão receptivo quanto possível à graça de Deus, tanto individualmente quanto em comunidade. Enquanto aguardamos um novo São Bento em nossa era tão diferente, para nos ensinar como podemos voltar a tecer a tapeçaria de nossas vidas cristãs, façamos uma peregrinação à terra natal do santo e passemos um tempo com seus filhos espirituais, que, contra todas as expectativas da modernidade, estão vivendo uma vida simples, mas abundante, guiados pelos ensinamentos atemporais do velho mestre.

17 *A Wizard of Earthsea* [O Feiticeiro de Terramar], Nova York: Houghton Mifflin, 2012, p. 51.





### CAPÍTULO 3

## *Uma regra de vida*

NÃO SE PODE VOLTAR NO TEMPO, mas pode-se ir a Nórcia. E o vislumbre do passado cristão que um peregrino tem lá certamente também é, e estou confiante, um vislumbre do futuro.

Nórcia — o nome moderno do lugar de nascença de São Bento — é uma cidade amuralhada assentada sobre um planalto extenso, um platô que é o ponto de chegada de uma longa estrada que serpenteia por trinta e cinco quilômetros montanha acima. É fácil imaginar como a cidade era isolada na época de São Bento — e por que, como sabemos, o santo desceu aquelas montanhas para nunca mais voltar.

Certa manhã calorosa de fevereiro, viajei ao Mosteiro de São Bento de Nórcia, casa de quinze monges e seu abade, Padre Cassian Folsom. Ele tem sessenta e um anos, é americano e foi quem reativou o mosteiro junto de um punhado de outros irmãos beneditinos em 2000, quase dois séculos depois de o governo ter fechado as portas e destituído os monges dessa fortaleza de oração que já soma quase dez séculos de vida.

A supressão do mosteiro de Nórcia aconteceu em 1810 sob as leis impostas por Napoleão Bonaparte, então governante do norte da Itália. Napoleão era um tirano que havia herdado da Revolução Francesa seu legado anticristão e o estava usando para devastar a Igreja Católica em todos os territórios sob domínio da França imperial. Ele era o ditador de um Estado francês



tão anticlerical que muitos na Europa especulavam se ele não seria o próprio Anticristo.

Diz a lenda que, numa discussão com um cardeal, Napoleão asseverou que tinha poder o bastante para destruir a Igreja. O cardeal então respondeu: “Majestade, nós, o clero, fizemos de tudo para destruir a Igreja pelos últimos mil e oitocentos anos. Não conseguimos, e o senhor tampouco conseguirá”.

Quatro anos depois de mandar os beneditinos embora de sua casa quase milenar, o Império de Napoleão estava em ruínas e ele estava exilado. Hoje se pode ouvir novamente o canto gregoriano na cidade natal do santo, um reparo melodioso ao Imperador apóstata. Como já disse um famoso romancista americano, às vezes o passado não pertence ao passado.<sup>1</sup>

O Mosteiro de São Bento não é o primeiro mosteiro beneditino do mundo. Os monges se instalaram nessa cidade não antes do séc. X (ou por volta daí; os registros escritos só vão até 900 d.C.). A maioria dos que reativaram o mosteiro compõe-se de jovens americanos que escolheram dedicar suas vidas integralmente a Deus como monges beneditinos — e não só como monges, mas como beneditinos comprometidos a viver totalmente a sua tradição.

Enquanto eu me acomodo em meu quarto de visitante no mosteiro, depois de uma manhã em Nórcia, reflito o quão improvável era que dessa cidadezinha no topo de uma montanha viesse a centelha que manteria acesa, por tempos difíceis e sombrios, a luz da fé na Europa. Essa chama brilhou num mundo em que, nas palavras do inglês beneditino Esther de Waal, “a vida era uma luta urgente pela compreensão daquilo que se passava”.<sup>2</sup> *Hoje também é assim*, pensei, e me virei para dormir.

1 Trata-se de William Faulkner, que em *Requiem for a Nun* (1951) diz: “The past is not dead. It’s not even past”, algo como: “O passado não está morto. Nem mesmo pertence ao passado” — NT.

2 Esther de Waal, *Seeking God: The Way of St. Benedict* [Em busca de Deus: a via de São Bento], Collegeville, MN, Liturgical Press, 2001, p. 15.



Na manhã seguinte, encontrei-me com o Padre Cassian no mosteiro para uma conversa. Alto, barba e cabelos curtos e acinzentados, sua conduta é séria como a de um... bem, como a de um monge. Porém, quando ele fala, sua voz macia de barítono faz você pensar que está a falar com seu próprio pai. Ele fala de modo caloroso e potente sobre a integridade e a alegria da vida beneditina, tão distante do nosso mundo moderno e fragmentado.

Por mais que aqueles monges tivessem rejeitado o mundo, “não há apenas um *não*; há um *sim* também”, explicava o Padre Cassian. “Nós tanto rejeitamos tudo aquilo que não dá vida quanto estamos construindo algo novo. E gastamos muito tempo nessa reedificação, e isso as pessoas vêem também. É por isso que elas vêm em bando ao mosteiro. Nós nos envolvemos tanto com peregrinos e visitantes que chega a ser exaustivo. Mas estamos aqui para isso. Para reedificar. Esse é o *sim* que as pessoas precisam ouvir”.

“Reedificar o quê?”, perguntei.

“Para citar uma frase do Papa Bento XVI, repetida incontáveis vezes, o mundo ocidental vive hoje como se Deus não existisse”, ele diz. “Eu acho que isso é verdade. A fragmentação, o medo, a desorientação, o desatino — essas são características muito difusas da nossa sociedade”.

*Sim*, pensei, *é exatamente isso*. Quando, na modernidade, perdemos nossa religião cristã, perdemos junto aquilo que nos unia e nos ancorava tanto na ordem temporal quanto na eterna. Estamos à deriva na tal modernidade líquida, sem saber voltar para casa.

E eis que esse monge estava me dizendo que ele e seus irmãos do monastério consideravam que estavam trabalhando na restauração da fé e da cultura cristãs. Quão beneditino era isso. Inclinei-me para ouvir melhor.

Padre Cassian explicava que aquele monastério e a vida de oração guardada nele existiam como sinal de contradição ao mundo moderno. Desapareceram os parapeitos e o mundo corre



o risco de despencar do penhasco, mas estamos tão cativados pelas luzes e movimentos da vida moderna que não mais reconhecemos o perigo. As forças de dissolução advindas da cultura popular são grandes demais e os indivíduos e famílias não são capazes de resistir por conta própria. É necessário que nos apoiemos firmemente em comunidades estáveis de fé.

A Regra de São Bento é um programa detalhado de instruções sobre como organizar e governar uma comunidade monástica na qual monges (e, separadamente, freiras) vivem juntos a pobreza e a castidade.<sup>3</sup> Isso é comum a todas as formas de vida monástica, mas a Regra de São Bento adiciona três votos específicos: obediência, estabilidade (fidelidade à mesma comunidade monacal até o fim da vida) e conversão dos costumes, o que significa dedicar-se inteiramente ao ofício perene do arrependimento profundo. A Regra também inclui diretrizes para que se divida o dia em períodos de oração, trabalho e estudo das Escrituras e de outros textos sagrados. O santo ensinou seus seguidores a viver apartados do mundo, mas também a tratar bem os peregrinos e estrangeiros que viessem visitar o monastério.

Longe de ser um modo de vida destinado aos fortes e disciplinados, a Regra de São Bento era mesmo para os fracos e medíocres, para ajudá-los a crescer firmes na fé. Quando São Bento começou a formar seus monastérios, era comum que os monges adotassem uma regra escrita de vida, e a Regra de São Bento era uma versão simplificada e atenuada (por mais que nos pareça rigorosa hoje) de outra regra mais antiga. O santo demonstrava um senso de compaixão notável pela fragilidade humana, dizendo logo no prólogo da Regra que ele não tinha a intenção de estabelecer “nada de áspero ou de pesado”, mas queria apenas

3 Esta edição utiliza a tradução da Regra de São Bento para o inglês feita por Leonard Doyle, que a própria Ordem Beneditina disponibiliza em seu *site* (<http://www.osb.org>). Os monges a adaptaram, fazendo com que todos os outros capítulos usassem também os pronomes femininos, mas isto foi alterado aqui, voltando para a versão que contém apenas os pronomes masculinos, a fim de evitar confusões [a tradução portuguesa da Regra utilizada nesta tradução é de 1958, feita por D. João Evangelista Enout, monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro — NT].



o rigor necessário para fortalecer os corações dos irmãos, para que eles “percorressem o caminho dos mandamentos de Deus com inenarrável doçura de amor”. Ele instruía seus abades para que governassem como pais firmes, porém compassivos, e que não sobrecarregassem os irmãos sob sua autoridade com coisas com as quais eles não tinham força para lidar.

No capítulo em que dispõe as regras do trabalho manual, por exemplo, São Bento diz: “No entanto, que tudo seja feito comedidamente, por causa dos mais fracos”. Isso é típico da sabedoria beneditina. Ele não queria que seus filhos espirituais desfalecessem; ele queria edificá-los.

Ainda que haja instruções bastante específicas na Regra, ela não é uma lista a ser cumprida por legalismo. “O objetivo da Regra é libertar as pessoas. Este é um paradoxo que elas não entendem de imediato”, disse o Padre Cassian.

E disse mais: se você é dono de um campo que está encharcado por causa da má drenagem do solo, suas plantações não crescerão ali, ou apodrecerão. Se não drená-lo, sobrarão logo um pântano e doenças a granel. Mas, se consegue cavar um canal de drenagem, o campo se tornará saudável e útil. E ainda: uma vez que a água é contida dentro dos limites de um canal, ela pode correr com força e servir para construir alguma coisa.

“Uma regra funciona assim: canaliza a sua energia espiritual, seu trabalho, suas atividades, a fim de que você possa realizar efetivamente alguma coisa”, disse o Padre Cassian.

“A vida monástica não tem segredos”, continuou. “As pessoas de fora talvez tenham uma visão romântica da coisa, talvez por causa do que vêem na televisão — aqueles monges como que voando pra lá e pra cá no claustro. Há isso, e isso é atrativo, mas basicamente o que os monges fazem é levantar-se pela manhã, rezar, trabalhar, rezar mais um pouco. Então eles comem, rezam, trabalham mais um pouco, rezam mais um pouquinho, e aí vão dormir. É muito simples, é como se dá com a maioria das pessoas. A genialidade de São Bento está em dar-se conta da presença de Deus na vida cotidiana”.



Quem é ansioso, atrapalhado e sedento por respostas não tarda em buscar soluções nos livros ou na *internet*, sempre à procura daquele “aplicativo arrasador” que fará tudo ficar bem novamente. A Regra nos diz que não, não é assim. Você só alcançará a paz e a ordem que procura quando abrir um espaço no seu coração e na sua rotina para que a graça de Deus crie suas raízes. A graça divina é dada livremente, mas Deus nunca nos forçará a recebê-la. Custa um esforço tremendo e constante de nossa parte desimpedir a ação divina e deixar que a graça de Deus nos cure e nos modifique. Para tanto, importa menos o que pensamos do que o que fazemos concretamente — e quão fielmente nós o fazemos.

Alguém que queira entrar em forma e já tenha lido os melhores livros sobre musculação não chegará a lugar nenhum se não aplicar esse conhecimento na prática, alimentando-se de comidas saudáveis e exercitando-se regularmente. Isso requer uma força de vontade contínua. Com o tempo, se for fiel às práticas necessárias para alcançar seu objetivo, ele passará a amar as comidas saudáveis e os treinos regulares a ponto de não ser mais arrastado a eles pela força de vontade, mas inclinado pelo amor. Ele então terá treinado seu coração a desejar aquele bem.

Também é assim na vida espiritual. A ortodoxia é essencial (crer corretamente), mas ter as doutrinas certas na cabeça faz-lhe pouco bem se o seu coração — a morada da vontade — permanece não convertido. Para mudar isso é preciso passar essas convicções corretas para o plano das ações através do reto agir (*ortopraxia*<sup>4</sup>), o que eventualmente produzirá aquilo que o Apóstolo Paulo propôs a Timóteo quando lhe disse: “Exercite-se na piedade” (1Tm 4, 8).

Na Segunda Carta de São Pedro está bem explicado o modo como a razão, o coração e o corpo trabalham em harmonia pelo crescimento espiritual:

4 Não no sentido de *ortopedia*, é claro, apesar de a palavra “ortopraxia” estar geralmente associada ao contexto médico. Aqui, trata-se apenas do reto agir — NT.



Por estes motivos, esforçai-vos quanto possível por unir à vossa fé a virtude, à virtude a ciência, à ciência a temperança, à temperança a paciência, à paciência a piedade, à piedade o amor fraterno, e ao amor fraterno a caridade. Se estas virtudes se acharem em vós abundantemente, elas não vos deixarão inativos nem infrutuosos no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo (2Pd 1, 5-8).

A Regra não é o evangelho, por mais que cite a Escritura quase que em todos os seus curtos capítulos. É um método testado e comprovado para viver o evangelho de um modo intensamente cristão. É um manual de instruções para que alguém conforme sua vida ao serviço de Jesus Cristo, dentro de uma comunidade estável. Não é uma coleção de máximas teológicas, mas um guia prático através do qual os fiéis podem estruturar suas vidas em torno da oração, da Palavra de Deus e da consciência cada vez mais profunda de que, como diz o santo, “em todo lugar estão os olhos do Senhor, observando os maus e os bons” (Pv 15, 3).

A Regra é para monges, obviamente, mas seus ensinamentos são claros o bastante para ser adaptados ao uso dos leigos cristãos. Ela orienta a uma vida cristã séria e continuada de tal modo que nos reordena interiormente, unindo aquilo que está disperso em nosso coração e direcionando-o à oração. Se aplicada corretamente, ela disciplina a nossa vida social, transpondo as barreiras que impedem o amor de Deus de circular entre nós, e nos faz a todos mais flexíveis, menos propensos a endurecer o coração.

Com a Opção Beneditina não queremos revogar setecentos anos de história (como se isso fosse possível). Tampouco queremos salvar o Ocidente. Estamos apenas tentando construir um modo de vida cristão que seja como uma ilha de santidade e estabilidade em meio às altas marés da modernidade líquida. Não queremos estabelecer o Céu na Terra; só queremos achar um jeito de fortalecer a nossa fé num tempo de grande provação.



Com sua perspectiva de uma vida ordenada e centrada no Cristo e nas práticas que prescreve para aprofundar nossa conversão, a Regra pode nos ajudar a alcançar esse objetivo.

### *Ordem*

Se uma das características definidoras do mundo moderno é a desordem, então o modo mais crucial de fazer-lhe resistência é estabelecer a ordem. Se não tivermos uma ordem interna, seremos controlados por nossas paixões humanas e pelas forças poderosas de fora, que controlam o curso das correntes profundas da modernidade líquida.

Para os cristãos tradicionais, estabelecer uma ordem interna não é questão de mera disciplina, tampouco simplesmente um ato da vontade. É antes o que o teólogo Romano Guardini chamou de esforço humano para “reconquistar sua justa relação com a verdade das coisas, com as exigências de seu mais profundo ser, e finalmente com Deus”.<sup>5</sup> Isso significa descobrir a ordem, o *logos*, que Deus inscreveu na natureza da Criação, e esforçar-se por viver em harmonia com ela. Nisso também está implicada a conscientização de que há limites naturais mesmo dentro da gratuidade da Criação, em vez de crer que a natureza é algo que podemos negar ou refutar de acordo com nossos desejos. Por fim, isso também significa disciplinar a própria vida no intuito de viver para dar glória a Deus e ajudar o próximo.

A ordem não é somente matéria de justiça e de cumprimento das leis. Dentro da perspectiva cristã clássica, a própria lei depende de uma concepção mais profunda de ordem, uma idéia do modo como a realidade última está construída. Essa ordem pode não ser vista, mas crê-se nela, e aqueles que vivem numa comunidade que a professa também a internalizam em si mesmos. O propósito da vida, tanto para os indivíduos quanto para a Igreja e para o Estado, é buscar a harmonia com essa ordem transcendente e eterna.

5 Romano Guardini, *The End of The Modern World* [O fim do mundo moderno]. Willmington, DE: ISI Books, 1998, p. 210.



Ordenar o mundo de maneira propriamente cristã requer que se considere que todas as coisas apontam para o Cristo. O capítulo dezenove da Regra dá um exemplo sucinto da conexão entre um ensinamento disciplinar e a ordem invisível das coisas. Nele, São Bento ensina os monges a manter seus pensamentos focados na presença de Deus e de seus anjos no momento em que estiverem cantando o Ofício Divino, chamado de *opus Dei* ou “obra de Deus”.

“Cremos que a presença divina está em tudo, e que ‘em todo lugar estão os olhos do Senhor, observando os maus e os bons’” (Pv 15, 3), escreve São Bento. “Mas devemos crer nisso especialmente e sem dúvida alguma quando estamos assistindo a Obra de Deus”. Ele conclui o capítulo com uma admoestação destinada a lembrar os monges de que, quando rezam os Salmos juntos, estão diante do próprio Deus e deveriam portanto rezar “de tal modo que nossa mente esteja em harmonia com a nossa voz”.

A vida inteira de um monge e todo o seu trabalho devem se direcionar para o serviço de Deus. A Regra ensina que Deus deve estar no princípio e no fim de todas as nossas ações. Encadear nosso ardor espiritual com o ritmo da vida cotidiana e de sua disciplina, e fazê-lo junto de outros na nossa família e na nossa comunidade, é construir uma base sólida para a fé, através da qual podemos nos tornar totalmente humanos e totalmente cristãos.

Como resultado de sua orientação para Cristo, os monges reconhecem que Deus é o Criador, Aquele no qual estão todas as coisas, e que o homem não é a medida delas. Ao contrário dos sucessores e herdeiros dos nominalistas, o monge beneditino não crê que as coisas têm significado somente se as pessoas escolherem dar-lhes significado. O monge sustenta que o significado existe objetivamente dentro do mundo natural criado por Deus, e lá está para ser descoberto por aqueles que se apartaram de suas próprias paixões e buscam ver como Deus vê.



“O sujeito não pode se prender às coisas criadas, porque acabará achando que elas estão ordenadas para ele”, disse o Irmão Evagrius Hayden, de trinta e um anos. “Isso está errado. Não somos nós que damos sentido às coisas. Deus é quem dá sentido às coisas”.

Por fim, os monges fazem esforços tremendos para garantir que cada detalhe de suas vidas evidencie o Cristo como princípio e fim de todo sentido. Um desses esforços surpreende pela aparente falta de espiritualidade: no capítulo vinte e dois, por exemplo, São Bento instrui os monges a respeito de como devem dormir — “vestidos e cingidos com cintos e cordas”.

Mas mesmo essas regras aparentemente arbitrárias servem a propósitos espirituais. Em alguns casos é assim porque a regra é feita para deixar o monge livre para algum afazer mais prático. Por exemplo: São Bento explica que as regras a respeito das roupas são para garantir que os monges estejam vestidos de maneira que lhes seja fácil levantar no meio da noite para rezar os ofícios noturnos, ou quaisquer orações agendadas, sem muito atraso.

Mas e quanto àquelas regras cuja racionalidade não é tão evidente? Será que Deus realmente se importa com o tipo de cama em que o monge está dormindo? Ou com quantos pratos diferentes são servidos no jantar? Por que alguém se submeteria voluntariamente a uma vida assim tão regimentada? Padre Basil Nixen, de trinta e seis anos, que também é o cozinheiro do mosteiro, disse que nem a Regra em geral e nem as suas diretrizes mais inusitadas existem por motivos arbitrários.

“O monge está profundamente consciente do fato de que tanto nele quanto nos outros essa ordem foi rompida e desfeita pela Queda, pelo pecado original e pelos pecados individuais de cada pessoa”, disse o Padre Basil. “O monge entra no mosteiro sabendo que encontrar a ordem não será nada fácil. É preciso lutar para isso, trabalhar para isso, ser paciente para alcançá-lo. Mas vale a pena, porque a ordem é o que nos dá a paz”.



É difícil submeter-se a regras que não se compreende, mas essa é uma boa maneira de contrapor o desejo carnal à independência pessoal. Pode ser que não haja mérito espiritual nenhum em escolher comer dois pratos em vez de três durante uma refeição, mas a humildade que vem junto dessa escolha que se faz por obedecer à decisão de outrem é transformadora.

A ordem do monastério produz não só a humildade, mas também a resiliência espiritual. Em certo sentido, os monges beneditinos de Nórícia são como que a Marinha da vida religiosa, sempre treinando para o combate espiritual.

“A estrutura da vida no mosteiro, as coisas que você faz todo dia, nada disso é apenas repetição sem sentido”, disse o Irmão Augustine Wilmeth, de vinte e cinco anos, cuja barba vermelha parecida com a de um viking chega a encostar no peito. “Trata-se de treinar seu coração e seu espírito para que, quando você mais precisar, quando você não tiver forças suficientes para mover a própria vontade e superar um momento mais difícil, você possa então escorar-se no seu treinamento. Você tem certeza de que não seria forte o bastante para fazê-lo se não tivesse treinado para isso e colocado todas as coisas auxiliares no lugar”.

Em outras palavras, ordenar as próprias ações não é senão treinar o próprio coração para que ele ame e queira as coisas certas, as coisas *reais*, sem sequer precisar pensar no assunto. É adquirir virtude em forma de hábito.

Diz o Irmão Ignatius Prakarsa, responsável pelos visitantes do mosteiro, que nunca se sabe como Deus usará as pequenas coisas de uma vida ordenada por amor a Ele, ao serviço d’Ele, para falar evangelicamente com os outros. No verão, a basílica do mosteiro enche de turistas, muitos dos quais são cristãos afastados ou gente que não tem fé, que senta calmamente para assistir aos monges cantarem as orações regulares em latim.

Quando o Irmão Ignatius os encontra na escadaria da Igreja, os visitantes dizem freqüentemente que o canto fora tão pacificador, tão bonito.



“Digo a eles que estamos apenas rezando ao Senhor. Estamos apenas abrindo a boca para cantar a beleza que já está ali na música”, ele me disse. “Tudo é evangelizador. Tudo está direcionado a Deus. Tudo deve ser visto do ponto de vista sobrenatural. O brilho que vem da nossa vida é apenas um reflexo de Deus. Em nós mesmos, não somos nada”.

### *Oração*

Esse brilho é fruto de uma oração profunda e constante. O Apóstolo Paulo disse à Igreja de Tessalônica: “Orai sem cessar” (1Ts 5, 17). Os monges beneditinos consideram toda a sua vida como uma tentativa de cumprir essa ordem. Estritamente falando, rezar é comunicar-se, seja privadamente, seja em comunidade, com Deus. De modo mais geral, rezar é manter uma consciência indefectível da presença divina e fazer todas as coisas com Ele em mente. Na vida beneditina, a oração constante está no centro da existência da comunidade.

Rezar é entrar em contemplação. Esta palavra tem um significado especial para os monásticos, pois refere-se àquilo que os fiéis consideram ser o estado mais elevado de vida cristã: libertar-se das preocupações da carne e adorar e dar glória a Deus, refletindo sua Verdade. Isto opõe-se ao que se chama de vida ativa, que não é senão fazer boas obras no mundo.

Considere-se a passagem evangélica de Marta e Maria. Quando Jesus vem até a casa delas, Marta se envolve toda com os preparativos, mas Maria senta-se aos pés de Jesus e se põe a escutar o que Ele tinha a dizer. Quando Marta se queixa ao Senhor de que Maria não a estava ajudando, Ele responde que Maria havia escolhido o melhor caminho.

Por quê? Porque, como Jesus mesmo dissera a Satanás quando Ele o repreendeu, “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4, 4). É importante realizar as coisas pelo Senhor, mas mais importante é conhecê-lo com nosso coração e nossa alma. E é por isso que a contemplação tem prioridade.



“A oração é o alimento da alma, é a vida de cada um dos monges. É a razão que nos fez vir viver aqui”, disse Padre Basil. “O objetivo de nossas vidas como monges é aprofundar a vida de oração, crescer na vida de oração. Tudo o que fazemos é estruturado para favorecer isto, para conduzir a isto. A oração nos põe em comunicação com Deus”.

Os monges beneditinos passam bastante tempo com Deus. Sete vezes por dia eles se reúnem em volta do altar da basílica para cantar as orações regulares do Ofício Divino, também conhecidas como a Liturgia das Horas. São orações específicas que os monges católicos (e outros) têm recitado há séculos para marcar as horas do dia. Elas consistem em salmos, hinos, leitura de trechos da Sagrada Escritura e orações.

Para os monges, a oração não é só as palavras que eles dizem. Diariamente, cada monge passa horas fazendo a *lectio divina*, um método beneditino de estudo das Escrituras que envolve a leitura de uma passagem bíblica, seguida de uma meditação a respeito dela, uma oração relacionada a ela e, finalmente, da contemplação do significado dela para a alma.

A idéia não é estudar a Bíblia como o faria um acadêmico, mas relacionar-se com ela como se fosse o próprio Deus falando diretamente com o leitor. Nesse sentido, um monge que se aprofunda nas Escrituras em conformidade com as orientações da Regra está, de algum modo, rezando.

E essa não é a única espécie de oração.

“Nós cantamos quando rezamos, quando nos levantamos, quando nos sentamos, quando nos curvamos em reverência, quando ajoelhamos, quando nos prostramos”, disse Padre Cassian. “O corpo está bastante envolvido na oração. Não se trata apenas de uma espécie de meditação intelectual. Isso é importante”.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Na liturgia beneditina, as leituras do Ofício Divino são cantadas; a Regra também estabelece diversos momentos para o canto nas orações. Os momentos de silêncio são dedicados às orações pessoais – NE.



Conforme a pessoa vai avançando na vida de oração — disse Padre Basil —, percebe gradativamente que não se trata tanto de pedir coisas a Deus, mas mais de estar em Sua presença, simplesmente.

Contei ao monge que em Louisiana, enquanto atravessava uma crise pessoal, meu diretor espiritual — um sacerdote ortodoxo — mandou que eu executasse uma rotina rígida de oração diária, na qual eu deveria rezar a Oração de Jesus (“Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, que sou um pecador”) durante uma hora por dia. No começo foi difícil e entediante, mas o fiz por obediência. Todo dia, durante uma interminável hora, oração em silêncio. No entanto, com o tempo, aquela hora foi parecendo cada vez mais curta, e eu me dei conta de que aquela paz que tanto faltava em minha alma havia aparecido.

Depois que fiquei espiritualmente curado, meu diretor explicou as razões que o levaram a fazer com que eu me entregasse àquela simples oração meditativa: “Eu precisava tirar você da sua cabeça”.

Com isso ele quis dizer que eu era refém da tendência racional de tentar resolver meus problemas pelo pensamento — uma estratégia que, no meu caso, sempre falhou. O que eu tinha mesmo de fazer era silenciar a mente e aquietar o coração para abri-lo à graça de Deus. Ele estava certo.

“É isso”, disse Padre Basil. “Isto é a pura oração: estar com Deus. Isso pode acontecer de várias maneiras, mas, como você mesmo percebeu ao fazer a Oração de Jesus, leva tempo. Você tem de dedicar um tempo a isso”.

Padre Benedict Nivakoff, de trinta e oito anos, nascido em Connecticut, passou quase metade de sua vida vivendo nessa comunidade. Ele diz que “se o sujeito consegue aceitar que a vontade de Deus se manifesta em tudo o que ele faz ao longo do dia, então todo o seu dia torna-se uma oração”.

Se passamos o tempo todo em atividade e negligenciamos a oração e a contemplação, colocamos a nossa fé em perigo, por mais que essa atividade esteja a serviço de Cristo. Marshall



McLuhan, teórico da comunicação que ficou famoso na década de sessenta — e católico praticante —, disse certa vez que todos aqueles que ele conhecia que tinham abandonado a fé começaram parando de rezar. Se é para vivermos vidas cristãs corretamente ordenadas, a oração deve ser a base de tudo.

### *Trabalho*

Isto não significa que a vida ativa deve ser evitada. Deve antes ser integrada a uma vida orientada pela oração. O bom trabalho é fruto de uma vida saudável de oração. Se você conhece algo a respeito dos beneditinos, já deve ter ouvido que o lema deles é *ora et labora* — “reza e trabalha”, em latim. Isto não é bem verdade. São Bento nunca disse isso, e, por mais que os monges beneditinos de hoje tenham tomado esse *slogan* para si, ele só começou a ser usado no séc. XIX.

Ainda assim, *ora et labora* não é uma má descrição da abordagem geral dos beneditinos para a vida. “A ociosidade é inimiga da alma”, diz São Bento no capítulo quarenta e oito da Regra. A questão é que estar ocioso é estar aberto à preguiça. Mas o trabalho não é simplesmente algo que você faz para se livrar de problemas. O monge esperava que cada mosteiro fosse auto-sustentável, e, ainda, o que era bastante incomum para um romano daquela época, considerava que o trabalho manual poderia ser um ato de santificação.

São Bento ensina que os monges, por mais que sejam contemplativos, não devem reclamar do trabalho manual: “Porque são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como fizeram os nossos Pais e os Apóstolos”.

Isto é um princípio de sabedoria prática para nós, modernos, que tendemos a criar uma relação desordenada com nosso trabalho. Alguns se definem pelo seu trabalho e devotam-se a ele sem moderação alguma, à custa da contemplação. Outros, porém, vêem o trabalho como algo que fazemos só para pagar as contas e nada mais, e o consideram apartado do resto da vida, especialmente da vida espiritual.



Isso, segundo a Regra, é um erro. O trabalho não deve servir a nós, mas a Deus e somente a Deus. Num capítulo dedicado à instrução dos irmãos artistas do mosteiro, São Bento diz que, se porventura um deles se orgulhar do que fez, o abade deve removê-lo do ofício e lhe dar outra coisa para fazer. Sim, a humildade cristã é importante a este ponto. Os monges também devem ser minuciosamente honestos nos negócios comerciais, diz o santo. O motivo? Em todas as coisas Deus deve ser glorificado.

É assim que devemos encarar nossos trabalhos: como oportunidades de glorificar a Deus.

De um modo mais profundo, os beneditinos vêem seu trabalho como uma expressão de amor e cuidado pela comunidade e como uma maneira de reordenar o mundo natural em harmonia com a vontade de Deus.

É preciso lembrar que, para o monge, tudo é um presente de Deus e deve ser tratado como sagrado. Todo pensamento humano e toda ação humana deve se centrar em Deus e a Ele se direcionar, para que sejam unidos em Deus e para Deus. E nós participamos da Criação de Deus, ainda em processo, ordenando o mundo de acordo com a vontade d'Ele.

Visto desta perspectiva, o trabalho humano ganha uma nova dimensão. Para o cristão, o trabalho tem um valor sacramental.

Padre Martin Bernhard, de trinta e dois anos, explica: “A Criação dá glórias a Deus. Nós damos glória a Deus através da Criação, através do mundo material e dentro dos nossos campos de trabalho. Toda vez que construímos alguma coisa a partir de algo neutro, material, no intuito de dar glória a Deus, aquilo se torna sacramental, um canal para a graça”.

Padre Basil, cozinheiro do mosteiro, descreveu seu trabalho de preparação da comida para os irmãos como uma forma de purificação, de aperfeiçoamento, tanto em nível humano quanto sobrenatural.

“Por meio do trabalho na cozinha, estabeleço uma ordem. Exercito o controle sobre o mundo criado que me foi dado por Deus”, disse ele. “Do ponto de vista humano, o trabalho é



muito importante porque nos ajuda a exercitar aquele domínio sobre o mundo que nos foi exigido por Deus. E, do ponto de vista prático, é um meio de prover tanto para nós quanto para os outros. É importante que saibamos que através do nosso trabalho estamos fazendo uma contribuição importante para a comunidade”.

E do ponto de vista sobrenatural?

“Em última instância, o trabalho é uma expressão de caridade, de amor, e é isso que todo trabalho deve ser”, explicou Padre Basil. “Esta é uma lição que leva a vida toda para se compreender. O trabalho não é algo que faço só para conseguir alguma coisa. Fazê-lo é bom para mim, é algo que constitui a minha felicidade, porque nele e através dele eu demonstro amor pelos outros”.

“Somos chamados a amar”, acrescentou. “Trabalhar é demonstrar amor pelo próximo de um modo orquestrado. Neste sentido, o trabalho pode ser muito transformador — e bastante piedoso também”.

“Com frequência ele é visto como um fardo, mas não é necessariamente assim. Se encaramos o trabalho como um fardo, há algo de errado aqui”, disse ele, apontando para o coração. “O problema tem de ser resolvido antes aqui, no coração”.

Nos dias que virão, as circunstâncias levarão os cristãos — especialmente os que têm determinadas profissões — a repensar seu relacionamento com o trabalho. Em alguns casos, portas se abrirão a nós por conta da nossa fé. Em outros, elas jamais nos serão abertas — ou, se forem, qualquer um que tenha um pouco de consciência verá que não pode atravessá-las. Isto nos custará dinheiro e prestígio, e talvez até a satisfação vocacional. Passar a conceber o trabalho de um modo beneditino e centrado em Deus nos ajudará a tomar a decisão certa na hora em que formos testados no ambiente de trabalho, e nos fortalecerá quando formos forçados a mudar de profissão.



## Ascetismo

Será difícil aceitar que determinadas profissões se fecharão aos cristãos fiéis. Na verdade, para os fiéis de hoje em dia é difícil até imaginá-lo, em parte porque, como os americanos, não estamos acostumados a aceitar limites para as nossas ambições. No entanto, aproxima-se o dia em que o tipo de coisa que aconteceu com os confeitores, os fotógrafos de casamento e os floristas cristãos será muito mais comum.<sup>7</sup> E muitos de nós não estamos preparados para sofrer privações para sustentar a nossa fé.

É por isso que o ascetismo — aceitar esforços e contrariedades físicas por um propósito espiritual — é parte tão importante da vida cristã ordinária. O jejum, que é a forma mais comum de ascetismo para os cristãos, é um exemplo. Jesus mesmo foi quem nos deu esse exemplo, quando jejuou por quarenta dias no deserto antes de seu batismo — para preparar-se para o seu ministério. Foi durante esse jejum que lhe apareceu Satanás e o tentou, incitando-o a transformar uma pedra em pão para matar sua fome. Jesus recusou, afirmando o primado da Palavra de Deus e demonstrando que o controle sobre os desejos corporais é estritamente importante para o crescimento espiritual.

“Ascetismo” vem da palavra grega *askesis*, que significa “treinamento”. A vida que a Regra prescreve é completamente ascética. Os monges jejuam regularmente, vivem uma vida simples, recusam todo conforto e se submetem a todas as estritas regras do monastério. Não se trata de ganhar para si algum mérito espiritual. Antes, os monges conhecem o coração do homem e como suas paixões devem ser freadas através de uma vida disciplinada. O ascetismo é um antídoto para o veneno do egocentrismo, tão comum em nossa cultura, que nos ensina que a satisfação dos nossos desejos é a chave para uma vida boa.

7 O autor se refere aos escândalos processuais por casais de homossexuais americanos contra comerciantes cristãos que se recusaram a prestar serviços relacionados às suas cerimônias e festas de casamento; eventos repercutidos amplamente pela mídia internacional. Um dos casos mais notórios, ocorrido em 2012, é o do confeiteiro Jack Phillips, no Colorado, estado onde está em vigor a lei que proíbe a recusa de serviços de qualquer espécie por motivos de orientação sexual, entre outros — NE.



O homem ascético sabe que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada vivendo em harmonia com a vontade de Deus, e as práticas ascéticas treinam tanto o corpo quando a alma para que se ponha Deus acima de si mesmo.

O ascetismo sempre foi uma parte comum da vida de todo fiel durante quase toda a história do cristianismo, especialmente a prática de jejuar de acordo com o calendário da Igreja. “Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto”, diz o Cristo no evangelho de Mateus (6, 17), indicando que abster-se de comida por razões de religião era uma prática corriqueira. No primeiro século, os cristãos jejuavam às quartas e sextas-feiras, em memória da traição e da crucifixão de Cristo — uma prática ascética observada até hoje pelos ortodoxos orientais.

Um cristão que pratica o ascetismo treina para dizer não aos próprios desejos e sim a Deus. Essa mentalidade praticamente desapareceu do Ocidente moderno. Tornamo-nos um povo orientado pelo conforto. Esperamos que nossa religião seja confortável. Sofrer não faz sentido para nós. E, sem o jejum ou qualquer outra disciplina ascética, perdemos a capacidade de dizer não para aquilo que desejamos de coração fraco.

Redescobrir o ascetismo cristão é urgente para aqueles que querem treinar seus corações e os corações de seus filhos para resistir ao hedonismo e ao consumismo que jazem no âmago da cultura contemporânea. Isso é necessário também para que aprendamos na pele como Deus faz uso do sofrimento no intuito de nos purificar para servirmos aos propósitos d’Ele. O sofrimento ascético é um jeito de evitar que nos tornemos como aqueles monges que São Bento chama de “detestáveis”, “o pior tipo de monge”, aqueles cuja “lei é o desejo de auto-indulgência”.

Os Padres da Igreja ensinam que todo cristão luta para extirpar de seu coração todos os desejos que não se harmonizam com a vontade de Deus. O Irmão Augustine explica como isso funciona:

É como se você estivesse fortalecendo a sua vontade. Você está lá fazendo um período de jejum e seu estômago começa a roncar de fome, sendo que você só poderá comer de novo às



cinco e meia. Então você pensa: “Se não consigo ficar sem comer por algumas horinhas, como é que espero conter minhas outras paixões mais espirituais, como a raiva, a inveja e o orgulho? Como é possível que eu tenha uma maior disciplina moral e espiritual se não começar pelas coisas mais tangíveis, com os desejos corporais?”

Além disso, como diz o Padre Benedict, o ascetismo pode servir de despertador para os mais preguiçosos espiritualmente. “Nós costumamos estar mais afastados de Deus do que pensamos”, disse ele. “O ascetismo serve como uma lembrança saudável de como as coisas são. Não é um castigo por estar muito afastado”.

Quem está acima do peso não faz dieta para se punir, mas para ficar mais saudável. O atleta se exercita não porque se sente culpado por ficar sentado tempo demais diante da televisão, mas para treinar seu corpo para as competições. É assim também com o ascetismo dos monges — e deve ser assim também para nós leigos. Praticamos a negação de nós mesmos para nos fortalecer no amor e no serviço a Cristo e a seu povo.

“Sofrer faz parte da busca por Jesus Cristo, que sofreu primeiro antes de ser glorificado”, disse Padre Ignatius. “Para encontrar-se com Deus você também precisa sofrer, precisa estar disposto a viver a experiência do sofrimento”.

Reaprender o ascetismo — isto é, a sofrer pela fé — é um treinamento crucial para os cristãos que vivem no mundo hoje e os que aqui viverão futuramente. “Não há grandeza que não esteja profundamente baseada no autodomínio e na auto-negação”, diz Romano Guardini, explicando que toda forma de ordem deve começar com o domínio do ego e de seus desejos.<sup>8</sup>

O Irmão Evagrius diz:

A vocação cristã é um paradoxo: somos chamados a *estar* no mundo mas não a *ser* do mundo. Esse paradoxo foi vivenciado na Igreja primitiva durante o Império Romano,

8 *Ibid.*, p. 202.



onde vivia-se numa cultura inteiramente pagã e mesmo assim alguns indivíduos e famílias sentiram o chamado de Cristo e abandonaram tudo para segui-Lo, para serem até mesmo martirizados. Até que cheguemos de novo a este ponto, nada do que fizermos terá fruto algum.

### *Estabilidade*

Neste sentido, uma árvore repetidamente arrancada e transportada para outros lugares dificilmente produzirá bons frutos. É assim também com as pessoas e suas vidas espirituais. O desenraizamento não é um problema novo. No primeiro capítulo da Regra, São Bento denuncia aquele tipo de monge que ele chama de “giróvagos”.

“Passam a vida toda pulando de uma província a outra”, escreveu ele, acrescentando que “eles estão sempre se movendo, não têm estabilidade alguma, são escravos de suas próprias vontades” — e são até piores, disse o santo, do que os monges hedonistas para quem a única lei é o desejo.

São Bento explica que para criar raízes espirituais é preciso permanecer num só lugar o tempo suficiente para que elas cresçam e se aprofundem. A Regra exige que os monges façam um voto de “estabilidade” — o que significa que eles permanecerão pelo resto da vida no mesmo mosteiro em que fizeram seus votos, salvo se circunstâncias incomuns exigirem o contrário, como no caso de uma missão para outro lugar.

“Este é provavelmente o ponto em que a vida beneditina mais se opõe à nossa cultura”, disse Padre Benedict. “É a vida de Maria, não de Marta: ficar aos pés de Cristo, não importa o que digam que você não está fazendo”.

Ele segue dizendo que a Bíblia nos mostra que Deus escolhe alguns para saírem em busca de realizar os propósitos divinos. “Mas, numa cultura como a nossa, em que todo o mundo está sempre em movimento, a vocação beneditina de permanecer enraizado não importa o que aconteça invoca novas e importantes maneiras de servir a Deus”.



Zygmunt Bauman diz que a modernidade líquida nos impele a recusar a estabilidade porque esta não passa de um engano. “O eixo da estratégia de vida da pós-modernidade não é a construção da identidade, mas a fuga da fixação”, escreve.<sup>9</sup> Na análise impiedosa de Bauman, para prosperar hoje em dia você precisa estar livre de todo comprometimento, não estar preso nem pelo passado, nem pelo futuro, vivendo um presente eterno. O mundo muda tão rapidamente que a pessoa que assume compromissos, mesmo com a própria identidade, corre sérios riscos.

As pessoas foram enganadas pela modernidade líquida, levadas a pensar que o objetivo da vida deveria ser a maximização da felicidade individual, em vez de considerarem que estruturas são boas e que os deveres com a própria casa e com a família nos encaminham para uma vida correta. O giróvago, vilão da Regra de São Bento, é o herói da pós-modernidade.

Durante boa parte da minha vida teria sido justo se me chamassem de giróvago. Fui de emprego a emprego, subindo a ladeira do carreirismo. Em apenas vinte anos de vida adulta, mudei de cidade cinco vezes, e de igreja, duas. Minha irmã mais nova, Ruthie, pelo contrário, permaneceu na cidadezinha de Louisiana na qual fomos criados. Casou-se com seu namorado de colegial, deu aulas na mesma escola em que nós estudamos quando crianças e criou seus filhos na mesma igreja.

Quando ela foi diagnosticada com câncer terminal, em 2010, vi o imenso valor da estabilidade que ela havia escolhido. Ruthie tivera uma rede de amigos e familiares ampla e profunda, que cuidou dela, do marido e dos filhos durante os dezenove meses de sua provação. O amor que a comunidade de Ruthie despejou sobre ela e sua família foi o que tornou a batalha suportável, tanto enquanto ela viveu quanto depois de ter morrido. O poder da estabilidade na vida de minha irmã mexeu tão

9 Zygmunt Bauman, “From Pilgrim to Tourist, or, A Short History of Identity” [De peregrino a turista, ou: Uma breve história da identidade]. In: *Questions of Cultural Identity* [Questões sobre identidade cultural], ed. de Stuart Hall e Paul du Gay, Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1996, p. 24.



profundamente com o meu coração que eu e minha mulher decidimos nos mudar para o sul da Louisiana para ficarmos mais próximos de todos.

Nem todos são chamados a voltar a sua cidade natal, é claro, mas todos deveriam pensar nos custos espirituais e emocionais da liberdade de giróvago que nós tomamos como um direito de nascença. Em certo sentido, aquilo que parece liberdade pode muito bem ser uma forma de escravidão.

Padre Martin disse que aqueles que pensam que a estabilidade serve apenas para retê-los e para e para sufocar o crescimento pessoal e espiritual não estão compreendendo o valor oculto do comprometimento com a estabilidade: o de ancorar e dar ao indivíduo a liberdade típica de quem não está sujeito aos ventos, às marés e às correntes da vida diária. Ela cria as condições ordenadas dentro das quais torna-se possível a peregrinação interior da alma em direção à santidade.

Ou, como coloca o próprio Padre Martin: “A estabilidade nos dá a ocasião e a estrutura para aprofundarmo-nos na nossa identidade de filhos de Deus”.

### *Comunidade*

A vida contemporânea desfavorece qualquer enraizamento, por isso os laços comunitários entre as pessoas estão desgastados. Hoje é comum encontrar quem não conheça seus vizinhos e nem queira conhecê-los. Fazer parte de uma comunidade é compartilhar de sua vida comum. Isto, sem dúvidas, impõe demandas que limitam a liberdade individual.

Quanto a esse desgaste comunitário tipicamente moderno, nem sempre a Igreja é um sinal de contradição. Na primeira década de minha vida adulta enquanto cristão, ia embora da igreja assim que acabava a cerimônia. Envolver-se com aquelas pessoas não era nada interessante. Tudo o que eu queria era ficar a sós com Jesus, e só disso eu precisava — pelo menos era o que pensava. Pode-se dizer que eu não estava interessado em ingressar na peregrinação daquelas pessoas, que eu preferia ser



apenas um turista na igreja — e que eu era muito imaturo espiritualmente para entender quão perigoso era isso.

Essa abordagem consumista com relação à comunidade dos fiéis reproduz a fragmentação de que padece a cristandade no mundo contemporâneo. No entanto, dentro dos mosteiros beneditinos os monges estão sempre cientes de que não são meros colegas de cela, mas partes de um conjunto orgânico — uma família espiritual.

As instruções da Regra em relação à obediência são para fomentar a responsabilidade mútua. No mosteiro, todos dependem de todos, e todas as decisões importantes devem ser tomadas na presença dos outros e levando em conta seus interesses. Viver em comunidade é colocar o bem dos outros à frente dos próprios desejos quando isso for necessário para servir à verdade e à justiça.

Muitas das instruções mais rígidas da Regra estão orientadas a proteger a vida da comunidade. São Bento dedica todo um capítulo à prescrição de punições para os monges que chegarem atrasados aos ofícios de oração. O santo explica que, se outros virem o mau exemplo que os atrasados dão, possivelmente ficarão tentados a fazer o mal. Uma escola que prepara para o serviço do Senhor não pode cumprir sua missão se seus alunos são freqüentemente indolentes.

São Bento dedica muitos capítulos curtos à prescrição de punições para outras infrações. Seu método é o de encorajar o monge que errou a confessar prontamente seu pecado ao abade e receber uma penitência. Se o pecado chegar ao conhecimento do abade pelo testemunho de outro monge, a penitência deve ser maior. E se as transgressões de um monge forem grandes o bastante para excomungá-lo do oratório ou da mesa comum, ele só poderá ser readmitido depois de se prostrar deitado no chão diante da comunidade, num ato de desagravo e humilhação, e depois que o abade aceitar seu arrependimento.

O objetivo de exercícios como este não é envergonhar os monges que erraram, mas discipliná-los para seu próprio bem



e para o bem da comunidade. Ser cristão e fazer um voto de admissão numa comunidade religiosa incorre em certas obrigações para com os outros. As regras e os castigos para aqueles que as violam servem para aparar as arestas de seu egoísmo, que se interpõe em seu caminho à santidade como um conjunto de pedras pontiagudas.

São Bento, como um pai sábio e generoso, entendeu que impor regras e castigos a seus filhos espirituais não era um ato de dominação, mas de amor, que os ajudaria a crescer em caridade. Ele termina a Regra exortando seus seguidores a incorporar o amor em comunidade. No penúltimo capítulo, o santo ordena que os irmãos disputem zelosamente para servir o próximo.

Assim como há um zelo mau, de amargura, que separa de Deus e conduz ao inferno, assim também há o zelo bom, que separa dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna. Exerçam, portanto, os monges este zelo com amor ferventíssimo, isto é, antecipem-se uns aos outros em honra (Rm 12, 10). Tolerem pacientissimamente suas fraquezas, quer do corpo, quer do caráter; rivalizem em prestar mútua obediência — ninguém procure aquilo que julga útil para si mas, principalmente, o que o é para o outro; ponham em ação castamente a caridade fraterna; temam a Deus com amor; amem seu Abade com sincera e humilde caridade; nada absolutamente anteponham a Cristo.

Esse comportamento extraordinário é difícil de ser alcançado em qualquer família, mas mais ainda numa comunidade de estranhos, muitos dos quais vindos de formações diferentes e até de nações diferentes. No entanto, o mosteiro só será capaz de formar servos fiéis de Cristo se estabelecer essa meta para os indivíduos e para a comunidade como um todo.

A vida numa comunidade cristã, seja num mosteiro, seja numa congregação comum, busca construir o tipo de fraternidade que cada um de nós precisa para completar nossa peregrinação pessoal. Como diz Dietrich Bonhoeffer em *Vida em comunhão*, que é como que sua própria regra para viver numa comunidade de fé:



Um cristão precisa de outro cristão que lhe anuncie a Palavra de Deus. Precisar-se-á dele de novo e de novo quando estiver em dúvida ou desencorajado, porque, por si mesmo, não pode ajudar-se sem trair a verdade. Ele precisa de seu irmão como uma espécie de portador e anunciador da palavra divina da salvação.<sup>10</sup>

A vida em comunidade não é um sonho idealizado, diz Bonhoeffer, mas é freqüentemente uma iniciação dolorosa na “realidade divina” que é a Igreja. Isto é, a Igreja existe enquanto fraternidade estabelecida pelo próprio Cristo, por mais que não pareça ser assim em determinados momentos. O pastor luterano martirizado pelos nazistas também afirma que as contendas internas da comunidade são um presente da graça divina, porque forçam seus membros a contar com a realidade de seu parentesco, a despeito de sua fragilidade. Uma comunidade que não é capaz de encarar os próprios defeitos e amar-se até curá-los não é verdadeiramente cristã.

“Não é fácil”, concedeu Padre Martin. “Só é realmente possível com a ajuda da graça, e esta é a beleza do cristianismo: o poder de atrair pessoas de diferentes ligações familiares, diferentes línguas e etnias, e nos dar uma cultura comum”.

A comunidade monástica de Nôrcia conta com irmãos que vieram dos Estados Unidos, da Indonésia, do Brasil, da Alemanha e do Canadá. A vida em comunidade pode ser muito difícil, dizem os monges, mas é essencial para viver o voto beneditino da “conversão dos costumes”.

Além do mais, ela ensina ao monge muito sobre ele mesmo. “Quando o sujeito entra no mosteiro, a primeira coisa que ele nota são as manias dos outros — isto é, o que há de errado com todo o mundo”, disse Padre Martin. “Mas quanto mais tempo você passa aqui, mais você pensa: o que há de errado comigo?”

10 Dietrich Bonhoeffer, *Life Together: The Classic Exploration of Christian in Community*. Nova York: Harper One, 2009, p. 8 [*Vida em comunhão*, Editora Sinodal, 1997 — NT].



Você mergulha profundamente em si mesmo para compreender suas forças e fraquezas. E isto é o que o leva a aceitar os outros”.

Padre Basil diz que, em seus anos de monastério, veio a ter um entendimento muito mais claro do que significa viver enquanto Corpo do Cristo: a comunidade como um todo orgânico, unida em Cristo, em que cada um está amorosamente comprometido a fazer sua parte para fortalecer o todo:

Deus distribuiu suas graças de tal modo que cada um de nós realmente precise do outro. É claro que o homem velho dentro de mim implora por um pouco de individualismo, mas, quanto mais vivo em comunidade, mais vejo que não é possível ser individualista e fiel, ou verdadeiramente humano, ao mesmo tempo.

Em suas viagens para tratar de assuntos relacionados ao mosteiro, Padre Martin (que é o gerente de negócios) percebe a vagueza no rosto de muitas pessoas com que se encontra. Parecem ansiosos, perturbados, inconstantes. O monge crê que isso seja resultado da solidão, do isolamento e da falta de laços comunitários profundos e revigorantes. Quando a luz que ilumina os rostos das pessoas vem do computador, do celular ou da televisão, é porque estamos vivendo uma verdadeira Idade das Trevas, diz ele:

Eles estão perdendo aquela luz fundamental que deveria brilhar no rosto das pessoas a cada interação social. O amor só pode vir disto. Sem que haja contato com outras pessoas, não pode haver amor. Jamais vimos uma Idade das Trevas como esta de agora.

### *Hospitalidade*

A abordagem beneditina da oração, do trabalho, do ascetismo, da estabilidade e da comunidade requer uma série de práticas que amarram a fraternidade monástica de modo bastante



firme. A coesão e a proximidade resultantes aumentam ainda pelo fato de os monges estarem separados do mundo. Mas, na Regra, São Bento os ordena a estarem conscientes de que não vivem apenas para si, mas também para servir os outros.

De acordo com a Regra, jamais devemos nos afastar de quem precisa do nosso amor. Uma paróquia ou qualquer outra comunidade da Opção Beneditina deve estar aberta para o mundo, para compartilhar a generosidade do amor de Deus com aqueles a quem falta esta experiência.

A vida dos monges é majoritariamente enclausurada — isto é, eles vivem dentro dos muros do mosteiro e limitam seu contato com o mundo externo. O trabalho espiritual ao qual são chamados requer silêncio e afastamento. Nossos trabalhos não requerem essa mesma estrutura. Como cristãos leigos que vivem no mundo, nossa vocação é buscar a santidade em condições sociais ordinárias.

Mas até mesmo os monges enclausurados praticam a hospitalidade para com os visitantes desconhecidos. A Regra exige que todo aquele que se apresente como peregrino ou visitante do mosteiro “deve ser recebido como o próprio Cristo, porque Ele mesmo dirá depois: ‘Eu era peregrino e me acolheste’” (Mt 25, 35). Quando você é convidado a jantar com os monges no refeitório pela primeira vez, eles o recebem com uma cerimônia de lavagem de mãos prescrita na Regra.

O Irmão Francis Davoren, de quarenta e quatro anos, mestre cervejeiro do mosteiro, costumava ser a pessoa responsável pelo refeitório, encarregada de inspecionar o salão de jantar. Ele encarava a tarefa com uma imaginação sacramental.

“São Bento dizia que o Cristo está presente nos irmãos, e o Cristo está presente nos visitantes. Todo dia eu pensava: ‘O Cristo está chegando. Vou fazer tudo da melhor maneira possível para que eles aproveitem, para lhes mostrar que nós nos importamos’”, disse. “É um bom modo de chegar às pessoas: respeitando-as, reconhecendo sua dignidade, mostrando-as que você é capaz de ver o Cristo nelas e que as quer trazer para a sua vida”.



Irmão Ignatius é o responsável pelos hóspedes do mosteiro, e é portanto o ponto de contato entre os peregrinos e a comunidade monástica. Ele explica por que os monges levam tão a sério as palavras de Cristo sobre a acolhida aos estrangeiros: “É uma espécie de alerta: se você quer ser bem-vindo no Céu, é melhor acolher as pessoas como se fossem o Cristo desde agora, mesmo se não gostar disso, mesmo se for sofrer por causa delas”, disse. “Se a sua vida é buscar a Deus, aí está. Encontrará sua redenção servindo a esses visitantes, porque o Cristo está chegando por eles”.

São Bento recomenda a seus monges que estejam abertos ao mundo exterior — até certo ponto. A hospitalidade deve ser dispensada de acordo com a prudência, a fim de que não seja permitido aos visitantes fazer qualquer coisa que disturbe o modo monástico de viver. Na mesa, por exemplo, o silêncio deve ser guardado tanto pelos monges quanto pelos visitantes. “Se deixarmos os visitantes perturbarem demais o ritmo da nossa vida, não haverá jeito de receber ninguém”, diz o Irmão Augustine. O tempo todo, o mosteiro recebe visitantes com os mais variados tipos de problema e que estão procurando aconselhamento, ajuda ou simplesmente alguém que os ouça, e é importante que os monges mantenham a ordem necessária para que lhes seja possível oferecer esse tipo de hospitalidade.

Mas, em vez de errar por excesso de cautela, Padre Benedict acredita que os cristãos deveriam estar tão abertos para o mundo quanto puderem, sem que se comprometam no caminho. “Creio que muitos cristãos decidiram que o mundo é mau e deve ser evitado o quanto possível. Bem, se esta é a sua postura, fica mais difícil converter as pessoas”, ele disse. “É muito mais fácil fazer as pessoas verem o bem que há nelas e depois atraí-las do que apontar quão ruins elas são, para então atraí-las”.

O poder da cultura popular é tão esmagador que não raro os cristãos devotos sentem necessidade de recolher-se atrás de fronteiras defensivas. Mas o Irmão Ignatius, de cinquenta e um anos, alerta para o fato de que eles não devem parar de espalhar a boa-nova, por palavras e ações, num mundo refém de tanto



ódio e tanta escuridão. É prudente que se estabeleçam limites razoáveis, mas devemos cuidar para não agir como o servo infiel da Parábola dos Talentos, que é punido pelo seu senhor pelo modo receoso e medíocre como guardou os bens do patrão.

“A melhor defesa é o ataque. Você se defende atacando”, disse o Irmão Ignatius. “Ataquemos através da expansão do Reino de Deus — primeiro nos nossos corações, depois em nossas famílias e depois no mundo todo. Sim, é claro que haverá fronteiras, mas nosso dever é não deixar que elas permaneçam em vigor. Devemos empurrá-las cada vez mais para longe, infinitamente”.

### *Equilíbrio*

A vida beneditina é rigorosa, mas se vivida de acordo com a Regra é também livre de fundamentalismos e extremismos. “Não desejamos ordenar nada que seja duro ou opressivo”, escreveu São Bento. O objetivo da Regra, diz ele — e também o de toda a vida deles — é que “nossos corações se expandam, e então percorreremos o caminho dos mandamentos de Deus com indizível doçura de amor”.

Disse Padre Basil:

São Bento toma a imagem que a Sagrada Escritura usa para se referir ao próprio Cristo. “Não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fumeja”. A humanidade já é frágil. Precisamos cuidar dela com carinho, atenção e delicadeza.

Essa orientação no sentido de uma vida comunitária contrasta fortemente com inúmeras outras comunidades cristãs que sucumbiram ou tornaram-se uma espécie de seita porque um líder autoritário e obcecado pela pureza abusou do poder que tinha.

Irmão Francis resume assim: se uma comunidade relaxa muito a sua disciplina, ela se dissolve. Mas, se é muito rígida, deixará os membros malucos. “Se você for julgar uma comunidade,



deve identificar quais são seus frutos”, disse ele. “Ela está crescendo? Os membros estão alegres? Estão felizes? Estão fazendo o bem e ajudando os outros? Veja o que uma comunidade produz para descobrir que tipo de equilíbrio ela tem”.

Portanto, o equilíbrio — ou, dizendo de outro modo, a prudência, a misericórdia e o justo juízo — é a chave para governar a vida de uma comunidade cristã. Também é crucial manter um relacionamento harmônico entre as necessidades diárias da vida monástica — comer, dormir, rezar, trabalhar, ler —, para que nenhuma tome toda a vida do monge, mas, em vez disso, para que todas sejam integradas num conjunto saudável.

Padre Benedict, no entanto, insiste: não se deve pensar que o objetivo da Regra é proporcionar ao sujeito uma vida balanceada, orientada a satisfazê-lo com meios-termos e uma espiritualidade medíocre. Não se trata de um equilíbrio entre o bem e o mal, mas entre diferentes tipos de bem.

São Bento não queria formar monges apáticos. “Ele quer que as pessoas sejam santas. Os santos geralmente não são pessoas muito equilibradas”, disse Padre Benedict, rindo. “Ele estava formulando uma vida radical: afastamento completo e ênfase na conversão. Trata-se de dar tudo a Deus o tempo todo”.

Ele diz que o laicato pode se beneficiar da Regra se compreender o fator radical da vida de São Bento: o abandono total da própria vontade no intuito de adotar a vontade de Deus. Pode ser que o método exija uma aplicação equilibrada, mas o objetivo estipulado para nós pelo Senhor é extraordinário: ser perfeito, assim como nosso Pai celeste é perfeito.

Como Jesus é um só com o Pai, aquele que busca ser perfeito deve tentar imitá-lo. Mas é certamente uma heresia achar que podemos atingir essa perfeição por nossa própria conta enquanto ainda estivermos deste lado do Paraíso. Um dos paradoxos da vida cristã é o de que, quanto mais santo se fica, maior é a noção das próprias faltas e, portanto, da dependência completa que se tem em relação à misericórdia divina. Dito isto, a pessoa ideal é aquela que, atendendo ao chamado de Deus,



assemelha-se a Cristo em todas as coisas. Seja ela chamada para a vida monástica ou para estar no mundo, seja para uma vida solitária ou em família, seja ao trabalho braçal ou a uma vida de escritório, a ficar em casa ou a viajar pelo mundo, ela deve se esforçar ao máximo para ser como Jesus. A via beneditina oferece uma espiritualidade acessível a todos através da ordenação metódica e prática do corpo, da alma e do espírito em consonância com uma vida centrada em Cristo, que está em todos os lugares e preenche todas as coisas. Para o cristão que segue o caminho de São Bento, a vida diária se transforma em uma oração incessante, uma oferta para Deus e ao mesmo tempo um presente d'Ele, que pouco a pouco nos transforma em seu próprio Filho.

### *A única grande tragédia na vida*

O exemplo beneditino é um sinal de esperança, mas também um alerta: não importam as circunstâncias em que se encontra o cristão, enquanto Deus for apenas parte de sua vida, posto entre parênteses e separado do resto, ele não estará vivendo de modo fiel. No fim das contas, ou o Cristo é o centro de nossas vidas, ou então o Eu e todas as suas idolatrias o são. Não há meio-termo. Com a ajuda d'Ele nós podemos costurar os fragmentos da nossa vida em torno d'Ele mesmo, mas não será fácil e não seremos capazes de fazê-lo sozinhos. No entanto, querer qualquer coisa que fique aquém disto é viver aquilo que disse o escritor católico francês Léon Bloy: “A única tristeza, o único fracasso verdadeiro, a única grande tragédia na vida é não ser santo”.<sup>11</sup>

Enquanto me preparava para deixar o Mosteiro de São Bento de Nôrcia, disse ao Padre Martin quão inusitada era a existência desse lugar em pleno mundo moderno. Jovens assumindo uma tradição devocional, litúrgica e ascética de vida em comunidade, cuja origem remonta à Igreja primitiva, e o fazendo

11 Léon Bloy, citado por Peter Kreeft em *Prayer for Beginners* [Oração para iniciantes], São Francisco: Ignatius Press, 2000, p. 39.



com toda essa alegria estampada no rosto? Não é de esperar que aconteça hoje em dia.

Mas ei-los lá: um sinal de contradição para toda a modernidade.

Padre Martin abriu um sorriso largo sob sua espessa barba negra e disse que qualquer cristão pode alcançar isso se estiver disposto a fazer o que for preciso para galgar rumo à recuperação, “a fim de retomar o que foi perdido e torná-lo real de novo”:

Algo aqui é bastante antigo, mas também é novo. Alguns dizem: “Vocês estão apenas tentando voltar o relógio”. Isto não faz nenhum sentido. Se você está fazendo alguma coisa agora, significa que você está fazendo-a *agora*. É novo, e está vivo! E isso é que é poderoso.

Ao deixar Nórchia, descendo as montanhas, o viajante chega a invejar os monges e a simplicidade de suas vidas naquele vilarejo silencioso. A serenidade e a estabilidade de Nórchia e dos beneditinos parecem tão distantes do tumulto do mundo que jaz lá embaixo que não seria surpreendente se, antes mesmo de chegar à estação de trem de Spoleto, o peregrino começasse a sentir saudades. Mas, se você acolheu o presente de Nórchia do jeito certo, não estará indo embora de mãos abanando, e nem despreparado para o que encontrará pela frente.

Pois os padres e os irmãos do mosteiro lhe terão dado um relance do que pode ser a vida compartilhada em Cristo. Terão lhe mostrado que o cristianismo tradicional não está morto, e que o Bom, o Belo e o Verdadeiro podem ser encontrados e trazidos de volta à vida, ainda que o preço para fazê-lo seja a sua doação completa, não menos que isso. Terão compartilhado seus ensinamentos antigos, passados por gerações e gerações de monges e freiras já há um milênio e meio — uma sabedoria que pode ajudar os fiéis comuns que travam suas batalhas em meio ao mundo moderno não só a suportar com firmeza essa nova Idade das Trevas, como inclusive a prosperar nela.



Como podemos extrair dos mosteiros a sabedoria beneditina e aplicá-la aos desafios da vida mundana do séc. XXI? Eis a questão a que nos dedicaremos a partir de agora. O caminho de São Bento não é uma fuga do mundo real, mas um modo de ver esse mundo como ele realmente é e viver nele. A espiritualidade beneditina nos ensina a sofrer o mundo com amor e a transformá-lo como o Espírito Santo nos transforma. A Opção Beneditina se baseia nas virtudes que estão na Regra de São Bento para buscar uma mudança na abordagem cristã da política, da própria Igreja, da família, da comunidade, da educação, do trabalho, da sexualidade e da tecnologia.

E o faz com urgência. Quando contei pela primeira vez ao Padre Cassian a respeito da Opção Beneditina, ele ponderou bem minhas palavras e respondeu gravemente: “Quem não puser em prática algo parecido com isso que você está falando não sobreviverá ao que está por vir”.





## CAPÍTULO 4

# *Uma nova política cristã*

OS AMERICANOS, assim como os cidadãos de outras democracias ocidentais, vivem hoje um terremoto político que está abalando as estruturas da ordem social pós-guerra. Os parâmetros comuns e habituais que balizavam o pensamento e o discurso político estão perdendo a validade, ou já não servem mais. Nesta realidade emergente, onde se encaixam os cristãos tradicionais? De que lado nós devemos estar? Ou melhor: será que temos mesmo um lado?

A resposta não vai agradar aos cristãos conservadores que acham que a Igreja é o Partido Republicano de batina, e nem aos que entram nas cabines de votação mais convictos do que quando vão à missa. Por mais que ainda existam algumas possibilidades de melhora dentro da política tradicional, a hostilidade para com os cristãos e a confusão moral de que padecem os “eleitores de valores”<sup>1</sup> deveriam nos inspirar a pensar num caminho melhor para seguir.

A Opção Beneditina requer um jeito radicalmente novo de fazer política, um provincialismo mano-a-mano baseado nas experiências pioneiras de dissidentes do bloco socialista que resistiram ao comunismo durante a Guerra Fria. Uma versão

---

1 O termo original é *values voters*, eleitores que decidem seu voto baseados em questões morais e religiosas, como o aborto, a pena de morte, o casamento gay, a liberdade religiosa etc. Há pouca ou nenhuma diferença entre os *values voters* e os cristãos conservadores — NT.



ocidental da “política antipolítica” — para usar o termo cunhado por Václav Havel, prisioneiro político tcheco — é o melhor caminho a seguir para os cristãos tradicionais que buscam uma participação prática e efetiva na vida pública sem arriscar a própria integridade, ou até mesmo a própria humanidade.

### *A ascensão e queda dos “eleitores de valores”*

Até os anos sessenta, as questões morais e culturais não causavam tantos rachas na política americana, com a notável exceção do problema dos direitos civis. A maioria dos americanos votava de acordo com suas tendências econômicas, como fora desde a Grande Depressão. Havia consenso o suficiente na nação, culturalmente cristã, para que o sexo e a sexualidade fossem apolíticos.

A Revolução Sexual mudou tudo. Desde a decisão do caso *Roe versus Wade* sobre o aborto, em 1973, os americanos passaram a se dividir politicamente de acordo com as suas convicções morais. A direita religiosa foi crescendo dentro do Partido Republicano, assim como a esquerda secular dentro do Partido Democrata. Na virada do século, a guerra cultural era sem dúvida o centro efervescente da política americana.

Conforme escreveu o jornalista Thomas Byrne Edsall, do *Atlantic*:

Enquanto antigamente as eleições faziam a classe trabalhadora competir com o partido de Wall Street, agora elas fazem aqueles que crêem numa moral fixa e universal competirem com os que vêem as questões morais, especialmente as relativas à sexualidade, como algo elástico e subjetivo, dependente da vontade individual.

Ele escreveu isso em 2003. Hoje, a guerra cultural como a conhecíamos já acabou. Os assim chamados “eleitores de valores” — conservadores e religiosos — foram derrotados e estão sendo varridos para as margens da política. As questões morais podem não ser mais o centro da nossa política, como outrora já



foram, mas esses problemas continuam dividindo o povo americano, não raro de modo doloroso. Ainda que Donald Trump tenha sido eleito em boa parte por conta do apoio que recebera dos católicos e evangélicos, é um delírio absurdo achar que alguém tão visivelmente vulgar, ferozmente combativo e moralmente comprometido como ele personifique a restauração da moral cristã e da unidade social. Ele é um sintoma, e não a solução do problema do declínio cultural americano.

As tensões internas e naturais de cada partido a respeito de problemas econômicos afirmaram-se vigorosamente por conta da atenuação do drama da política americana. Um grande número de pessoas tanto da esquerda jovem quanto da direita populista vem se posicionando contra o consenso econômico baseado no livre-mercado globalista, que era um fator de união na política americana desde as presidências de Reagan e Bill Clinton — o que mostra rupturas nas linhas divisórias das classes nacionais. Em 2016, o candidato republicano fez uma campanha nacionalista e contrária aos acordos comerciais internacionais, enquanto que a candidata democrata, globalista até a medula, era a queridinha de Wall Street.

Essa é a primeira reverberação de um realinhamento político de proporções tectônicas, que gira em torno de concepções opostas sobre os acordos de livre-comércio e a idéia de identidade nacional. Para o bem ou para o mal, o que estará no centro agora são as questões de raça e classe, o que nos fará ter saudades do tempo em que o aborto e o casamento *gay* eram o que animava as nossas brigas mais acaloradas. Bem-vindo à política da América pós-cristã.

Onde é que se encaixam os antigos “eleitores de valores” nessa nova disposição? Para falar a verdade, em lugar nenhum. A disputa eleitoral de 2016 deixou bem claro — agonizantemente claro, dilacerantemente claro — que os cristãos conservadores, antes instalados confortavelmente no Partido Republicano, estão politicamente desabrigados.

Aquilo que nos é mais caro — a liberdade religiosa e a defesa da vida — não foi contemplado nas primárias do Partido



Republicano.<sup>2</sup> Donald Trump conquistou a candidatura do partido sem sequer precisar cortejar os conservadores religiosos. Na convenção final, em seu discurso de aceitação, ele nos ignorou. Durante a corrida eleitoral, alguns evangélicos de destaque e uma porção de líderes católicos saltaram a bordo do Expresso Trump por puro medo de que Hillary Clinton fosse eleita. Para sua vitória desconcertante, Trump conquistou 52% do voto católico e assombrosos 81% do voto protestante.

O governo Trump será positivo para os cristãos conservadores? Talvez. Se para a Suprema Corte e para os tribunais menores ele nomear juízes entusiastas da liberdade religiosa, sua administração será uma bênção para nós. Ainda que a conversão de Trump para a causa pró-vida tenha vindo muito tarde e tenha sido politicamente oportuna para ele, é razoável crer que sua administração porá fim à hostilidade das anteriores em relação a essa questão. Isso não é pouca coisa para quem já estava se preparando para continuar perdendo terreno por mais quatro anos frente a uma Casa Branca progressista.

No entanto, há alguns perigos no novo regime instalado em Washington, alguns evidentes e outros encobertos. Por exemplo: a conhecida vida pública de Donald Trump mostra que ele é muitas coisas, menos alguém que cumpre suas promessas. O alerta do Salmista — “Não coloqueis nos poderosos a vossa confiança” (Sl 145, 3) — continua sendo um ótimo conselho.

Outro exemplo: a Igreja não se compõe apenas de conservadores brancos rezando de joelhos. Os muitos latinos e cristãos de outras raças e cores, e também quem quer que não tenha votado no controverso Trump por qualquer razão, não deixaram de ser cristãos por isso. Manter a união fraterna dentro da Igreja durante o governo Trump será um desafio difícil para todos nós.

Além do mais, querendo ou não, o cristianismo conservador será associado a Trump pelos próximos anos, e sem dúvida

2 As “primárias” são uma série de eleições internas do partido que definem quem será o candidato que irá para a disputa eleitoral nacional em nome daquele partido — NT.



ainda por muito tempo. Se os líderes de igreja conservadores não forem especialmente cautelosos ao cuidar de seu relacionamento público com o governo Trump, uma futura reação anti-Trump causará grandes estragos na reputação da Igreja. A eleição de Trump resolve alguns problemas, mas, dada a personalidade do sujeito, cria outros. O poder político não é um desinfetante moral.

Isso nos leva aos efeitos mais sutis, porém potencialmente mais devastadores, dessa vitória eleitoral do Partido Republicano. Há primeiro a tentação de se adorar o poder e de comprometer a própria alma para que ele seja mantido. Há muitas maneiras de acender um incenso a César, e alguns eminentes cristãos pró-Trump cruzaram essa linha indiscutivelmente durante a campanha eleitoral. Repito: a vitória política não revoga o pecado da hipocrisia.

Há também o perigo de os cristãos caírem na complacência. Nenhum governo que se instale em Washington, independentemente de quão ostensivamente pró-cristão ele for, é capaz de, por si só, parar as tendências culturais de dessacralização e fragmentação que estão em curso há séculos. Esperar algo diferente disto é fazer da política um falso ídolo.

Uma das razões pelas quais a Igreja de hoje em dia enfrenta tantos problemas é que os religiosos conservadores da última geração cometeram o erro de acreditar que podiam focar nas questões políticas porque a cultura tomaria conta de si mesma. Através dos últimos trinta anos, ou mais, muitos de nós acreditamos que podíamos reverter a maré furiosa do liberalismo dos anos sessenta apenas votando em candidatos republicanos. “Democratas pró-Reagan” católicos e brancos evangélicos uniram-se para apoiar os candidatos republicanos que prometiam defender as legislações conservadoras e nomear juízes conservadores para a Suprema Corte dos EUA.

Os resultados nas esferas legislativa e judicial foram variados, mas quanto à estratégia política em geral, o veredito é um só: falhamos. Os direitos fundamentais do aborto mantêm-se



solidamente onde estavam e os resultados das pesquisas populares não mudaram substancialmente em relação aos números da época em que se deu o processo *Roe versus Wade*. Os modelos tradicionais de casamento e família não foram protegidos nem na esfera da lei, nem na dos costumes, e por conta disso as cortes estão prontas para impor uma série de retrocessos dramáticos no que se refere à liberdade religiosa, tudo em nome da não-discriminação.

Mais uma vez: o governo Trump pode barrar ou pelo menos atrasar essas ações, dependendo dos juízes que nomear, mas isso não passa de uma breve consolação. Por acaso a lei escrita por legisladores conservadores e interpretada por juízes conservadores sobrescreverá a lei do coração humano? Jamais. A política não substitui a santidade individual. O melhor que os cristãos tradicionais podem esperar da política é que ela abra espaço para a Igreja fazer seu trabalho de caridade, de construção cultural e de conversão.

### *Política tradicional: o que ainda pode ser feito*

Mas, para garantir, os cristãos não podem se retirar completamente da praça pública. A Igreja não pode fugir da sua responsabilidade de rezar pelos governantes e de pregar a eles a modo de profecia. As preocupações cristãs vão além de lutar contra o aborto, proteger a liberdade religiosa e a família tradicional. Esse novo populismo de direita, por exemplo, pode dar aos cristãos tradicionais a oportunidade de moldar um novo Partido Republicano, que, nas questões econômicas, seja mais solidário com os pequenos negócios do que com o grande capital.<sup>3</sup> Os cristãos conservadores podem e devem continuar trabalhando com os progressistas no combate ao tráfico sexual, à pobreza, à AIDS etc.

A pergunta que devemos realmente nos fazer não é se devemos ou não abandonar a política completamente, mas como

3 No original, *more with Main Street than Wall Street*. “Main Street”, quando usado em contraponto a “Wall Street”, refere-se aos pequenos e médios negócios, ou à classe média em geral — NT.



devemos exercer o poder político de forma prudente, ainda mais em uma cultura política tão instável. Até que ponto é sinal de covardia deixar de cooperar com políticos seculares por conta de um medo exagerado de perder a pureza — e em que momento a cumplicidade passa a ser uma forma de corrupção? Donald Trump rasgou todas as páginas do manual de política. Os fiéis cristãos não podem confiar cegamente nos hábitos que adquiriram nos últimos trinta anos de engajamento político. Os novos tempos requerem muito mais sabedoria e sutileza daqueles fiéis que comprarem a briga.

Porém, acima de tudo, requerem que se dê atenção às igrejas e comunidades locais, que não dependem essencialmente do que acontece em Washington para crescer ou enfraquecer. Os tempos requerem uma compreensão acurada da fragilidade daquilo que se pode conquistar através da política partidária. Os republicanos não governarão Washington para sempre, e aqueles que a governam hoje podem ser muito mais relutantes ao trabalho da Igreja do que sonham os cristãos mais ingênuos.

Yuval Levin, editor da revista *National Affairs* e membro do Centro de Ética e Políticas Públicas de Washington, argumenta que os religiosos conservadores fariam melhor se “construíssem subculturas prósperas” do que se buscassem cargos e posições de poder. Por quê? Porque, numa era de fragmentação irrefreável, a cultura comum a todos não importa tanto quanto antes. Assim ele escreve:

O núcleo comum não teve preensão na vida americana como um todo, então devemos, em vez disso, encontrar nossos próprios núcleos enquanto comunidades compostas de cidadãos com as mesmas concepções, para então reconstruir a partir daí a ética do país [...]. Os que querem tocar os americanos com uma mensagem moralista que não lhes é familiar devem encontrá-los lá mesmo onde eles estão, e de modo gradual, isto é, os tradicionalistas devem defender sua causa, não se posicionando no centro da sociedade, nas grandes instituições, mas dispersando-se nas periferias, como guardas acampados.



Nesse sentido, focar-se na sua própria comunidade ou nas mais próximas não implica retirar-se da sociedade contemporânea, mas significa dar maior atenção a ela.<sup>4</sup>

Os cristãos tradicionais têm de adotar o provincialismo porque não podem mais influenciar a política de Washington como já puderam uma vez, mas ainda há uma causa que deveria receber toda a atenção que lhes sobra com relação à política nacional: a liberdade religiosa.

Este é um fator crucialmente importante para a Opção Beneditina. Sem uma defesa sólida e bem-sucedida da Primeira Emenda,<sup>5</sup> os cristãos não poderão construir as instituições comunitárias que lhes serão vitais para manter nossa identidade e nossos valores. E mais: os cristãos que não tomam atitudes decisivas dentro da zona de liberdade que a muito custo nos é garantida hoje estão perdendo um tempo precioso — um tempo que pode acabar mais rápido do que pensamos.

Quem está vivendo intensamente a transição política que os cristãos conservadores devem fazer é Lance Kinzer. O veterano legislador republicano, que por dez anos atuou no estado do Kansas, deixou seu assento em 2014 e hoje viaja pelas câmaras dos vários estados do país advogando pela legislação favorável à liberdade religiosa. Ele afirma: “Eu não era mais do que um republicano evangélico normal e tudo o mais que o acompanha — e, de uma maneira não muito saudável, estava particularmente crente de que este é o ‘nosso’ país”.

4 Yuval Levin, *The Fractured Republic: Renewing America's Social Contract in the Age of Individualism* [A República fraturada: renovando o contrato social americano na era do individualismo]. Nova York: Basic Books, 2016, p. 178.

5 A Primeira Emenda à Constituição Americana diz: “*Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof; or abridging the freedom of speech, or of the press; or the right of the people peaceably to assemble, and to petition the Government for a redress of grievances*” (O congresso não deverá fazer qualquer lei a respeito de um estabelecimento de religião, ou proibir o seu livre exercício; ou restringindo a liberdade de expressão, ou da imprensa; ou o direito das pessoas de se reunirem pacificamente, e de fazerem pedidos ao governo para que sejam feitas reparações de queixas) — NT.



Tudo isso caiu por terra em 2014, quando os republicanos de Kansas, já antecipando que o casamento homossexual seria imposto pela Suprema Corte, tentaram expandir a proteção da liberdade religiosa para cobrir os servidores da indústria de casamento — os boleiros de casamento e outros. Como muitos outros legisladores republicanos daquele estado profundamente republicano, Kinzer esperava que a lei passasse com folga pela Câmara e pelo Senado e chegasse à mesa do Governador Sam Brownback, outro conservador, apenas para que desse sua assinatura.

Mas não foi assim, nem de longe, que aconteceu. A Câmara do Comércio de Kansas saiu em peso contra a lei. A mídia local e a nacional explodiram de indignação, como de costume. Kinzer, que era um líder pró-vida atuante na Câmara, estava acostumado à pressão midiática, mas a tempestade de fogo criada em torno do problema da liberdade religiosa não se parecia com nada daquilo que ele já enfrentara.

A lei passou pela Câmara do estado de Kansas, mas foi barrada pelo Senado, controlado pelos conservadores. O resultado deixou Kinzer fora do prumo. Ele recorda:

Ficou muito claro para mim que a coalisão política entre os conservadores e o grande capital já estava tão desgastada que estava a ponto de ruir, o que indicava uma diferença muito fundamental de prioridades, quanto àquilo que era importante. Foi desnorteante. Conversei com muita gente que eu jurava já ter ajudado muito e que considerava parceira política a um nível bastante profundo, e que, de modo bastante agressivo e às claras, estava tentando minar certas proteções honestamente benignas da liberdade religiosa.

De todo modo, Kinzer já havia antes decidido abandonar a política local, retornar à prática da justiça e passar mais tempo com sua família. A debacle da legislação relativa à liberdade religiosa confirmou que sua decisão fora acertada.



Não se tratava apenas de uma exaustão com relação ao processo político, mas mais de um reconhecimento de que, dada a “realidade do momento cultural”, era muito mais importante fortalecer a igreja de sua comunidade do que continuar o seu trabalho como legislador. Kinzer, que freqüentou sua igreja a vida inteira — ele e sua família participam da congregação de Overland Park, um subúrbio de Kansas, da Igreja Presbiteriana da América —, concluiu que era melhor que ele fizesse um trabalho local.

Ele disse:

Quando você escolhe a política como vocação, é fácil se convencer de que está fazendo um trabalho essencial para o Reino através da sua legislatura. Comecei a me questionar quanto a isso. Não que eu pusesse em dúvida se tinha valido a pena ou não ter trabalhado em todos esses assuntos; apenas sentia crescer dentro de mim a sensação de que havia um trabalho de verdade de renovação e restauração cultural a ser feito, não fora da igreja, mas *dentro* dela, que realmente tinha de acontecer primeiro, antes que pudéssemos pensar em metas a longo prazo.

Mesmo freqüentando uma congregação de uma denominação conservadora com sua família, Kinzer percebeu que muitos de seus companheiros de igreja estavam bastante inconscientes a respeito de sua tradição reformada — e, por conseqüência, esquecidos da riqueza de recursos que aquela tradição lhes oferecia para que se enraizassem mais na fé.

“Cresci achando que a igreja é um lugar ao qual a gente deve ir para ensinar alguma coisa e fazer amizades, mas na verdade você só está lá para uma espécie de palestra motivacional que antecede o momento de sair dali e viver a vida real pelo resto da semana”, diz ele.

Isso já não é suficiente, dada a reviravolta pós-cristã que acomete a cultura americana. Kinzer mergulhou mais a fundo na vida de sua congregação e agora dá aulas sobre *A Cidade de*



*Deus*, de Santo Agostinho, e está organizando novos encontros de oração para homens e mulheres. O ex-legislador encara esse trabalho como essencial para preparar sua própria comunidade para a nova realidade — uma realidade que os cristãos americanos ainda não entendem.

“O grande desafio, especialmente para os evangélicos que sempre acreditaram fazer parte de uma espécie de maioria silenciosa, é aceitar de vez o fato de que isto simplesmente não é verdade”, ele diz. “É difícil, desnorteante. Conscientizar-se de que isto não é verdade é difícil, é desnorteante para muitas pessoas”.

“Por esta mesma razão creio que seja vital para a saúde do cristianismo, e mesmo para o engajamento cristão na esfera política, que eles façam justamente isso”, continua ele. “E é preciso que seja muito mais do que um exercício intelectual. É necessário que se criem formas de vida que reforcem essa distinção, que reforcem esse tipo de sensação de ‘estranhos no exílio’, tão bem fundada na Escritura”.

Mas Kinzer não abandonou totalmente a política. O primeiro objetivo dos cristãos da Opção Beneditina dentro do mundo da política convencional é assegurar e expandir os espaços nos quais podemos ser nós mesmos e construir nossas próprias instituições. Para tanto, ele viaja o país palestrando em defesa das leis de liberdade religiosa nas legislações estatais. Está cansado de conhecer legisladores republicanos inclinados a apoiar a causa da liberdade religiosa, mas que sofrem terríveis golpes do *lobby* financeiro. Ele não sabe por quanto tempo ainda agüentarão. Pastores e líderes cristãos leigos devem preparar suas congregações para tempos difíceis.

“É importante evitar o alarmismo, mas as pessoas realmente têm de reconhecer a gravidade das ameaças que o cristianismo enfrenta, e as dificuldades reais e profundas presentes no ambiente político”, diz Kinzer. “Precisam se conscientizar a respeito do que significa de fato estar em posição de minoria, pois começar a pensar assim é realmente essencial. Do contrário, continuaremos agindo de acordo com um manual que quase nada tem a ver com o jogo que realmente está sendo jogado”.



Kinzer defende que os cristãos não podem se dar ao luxo de sair completamente da política, ainda que mudem o foco da sua atenção para o âmbito local e a concentrem na construção da própria comunidade eclesial. As apostas em jogo na questão da liberdade religiosa são altas demais. O que isso significa a um nível mais básico? Ele sugere o seguinte:

Torne-se ativo a nível local e estadual, articulando os responsáveis pela criação das leis através de reuniões cara a cara e *e-mails* pessoais (não aqueles copiados e colados e automáticos).

Concentre-se em objetivos prudentes e alcançáveis. Não tente lutar a guerra cultural inteira sozinho e nem desperdice o escasso capital político em ações incendiárias desnecessárias e sem sentido.

Nada é mais importante do que resguardar a liberdade das instituições cristãs de criar as futuras gerações na fé. Dada a nossa desvantagem política, todo e qualquer outro objetivo deve esperar a sua vez.

Entre em contato com a mídia local e a convide a noticiar o lado dos fiéis quando houver controvérsias em pauta a respeito da liberdade religiosa.

Seja sempre educado e respeitoso. Não sirva de exemplo para aqueles que dizem que a questão da “liberdade religiosa” não passa de uma desculpa para a intolerância.

Como os cristãos precisam de todos os aliados que puderem ter, forme parcerias com líderes de várias denominações e também de religiões não-cristãs. E estenda uma mãozinha de amizade aos *gays* e lésbicas que não concordam conosco mas que se levantarão também para defender a Primeira Emenda e o nosso direito de estar errados.

A maioria dos cristãos americanos não tem idéia da urgência que esse assunto tem e de quão crucial é que os indivíduos e as igrejas despertem de seu torpor e se defendam enquanto é tempo.



Não podemos continuar usando táticas velhas para lutar guerras novas.

Kinzer alerta: “Estamos correndo o risco real de ver a continuidade do trabalho da igreja e sua capacidade de formar as pessoas de acordo com o que há de mais importante na vida serem ameaçadas por um governo hostil — e eu não acho que haja nada de alarmista em dizer isso”.

É verdade. Por mais importante que seja, os cristãos não podem esquecer que *a liberdade religiosa não é um fim em si mesma*, mas um meio para a finalidade de viver uma vida plenamente cristã. Ela é parte importantíssima do esforço de se levar adiante o verdadeiro trabalho da igreja e também a estratégia da Opção Beneditina. Se for preciso que comprometamos a moral que nos define como cristãos a fim de defender a liberdade religiosa, então qualquer vitória será vazia. A missão da igreja na Terra não é ser bem-sucedida na política, mas ser fiel.

### *Política anti-política*

A Opção Beneditina exige uma nova política cristã, que surja da nossa própria e relativa falta de poder na América contemporânea. Pode parecer estranho dizer que a Regra de São Bento é um documento político, mas ela não deixa de ser uma constituição que rege a vida conjunta de uma comunidade específica. Justamente porque institui como as virtudes beneditinas devem ser vividas nas comunidades monásticas, a Regra é política.

É difícil entender o conceito, porque, quando pensamos em política, pensamos logo em campanhas, eleições, militância, legislações — todos os elementos que compõem uma democracia. No entanto, no seu sentido mais básico e filosófico, a política é o processo pelo qual chegamos a um acordo quanto a como devemos viver em sociedade.

Como já pudemos ver, a política de um mosteiro beneditino é bastante diferente da política de uma democracia liberal, e é assim mesmo que deve ser. O *telos* da vida monástica — isto é, seu fim último — não é o mesmo *telos* da vida num Estado secular.



Mesmo assim, as duas comunidades — como toda e qualquer comunidade — são governadas com base em uma visão de ordem construída de acordo com alguma noção em comum sobre o Bem. Todas as leis refletem isto.

A política da Opção Beneditina começa pelo reconhecimento de que a civilização ocidental é hoje pós-cristã e que, salvo um milagre, não há esperanças de que esse quadro seja revertido dentro de um futuro próximo. Isso em parte significa que são poucas as coisas que os cristãos tradicionais podem conquistar através da política convencional. Grande parte dos americanos não só rejeitará muito daquilo que os cristãos tradicionais consideram bom, como também chamará tudo isso de ruim. Seria um desperdício de energia tentar reconquistar a nossa influência perdida, ou uma tragédia pior ainda, caso os recursos financeiros que poderiam ser dedicados à construção de instituições alternativas para uma longa resistência fossem antes direcionados à maldita tentativa de conquistar o poder.

Em vez disso, os cristãos deveriam se atentar para um novo tipo de política. Boa parte da mudança que temos de fazer é aceitar que, nos próximos anos, os fiéis cristãos talvez precisem escolher entre ser um bom americano e ser um bom cristão. Numa nação em que “Deus e a terra” sempre estiveram tão entrelaçados, a idéia de que a cidadania do sujeito entre em conflito com a sua fé é uma novidade.

Alexis de Tocqueville estava convencido de que a democracia não poderia sobreviver sem a fé cristã. O autogoverno requer a existência de convicções compartilhadas a respeito das verdades morais. A fé cristã arrastou os homens para fora de si mesmos e os ensinou que as leis devem estar profundamente enraizadas numa ordem moral revelada e garantida pelo próprio Deus.

Se uma nação democrática perde sua religião — escreve ele —, cai vítima do individualismo desordenado, do materialismo e do despotismo democrático. Inevitavelmente, “prepara seus cidadãos para a servidão”. Portanto, diz Tocqueville, “deve-se manter o cristianismo vivo dentro das novas democracias, custe o que custar”.



Nós não fizemos isso. Se Tocqueville está certo, os cristãos conservadores podem agora se preparar para tempos muito sombrios. As eleições de 2016 foram um prenúncio. Os americanos tiveram de escolher entre uma democrata do *establishment*, profundamente hostil aos valores centrais do cristianismo e à liberdade religiosa, e um republicano *outsider* sem comprometimento religioso específico, que fez de si mesmo a imagem de líder forte que impor a ordem, fosse pela força, fosse pela vontade.

E o que é mais importante: devemos agora encarar uma questão que pode colocar muitos de nós na condição de hereges, de acordo com o nosso catecismo civil. Antes, ela era certamente impensável, pelo menos para os cristãos patriotas. Mas agora deve ser encarada.

Patrick J. Deneen, teórico político de Notre Dame, em seu livro *Conserving America?: Essays on Present Discontents* [Conservar a América? Ensaaios sobre descontentamentos atuais], de 2016, argumenta que o liberalismo iluminista, do qual ambos os partidos americanos descendem, está construído sobre a premissa de que os seres humanos são, por natureza, “livres e independentes”, e de que o objetivo de todo governo é libertar esse indivíduo autônomo. O progresso no sentido de alcançar este fim, seja um avanço promovido pelos partidos de direita, entusiastas do livre-mercado; ou pelos de esquerda, igualitários e estatistas, depende da negação dos limites naturais do homem.

Ora, isto é contrário ao que ensina tanto a Escritura quanto a experiência comum a respeito da natureza humana. O objetivo da civilização, nas palavras de Deneen, “tem sido o de sustentar e dar apoio a práticas e estruturas familiares, sociais e culturais que perpetuem e aprofundem formas pessoais e intergeracionais de obrigação e gratidão, de dever e de compromisso”.

Em outras palavras: a civilização não está aí para possibilitar que os indivíduos façam o que bem entenderem. Crer que seja assim é um erro antropológico. Qualquer civilização em que ninguém sente nenhuma obrigação para com o passado, o futuro, os próximos, ou qualquer coisa maior do que a auto-satisfação, é uma civilização perigosamente frágil. Nas décadas



minguantes do Império Romano do Ocidente, Santo Agostinho, descrevendo a sociedade, disse que estavam todos preocupados demais com a busca pelo prazer, com o egoísmo e com a máxima de viver cada momento como se fosse o último.

A democracia liberal, uma vez que prescreve que o povo governe, só pode ser tão forte quanto o povo que está sob ela. Aí então a questão que se coloca diante de nós é: a nossa situação política atual é uma versão desvirtuada da democracia liberal, ou, dados os seus princípios individualistas e igualitaristas, é o cumprimento perfeito e inevitável dela, sob a égide do secularismo? Deneen escreve:

Chegamos ao momento culminante em que precisa-se menos de um movimento político — por mais importante que seja a busca de certos bens públicos — do que de um renascimento cultural, de práticas sustentáveis e de modos justificáveis de vida, que nascem da experiência compartilhada, da memória e da confiança. No entanto, esse renascimento não ocorrerá se se tentar voltar no tempo para recobrar algo que foi perdido. Em vez disso, o que é preciso é ironicamente fornecido pelo próprio veículo da desconstrução e encontrado em meio às forças do próprio progressismo: a capacidade criativa do homem de reinvenção e abertura de novos começos.<sup>6</sup>

Daí a necessidade, não da segunda vinda de Ronald Reagan ou de qualquer pretensão político salvador, mas de um novo — e sem dúvida bastante diferente — São Bento.

Que tipo de política devemos buscar na Opção Beneditina? Se ampliarmos nossa visão política e incluirmos nela a cultura, veremos que as oportunidades para agir e servir são ilimitadas. Para Scott Moore, filósofo cristão, nós erramos ao dizer que a política se resume à manutenção do Estado.

---

6 Patrick J. Deneen, *Conserving America?: Essays on Present Discontents* [Conservar a América? Ensaaios sobre descontentamentos atuais]. South Bend, IN: St. Augustine's Press, 2016, p. 3.



Escreve ele:

A política diz respeito ao modo como organizamos nossas vidas dentro da *pólis*, seja ela uma cidade, uma comunidade ou até uma família. Diz respeito ao modo como vivemos juntos, como reconhecemos e preservamos o que é mais importante, como cultivamos as amizades e educamos nossas crianças, como aprendemos a pensar e a discutir sobre qual seria um modo de vida realmente bom.<sup>7</sup>

Considerando-se assim a política, os cristãos americanos têm muito o que aprender com a experiência dos dissidentes tchecos que enfrentaram o regime comunista. Os ensaios escritos pelo dramaturgo tcheco e prisioneiro político Václav Havel e por seus colegas, sob uma opressão e uma perseguição como provavelmente nenhum cristão americano experimentará no futuro próximo, dão idéias potentes para a implantação de autênticas políticas cristãs neste mundo onde somos uma minoria fragilizada e desprezada.

Havel, que morreu em 2011, pregava o que ele mesmo chamava de “política anti-política”, cuja essência era, segundo sua própria descrição, “viver na verdade”. A declaração mais famosa e completa que ele fez sobre isso veio na forma de um ensaio escrito em 1978 sob o título “O poder dos sem poder”, que excitou todos os movimentos de resistência da Europa Oriental quando se tornou público pela primeira vez.<sup>8</sup> É um documento impressionante, até hoje objeto de sérios estudos e reflexões por parte dos cristãos tradicionais no Ocidente.

Havel diz: considere um quitandeiro vivendo sob o comunismo, que põe uma placa na janela de sua loja dizendo:

7 Scott H. Moore, *The Limits of Liberal Democracy: Politics and Religion at the End of Modernity* [Os limites da democracia liberal: política e religião no fim da modernidade], Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009, p. 15.

8 Václav Havel, “The Power of the Powerless” [O poder dos sem poder], em tradução de Paul Wilson em *The Power of the Powerless: Citizens Against the State in Central-Eastern Europe* [O poder dos sem poder: cidadãos contra o Estado na Europa centro-oriental], ed. de John Keane; Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1985.



“Trabalhadores do mundo todo, uni-vos!”. Ele o faz não necessariamente porque crê nisso, mas simplesmente porque não quer arranjar problemas para a cabeça. E, se não crê verdadeiramente, esconde a humilhação que aquela coerção lhe impõe dizendo a si mesmo: “Que mal há na união dos trabalhadores do mundo inteiro?”. O medo permite à ideologia dominante manter seu poder — e talvez até mudar as crenças do quitandeiro. Aqueles que “vivem na mentira”, diz Havel, colaboram com o sistema e comprometem a integridade de sua própria humanidade.

Todo ato que contradiga a ideologia dominante é uma negação do sistema. E se o quitandeiro retirar a placa da janela de sua loja? E se ele se recusar a concordar com aquilo? “Sua rebelião é uma tentativa de *viver na verdade*” — e isso lhe custará bastante.

Ele perderá seu emprego e seu lugar na sociedade. Seus filhos podem perder a oportunidade de estudar na universidade de sua escolha, ou mesmo a de estudar em qualquer universidade. Muitos irão bani-lo ou boicotá-lo. Mas, ao dar testemunho da verdade, ele conquistou algo excepcionalmente potente.

O que ele fez foi dizer que o rei está nu. E justamente porque o rei está mesmo nu é que algo extremamente perigoso aconteceu: o quitandeiro se dirigiu ao mundo inteiro com sua ação e permitiu que todos pudessem dar uma espiadinha por trás da cortina. Ele mostrou a todos que é possível, *sim*, viver na verdade.

O ato do quitandeiro, exatamente porque é um ato público, é definitivamente político. Ele deu testemunho da verdade de suas convicções colocando-se disposto a sofrer por elas. Tornou-se, então, uma ameaça ao sistema — mas preservou sua humanidade. E isto, segundo Havel, é muito mais importante do que saber qual partido deve deter o poder.

“Um sistema melhor não garante necessariamente uma vida melhor”, continua Havel. “Aliás, o contrário é que é verdadeiro: *é através de uma vida melhor que um sistema melhor pode ser desenvolvido*” (grifo nosso).



A solução, portanto, é criar e manter “estruturas paralelas” nas quais a verdade possa ser vivida em comunidade. Não seria isso uma espécie de escapismo, de fuga para um gueto? Nada disso, diz Havel: uma comunidade da contracultura que abdicasse de sua responsabilidade de ajudar os outros acabaria caindo em “uma versão mais sofisticada de ‘vida na mentira’”.

Um ótimo exemplo do que seria essa vida melhor vem de Václav Benda, matemático e dissidente já falecido. Católico fiel, Benda acreditava que o comunismo isolava as pessoas e fragmentava seus laços sociais naturais, controlando assim a população com punho de ferro. O regime tcheco puniu severamente a Igreja Católica, fazendo com que muitos devotos privatizassem sua fé, recolhendo-se dentro das paredes de suas próprias casas a fim de não chamar a atenção das autoridades.

A contribuição especial de Benda para o movimento dissidente foi a idéia de uma “pólis paralela” — uma sociedade separada, porém porosa, que existisse como que ao lado da ordem oficial comunista.<sup>9</sup> “O argumento de Benda era que os dissidentes não podiam simplesmente protestar contra o governo comunista, mas apoiar um envolvimento ativo com o mundo”, disse Flagg Taylor, filósofo e cientista político americano, especializado nos movimentos dissidentes tchecos.

Benda rejeitou a separação por guetos, mesmo que isso significasse arriscar a própria vida e a da família (ele e a esposa tinham seis filhos). Ele não via nenhuma possibilidade de colaboração com os comunistas, mas também rejeitava o quietismo — que, aliás, considerava ser o modo errado de um cristão demonstrar sua preocupação com a justiça e com a caridade, e de dar seu testemunho público de Cristo. Para Benda, a sentença

<sup>9</sup> Este conceito de Benda tem um antepassado interessante na Igreja primitiva. O historiador Peter Brown diz que as cartas de São Cipriano, Bispo de Cartago (martirizado em 258), “mostram como a Igreja começou a funcionar como uma espécie de corpo intransigentemente independente — uma verdadeira ‘cidade dentro da cidade’”. Cf. Peter Brown, *The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity, A.D. 200–1000* [A ascensão da cristandade ocidental: triunfo e diversidade, de 200 a 1000 d. C.]. Malden, MA: Willey-Blackwell, 2013, p. 62.



de Havel sobre “viver na verdade” só poderia significar uma coisa: viver como cristão em comunidade.

Benda não defendia que nos retirássemos para um gueto cristão. Ele insistia que a pólis paralela compreendesse que está lutando pela “preservação ou renovação da comunidade nacional, no sentido mais amplo possível da palavra — bem como pela defesa dos valores, das instituições e das condições materiais dos quais depende a existência da comunidade em questão”.

Eu considero que uma decadência barbárica para o abandono das tradições, da memória, da razão e da educação seja uma maneira não menos efetiva, excepcionalmente dolorosa e praticamente irreparável (a curto prazo, pelo menos) de eliminar a raça humana ou as nações soberanas. O regime que está no poder — em parte intencionalmente, em parte graças à sua natureza essencialmente niilista — fez tudo o que pôde para alcançar esse objetivo. A meta dos movimentos de cidadãos independentes que tentam criar uma pólis paralela deve ser exatamente oposta: não devemos nos desencorajar por conta de fracassos anteriores, e devemos dar prioridade às áreas da educação e da escolarização.<sup>10</sup>

Nesse sentido, a pólis paralela não tem o intuito de construir uma comunidade cercada para cristãos, mas de estabelecer (ou reestabelecer) práticas e instituições comuns que podem reverter o isolamento e a fragmentação da sociedade contemporânea. (Aqui ressoa o apelo do Irmão Ignatius de Nórcia pelo estabelecimento de “fronteiras” — limites formais dentro dos quais podemos nutrir nossa fé e cultura —, mas também pela necessidade de “empurrá-las cada vez mais para longe, infinitamente”.) Em seus escritos, Benda diz que os objetivos políticos

10 Václav Benda, “The Meaning, Context and Legacy of the Parallel Polis” [O significado, o contexto e o legado da pólis paralela], trad. de Paul Wilson em *The Long Night of the Watchman: Essays by Václav Benda, 1978–1989* [A longa noite do vigia: ensaios de Václav Benda, 1978–1989], ed. de F. Flagg Taylor IV; South Bend, IN: St. Augustine’s Press, 2017.



definitivos da pólis paralela são “retornar à verdade e à justiça, à uma ordem de valores preenchida de sentido [e], novamente, dar valor à inalienabilidade da dignidade humana e à necessidade de um sentido comunitário humano baseado no amor mútuo e na responsabilidade”.

Em outras palavras, os cristãos dissidentes deveriam considerar que seus projetos inspirados pela Opção Beneditina visam à criação de um mundo melhor não só para eles, mas para todos ao seu redor. É uma ambição grandiosa, mas Benda sabia muito bem que a maioria das pessoas não estava interessada em assumir causas abstratas que encantam apenas os intelectuais. Ele propunha ações *práticas* que poderiam ser efetuadas dia a dia pelo mais simplório dos tchecos.

“Se você não está contente com o modo como o seu curso universitário vem progredindo, ajude os alunos a encontrar um seminário discreto extracurricular dado por um daqueles professores brilhantes expulsos das universidades pelo governo”, diz Taylor, explicando os princípios de Benda. “Imprima cópias clandestinas [*samizdat*] de bons romances e faça-as chegar às mãos de muita gente, de modo que conheçam aquilo de que estão sendo privadas. Apóie o ensino teológico em um dos seminários secretos. Quando as pessoas entenderem que a resistência está ligada a algo verdadeiramente significativo para elas, e que só é possível se há certo número de pessoas que se comprometem a preservá-la diante da oposição estatal, elas agirão”.

Como se aplicaria em nossas circunstâncias essa idéia dos dissidentes tchecos, seja chamada de “política anti-política” ou de “pólis paralela”? Havel dá muitos exemplos. Considere o professor que faz questão de ensinar às crianças aquilo que elas não estão aprendendo nas escolas do governo. Considere os escritores que escrevem aquilo que realmente acreditam e encontram meios de fazer isso chegar ao público, custe o que custar. Considere os padres e pastores que acham uma maneira de viver a vida religiosa apesar dos obstáculos e mesmo das condenações legais, e os artistas que não estão nem aí para a opinião do *establishment*. Considere as pessoas que decidem



não se importar com a aprovação diante do olhar público e que largam tudo em busca de uma vida íntegra, independentemente do que isto lhes custar. Essas pessoas que recusam a assimilação cultural e, em vez disso, constroem suas próprias estruturas — essas pessoas estão vivendo a Opção Beneditina.

Se temos a esperança de um dia mudar o mundo com a nossa fé, temos de começar pelos nossos arredores. As comunidades da Opção Beneditina devem ser pequenas, porque “os laços de confiança e responsabilidade pessoais só funcionam até certo ponto”, e devem “surgir naturalmente *da base*”, o que quer dizer que devem ser espontâneos e não impostos de cima a baixo por um planejamento central. Essas comunidades começam no coração individual e se propagam às famílias, paróquias, vizinhanças e daí em diante.

Para que saibamos de que precisa o nosso próximo, devemos ser íntimos dele. Na época de Benda, o povo tcheco não se via essencialmente como uma comunidade. O governo totalitário os havia privado disso. A tentativa de Benda de “repolitizar” o povo consistia simplesmente em despertar o desejo da população de estar unida e de ser sociável para o que quer que os agradasse.

Diz Taylor:

Benda nos ensina uma lição importante. No meu caso, por exemplo, não conheço meus vizinhos, exceto uma família que mora aqui ao lado. Não há um bar na vizinhança a que eu possa ir para conhecer as pessoas da minha comunidade. Talvez algo deva mesmo ser dito a respeito da necessidade de reavivar a natureza social das pessoas. É muito provável que a gente não saiba o que está perdendo.

Uma amiga minha, que vivia uma vida hedonista e desregada, depois que viu a felicidade genuína que reinava na família de seu irmão, e depois de saber que a luz que brilhava em seus rostos e o amor que ardia em seus corações vinham da fé que tinham em Cristo, converteu-se. Ela me disse: “Mais tarde



percebi que tudo de que eu precisava era alguém que me desse a permissão de ser plena”. Conforme o Ocidente decai na acídia espiritual, haverá mais e mais pessoas buscando algo real, algo que faça sentido, e, sim: algo íntegro. É nosso dever como cristãos oferecer isso a elas.

Nós, cristãos, precisamos ter sempre diante de nós a certeza de que a política convencional americana não pode consertar o que há de errado com a nossa sociedade e com a nossa cultura, independentemente de quão furiosas e desgastantes sejam as batalhas entre os partidos. Elas não bastarão nunca porque, tanto à direita quanto à esquerda, parte-se do pressuposto de que o fim adequado da política é facilitar e expandir o poder de escolha dos seres humanos. Os lados discordam apenas quanto a onde traçar os limites. Nenhum programa partidário é totalmente compatível com a verdade cristã.

Ao contrário, a política da Opção Beneditina parte do pressuposto de que a desordem da vida pública americana tem origem na desordem interna da alma americana. A política da Opção Beneditina tem sua raiz na afirmação de que o trabalho político mais importante a ser feito no nosso tempo é a restauração da ordem interna das almas, harmonizando-as com a vontade de Deus — o mesmo *telos* da vida monástica. Todo o resto virá naturalmente daí.

Acima de tudo, isso significa estar ordenado ao amor. Nós nos tornamos aquilo que amamos e fazemos o mundo de acordo com o nosso amor. Deveríamos agir não a partir do medo ou da repulsa, mas da ternura e da confiança em Deus e em Sua vontade.

Quando estamos alinhados com a vontade de Deus, não precisamos nos preocupar com resultados imediatos — o que é ótimo. Entrevistando os dissidentes tchecos que sobreviveram à era comunista, o pesquisador Taylor descobriu neles algo em comum com São Bento e seus monges. Eles nunca pensaram que viveriam para ver o fim do totalitarismo e não acreditavam realmente que suas ações surtiriam algum efeito a curto prazo. Mas isso lhes serviu como vantagem.



“Eles se entregaram totalmente à idéia de que aquelas ações valiam por si mesmas, e não porque poderiam ter conseqüências definitivas e calculáveis”, diz Taylor. “Havel, Benda e outros dissidentes deixaram claro que, uma vez que você começa a agir pensando nas conseqüências, sempre encontrará um motivo para não fazer nada. Você tem de querer fazer algo simplesmente porque aquilo, em si, vale a pena, e não porque você acha que aquilo fará o Partido Comunista ruir em quatro anos”.

Pode ser que a fundação de comunidades inspiradas na Opção Beneditina não mude o nosso país, mas ainda é algo que vale ser feito. Os que se engajarem na construção dessas estruturas não devem se desencorajar pelos erros que porventura aconteçam no início do processo. Pelo contrário: devem manter-se equilibrados e concentrados naquilo que Havel chama de “batalha diária, ingrata e interminável dos homens para viver em maior liberdade, verdade e silenciosa dignidade”.

Não se engane pelo caráter ordinário da tarefa. Isto é fazer política no sentido mais profundo do termo. É uma política para tempos de guerra, e não estamos vivendo senão uma guerra cultural movida pelo que C. S. Lewis chamou de “abolição do homem”.

“A melhor maneira de resistir ao totalitarismo é simplesmente arrancá-lo de nossas almas, de nossas circunstâncias, de nossas casas, arrancá-lo da humanidade contemporânea”, disse Václav Havel. O mesmo é válido para a corrosiva filosofia anticristã que tomou a vida pública americana.

Na melhor das hipóteses, as comunidades da Opção Beneditina criarão de modo não intencional uma espécie de testemunha da cultura liberal secular, que oferecerá um contraste vigoroso a uma série cada vez mais amarga e insensível de acordos políticos e econômicos. O Estado não será capaz de suprir todas as necessidades humanas no futuro, especialmente se provarem-se certas as projeções a respeito da crescente desigualdade econômica. O caráter humanitário da compaixão cristã e a dignidade humana a que honra serão uma alternativa extremamente atrativa — não muito diferente do testemunho



evangélico da Igreja primitiva em meio ao declínio pagão de um Império Romano já exausto.

Eis como dar início à política anti-política da Opção Beneditina. Rompa suas ligações com a cultura de massa. Desligue a televisão. Fique longe dos *smartphones*. Leia livros. Participe de jogos. Faça música. Ofereça jantares aos seus vizinhos. Não basta evitar o que é mau; é preciso também fazer o que é bom. Dê início a uma comunidade eclesial, ou a um grupo dentro da sua paróquia. Abra uma escola de educação clássica cristã, ou passe a fazer parte de uma já existente. Cultive um jardim, participe da feira de agricultores locais. Ensine as crianças a tocar algum instrumento; comece uma banda. Inscreva-se no grupo de bombeiros voluntários.

Não é que devamos deixar de votar ou de ser ativos dentro da política convencional. O ponto é que isto não é mais o suficiente. Depois que a decisão do caso *Planned Parenthood versus Casey*, em 1992, assegurou os direitos abortivos, o movimento pró-vida compreendeu que, a curto prazo, não seria possível reverter os resultados do julgamento *Roe versus Wade*. Ampliou, portanto, sua estratégia: manteve lobistas e ativistas em Washington e nas grandes capitais lutando o bom combate, mas alguns membros mais criativos do movimento abriram em suas regiões centros de assistência para gestações críticas. Isto logo se tornou fundamental para o avanço da causa pró-vida — além de ter salvado inúmeras vidas não-nascidas. Eis um modelo que nós, cristãos tradicionais, devemos seguir. Os tempos mudaram drasticamente, e não podemos mais esperar que políticos e ativistas, sozinhos, lutem a guerra cultural por nós.

Muitos cristãos ficaram aliviados quanto ao futuro da Suprema Corte quando, impressionados, ouviram a notícia da eleição de Donald Trump (que chocou inclusive seus apoiadores). Isto é compreensível, e devemos incitar o novo governo a escolher juízes profundamente comprometidos com a liberdade religiosa e com a proteção da vida humana desde a concepção. Porém, nunca será demais repetir: quem tem fé não pode cair no engano de pensar que a política é capaz de resolver os problemas



da cultura e da religião. Uma das maiores razões de os cristãos estarem hoje tão enfraquecidos é seu costume de confiar que os republicanos e os juízes escolhidos por eles farão o serviço que somente uma conversão religiosa e uma mudança cultural são capazes de fazer. As forças culturais profundas que há séculos vêm separando o Ocidente de Deus não serão detidas nem revertidas por uma simples eleição presidencial — aliás, por eleição nenhuma.

Nós, cristãos tradicionais, não pedimos para estar exilados dentro de um país que achávamos que era nosso, mas esta é a condição na qual nos encontramos. Agora somos uma minoria — sejamos então uma minoria criativa, que ofereça alternativas acolhedoras, vivificantes e iluminadoras para um mundo cada vez mais indiferente, desalentador e sombrio. Exerceremos cada vez menos influência, mas, guiados pela sabedoria monástica, acolhamos isto com humildade como uma oportunidade enviada por Deus de purificarmo-nos e santificarmo-nos. Pode ser que a perda do poder político seja justamente aquilo que salvará a alma da Igreja. Parar de acreditar que o destino do Império Americano está em nossas mãos pode nos deixar livres para usá-las a serviço do Reino de Deus em nossos pequenos condados.





## CAPÍTULO 5

# *Uma Igreja que não se venda*

SUA IGREJA PODE ESTAR PRESTES A COMETER SUICÍDIO sem ter a menor idéia do que está fazendo. Pode ser que tudo pareça bem por fora, mas por dentro um câncer pode estar em metástase silenciosa, espalhando-se por dentro de seus ossos, cuja fragilidade virá dolorosamente à tona logo da primeira vez que forem postos à prova.

Em 2004, Robert Louis Wilken fez na revista *First Things* uma reflexão sobre a viagem austera que havia feito à Europa. Wilken, um historiador americano de renome, especializado no período primitivo da cristandade, disse que viu, no decorrer de sua vida, o “colapso da civilização cristã”. Naquela primavera, na Alemanha, ele havia observado que até mesmo a memória de lá ter sido um país cristão estava desaparecendo. Como se já não bastasse o árduo trabalho feito pelos secularistas anticristãos no intuito de eliminar a fé da vida pública, pior ainda era ver os cristãos ajudando e encorajando a sua própria extinção.

Por quê? Os cristãos do Ocidente negaram-se seriamente a manter sua própria e distinta cultura. Escreve Wilken:

Nada é mais necessário hoje do que a sobrevivência da cultura cristã, porque durante as últimas gerações essa cultura se estreitou perigosamente. Neste momento da história da Igreja neste país (e em todo o Ocidente, de forma geral) é menos urgente convencer a cultura alternativa na qual



vivemos da verdade que é o Cristo do que fazer a própria Igreja contar a sua história para si mesma e nutrir seu próprio modo de vida, a cultura da Cidade de Deus, a república cristã. Isto não vai acontecer sem um renascimento da moral e da doutrina espiritual, nem sem um esforço firme por parte dos cristãos para compreender e defender o que resta da cultura cristã.<sup>1</sup>

Em outras palavras: *se você não mudar de vida, você vai morrer, e junto com você morrerá também o que sobrou da fé cristã na nossa civilização.*

A Opção Beneditina é essencial para a vida das igrejas locais hoje em dia. Por quê? A espiritualidade beneditina é ótima para criar uma cultura cristã porque é próprio dela desenvolver e sustentar o *cultus* cristão, palavra latina que significa “culto”. Uma cultura é um modo de vida que emerge do culto comum de um povo. Aquilo que para nós é mais sagrado é o que determina a forma e o conteúdo da nossa cultura, que resulta organicamente do processo de tornar tangível a fé.

Para que consiga provocar uma renovação genuína da cultura cristã, a Opção Beneditina deverá focar-se na vida da Igreja. Todo o resto vem depois.

O estatuto de minoria que agora classifica os cristãos pode nos ajudar de algum modo a manter nosso foco onde ele deve mesmo estar. Como diz Russell Moore, líder da Convenção Batista do Sul, em seu livro *Onward* [Avante], ao perder sua respeitabilidade cultural, a Igreja está livre para ser radicalmente fiel.

Escreve Moore:

Nós nos ocuparemos da cultura menos como os capelães de uma espécie de Projac idílico do que como os Apóstolos no livro dos Atos. Falaremos em primeiro lugar não a pagãos recém-batizados na igreja de fulano de tal, mas àqueles

1 Robert Louis Wilken, “The Church as Culture” [A Igreja enquanto cultura], *First Things*, abril de 2004 (disponível em [www.firstthings.com](http://www.firstthings.com)).



que estarão ouvindo algo novo, talvez pela primeira vez. Dificilmente seremos “normais”, mas não deveríamos sequer ter buscado isso.<sup>2</sup>

O melhor testemunho que os cristãos podem dar à América pós-cristã é simplesmente ser a Igreja, ser uma minoria tão bravamente criativa quanto nos for possível. “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos”, disse o Senhor no evangelho de João, e, se temos alguma chance hoje, só a temos por conta do amor dele vivido entre nós — entre nossos irmãos e irmãs em Cristo e, depois, entre todo o mundo.

Mas não se dá aquilo que não se tem. Muitas de nossas igrejas funcionam como centros seculares de entretenimento com uma pitada de moral religiosa por cima, quando deveriam funcionar como o Corpo vivo e ativo de Cristo. Muitas igrejas sucumbiram diante da modernidade, rejeitando a sabedoria de épocas passadas, tratando o culto como se fosse uma atividade de consumo e permitindo que seus frequentadores agissem como membros soltos, atomizados e livres da obrigação de dar satisfações por seus atos. A triste verdade é que, aos olhos do mundo, não somos muito diferentes de quem não tem fé. Os cristãos vivem falando em “atingir a cultura”, mas não perceberam que, sem uma cultura cristã própria e distinta, eles mesmos foram cooptados pela cultura secular que tanto desejam evangelizar. Na falta de uma cultura cristã substancial, não é surpresa nenhuma que as crianças já não saibam o que significa ser cristão de verdade, e não espanta nem um pouco que não estejamos mais provocando conversões.

Se as igrejas de hoje devem sobreviver à nova Idade das Trevas, elas têm de parar de “ser normais”. Devemos nos comprometer mais profundamente com a nossa fé, ao ponto de causar estranhamento aos olhos do mundo de hoje. Se redescobriremos o passado, recuperarmos o culto litúrgico e o ascetismo,

2 Russell Moore, *Onward: Engaging the Culture Without Losing the Gospel* [Avante: atrair a cultura sem perder o evangelho], Nashville, TN: B&H Books, 2015, p. 27.



concentrarmos nossas vidas na comunidade paroquial e formos mais rigorosos com as disciplinas da Igreja, nos tornaremos novamente, com a ajuda da graça divina, aquele povo peculiar que sempre deveríamos ter sido. Os frutos dessa concentração na formação cristã serão não só o fortalecimento dos cristãos, mas também o surgimento de uma nova evangelização, uma vez que o sal terá recobrado seu sabor.

### *Redescobrir o passado*

Se os monges de Nôrcia acordassem todo dia num mundo novo e decidissem que suas diretrizes seriam estabelecidas de acordo com seus caprichos, a comunidade desmoronaria, ou pelo menos deixaria de ser o tipo de comunidade que forma monges cristãos. Pelo contrário: os monges seguem uma Regra que foi testada por mil e quinhentos anos de experiência. A tradição não só os ensina como obedecer à Palavra de Deus e abrir-se ao guiamento do Espírito Santo, mas também os livra do fardo de ter de reinventar as regras conforme seguem adiante.

Isto é difícil de entender para os cristãos modernos. Nossa imaginação foi colonizada por uma mentalidade que considera as formas herdadas e mais antigas de adoração uma espécie de barreira para a verdadeira autenticidade. Muito pelo contrário: devemos ser instruídos a respeito de como rezar e adorar, pois assim estaremos treinando nossas mentes para pensar de um modo autenticamente cristão. Assim como os romanos exortados por Paulo, nós também devemos nos transformar pela renovação do nosso espírito, através da adoção de padrões de pensamento e conduta que não nos são naturais. Não se trata de amarras, mas de liberdade.

Quando nós cristãos ignoramos a história de como os nossos pais e mães na fé rezavam, viviam e prestavam culto, negamos o poder vivificador de nossas próprias raízes e separamo-nos da sabedoria daqueles cujos espíritos foram renovados. O resultado, na melhor das hipóteses, é que a ação de Deus em nossas vidas se dá de modo muito mais demorado e superficial do que poderia ser. Na pior das hipóteses, perdemos nossos filhos para o mundo.



Boa parte da presente debacle cristã é devida ao fato de que nossos filhos não conhecem a história do cristianismo ou pouco entendem a respeito de sua importância. Tenho uma amiga que é ortodoxa oriental, mas que foi criada evangélica, e me disse que ela não fazia idéia do que ensinava a Igreja primitiva, ou até mesmo de quem eram os Padres da Igreja, até sua conversão à Igreja Ortodoxa — cuja tradição enfatiza os ensinamentos e escritos desses mestres antigos. Para essa amiga, a fé cristã correspondia à interpretação bíblica do pastor evangélico mais popular do momento.

Não que os evangélicos rejeitem os escritos teológicos fundantes do cristianismo primitivo, explica ela; eles apenas não os mencionam. Tampouco a igreja de sua infância fazia questão de mergulhar na tradição da Reforma, da qual era um dos ramos. Na igreja e na escola que freqüentava, não lhe era servida senão a sopa rala do cristianismo contemporâneo, com sua teologia oca e seus chavões animadinhos. É como disse Walker Percy a respeito da produção aguada dos romancistas cristãos contemporâneos: venderam seu direito de primogenitura por um “prato de ideologias”.<sup>3</sup>

Este não é um problema exclusivo dos evangélicos. Durante as últimas duas ou três gerações, muitos católicos e protestantes das maiores denominações foram criados na quase completa ignorância quanto às raízes de sua própria tradição. Um número não muito menor de ortodoxos orientais cresceu sabendo mais a respeito dos costumes caipiras e regionais de seus antepassados do que da fé de seus pais. Apartar um povo de sua tradição é quebrar a cadeia da memória histórica e privá-lo de uma cultura. Não é à toa que a cultura cristã esteja murchando na modernidade.

3 No original: *they've sold their birthright for "a pot of message"*. É um trocadilho com “a mess of pottage”, que significa “um prato de lentilhas” — alusão à história de Esaú e Jacó (Gn 25, 29-34). Walker Percy diz que os romancistas cristãos venderam sua dignidade não por um prato de lentilhas (“a mess of pottage”), mas por um “pot of message”, isto é, agora se contentam em “passar alguma mensagem” com suas obras. Ideologia, no entanto, deixa a frase mais compreensível — NT.



Mas para os cristãos determinados, há algumas maneiras de contornar esta situação.

Certa vez, na época em que eu era católico, estava reclamando para outro amigo católico a respeito de quão péssima era a formação que geralmente se oferecia nas paróquias. Um padre que ouvia a nossa conversa veio nos dizer que tudo que estávamos falando era verdade, mas que não precisávamos nos resignar quanto àquele destino, tampouco fazer nossos filhos se conformarem a ele.

“Hoje mesmo, à noite, vocês podem entrar no *site* da Amazon e comprar uma biblioteca teológica que daria inveja até em Santo Tomás de Aquino”, disse ele. “Meus pais me criaram nos anos setenta, que foi quando começou o pesadelo da catequização. Eles logo souberam que, se o intuito era criar filhos católicos, teriam de fazê-lo eles mesmos, e fizeram. Assim pode ser com vocês também”.

Se você não começar a fazer alguma coisa na sua paróquia, quem o fará? Lance Kinzer, o ativista da liberdade religiosa que conhecemos no capítulo anterior, iniciou em sua igreja um grupo de oração no qual são utilizadas as orações escritas pelo próprio Calvino. Ele também está encabeçando um estudo dominical das obras de Santo Agostinho. É compreensível que os protestantes tenham certo receio de se valer dos escritos teológicos do segundo milênio anteriores à Reforma, mas os textos dos primeiros Padres da Igreja são uma mina de ouro de sabedoria espiritual e teológica.

São Policarpo, São Justino Mártir, Santo Atanásio, Santo Agostinho, São João Crisóstomo, os padres capadócios,<sup>4</sup> São Jerônimo, Santo Inácio de Antioquia, São Clemente de Alexandria, São Máximo o Confessor, Santo Irineu e muitos outros: essas vozes dos primeiros oito séculos de cristianismo ainda falam conosco hoje. Aqueles cristãos que estiverem interessados em aprofundar suas relações com o cristianismo histórico devem ler esses homens de Deus. Seus escritos são diretos e acessíveis

4 São Basílio Magno, São Gregório de Nazianzo e São Gregório de Nissa — NT.



até mesmo aos corações dos leitores contemporâneos. Eles nos revelam a tradição cristã que nos legou a nossa peculiaridade, muito da qual perdemos nos tempos modernos.

A perda de sua distinta cultura não é só uma perda para a Igreja, mas para todo o mundo — mundo este que Deus quer abençoar através da vida da Igreja. Ralph Wood, crítico literário e membro da Convenção Batista do Sul, sustenta que a tarefa da igreja hoje “não é tanto criar uma contracultura, mas criar uma nova cultura, baseada em outra tão antiga e quase inteiramente esquecida que pareça ter sido inventada agora”.<sup>5</sup>

Nós, cristãos contemporâneos, podemos criar essa nova cultura com base em um retorno criativo àquela mais antiga. Somos chamados a ser novos — e sem dúvida bastante diferentes — Policarpos, Irineus e Agostinhos. O melhor jeito de se fazer isto é mergulharmos nas palavras e no mundo dos santos de antigamente.

### *Recuperar o culto litúrgico*

Assim como são alérgicos ao passado, muitos cristãos contemporâneos são também cautelosos com a liturgia, mas não deveriam ser. No cristianismo, a liturgia — que vem da palavra grega *leitourgia*, “serviço público” — é a forma comum de culto. Há uma ligação entre não levar a liturgia a sério, ou desprezá-la por completo, e abandonar a ortodoxia cristã. Se queremos conservar essas verdades ao longo do tempo, devemos conservar a nossa liturgia.

Pode-se dizer que o teórico da comunicação Marshall McLuhan estava escrevendo sobre liturgias quando disse que “o meio é a mensagem”. O que ele quis dizer é que a forma concreta pela qual a informação é passada é ela mesma uma mensagem, porque molda a nossa capacidade de receber aquele conteúdo.

5 Ralph C. Wood, *Contending for the Faith: The Church's Engagement with Culture* [Brigando pela fé: o envolvimento da Igreja com a cultura], Waco, TX: Baylor University Press, 2003, p. 2.



Aqui vai um exemplo. Nas décadas de quarenta e cinquenta, em Louisiana, quando meus pais eram jovens, a Europa estava tão distante de sua imaginação que havia se tornado algo quase surreal. Quando eu era jovem, naquele mesmo lugar, nas décadas de setenta e oitenta, a Europa parecia muito mais próxima graças à televisão, que todo dia irradiava imagens e sons daquele continente distante dentro da nossa própria casa. No colegial, eu tinha duas amigas holandesas com quem trocava correspondências. Certo dia, reuni a coragem de ligar para uma delas direto do nosso telefone de disco. Foi um evento tão marcante para mim que até hoje, trinta anos depois, ainda consigo lembrar o número da casa dos pais dela, que na época memorizei feito um soneto. O som de sua voz chegando pela primeira vez aos meus ouvidos através do telefone me fez sentir como se a tecnologia tivesse me aberto uma nova dimensão. De certo modo, tinha mesmo.

Para os meus filhos, que estão crescendo no mesmo lugar que eu e meus pais crescemos, a Europa é tão real quanto o Texas. Eles não só vêem a Europa no noticiário da televisão e nos mais variados programas a que assistimos *online*, como também conversam com nossos amigos que estão na Holanda através do Skype e do FaceTime, um costume da nossa família. Em 1964, McLuhan cunhou o termo “aldeia global” para se referir ao compartilhamento mundial da cultura possibilitado pela tecnologia. Cinquenta anos depois, a *internet* tornou isso uma realidade.

O que mudou não foi a “mensagem” da Europa, em termos de conteúdo informacional. A mudança revolucionária na consciência veio através da mídia eletrônica — primeiro pela televisão, depois pela *internet*. A mensagem verdadeiramente transformadora é que a mídia eletrônica tornou o mundo inteiro instantaneamente acessível.

A liturgia é como um meio de comunicação no sentido “mcluhaniano” do termo. O efeito produzido por ela vem tanto das informações que transmite quanto do modo como as transmite. Imagine que você está em uma missa num bairro lúgubre



suburbano que parece ter parado nos anos setenta, em uma igreja que mais parece uma filial da Pizza Hut reformada. No domingo seguinte, então, você assiste a uma missa solene celebrada na Catedral de São Patrício, em Nova York. As leituras são as mesmas e Jesus está igualmente presente na Eucaristia, tanto na Catedral quanto na igrejinha de Nossa Senhora da Pizza Hut. Porém, é provável que você tenha feito muito mais esforço para estar mais consciente da verdadeira santidade da missa na paróquia do subúrbio do que na Catedral — ainda que, teologicamente falando, a “informação” transmitida tanto nos sacramentos quanto nas leituras fosse a mesma. Esta é a diferença que uma boa liturgia é capaz de fazer.

O filósofo e cristão evangélico James K. A. Smith nota que toda a vida é litúrgica, no sentido de que todas as nossas ações moldam as nossas experiências e treinam nossos desejos para determinados fins. Todo dia vivemos o que ele chama de “liturgias culturais”, sejam do tipo que forem.

A liturgia secular da ida ao *shopping center* é toda projetada para evocar e cultivar certos desejos naqueles que entram no estabelecimento. Nos dizeres de Smith, as imagens publicitárias de gente feliz e bonita carregam a mensagem subliminar de que você também poderia ser assim feliz e bonito se comprasse aquele produto. Se a liturgia do *shopping* cumprir bem o seu papel, o desejo evocado por aquelas imagens e rituais fará com que o comprador troque seu dinheiro por alguns produtos, e então deixe o estabelecimento sentindo-se plenamente satisfeito — até que o desejo de sentir tudo isso de novo o leve de volta ao *shopping*.<sup>6</sup>

O que importa aqui é a constatação de que os vários elementos que compõem o ritual de ir ao *shopping* acionam certos desejos e os direcionam à compra de determinados objetos, no que se esconde a promessa de ser satisfeito.

As liturgias cristãs, por outro lado, deveriam nos orientar a querer a comunhão com Deus. A base delas é Aquele que une

6 James K. A. Smith, *Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation* [Ansiando pelo Reino: culto, cosmovisão e formação cultural], Grand Rapids, MI: Baker Academy, 2009.



o meio e a mensagem dos evangelhos: Jesus Cristo. Conforme diz enfaticamente o professor Robert Inchausti, o famoso bordão de McLuhan “é apenas uma outra maneira de dizer que ‘o Verbo se faz carne’”.<sup>7</sup> As liturgias dos nossos cultos, por mais diversas que sejam, estão orientadas para o louvor d’Ele e a participação n’Ele.

Já houve várias liturgias ao longo da história da igreja cristã, mas a maioria seguiu um padrão básico derivado diretamente da Escritura. No que há de mais fundamental, a liturgia do domingo começa com a reunião da comunidade devota, segue com a leitura da Escritura, a celebração da Comunhão e a dispersão da comunidade para a vida em Cristo. A liturgia dominical, portanto, é uma reunião dos fiéis para comungar com Deus na Palavra e no Sacramento, e o seu envio para o mundo.

Muitos cristãos, hoje (inclusive alguns membros de igrejas cujo culto é liturgicamente consistente), acreditam que o culto dominical é meramente expressivo — isto é, diz respeito apenas àquilo que nós, o povo, temos a dizer a Deus. Mas na tradição cristã a liturgia diz respeito, primordialmente — ainda que não exclusivamente —, àquilo que Deus tem para nos dizer. A liturgia revela algo da ordem divina e transcendente, e, quando nos submetemos a ela, conduz-nos a uma harmonia mais íntima com ela.

Todo culto é de algum modo litúrgico, mas as liturgias sacramentais tanto refletem a presença de Cristo na ordem divina quanto corporificam-na de forma concreta e acessível para os adoradores. Liturgia não é magia, é claro, mas se é executada e vivenciada sacramentalmente desperta nos fiéis, através do ritual e de seus elementos, a consciência de estarem em comunhão com o reino transcendente e eterno.

Como já foi dito, os beneditinos ordenam sua vida em torno da convicção de que a matéria importa, e de que aquilo que

7 Robert Inchausti, *Subversive Orthodoxy: Outlaws, Revolutionaries, and Other Christians in Disguise* [Ortodoxia subversiva: revolucionários, foras-da-lei e outros cristãos disfarçados]. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2005, p. 143.



fazemos com o corpo e o mundo material tem conseqüências espirituais concretas.

Hans Boersma, teólogo reformado contemporâneo, considera que a principal razão para a debacle da igreja moderna é a perda da sacramentalidade. Se não houver uma participação efetiva na eternidade — isto é, se não consideramos que a matéria e mesmo o tempo estão firmemente enraizados no ser de Deus —, a vida da Igreja mal suportará as torrentes da modernidade líquida.

Conta-me ele:

Parece-me que a cultura ocidental contemporânea olha tudo o que está ao redor — todo objeto criado — como se estivesse isolado. Também é típico de nossa cultura ver cada evento, qualquer que seja, como um evento isolado, independente de qualquer outro. Tudo na nossa cultura está em fluxo. Nada tem relação com nada. Não temos nenhuma âncora, nenhuma estabilidade.

A liturgia restaura a estabilidade que perdemos pois grava em nossos corpos a história do evangelho. Como já disse MacIntyre, se quisermos saber o que fazer, primeiro é preciso que determinemos a que história pertencemos. O culto cristão, quando bem feito, nos lembra regularmente que pertencemos a Cristo e à história que Ele está manifestando. Também nos mostra que não estamos livres para improvisar a história, mas obrigados a escrever nossos próprios capítulos de acordo com o que já nos foi revelado no Livro e estiver em conformidade com o que nossos pais e mães na fé já escreveram antes de nós.

Até mesmo os sociólogos seculares reconhecem a força que têm esses atos no sustento da memória cultural. Paul Conner-ton, antropólogo social, estuda em seu livro *How Societies Remember* [Como funciona a memória das sociedades] as práticas que vários povos assumiram para assegurarem-se de suas próprias histórias em face do esquecimento. Diz ele que quando uma comunidade quer recordar sua história sagrada, aquela



que confere sentido à sua vida, ela deve disseminar aquela história como uma “memória habitual”. Isto é, deve absorver a história como algo “sedimentado no corpo”.<sup>8</sup>

Os rituais mais poderosos envolvem o corpo, diz Connerton. Fazem uso de todos os sentidos no intuito de imprimir a história sagrada nos indivíduos reunidos. Quando os fiéis se ajoelham ou se prostram em determinado momento do ritual, por exemplo, eles compreendem na própria pele o sentido reverencial daquele momento sagrado — e a ação os ajuda para tanto.

Em seu estudo, Connerton descobriu que os rituais mais eficazes não variam e se distinguem da vida diária em suas músicas e em sua linguagem. E, se um ritual deve ser eficaz para treinar os corações e moldar as imaginações de seus participantes, então deve ser algo a que eles se habituem com os próprios corpos.

O cristianismo, é claro, é muito mais do que uma liturgia eficaz. Uma liturgia rica que não fosse acompanhada da sã doutrina e de práticas consistentes não passaria de uma experiência estética para membros afiliados. Mas, se Deus nos criou para funcionar corporalmente, e se a nossa tradição nos fornece liturgias biblicamente fundamentadas que esculpem em nossos ossos a memória da vida, paixão, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, por que raios não as implementáramos?

Além de nos ajudar a lembrar de Cristo, a liturgia nos faz lembrar também de que o cristianismo não é só uma filosofia, mas um caminho de vida que requer tudo de nós. Quando minha pequena congregação de cristãos ortodoxos orientais abriu uma igreja de missão na nossa cidadezinha da Louisiana, a Igreja Ortodoxa Russa ofereceu mandar-nos um padre. Quando o Padre Matthew Harrington chegou à cidade, ele nos contou que era próprio da igreja russa insistir que seus membros viessem para as vésperas de sábado (orações do começo da noite) se quisessem receber a comunhão na manhã do domingo.

8 Paul Connerton, *How Societies Remember* [Como funciona a memória das sociedades]. Nova York: Cambridge University Press, 1989, p. 72.



Isso era novidade para nós. Todos nós (inclusive o Padre Matthew) éramos convertidos, mas a maioria não havia entrado na Igreja Ortodoxa através da tradição russa. Tínhamos mesmo de fazer aquilo? Sim, respondeu Padre Matthew. Não está em negociação.

Então todos nos submetemos àquela disciplina. Foi difícil, eu guardava rancor daquilo. As orações das vésperas eram inconvenientes. Nós sempre chegávamos atrasados para os churascos noturnos e para as festas. Lá se iam quarenta e cinco minutos do meu fim de semana dos quais eu não queria abrir mão.

Depois de seis meses fazendo isso, para mim as vésperas haviam se tornado algo... normal. Não só normal, como algo pelo que eu até ansiava. O simples costume de começar a noite do sábado com uma oração comunitária na igreja me ensinou (e a meus filhos também) que Deus vem primeiro em nossas vidas. Mais diretamente, ajudou a reforçar a verdade de que a ortodoxia cristã é um modo de vida e de que abraçá-lo significa fazer aquilo que nos separa da multidão.

A necessidade de uma liturgia consistente está ficando cada vez mais clara para os teólogos protestantes. Isso pode parecer surpreendente para um pentecostal, mas Simon Chan, notável teólogo, erudito e escritor que vive em Singapura, é apenas um de um número cada vez maior de líderes evangélicos que defendem que suas igrejas devem retornar à riqueza do culto litúrgico. Segundo ele, a eclesiologia dos evangélicos não está à altura de enfrentar os desafios da pós-modernidade.

Isto em parte é assim porque historicamente o movimento evangélico focou-se não na construção da própria instituição, mas numa espécie de revivalismo, o que o tornou inerentemente instável. O movimento também assumiu uma abordagem individualista da fé que o deixou vulnerável às tendências da cultura de massa. Além do mais, o movimento evangélico se desenvolveu em parte como uma reação ao liberalismo presente nas principais denominações protestantes, cujo modo mais formal de culto fez com que os dissidentes evangélicos associassem



(erroneamente, na opinião de Chan) liturgia com esterilidade espiritual.

Chan crê que um culto cuja abordagem se concentre na busca por picos espirituais — como se a igreja fosse uma espécie de torcida organizada — é insustentável. Se o intuito é edificar uma fé capaz de manter a estabilidade e a continuidade, é necessário que se frequente uma igreja que celebra uma liturgia fixa. É assim que os indivíduos podem ser “moldados pela história cristã”.

Em seu livro *Liturgical Theology* [Teologia litúrgica],<sup>9</sup> Chan escreve que “o ritmo litúrgico é um tipo de música pela qual a verdade do evangelho é revelada ao longo do tempo”. Ele acrescenta que a liturgia é uma “jornada para um fim intencionado” e constitui “a vivência corporal da nossa fé batismal”.<sup>10</sup>

(Essas palavras de Chan me lembram de uma conversa que tive com uma jovem *millennial* evangélica de Colorado Springs, em que ela me explicava por que havia abandonado sua igreja para frequentar outra, liturgicamente mais consistente. Ela disse: “Cansei de ficar sentada ali. Queria prestar culto com todo o meu corpo”.)

Scott Aniol, que ensina a disciplina de adoração e culto no Seminário Teológico Batista do Sudoeste, argumenta que nem todas as liturgias são igualmente eficazes. Todas as liturgias divinas transmitem a verdade de Deus de um modo específico, mas algumas formas de adoração e culto propagam essas verdades e realidades melhor do que as outras. Aniol explica que isso se dá porque a liturgia nos treina para pensar em Deus de determinadas maneiras — maneiras que fazem dos fiéis melhores discípulos.

As liturgias fazem muito mais do que transmitir informações sobre Deus: elas formam a nossa imaginação e o nosso coração.

9 Simon Chan, *Liturgical Theology: The Church as Worshiping Community* [Teologia litúrgica: a Igreja enquanto comunidade de adoração]. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006, p. 159.

10 *Ibid.*, p. 149.



Os meios mais eficazes para se fazer isso de um modo fiel à Escritura são as antigas formas de adoração cristã, diz Aniol. Aquilo que muitos protestantes rejeitam como “repetições inúteis” de determinadas formas litúrgicas são na verdade a qualidade que faz das liturgias meios tão eficazes de discipulado.

Aniol diz: “O problema não está em saber se o povo será ou não formado pela liturgia, mas quais liturgias o formarão”. É neste ponto que os cristãos conservadores de hoje têm muito o que aprender de nossos antepassados na fé. Na opinião de Aniol, não devemos rejeitar a tradição litúrgica cristã por uma questão de parecer mais “compatíveis” hoje, ou algo que o valha — não se nós compreendemos que o culto é primordialmente formativo, e não expressivo. Ele ensina tanto aos seminaristas quanto à congregação de sua igreja local que é preciso ir fundo na tradição cristã para resgatar antigas formas litúrgicas.

O Pastor Ryan Martin dirige uma igreja rural fundamentalista em Minnesota, que não celebra uma liturgia cheia de sinos e incensos, no entanto, segue uma forma de culto mais tradicional. Isto, para eles, é uma ordem bíblica.

Martin diz:

Detestamos aquela espécie de culto que é um entretenimento. Cremos que Deus deve ser adorado de uma forma que comunique sua transcendência, bem como o ardor do evangelho. O culto de hoje em dia é cheio de manipulações. Deus não é modinha, muito menos uma divindade *hipster*. Se O atrelamos à nossa própria cultura popular, não fazemos jus a Ele e à sua condição de Deus de toda história e de todas as culturas.

Ben Haguewood costumava frequentar as principais igrejas evangélicas, onde admirava a seriedade com que a congregação encarava a Escritura, mas acabou criando antipatia por sua falta de reverência. “No intuito de serem mais atuais e de acolher aquelas pessoas que costumam ver na Igreja apenas julgamento e negatividade, eles ofereciam um culto que, para mim, mais parecia uma versão diluída da cultura *pop*”, afirma.



Atualmente, ele participa de uma congregação conservadora chamada Redeemer Presbyterian, da Igreja Presbiteriana da América (PCA), que fica em Austin, Texas, e que segue uma liturgia mais formal. Diz que a forma do culto é muito bonita, os ensinamentos são muito claros e “nunca há equívocos” quanto à missão primordial da Igreja: adorar a Deus em Palavra e Sacramento. “O que não poderia ser mais ‘irrelevante’ para a cultura moderna”, diz Haguewood — e é isso mesmo que ele adora.

Não cabe a este livro dizer a todos os cristãos como devem celebrar suas liturgias mantendo-se fiéis à sua tradição teológica. Dito isso, faria bem aos cristãos membros de igrejas menores repensar sua rejeição das liturgias tradicionais, como se elas fossem só “sinos e cheiros”. O aroma do incenso, o som dos sinos, o brilho das velas e o colorido vivo dos ícones — tudo isso deixa uma impressão poderosa e pré-racional na alma e nos prepara para a comunhão com o Senhor tanto em Palavra quanto em Sacramento.

Quando você entra numa Igreja Ortodoxa oriental, por exemplo, reconhece imediatamente que está num lugar sagrado. As velas acesas simbolizam a Luz de Cristo. Os ícones nos recordam da comunhão dos santos e da verdade teológica de que estamos cercados “de uma tal nuvem de testemunhas”, conforme escreveu Paulo aos hebreus (12, 1). O incenso representa a presença do Espírito Santo. Todas essas coisas simples e sensíveis trabalham juntas para integrar nossos corpos no culto cristão, para nos colocar em uma atitude contemplativa e preparar o terreno para recebermos a semente da Escritura e a Santa Comunhão. Não são uma parafernália decorativa que acompanha o culto (os ícones, por exemplo, não são meras pinturas), mas uma parte essencial do próprio culto.

Devemos ter a sensação de que unirmo-nos numa igreja em comunidade para prestar culto ao nosso Deus é algo separado da vida ordinária. Isto é o que confere poder às liturgias mais ricas. Certas igrejas cujo culto não é estruturado liturgicamente estão fazendo experimentos adotando em seus serviços algumas orações litúrgicas historicamente consagradas e outros elementos



retirados da tradição cristã, inclusive velas e incenso. Isso é animador.

Porém, é claro que os evangélicos membros de igrejas menores estão cobertos de razão quando dizem que só a liturgia não salvará ninguém. Somente a conversão do coração o fará. A liturgia é necessária para fazer com que o culto produza tudo aquilo que pode produzir, mas ela sozinha não é suficiente, assim como um concerto de Bach não tem nenhum efeito para um surdo. Se o fiel está de corpo presente, mas seu coração e sua mente estão em outro lugar, de que adianta? O intuito é integrar toda as partes do cristão devoto. Tanto fé quanto razão são necessárias para formar um cristão e fazer dele um discípulo.

Dito isso, não restam dúvidas de que a forma que o culto assume é uma arma poderosíssima, tanto contra a modernidade (ao construir uma muralha contra suas forças de desintegração) quanto para a própria modernidade (quando deixa as igrejas sem o devido resguardo).

### *Recuperar os hábitos cristãos tradicionais de ascetismo*

Hoje são poucos os cristãos leigos fora da Igreja Ortodoxa oriental (e dentro dela são mais escassos ainda) que praticam jejuns regulares ou outras formas concretas de ascetismo. Conforme vimos num capítulo anterior, *ascetismo* vem da palavra grega *askesis*, que significa “treinamento”. Trata-se de abrir mão de prazeres materiais, provisória ou permanentemente, em função de um fortalecimento espiritual.

Nas palavras dos teólogos Stanley Hauerwas e Will Willimon, o ascetismo é uma parte essencial da vida cristã que se dedica a “disciplinar nossos desejos e vontades em conformidade com uma história verdadeira, o que nos dá os meios para viver uma vida verdadeira”.<sup>11</sup>

Os monges beneditinos levam a sério o ensinamento do Novo Testamento de que o apego às riquezas e às coisas terrenas

11 Stanley Hauerwas e William H. Willimon, *Resident Aliens* [Estrangeiros residentes]. Nashville, TN: Abingdon Press, 2014, p. 78.



impede a jornada rumo à santidade. O Irmão Ignatius explica que os monges têm em altíssima conta a disciplina ascética. Ele a descreve como uma faxina espiritual — que, quando feita com humildade, pode ter um efeito evangelizador.

Diz o monge:

Você fica tão ocupado fazendo faxina na própria casa que não tem tempo de olhar para a casa do seu vizinho. Talvez meu vizinho, quando vir que estou levando a sério a limpeza da minha casa, siga meu exemplo e comece a limpar a dele também. Se eu convidá-lo para uma visita, pode ser que ele diga: “Bela casa. Como você a mantém tão limpa?”.

Numa sociedade que dá mais valor ao conforto e ao bem-estar do que a qualquer outra coisa, é possível que não exista uma prática formativa cristã mais necessária do que o jejum regular. Geralmente os ortodoxos orientais devotos fazem refeições modestas, evitando carne, laticínios, óleo e vinho nas quartas-feiras (em memória da traição de Cristo) e nas sextas-feiras (em memória sua crucificação). Nós jejuamos de modo parecido também durante algumas temporadas que precedem dias santos, como os quarenta dias antes da Páscoa, conhecidos como Quaresma.

Jejuar assim não é fácil, especialmente no começo. Geralmente os padres ortodoxos prescrevem jejuns leves aos principiantes na vida do espírito. O intuito não é abster-se de determinado alimento por razões legalistas, mas romper o poder que nossos desejos corporais têm sobre nós. “Estou pregado à cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”, escreveu o Apóstolo Paulo aos gálatas (2, 20). O jejum é um exercício espiritual cujo objetivo é submeter o corpo ao jugo leve e libertador de Jesus. Como coloca Wendell Berry, negar o desejo corporal pelo bem do crescimento espiritual é “não permitir que o corpo sirva àquilo que não merece ser servido”.<sup>12</sup>

12 Wendell Berry, *Sex, Economy, Freedom, and Community: Eight Essays* [Sexo, economia, liberdade e comunidade: oito ensaios]. Nova York: Pantheon, 1994, p. 108.



Isto é verdadeiro não só para o corpo individual de cada um, mas também para a Igreja, que é Corpo de Cristo. Na Igreja Ortodoxa oriental, durante a Grande Quaresma, a congregação inteira se dedica a ofícios longos, penitenciais e exigentes, que amiúde envolvem prostrações de corpo inteiro na igreja. Ainda que ninguém fique espionando o outro para ver se está jejuando com o mesmo afinco, se é que está jejuando, há uma forte sensação de que estamos todos juntos naquela árdua jornada de arrependimento. Desse modo, o fervor do jejum pode construir a comunidade.

Um plano de ascetismo cotidiano pode incluir a execução de orações regulares, o comprometimento com a leitura diária da Escritura, a reunião noturna com a família em torno da mesa de jantar, o compromisso de desligar a televisão ou o computador em determinados horários — e a luta para perseverar nisso. Com o tempo, esses exercícios serão feitos sem esforço. O objetivo não é apenas adquirir uma disciplina espiritual, mas também torná-la uma espécie de segunda natureza, de modo que não se precise mais pensar em adquiri-la novamente.

Um atleta jamais sonharia em ganhar uma maratona sem se preparar para ela treinando por horas a fio. Do mesmo modo, se não nos exercitarmos agora no intuito de abrir mão das pequenas coisas, não estaremos preparados para abrir mão das grandes coisas quando vierem as provações. Quase no fim da vida, São Paulo escreveu a Timóteo (4, 7): “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé”. Se queremos dizer a mesma coisa, temos de treinar todos os dias de nossas vidas.

### *Rigorosidade com as disciplinas da Igreja*

O que é válido para os corpos individuais dos cristãos é também válido para o Corpo de Cristo, isto é, a Igreja. Não somos apenas um grupo de indivíduos que se reúne uma vez por semana para compartilhar o mesmo espaço de culto. A Escritura deixa claro que somos parte de um sistema orgânico, cada um com seu papel a cumprir. Assim como disciplinamos nossos



corpos e os submetemos às verdades espirituais, devemos também disciplinar nosso corpo coletivo eclesial — e não só jejuando juntos e nos dedicando a orações penitenciais enquanto assembléia.

Enquanto os cristãos da Opção Beneditina constroem comunidades eclesiais mais saudáveis, deverão também ser mais rigorosos com as disciplinas da Igreja. Os *gays*, as lésbicas e seus aliados não estão errados quando indagam por que seus pecados são tão rapidamente condenados pelos cristãos conservadores enquanto estes fazem vista grossa para os divórcios desenfreados e os pecados sexuais presentes em suas próprias congregações. A igreja primitiva impunha disciplinas bastante rigorosas a suas comunidades. Eles acreditavam que o Caminho levava de fato a algum lugar, e que aqueles que se recusassem a percorrê-lo deveriam ser trazidos de volta a ele ou, se persistissem no pecado, afastados de suas próprias congregações.

O raciocínio por trás disso não se baseava nem na maldade, nem na hipocrisia, mas na responsabilidade pessoal. Ademais, enquanto comunidade de práticas coletivas e de formação, a Igreja não poderia fazer o que deveria se não conseguisse manter a boa ordem. Os monges beneditinos que se recusam a viver a Regra são forçados a deixar a comunidade, em nome de sua integridade.

Denny Burk, professor de seminário e pastor da Igreja Batista do Sul em Kentucky, diz que a falta de disciplina nas igrejas de sua denominação deixou as congregações completamente despreparadas para o rescaldo da Revolução Sexual. Quando as igrejas estão indisciplinadas, os membros seguem o mesmo caminho. Isso cria um clima propício para a imoralidade e as uniões instáveis. Acolhem-se membros que, de cristãos, só têm a fachada. O problema foi tão grave que os líderes da Igreja Batista do Sul tiveram de passar uma resolução em 2008 cobrando que suas igrejas renovassem “a prática de corrigir fraternalmente os membros mais rebeldes” e “recobrar e implementar os ensinamentos de Nosso Salvador sobre as disciplinas da Igreja”.



A congregação que hoje Burk ajuda a administrar requer que seus membros assinem um acordo que define as obrigações atreladas à sua filiação. “Todos que entram para a igreja sabem no que estão se metendo: ser não só um seguidor de Cristo, mas um seguidor de Cristo dentro da igreja”, disse-me. “O fracasso no cumprimento dessas coisas fará com que a igreja o convoque ao arrependimento. Todo membro que se recusar a abandonar o pecado e a seguir a Cristo será enfim excomungado”.

Isto aconteceu com um casal da igreja de Burk que estava se divorciando depois de mais de quatro décadas de casamento. Eles recusaram os conselhos dos pastores, que tentaram reconstruir sua união. Recusaram até mesmo a ajuda de outros amigos e membros da igreja. Depois de meses de mediação com a intenção de curar o casamento, os pastores atingiram um impasse com o casal. Os dois simplesmente não cooperariam mais. Por fim, a congregação se reuniu e votou pela excomunhão de ambos.

Burk diz:

Uma coisa é formar uma maioria moral e pressionar politicamente pela moralidade pública, mas ninguém se importa realmente se as igrejas, por si mesmas, não têm integridade. Se não tiverem, não haverá nenhuma diferença entre a Igreja e o mundo.

### *Evangelizar com bondade e beleza*

Felizmente, quando as igrejas estão ordenadas adequadamente para Cristo através da liturgia, com suas vidas sustentadas pelo ascetismo e pela disciplina, o resultado é uma beleza altamente contrastante com o mundo. Conforme os tempos tornarem-se mais sombrios, a Igreja brilhará mais e mais, atraindo as pessoas para a sua luz. Enquanto isso ocorre, nós cristãos não devemos ter medo de considerar a beleza e a bondade nossas armas evangelizadoras mais eficientes.

“A arte e os santos são a maior apologia de nossa fé”, disse o Cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI. Por quê?



Porque entrar em contato com exemplos de grande beleza e extraordinária bondade é algo que ultrapassa nossas faculdades racionais e atinge diretamente o coração. Respondemos imediatamente à beleza e à bondade e desejamos aquilo que ambas revelam. Como nota o filósofo Matthew Crawford: “Somente as coisas belas nos conduzem para fora e nos unem ao mundo que está para além de nós mesmos”.<sup>13</sup>

Crawford está 50% certo. O testemunho de atos de bondade também pode mudar a sua vida. Ter visto o modo como as pessoas da minha cidade, um vilarejo no sul da Louisiana, amaram e cuidaram de minha falecida irmã durante o tempo em que lutou contra o câncer foi algo que me fez tomar uma decisão que havia jurado jamais tomar: voltar para lá depois de três décadas afastado.

A arte e os santos — instâncias materiais da beleza e da bondade — preparam o caminho para a verdade que está nas proposições, uma vez que apelam aos nossos desejos internos. Nem todo ato que trespassa nosso coração e desperta nosso desejo é verdadeiramente belo e bom. A razão nos ajuda a ordenar esses desejos corretamente.

Dito de modo mais claro, os descrentes que hoje não conseguem tirar um sentido das palavras do evangelho podem ainda ter um encontro mudo e arrebatador com ele através da arte cristã, ou de obras do amor cristão que os conduzam para fora de si mesmos e os ponham em confronto com a realidade do Cristo.

Os primeiros cristãos conquistaram conversões não porque seus argumentos eram melhores do que os dos pagãos, mas porque as pessoas viam neles e em suas comunidades algo bom e belo — e queriam-no. Foi isso que os levou à Verdade.

Disse Robert Louis Wilken, historiador da igreja primitiva:

13 Matthew Crawford, *The World Beyond Your Head: On Becoming an Individual in an Age of Distraction* [O mundo para além de nós mesmos: tornando-se um indivíduo numa era de distrações]. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2015, p. 257.



Tanto antes quanto agora, a apologética tem um papel limitado. Devemos dizer a verdade, mas no fim o apelo deve ser feito ao coração, não à mente. Estamos, na verdade, conduzindo as pessoas a mudar seus amores. A amar algo diferente. O amor é o que move e une as pessoas.<sup>14</sup>

Já me surpreendi com o ínfimo número de pessoas que conheci ao longo dos anos que haviam se convertido apenas por conta da apologética, falada ou escrita. Acontece, é claro, mas muito raramente. Quanto ao meu próprio caso, minha conversão ao catolicismo quando já era adulto foi principalmente intelectual, mas a longa estrada já havia começado quando eu tinha dezessete anos, quando vivi minha queda do cavalo a caminho de Damasco ao avistar, pela primeira vez, a Catedral de Chartres. Nada na minha experiência prévia havia me preparado para a beleza daquela catedral francesa. Entrei adolescente esnobe e agnóstico, saí morrendo de vontade de fazer parte da tradição religiosa que havia sido capaz de construir um templo tão magnífico para Deus.

Sete anos depois, anos carregados e tortuosos, minha cabeça estava feita, graças ao tanto de leitura que havia concluído, mas tinha medo de dar o primeiro passo concreto. O que me fez agir no sentido de tudo o que vinha lendo foi minha amizade improvável com um padre católico muito velho que passava seus últimos dias de vida assistido por máquinas. Monsenhor Carlos Sanchez nunca tentou me evangelizar. Ele apenas me tratou como amigo e me contou histórias suas, inclusive a da dramática conversão já no meio da vida. A paz de que gozava aquele padre luminoso e gentil era algo muito belo. Queria tê-la — e logo a alcancei.

14 Robert Louis Wilken, "Evangelism in the Early Church: Christian History Interview — Roman Redux" [O apostolado na Igreja Primitiva: entrevista sobre a história cristã — o retorno de Roma], em *Christian History*, n. 57, 1998 (disponível em: [www.christianitytoday.com](http://www.christianitytoday.com)).



Portanto, fui inicialmente conduzido para fora de mim mesmo e em direção ao cristianismo através do tipo de amor chamado *eros*. Meu desejo de conhecer Jesus mais intimamente fora acendido e intensificado pela minha súbita paixão pelo estabelecimento de um relacionamento com o Deus que revelou a Si mesmo na beleza daquela catedral, e com o Cristo que revelou a si mesmo na amizade de um padre imigrante da Guatemala, de noventa e nove anos.

A lição a se tirar disso tudo é que, numa era na qual a razão lógica é questionada e até repudiada, e o desejo do coração é glorificado pela cultura popular, o meio mais efetivo de evangelização é levar as pessoas a experimentar a beleza e a bondade. A partir deste ponto inicial podemos ajudá-las a captar a verdade de que toda beleza e toda bondade emanam diretamente do Deus eterno, que nos ama e quer manter um relacionamento conosco. Para os cristãos, isso pode significar que é preciso dar testemunhos para os outros através da música, do teatro ou de qualquer outra forma de arte. Mas significa principalmente que é preciso demonstrar amor pelos outros através da construção e conservação de amizades genuínas e através do exemplo de serviço aos pobres, aos fracos e aos famintos. Como faz questão de nos lembrar o Irmão Ignatius de Nórcia, “tudo é evangelizador”.

### *Aceitar o exílio e a possibilidade de martírio*

Assim como a beleza e a caridade são testemunhas do evangelho, também o martírio é tradicionalmente considerado a semente da Igreja. Nos primórdios do cristianismo, a disposição para sofrer e até para dar a vida por Cristo era considerada o testemunho mais poderoso da verdade do Cristo. As igrejas de hoje não estarão armadas o suficiente se não mantivermos isso em mente e se não vivermos preparados para sofrer gravemente, ou até para morrer, por nossa fé.

Raramente os cristãos americanos pensam nos mártires da história da Igreja, aqueles que deram a vida em testemunho da fé. A história dos homens e mulheres heroicamente corajosos que sofreram tormentos físicos e morreram para não trair o



Cristo não se encaixa muito bem na atmosfera jovial de muitas das igrejas americanas. Mas eles são parte do nosso povo também e nos dão lições importantes — lições que precisamos desesperadamente ouvir.

Eles encarnaram a fé heróica e um amor tão profundo pelo Cristo que se dispuseram a entregar a própria vida. Em seu número incluem-se os quarenta e oito fiéis publicamente torturados e massacrados em Lyon, cidade da Gália, no ano de 177, e também São Policarpo, ordenado bispo pelo próprio Apóstolo João e queimado na estaca aos oitenta e seis anos por ter se recusado a acender um incenso a César.

Mais próximos do nosso tempo estão cristãos como o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, que voltou para a Alemanha para fazer oposição a Hitler e foi enforcado pelos nazistas. Em 1996, na Argélia, sete monges trapistas foram seqüestrados e assassinados por rebeldes islâmicos. Eles haviam se recusado a deixar o país e abandonar o serviço que prestavam aos moradores da vila em que viviam, muitos dos quais muçulmanos.

Na tradição cristã, aquele fiel que sofreu enormemente pela fé mas não chegou a morrer é chamado de confessor. O padre ortodoxo Gheorghe Calciu e o pastor luterano Richard Wurmbrand sobreviveram a torturas indescritíveis durante o regime comunista na Romênia. Seus testemunhos, depois que foram soltos da prisão e voltaram do exílio, atestam não só a coragem que tiveram para dizer a verdade apesar do medo de serem pegos e a força que os fez resistir à prisão, como também, e talvez mais veementemente ainda, a capacidade que tiveram de amar aqueles que os torturaram.

Uma vez livre, Wurmbrand escreveu que há dois tipos de cristãos: “aqueles que crêem em Deus sinceramente e aqueles que, com a mesma sinceridade, crêem que crêem em Deus. É possível distingui-los por suas ações em momentos decisivos”.<sup>15</sup>

15 Richard Wurmbrand, *In God's Underground* [No submundo de Deus]. Bartlesville, OK: Living Sacrifice Book Company, 2004, loc. 661 da edição Kindle.



Devemos parar de tentar responder ao mundo em seus próprios termos e nos concentrar no fortalecimento da fidelidade em uma comunidade distinta. Em vez de estarmos sempre à procura, devemos estar sempre prontos para o encontro, prontos para oferecer um modelo de vida novo e distinto àqueles que vêm até nós. Este deve ser um estilo de vida moldado pela história e pelas práticas bíblicas que nos mantenham firmemente concentrados na veracidade de tal história, em meio a um mundo que quer obscurecê-la e nos fazer esquecê-la. Deve ser um estilo de vida marcado pela estabilidade e pela ordem, alcançado através de um trabalho constante, tanto individual quanto em comunidade, de oração, ascetismo e serviço ao próximo — exatamente o que a modernidade líquida não pode oferecer.

Uma Igreja que fale, soe e ande como o mundo não tem razão nenhuma de existir. Uma Igreja que não dê ênfase ao ascetismo e ao discipulado é tão inútil quanto a equipe técnica de um time de futebol que não dá a mínima se os jogadores estão ou não aparecendo para treinar. E, por mais que a liturgia por si só não baste para a salvação, uma Igreja cujo culto não envolva o corpo inteiro terá cada vez mais dificuldades para reunir uma assembléia que esteja ao menos de corpo presente nos domingos de manhã, e é por isso que a América caminha mais e mais rumo a uma era pós-cristã.

As igrejas da Opção Beneditina encontrarão maneiras de agir em suas próprias tradições, dentro e fora da liturgia, no sentido de aprofundar seu comprometimento com o Cristo através da construção de uma cultura cristã consistente. E os fiéis da Opção Beneditina romperão as barreiras abstratas que mantêm Deus cuidadosamente confinado num compartimento do tamanho de uma igreja. Isso porque uma igreja que só seja igreja aos domingos ou quando houver encontros formais da congregação está não só deixando de ser a Igreja que Cristo nos chama a ser, mas também não será capaz de ter a força e o foco necessários para suportar as provações que estão por vir.





## CAPÍTULO 6

# *A idéia de uma aldeia cristã*

DURANTE O GOVERNO DE BILL CLINTON, a Primeira-dama Hillary Clinton mexeu no vespeiro conservador ao promover um ditado apócrifo africano: “É preciso uma aldeia para criar uma criança”. Conservadores como eu entenderam que isso não passava de uma tentativa de justificação da parte do Estado-babá da Sra. Clinton por estar metendo o bedelho no que é um assunto de família.

Poucos anos depois, já casado e esperando meu primeiro filho, estava me correspondendo com o radialista conservador Michael Medved e recebi dele um *e-mail* de que nunca mais me esqueci. Havia lhe dito que minha mulher e eu planejávamos fazer *homeschooling* com nossas crianças. “Pois muito bem”, respondeu ele, “mas você tem de entender que o *homeschooling* resolve apenas parte do problema”.

“Você deve estar seguro de que vive em uma comunidade que compartilha sua fé e seus valores”, alertou. “Quando seu filho sair de casa para brincar com as crianças da vizinhança, você deve confiar que os valores que ensina em casa não serão sabotados pelas companhias dele”.

Isto me fez entender por um novo ângulo aquele provérbio africano citado por Hillary Clinton. Meu primeiro filho, Matthew, tem hoje dezessete anos, e já tem um irmão e uma irmã mais novos. Tudo que aprendi com a experiência concreta da paternidade confirma o conselho de Medved. Realmente é



preciso uma aldeia — isto é, uma comunidade — para criar uma criança.

Isto é uma surpresa para o leitor? Não deveria ser. Deus nos criou para sermos sociáveis. Jesus disse que a Lei e os Profetas se resumem em amar o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso espírito, e amar o próximo como a nós mesmos. O amor requer que se ame o próximo e que se deixe o próximo amar de volta. A não ser que você tenha recebido a rara vocação de ser um eremita, a obediência a Deus e a fidelidade à natureza que Ele nos deu requerem uma vida em comunidade.

O destino da religião na América está intrinsecamente unido ao destino da família, e o destino da família está unido ao destino da comunidade. Mary Eberstadt, crítica cultural, em seu livro *How The West Really Lost God* [Como o Ocidente perdeu Deus de verdade], de 2015, argumenta que a religião é como um idioma: só se pode aprender em comunidade, a começar pela comunidade que é a família. Quando tanto a família quanto a comunidade falham ou fragmentam-se, a transmissão da religião para as gerações seguintes torna-se mais e mais difícil. Basta que uma geração fracasse ao passar adiante uma tradição para que essa tradição desapareça da vida daquela família e, por sua vez, da vida da comunidade. Eberstadt é apenas uma de um longo segmento de pensadores religiosos que reconhecem que, quando ruem as personificações concretas do relacionamento do homem com Deus, torna-se muito difícil manter-se fiel a Ele nas questões mais abstratas.<sup>1</sup>

1 O sociólogo Robert Nisbet observou o seguinte nas obras do filósofo judeu Martin Buber, nas do filósofo católico Jacques Maritain, nas dos teólogos protestantes Emil Brunner e Reinhold Niebuhr e nas do teólogo e padre anglicano Vigo Auguste Demant: “Quando as relações entre Deus e o homem são subjetivas, interiores (como para Lutero) ou se dão através de atos intemporais e da lógica (como para Calvino), a dependência completa para com Deus não é mediada pelos fatos concretos da vida histórica”, escreve o Cônego Demant. E, quando não é assim mediada, a relação com Deus torna-se tênue, amorfa e insuportável”. Robert Nisbet, *The Quest for Community* [A busca pela comunidade]. Wilmington, DE: ISI Books, 2010, p. 11.



Há décadas os cristãos conservadores se comportam como se as principais ameaças à integridade das famílias e comunidades pudessem ser confrontadas de modo eficaz através da política. Tal ilusão está hoje destruída. Se alguma renovação autêntica há de ocorrer, ela deverá vir das famílias e das comunidades eclesiais locais. Aliás, enquanto crescem as ameaças aos cristãos tradicionais por parte de um governo hostil, deveríamos levar a sério o controverso argumento “tocquevilleano” feito pelo sociólogo Robert Nisbet, que disse que a liberdade religiosa depende da existência de comunidades religiosas robustas. Ele diz que os déspotas “jamais se preocuparam com as religiões que permanecem silenciosamente confinadas às idéias de cada um. O que sempre agitou a retaliação dos governantes engajados na tirania política foi a religião comunitária, ou ainda a pluralidade de comunidades religiosas”.<sup>2</sup>

Para reforçarmos nossas famílias e comunidades e estreitarmos os laços entre nós mesmos e com as nossas igrejas é necessário que nos livremos de nossa passividade. Não estaríamos sendo realistas se esperássemos viver tão intensamente em nossas comunidades quanto os monges vivem sob a Regra, mas na Opção Beneditina não podemos viver uma política de *laissez-faire* com relação aos laços que nos unem. Dada a existência de tantas forças que tentam separar as famílias e comunidades na cultura contemporânea, não podemos achar que vai dar tudo certo se dançarmos conforme a música.

Os cristãos da Opção Beneditina têm muito o que aprender com os nossos irmãos mais velhos na fé, os judeus ortodoxos, que suportaram ao longo de milênios tentativas horríveis de destruir suas famílias e comunidades.

Mark Gottlieb, rabino ortodoxo, diz que os cristãos que vivem separados da cultura de massa precisam “arregaçar as mangas e dedicar-se até que suem sangue na tarefa de criar estruturas profundas de comunidade”. Se queremos sobreviver, devemos desenvolver “uma dedicação e um foco de mira a *laser*

2 *Ibid.*, p. 223.



que faça com que vejam a si mesmos como o próximo elo da história cristã”.

“Atinge-me em cheio esse sentido de urgência, que faz a família vir antes de tudo na sua vida, de modo que o considero um ponto inicial e um requisito fundamental para os cristãos fiéis”, diz Gottlieb. “É preciso que haja um comprometimento consistentemente deliberado com o crescimento da própria família e com o desenvolvimento de um serviço robusto e fiel a ela”.

É imensa a força da cultura secular para quebrar as correntes que nos ancoram firmemente na histórica bíblica. Mas não somos impotentes diante de tal ameaça.

### *Transforme sua casa em um mosteiro doméstico*

Assim como a vida num mosteiro é ordenada para Deus, a casa da família também o deve ser. Toda família cristã gosta de pensar que põe Deus acima de tudo, mas nem sempre é assim. (Declaro-me culpado também.) Se é para sermos os abades e abadessas de nosso mosteiro doméstico, devemos garantir que a vida da família se estruture de tal modo que a missão de conhecer e servir a Deus fique mais clara para todos os membros.

Isto significa, por exemplo, manter horários regulares de oração em família. Significa também estabelecer momentos regulares de leitura da Escritura e de histórias da vida dos santos — os heróis e heroínas cristãos das eras passadas. “As crianças cristãs precisam de heróis cristãos”, diz Marco Sermarini, líder católico leigo de uma comunidade na Itália. “Eles precisam saber que seguir o Cristo radicalmente não é um sonho impossível”.

Viver num mosteiro doméstico também significa pôr a vida da Igreja em primeiro lugar, ainda que você tenha de tirar seu filho de um time cujas competições aconteçam durante o tempo de serviço na Igreja. Até mais importante do que isso é seus filhos verem que você e seu cônjuge estão abrindo mão de comparecer a eventos caso eles estejam programados para acontecer num horário conflitante com o da Igreja. É preciso que eles percebam que vocês estão levando a vida espiritual a sério.



A escritora católica Rachel Balducci mora com seu marido Paul e cinco filhos (um sexto está na faculdade) na mesma comunidade cristã em que ela e Paul foram criados. Ela se lembra da impressão deixada nela pela fé de seu pai. “Cresci vendo meu pai fazer a coisa certa, até quando ninguém estava olhando. Eu sei a enorme diferença que fez na minha vida tê-lo visto acordado desde muito cedo para passar um bom tempo em oração”.

O mosteiro é um lugar ordenado hierarquicamente, mas todos os membros são valorizados e unidos por um laço de amor. São Bento ensina que o abade deve consultar até mesmo o mais novo dos irmãos da fraternidade, porque pode ser que este tenha uma sabedoria que foge das demais. Na minha família, temos o hábito de pedir perdão quando pecamos um contra o outro. É difícil para mim enquanto pai humilhar-me diante de meus filhos quando erro com eles, mas é necessário para a minha própria humildade, e é importante que os filhos vejam seus pais também ordenando sua vida a Cristo. Uma cultura de obediência é a marca de um mosteiro saudável e de uma família feliz, mas os membros de ambas as comunidades devem ver que aqueles que têm autoridade sobre eles também se submetem a autoridades mais altas.

A hospitalidade é um princípio central da vida beneditina, mas não o apreendi dos monges. Apreendi com meus velhos. Minha mãe e meu pai tinham a merecida reputação de acolher os outros em volta de suas mesas e lareiras. Os sulistas, é claro, têm a reputação de serem mais hospitaleiros, mas era particularmente conhecida a porta sempre aberta de meus pais. É uma das lições de infância pelas quais sou mais agradecido, e que eu e minha mulher Julie tentamos colocar em prática na vida da nossa família. Esperamos que nossos filhos se lembrem das risadas e conversas ao redor da mesa e da lareira com os viajantes e demais visitantes e as associem àquilo que faz de uma família verdadeiramente cristã, distribuindo nossas bênçãos aos outros e recebendo em troca a bênção de sua companhia.

Um mosteiro mantém para fora de seus muros tudo aquilo que for inimigo de seu principal objetivo, que é formar seus



membros em Cristo. Para as famílias, isso significa limitar rigorosamente as mídias, especialmente a televisiva e a *internet*, tanto para manter banidos conteúdos impróprios quanto para impedir a dependência de mídias eletrônicas. É importante também que os pais façam o mesmo para si. É claro que os adultos não têm de assistir somente àquele conteúdo que está no nível infantil, mas também não deveriam sentir-se livres para ver qualquer coisa. A exposição excessiva a materiais comprometedores imbecilizará os instintos morais do indivíduo com o passar do tempo. Lembre-se: a vida numa comunidade monástica é para a formação do abade também.

### *Não tenha medo de ser do contra*

Crie seus filhos de modo que eles saibam que sua família é diferente — e não invente desculpas para isso. Não se trata de esnobar, mas de imbuir as crianças da convicção de que há certas coisas que os membros da sua família simplesmente não fazem — e não há nada de errado nisso.

“Meu filho tem alergia a amendoim, então, desde sua primeira infância, tivemos de ensiná-lo a ficar longe de determinados alimentos”, diz Denny Burk, pastor da Igreja Batista do Sul e professor do seminário de Kentucky. “Ele só tem cinco anos, mas já entende e não reclama. Tem uma ótima atitude”.

Burk continua:

Mas desde seus primeiros dias nós viemos conversando com ele a respeito do assunto. Nos jantares semanais da igreja ele não encosta na mesa sem antes checar conosco. Nós, cristãos, devemos criar exatamente assim nossas crianças também nas questões morais. Elas têm de saber que não há problema nenhum em ser do contra. Se esse alerta começar cedo, será mais fácil durante a adolescência.

É durante a fase da adolescência que as crianças ficam extremamente atentas quanto ao medo de que os pais as façam parecer deslocadas ou estranhas aos olhos dos pais de seus amigos.



Se papai e mamãe não forem firmes nesta hora e não estiverem dispostos a ser vistos como excêntricos por seus próprios amigos por conta da rigorosidade com que vivem, seus filhos não terão a menor chance.

*Não pense que conhece perfeitamente  
bem os amigos dos seus filhos*

É importante que seus filhos tenham um bom grupo de amigos. Digo “bom” no sentido de que aqueles que o compõem, ou pelo menos a maioria deles, tenham as mesmas convicções morais. Ainda que a influência dos pais seja determinante, é comprovado que nada molda tanto o caráter de um jovem quanto seus colegas. A cultura do grupo a que seu filho pertence quando está em fase de crescimento será a cultura que ele tomará mais tarde como sua.

Um pai responsável não pode terceirizar a formação moral e espiritual de seus filhos a igrejas ou organizações similares. Entrevistei uma grande variedade de cristãos para compor este livro, e nessa experiência escutei freqüentemente muitas reclamações a respeito dos grupos de jovens ligados às paróquias e do fato de eles servirem muito mais para entreter os membros do que para discipliná-los. Uma jovem mais velha, evangélica, contou-me que abandonou o grupo de jovens de sua igreja local, que é parte de um grupo nacional para-evangélico, porque estava cansada de ver seus colegas fumarem, beberem e transarem. “Sinceramente, eu preferia sair com colegas que não confessavam nenhuma fé”, disse-me. “Eles me aceitam mesmo sabendo que sou crente. Pelo menos ao lado deles eu sei o que é ser cristã de verdade”.

A pressão dos pares começa realmente a acontecer durante a infância. Judith Rich Harris, pesquisadora na área de Psicologia, escreve em seu já clássico *The Nurture Assumption* [A hipótese da criação familiar] que, naquela idade, a criança molda seu próprio comportamento a partir de seu grupo de pares. Ela afirma: “O novo comportamento torna-se um hábito —



ou internaliza-se, dizendo de outro modo — e, finalmente, torna-se parte da personalidade pública. A personalidade pública é aquela que a criança adota quando não está em casa. É a que se desenvolverá na personalidade adulta”.<sup>3</sup>

Harris aponta o exemplo dos imigrantes e seus filhos. Estudos e mais estudos demonstram que, independentemente da cultura de origem, os primeiros descendentes da geração que imigrou quase sempre incorporarão os valores da cultura geral em que viverem. “Basta uma geração para que a cultura antepassada se perca”, escreve a autora. “As culturas não são transmitidas dos pais para os filhos; os filhos de imigrantes adotam a cultura de seus pares”.<sup>4</sup>

Por outro lado, Harris diz que, na maioria dos casos, não é tarde demais para crianças que foram expostas a más influências. Outras pesquisas comprovam que os danos na moral de uma criança podem freqüentemente ser reparados se ela é afastada do grupo. Além do mais, os pais responsáveis que administram um lar disciplinado e que inserem seus filhos em grupos de boas companhias podem com isso dar uma boa base para eles, por mais desleixados que tenham sido os pequenos até então.

A má notícia a respeito da fragilidade da cultura é também uma boa notícia, segundo Harris: “As culturas podem ser alteradas ou reformadas do zero em apenas uma geração”.<sup>5</sup>

### *Não idolatre a família*

Fui criado em uma família boa, governada por um patriarca firme e amoroso, um homem tradicional do sul, de caráter, que valorizava sua família e sua terra acima de tudo. Foi com ele que aprendi o amor pelas boas coisas que são a família e a terra. O que não percebi senão tarde na vida foi que ele viveu como

3 Judith Rich Harris, *The Nurture Assumption: Why Children Turn Out the Way They Do* [A hipótese da criação familiar: por que as crianças crescem do jeito que crescem]. Nova York: Free Press, 2009, p. 165.

4 *Ibid.*, pp. 179-185.

5 *Ibid.*, p. 189.



se a família e a terra fossem mais importantes do que Deus e a liberdade de seus filhos. Isso me fez sofrer e trouxe-me aflições mais tarde, mas no fim levou-me a intensificar ainda mais a minha fé e a uma reconciliação muito profunda com meu pai antes de sua morte.

Uma das coisas que aprendi nesse processo de cura foi que nunca se deve esperar mais da própria família do que ela jamais poderá dar. Mesmo no melhor dos casos, toda família terá suas falhas. Uma família sadia é aquela que é humilde e misericordiosa — coisa que para muitos é surpreendentemente difícil de alcançar. Idealmente, a família deveria ser uma imagem de fé através da qual o amor de Deus brilhasse e iluminasse todos os familiares. Quando alguns desses familiares consideram a família um fim em si mesmo, em vez de considerá-la um meio de unir-se a Deus, a família corre o risco de tornar-se uma tirania.

Às vezes acontece de certos pais pensarem que com sua disciplina austera estão servindo a Deus, mas na verdade estão afastando seus filhos d'Ele. Conversei com uma estudante de colegial a quem chamarei de Ellen, uma jovem ateísta aflita que foi criada numa família cujos pais eram religiosos fanáticos. Ela contou o seguinte:

Meus pais são gente muito paranóica. São cheios de teorias da conspiração. Eles têm medo de expor seus filhos ao mundo exterior, porque estaríamos sendo corrompidos, já que para eles o mundo é esse lugar imundo, obscuro. Toda essa proteção é extremamente prejudicial; separar-se assim do mundo inteiro cria o ambiente perfeito para que se desenvolvesse uma seita.

Ellen conta que seus dois irmãos mais velhos também são ateus, e imagina que os dois irmãos mais novos também sigam o mesmo caminho, porque seus pais os criaram com a mesma pressão e a mesma aflição. “Desejo-lhe boa sorte com a sua Opção Benedintina”, ela me disse. “Mas, por favor, diga aos pais que, se quiserem manter seus filhos no cristianismo, não



façam o que os meus fizeram. Eles nos sufocaram e nos transformaram em rebeldes”.

*More perto de outros membros da sua comunidade*

A geografia é um dos ingredientes secretos para a força e a resiliência das comunidades de judeus ortodoxos. Por conta de sua fé, eles têm de andar até a sinagoga aos sábados, dia de sabá, e por isso vivem a uma distância que pode ser percorrida a pé até lá. Isso também é conveniente para sua vida de oração em comunidade.

“Todo o meu dia é estruturado em torno das orações”, contou-me o Rabino Mark Gottlieb:

Orações da manhã: acordar e ir para a sinagoga. Orações da tarde: descer a rua do meu local de trabalho, no meio de Manhattan. Orações da noite: lá em casa, de volta à minha vizinhança em Nova Jersey. O ritual de orações estrutura todo o dia e todo o mês. Não basta ir à sinagoga aos sábados. É comum você notar que os judeus que conseguem ir à sinagoga duas ou três vezes por dia, além do sábado, são os que conseguem manter uma distância saudável dos elementos mais nefastos da cultura moderna. Não é apenas uma questão de comprometimento teológico, mas de prática; trata-se de se considerar parte de uma comunidade judaica mais ampla que tem um relacionamento com Deus. Isto não é coisa apenas para rabinos e eruditos, mas para todo judeu medianamente observante.

Os cristãos não têm essa exigência geográfica que cabe aos judeus ortodoxos, mas muitos dos que escolheram viver em proximidade viram que isso é uma bênção. Shelley e Jerry Finkler, o casal do Alaska recém-chegado à Igreja Ortodoxa oriental, descobriram que o fato de viverem a vinte minutos da catedral de Eagle River inibia sua participação na vida da igreja. Muitas famílias que participavam das atividades da catedral moravam a uma distância que podia se percorrer a pé, em terras compradas por membros da igreja há décadas, quando os preços eram acessíveis.



A família Finkler de início pensava que seria muito estranho morar em uma vizinhança com toda a sua família paroquial. Certos acontecimentos fizeram com que eles tivessem de morar temporariamente na vizinhança da paróquia, e então descobriram a diferença que isso fazia na vida da família. Mais tarde, quando voltaram à sua casa no subúrbio, os Finkler sentiram falta do que viveram em Eagle River. Lá nos subúrbios, todos se conheciam e eram da mesma classe, mas não era a mesma coisa.

“Não havia aquele sentimento de bem comum que você tem quando vive junto de pessoas que compartilham sua fé”, contou-me Shelley. “Isso faz toda a diferença na hora de um ajudar o outro”.

Os Finkler logo venderam sua casa e compraram outra muito mais próxima à igreja.

Quando a nossa paróquia teve de fechar, eu e minha mulher fizemos um balanço do quanto nós e nossos filhos tínhamos crescido na fé e no apostolado durante aqueles quatro anos de oração comunitária e litúrgica com a nossa congregação. Decidimos que não era possível ficar sem uma paróquia ortodoxa por perto, aonde pudéssemos ir a qualquer hora. Este é um dos motivos pelos quais arrumamos nossas coisas e nos mudamos para Baton Rouge, a quarenta e cinco minutos de distância. Sabíamos que não seria possível praticar direito a nossa fé, e em comunidade, enquanto vivêssemos tão longe da igreja.

Estar perto por quê? Porque, como disse acima, a igreja não pode ser apenas aquele lugar onde você vai aos domingos — deve, ao contrário, ser o centro da sua vida. Isto é, você pode visitar sua casa de culto apenas uma vez por semana, mas o que acontece no culto, e a comunidade e a cultura que são criadas em torno disso, devem ser aquilo em torno do que você ordena todo o resto da sua semana. Os beneditinos estruturam toda a sua vida — seu trabalho, seu descanso, suas leituras, suas refeições — em torno da oração. Não se espera que os cristãos do mundo todo vivam com a mesma concentração e intensidade com que vivem os monges enclausurados, mas deveríamos lu-



tar para ser como eles quando se trata de desfazer ao máximo possível a falsa separação entre vida e Igreja.

Recordo aqui que o Irmão Martin de Nórdia acredita que, uma vez que se vive uma vida cristã em comunidade, é difícil ser totalmente cristão, ou mesmo totalmente humano, sem isso. Os Santos dos Últimos Dias (SUD, ou mórmons) podem não ser cristãos tradicionais, mas são excepcionalmente bons em criar o tipo de comunidade que os monges sugerem ser uma parte essencial da vida cristã.

Terryl L. Givens, professor de literatura e religião na Universidade de Richmond e especialista a respeito da fé dos mórmons, diz que isso se dá porque a teologia e a eclesiologia mórmon forjam laços extraordinariamente fortes entre as igrejas locais (ou entre as “alas”, como são chamadas). Para eles não existe essa história de pular de ala em ala. A cada um é dada a pertença a uma ala específica com base na região em que mora, e não há direito a recurso. Isso os faz trabalhar juntos para criar uma comunidade de fiéis unificada, em vez de sair por aí atrás de uma que já exista. Givens chama isso de “fazer Sião em vez de buscá-la” — uma referência à crença mórmon de que seus membros devem lançar as bases para Sião, a comunidade que Jesus Cristo estabelecerá quando voltar.

Os cristãos americanos têm o mau costume de encarar a igreja como uma experiência de consumo. Se uma congregação não atende nossos desejos, rapidamente achamos outra que imaginamos que vá atender. Sou tão culpado disto quanto qualquer outro. Mas uma testemunha dos benefícios, tanto espirituais quanto de outros tipos, de se enraizar numa comunidade engajada, é Rachel Balducci.

Ela mora com seu marido Paul e seus filhos na Comunidade Aleluia, uma comunidade de protestantes e leigos católicos carismáticos fundada em 1973. Os pais de Paul e Rachel estavam entre os primeiros que se assentaram naquela vizinhança agitada em Augusta, na Geórgia, onde os membros da nova comunidade puderam comprar imóveis. Eles se ajudaram nos reparos de suas moradas e logo começaram a vida em comum.



Hoje a Comunidade Aleluia tem cerca de oitocentos membros, muitos dos quais continuam morando em Faith Village, que foi o nome que deram ao assentamento original. Os Balducci, quando se casaram e decidiram começar a família, perceberam que o que lhes tinha sido dado quando crianças era algo digno de ser passado à família que esperavam começar um dia.

Rachel alerta que se você mesmo não se engaja na oração e no cultivo de uma relação pessoal com Jesus, a comunidade não o fará santo. Fazendo eco à observação do Padre Martin, ela diz que o dom da comunidade é construir uma estrutura social que ajude os cristãos a ouvirem e responderem à voz de Deus, além de apoiarem uns aos outros, sobretudo quando alguém se desvia do caminho. Viver assim tão próximo dos outros pode ser um desafio para a paciência individual, mas tem sido bom para Rachel e sua família.

“Se eu fosse uma monja do deserto, só eu e Deus, seria mais fácil ser santa”, diz ela. “Viver assim é bom para a humildade. É como viver dentro de um polidor de pedras; é algo que vai aplainando suas arestas mais pontudas e deixando você mais polido”.

Chris Currie reverbera o ensinamento do Padre Martin de que Deus vai nos tornando melhores discípulos através da vida em comunidade. Currie, um católico que vive em Hyattsville, Maryland, acredita que as estruturas atomizadoras da vida nos subúrbios americanos dificultam a tarefa de ser um cristão verdadeiro. “Muitas das escolhas que fazemos a respeito de como devemos viver têm conseqüências espirituais tremendas”, diz ele. “O modo de vida que a América pós-guerra decidiu assumir acelerou o processo de desintegração e alienação que todos experimentamos hoje. Alguns autores seculares já escreveram sobre isso, mas os cristãos precisam entendê-lo também”.

Ele acrescenta: “Não somos chamados para ser materialistas isolados que não se relacionam com os vizinhos e acumulam pertences num castelo”.



Em 1997, quando Currie e sua mulher eram recém-casados, eles se mudaram para o centro histórico de Washington. Era mais barato comprar imóveis no coração da cidade, que havia sido fundada no fim do séc. XIX, mas que no fim da década de noventa já estava em declínio. Os Currie compraram uma casa de estilo vitoriano que precisava de uma boa reforma, e Chris se envolveu com os esforços cívicos locais para revitalizar a comunidade seguindo os padrões do Novo Urbanismo.

Não demorou e Hyattsville começou a viver seu renascimento, e os cristãos eram em boa parte responsáveis. Os Currie, pioneiros, convidaram outras famílias de jovens católicos tradicionais para juntarem-se a eles naquele distrito histórico, que havia se desenvolvido antes da era dos automóveis e, portanto, era perfeitamente adequado para caminhadas a pé. Hoje em dia, apesar de ser mais caro morar em Hyattsville do que antes, mais de cem famílias católicas tradicionais mudaram-se para lá, em boa parte porque queriam pertencer a uma comunidade consistente que contasse com uma boa paróquia — e agora também com uma boa escola.

Os católicos de Hyattsville não são parte de uma organização formal. Muitos pertencem à paróquia da vizinhança, a igreja de São Jerônimo, mas outros vão a paróquias de outras áreas. Há estudos bíblicos, grupos de oração e clubes do livro na casa das pessoas. Mas a comunidade serve também para dar assistência prática aos seus membros: conforme se ajudam no cuidado das crianças e na restauração de projetos, acompanham aqueles que estão doentes e enfrentam qualquer desafio juntos, de uma maneira que apenas a vida geograficamente comunitária pode proporcionar.

A vida assim tão próxima da “cidade imperial”, que é como Currie chama Washington, faz com que a maioria dos membros da sua comunidade trabalhe na capital da nação. Sua vizinhança católica estreita e unida dá a ele e a sua família a formação necessária para serem testemunhas firmes da fé naquela grande cidade secular. “Não estamos fechando as escotilhas, agachando escondidos e permanecendo calados quanto à nossa fé”,



diz Currie. “Não assumimos modos mais combatentes, mas não temos vergonha de quem somos”.

Ele crê que a comunidade paroquial da igreja de São Jerônimo foi chamada a ser uma forte presença na área da grande Washington. A única maneira pela qual seus membros podem resistir às pressões da mundanidade e da secularização é morando próximos uns dos outros e reforçando sua identidade religiosa através da vida em comum. Sua comunidade coesa e unida é um belo exemplo de como se pode estar no mundo sem ser do mundo. É difícil atingir o equilíbrio entre ser uma testemunha evangélica numa comunidade maior e proteger aquilo que nos faz distinta e autenticamente cristãos — mas Currie tem a convicção de que esse é o chamado do evangelho.

Diz ele:

Ultimamente venho pensando que os cristãos têm de entender que, sim, devemos ser contra a cultura, mas não, não precisamos correr e nos esconder de todo o resto da sociedade. Devemos ser um sinal de contradição para aqueles que nos cercam, mas ao mesmo tempo devemos estar envolvidos com eles, enquanto continuamos conservando nossa comunidade a fim de que possamos criar bem nossos filhos.

### *Torne efetiva a rede social da Igreja*

Em sua Primeira Carta aos Coríntios, Paulo incita todos os fiéis daquela região a que “tenham o mesmo cuidado uns com os outros”.

“Se um membro sofre, todos os membros padecem com ele”, escreveu o Apóstolo. “E se um membro é tratado com carinho, todos os outros se congratulam por ele. Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros”.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias vive esse princípio de modo singular. No costume mórmon do “ensino familiar”, dois membros de uma ala que sejam portadores do sacerdócio saem para visitar cada família daquela ala pelo menos uma vez por mês, para ouvir seus problemas e oferecer



aconselhamento. Outro programa paralelo a esse é a chamada Sociedade de Socorro, que envolve as mulheres atuando como “professoras visitantes” e ministrando para outras mulheres. Essas práticas tornaram-se fonte segura de estabelecimento e fortalecimento dos laços entre uma comunidade local.

“Em tese, e mesmo na maioria dos casos concretos, cada membro adulto é responsável por sustentar espiritual e emocionalmente três, quatro ou mais famílias, ou mulheres, dentro desses programas de professores visitantes”, diz Terryl Givens, membro da igreja mórmon. Ele ainda acrescenta que frequentemente os mórmons fazem encontros sociais para celebrar e renovar seus laços com a comunidade. “O mormonismo pega o simbolismo do sustento espiritual e a aleatoriedade dos encontros sociais e os transforma numa ordenação deliberada das relações que constrói como que uma tessitura básica de sociabilidade ao longo de toda a ala”, explica.

Quem não é mórmon pode aprender com a dedicação consciente com que as alas oferecem cuidados espirituais ao próximo — seja um leigo ou membro de liderança. A comunidade da igreja não é só aquele grupo de pessoas com as quais o fiel participa do culto aos domingos, mas o círculo no qual ele vive, presta serviços e que nutre como se fosse parte da própria família. Além disso, a igreja é o centro da vida social dos mórmons.

“Como consequência disso, não importa aonde vão os mórmons em suas viagens, eles sempre encontram um parentesco imediato e uma intimidade admirável na companhia de outros mórmons praticantes”, diz Givens. “É por isso que os mórmons raramente se sentem sozinhos, mesmo num mundo hostil — e cada vez mais hostil”.

*Saia dos limites da sua igreja para construir  
outros relacionamentos*

Uma geração atrás, dois líderes cristãos conservadores — o evangélico Chuck Colson e o católico Richard John Neuhaus — lançaram uma iniciativa chamada Evangélicos e Católicos



Unidos. A idéia era nutrir melhores relações entre os cristãos dessas duas tradições que sempre viveram uma suspeita mútua. Colson e Neuhaus haviam percebido que muitas das mudanças culturais ocorridas depois da década de sessenta mostravam que os evangélicos conservadores e os católicos tradicionais tinham muito mais convicções em comum do que com a ala progressista de suas próprias tradições. Chamaram aquele tipo de aliança, nascida em parte de um ativismo pró-vida em comum, de “ecumenismo das trincheiras”.

Os tempos mudaram, assim como alguns dos problemas que os evangélicos conservadores e os católicos têm de enfrentar. Mas a necessidade de um ecumenismo das trincheiras é mais urgente do que nunca. O Metropolita Hilarion Alfeyev, bispo da Igreja Ortodoxa Russa, fez em várias ocasiões um apelo aos tradicionalistas no Ocidente para que formassem uma “frente comum” contra o ateísmo e o secularismo. As várias igrejas, por garantia, não deveriam comprometer suas diferentes doutrinas; no entanto, deveriam aproveitar toda oportunidade para formar amizade e alianças estratégicas em defesa da fé e dos fiéis.

Erin Doom, funcionário há anos da lendária livraria cristã Eighth Day Books, que fica em Wichita, Kansas, fundou o Eighth Day Institute (EDI) como um braço educacional sem fins lucrativos da loja. O EDI está comprometido com um ecumenismo ortodoxo (com “o” minúsculo) e com o desenvolvimento da comunidade cristã local, realizando diversos simpósios e eventos ao longo do ano. Seu evento mais característico, no entanto, é provavelmente o Saguão dos Homens, uma reunião quinzenal no clube do EDI, espécie de bar clandestino cristão logo ao lado da livraria. Desde 2008, católicos, ortodoxos e protestantes vêm se reunindo ali para rezar, discutir e debater as obras de alguma figura relevante da história do cristianismo e depois sentar em torno da mesa para uns goles de cerveja em boas companhias.

O Saguão dos Homens e as Irmãs de Sofia, sua organização feminina recentemente inaugurada, são uma forma de os “meios cristãos” unirem-se à Grande Tradição, de se enraizarem



nela e de sair pelo mundo para renovar a cultura. Doom diz que os homens se reúnem em espírito de irmandade, dispostos a discutir suas diferenças teológicas numa atmosfera de amor cristão. Ele reconhece os méritos do dono da Eighth Day Books, Warren Farha, que com sua generosidade ecumênica e seu senso de hospitalidade dá o tom das conversas.

“Se nós, cristãos, queremos sobreviver, se queremos fazer a diferença, devemos ser capazes de nos unir. A ortodoxia com ‘o’ minúsculo é essencial”, diz Doom. “Gostaria que o EDI fosse um modelo para outras comunidades. Tudo começa com o Saguão dos Homens, fazendo com que o pessoal se engaje. Em última instância, gostaria de dar recursos e ferramentas para que todas as famílias cristãs fizessem de suas casas pequenos monastérios”.

É tão simples quanto começar um clube do livro — mas um clube que tenha como objetivo a catequese, o apostolado e a construção intencional de uma comunidade. É um evento social, é verdade, mas que deve ter um foco inamovível em algo muito mais sério do que a socialização. Toda reunião do Saguão dos Homens começa com uma oração e depois discute um texto da Grande Tradição da Igreja. Espera-se que os participantes argumentem a partir de suas convicções teológicas, mas ninguém deve tentar converter ninguém, e é tudo feito na amizade.

Um segredo para manter esses grupos ecumênicos funcionando bem é não amolecer as distinções doutrinárias por razões de cortesia. Honrar a diversidade significa exatamente isto: dar aos outros membros da associação a mercê de trazer à mesa todo o seu eu cristão, sem medo de censura. Esse respeito mútuo pelas diferenças cria o espaço apropriado para que surjam sérias discussões teológicas e que se possa aprimorar a comunidade.

“Nem todos esses caras são da minha igreja, mas todos se tornaram meus melhores amigos”, disse-me um evangélico. “Quando você começa a ler essas coisas e conversar sobre a igreja primitiva, começa a ver que tem muito em comum com gente que não vem da mesma tradição que você. É bom estar com outros caras que levam a vida cristã tão a sério quanto você. Você percebe que estamos todos juntos nessa batalha contra o mundo”.



*Ame a comunidade, mas não a idolatre*

Ellen, aquela jovem cujos pais autoritários a conduziram ao ateísmo, vem de uma região do país em que o extremismo religioso não é nada raro. Seus pais, na verdade, depois de seu despertar religioso quando já eram adultos, mudaram toda a família para a cidade em que estão no intuito de unirem-se a outras famílias que compartilhavam de suas convicções pré-apocalípticas. Ela descreve a comunidade sitiada a que seus pais se afiliaram como uma “seita” informal.

Ellen diz que sua comunidade, longe de ser acolhedora, era extremamente controladora. Quando ela começou a ter certas dúvidas quanto ao modo como eles viviam, algumas crianças reagiram com raiva e começaram a evitá-la. Começaram também a tratar os pais e irmãos de Ellen com desdém. “Não conhecíamos ninguém de fora dessa seita, então a pressão para que nos conformássemos era enorme”, disse ela.

A maior tentação das comunidades estreitamente ligadas é a compulsão para controlar indevidamente seus membros e policiá-los com severidade em busca de seus desvios da pureza aceita como padrão. É difícil saber onde traçar os limites em cada situação, mas uma comunidade tão rígida, que não seja nem um pouco maleável, logo quebrará, ou então irá fragmentar seus membros.

A comunidade da Catedral Ortodoxa de São João, da região de Eagle River, no Alaska, perdeu muitos membros depois que surgiu uma discórdia profunda quanto ao grau de rigidez com que ali se deveria viver a vida Ortodoxa.

O Padre Marc Dunaway, pároco da Catedral, viu a debandada dolorosa de muitos amigos e familiares que deixaram aquela igreja em busca de outra paróquia Ortodoxa que fosse mais rigorosa. Em 2013, ele me disse: “Acho que o jeito de uma comunidade evitar esses tristes problemas é ser aberta e generosa e resistir ao impulso de erguer seus muros e se isolar”.



“Se você se isolar, se tornará estranho”, continuou. “Trata-se de um meio-termo escorregadio entre permitir, por um lado, a abertura e a liberdade, e manter, por outro lado, a identidade da comunidade. Não se deve permitir que a idéia de comunidade torne-se um ídolo em si. Uma comunidade é um organismo vivo, que deve mudar, crescer e se adaptar”.

Aquelas comunidades cuja união for muito estreita por conta de um receio de impureza certamente sufocarão seus membros e estrangularão toda a alegria de uma vida compartilhada. A ideologia é o inimigo de uma vida alegre em comunidade, e a ideologia mais destrutiva é a crença de que é possível criar uma utopia. Já dizia Soljenítsin que a linha que separa o bem do mal corre dentro de todo coração humano. Este axioma também deve estar no centro de toda comunidade cristã, mantendo-a humilde e sã.

“Criar amizades fora da comunidade foi bom para nós”, disse um rapaz que, mesmo assim, continua sendo um membro entusiasmado de uma comunidade cristã. “Quando todos os seus contatos são aqueles com quem você vai à igreja, é difícil saber quando eles estão exigindo algo desmedido. É fácil cair na cilada de pensar que todo o mundo fora da comunidade é corrupto, o que não é verdade”.

*Não deixe que ótimo seja inimigo do bom*

Se você passar tempo demais planejando e tentando construir a comunidade da Opção Beneditina perfeita, jamais dará o primeiro passo. E, se ficar esperando que a igreja ou qualquer outra pessoa comece alguma coisa, é possível que nunca aconteça nada. Você está esperando o quê?

É importante ter algum plano ou algum tipo de visão, mas também é importante estar aberto às possibilidades.

“Só Deus pode compreender todos os fatores distintos que estão em jogo na sua comunidade. Você jamais será capaz de manipulá-los plenamente, e faz mal em tentar”, alerta Chris Currie. “Esteja aberto ao movimento do Espírito Santo dentro



da comunidade, apenas, e então as pessoas que têm uma contribuição a fazer se sentirão à vontade para fazê-la”.

Então é hora de testar. O que florescer é o que fortalecerá a comunidade, e o que não florescer você abandona e segue adiante. Diz Currie: “Temos de entender que não são as nossas cabeças que estão no controle. Em última análise, Deus é o arquiteto, e antes de tudo temos de cooperar com a graça. No fundo, estamos sendo guiados por Deus nesta jornada, então temos de ser humildes quanto à nossa capacidade de moldar as coisas”.

A necessidade de estar no controle é uma característica da mentalidade da classe média cristã, repreende Marco Sermarini. Ele e seus amigos da comunidade cresceram no que Marco chama com desdém de “essa igreja burguesa, essa igreja do conforto, essa igreja na qual as pessoas não assumem nenhum risco para viver radicalmente por Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A história de como Sermarini começou sua comunidade de leigos cristãos em San Benedetto del Tronto, cidadezinha na costa adriática da Itália, é inspiradora por conta de seu caráter imprevisto.

Sermarini, que também é diretor da Sociedade Chesterton da Itália, deu início a sua comunidade em *status* de grupo informal de jovens católicos inspirados pelo exemplo de Pier Giorgio Frassati, um leigo católico e reformador social do séc. XX que morreu com vinte e quatro anos. O Bem-aventurado Pier Giorgio (ele já passou do primeiro estágio do processo de canonização, por isso mereceu esse título) era conhecido por auxiliar os pobres — e foi isso que Sermarini e seus amigos fizeram na faculdade, tentando atingir a juventude que estava em risco.

Os rapazes descobriram que gostavam de estar juntos depois da faculdade e de ajudar os necessitados, então permaneceram juntos. Conforme foram se casando, foram levando suas esposas a participar do grupo. Em 1993, encorajados por seu bispo local, foram incorporados como associação oficial da Igreja Católica, uma associação de famílias que eles mesmos, em tom de



brincadeira, chamavam de Tipi Loschi — que em italiano quer dizer “os suspeitos”.

Hoje, os Tipi Loschi contam com cerca de duzentos membros em sua comunidade. São administradores da Scuola Libera G. K. Chesterton, a escola da comunidade, e também de três cooperativas distintas, todas com algum fim caritativo. Continuam a se desenvolver e a crescer, levados por um sentimento de empreendedorismo social e espiritual e inspirados por uma conexão próxima com o Mosteiro Beneditino de Nórchia, que fica logo do outro lado dos Montes Sibilinos. Conforme as várias iniciativas dos Tipi Loschi tiveram sucesso (e a despeito de muitas outras que fracassaram), a associação de famílias veio a considerar-se algo mais orgânico.

Começaram por ajudar-se em tarefas cotidianas, na tentativa de reverter a atomização aparentemente irrefreável da vida diária. Agora sentem-se mais próximos do que nunca e estão determinados a continuar, na tentativa de alcançar o resto de sua cidade, oferecendo fé e amizade a todos, com base em confidências e certezas de sua comunidade católica. É assim que eles continuam crescendo.

“A possibilidade de viver assim é para todos”, diz Sermarini. “Temos apenas de seguir um modo antigo de fazer as coisas que sempre tivemos, mas que esquecemos há alguns anos. O principal é não seguir as modinhas. E então buscar a Deus, e depois disso procurar outras pessoas que também O estão buscando seriamente, e unir-se a elas. Nós começamos com esse desejo e tentando ensinar os outros a fazer o mesmo, a receber o mesmo dom que nos foi dado: a fé católica”.

Sermarini diz que vai ficando cada vez mais claro que as famílias cristãs devem começar a unir-se de uma vez por todas com outras famílias cristãs. “Se não seguirmos nessa direção, enfrentaremos crises atrás de crises”.

Leah Libresco (hoje Leah Sargeant) entende perfeitamente o que Sermarini está falando, ainda que um oceano os separe. Ela é católica e uma empreendedora social muito entusiasmada



com a Opção Beneditina. Vive em Nova York com Alexi, seu marido. Antes de se casarem em 2016, Libresco organizava eventos da Opção Beneditina entre seus jovens amigos solteiros em Washington, D.C. Ela começou a fazer isso depois de se convencer de que seu círculo de amizades precisava de mais liturgia cultural cristã no dia-a-dia.

“Eu costumava fazer muitas coisas com meus amigos cristãos, e nós sabíamos que éramos todos cristãos, mas o fato de sermos todos cristãos nunca veio à tona”, diz ela. “Há algo muito estranho quando nenhuma parte de sua vida em comunidade é demasiadamente cristã. A Opção Beneditina é feita para criar a oportunidade para que essas coisas aconteçam. Não parece urgente, mas é muito importante”.

Libresco assumiu uma abordagem para incentivar a vida dos cristãos solteiros parecida com a que os Tipi Loschi usaram com relação à vida dos cristãos em família: não pense muito. Faça o que for prazeroso, e não apenas mandatório. Deixe as coisas acontecerem naturalmente. Esteja disposto a assumir riscos e a errar, sem perder-se por completo.

Fazendo eco a Sermarini, Libresco diz que essa estratégia não é nem um pouco nova; só parece ser porque nos esquecemos de como agir enquanto comunidade, e não enquanto um coletivo aleatório de indivíduos.

“Tem gente que me pergunta: ‘Esse negócio de Opção Beneditina é só ser cristão, não é?’. E eu digo: ‘Sim! Matou a charada!’”, contou-me. “Mas as pessoas não farão nada até que você dê um nome diferente para a coisa. No fundo, é a Igreja sendo o que a Igreja deve ser, mas, se você põe outro nome, atrai a atenção das pessoas”.

Algo que todos os cristãos deveriam reaprender é a arte esquecida da vivência comunitária, em obediência ao Apóstolo Paulo, que aconselhou os fiéis a cumprirem seu papel na tarefa de fazer crescer o Corpo de Cristo — “pela prática sincera da



caridade, cresçamos em todos os sentidos” (Ef 4, 15). Mas também há razões práticas para fazer isto.

Conforme o número de cristãos se esmiúça, será necessário construir comunidades de fiéis devotos. Será preciso construir comunidades com uma missão vigorosa e compartilhada para dar início e sustento a escolas autenticamente cristãs e autenticamente contraculturais.

Nos próximos anos, os cristãos sofrerão uma pressão enorme para tirar seus filhos das escolas públicas. Talvez as escolas particulares ofereçam uma educação um pouco melhor, mas provavelmente seu *ethos* moral e espiritual será apenas ligeiramente melhor. E as escolas cristãs já consagradas talvez não sejam suficientemente ortodoxas, academicamente desafiadoras ou moralmente saudáveis. Uma rede comunitária íntegra gera o capital social necessário para que se inaugure uma escola, ou para que se reforme e reviva outra já existente.

Nunca é demais ressaltar a importância da missão educacional dos cristãos. À parte o desenvolvimento da assembléia dos fiéis dentro da Igreja, nenhum trabalho institucional tem mais urgência para a Opção Beneditina.





## CAPÍTULO 7

# *A educação enquanto formação cristã*

NO MEIO DA DÉCADA DE OITENTA, a liberalização pela qual passou a União Soviética, capitaneada pelo seu líder Mikhail Gorbachev, inspirou um afrouxamento parecido nas restrições internas de alguns países que faziam parte do Pacto de Varsóvia, incluindo a Tchecoslováquia. No amanhecer da longa noite comunista, Václav Benda refletia sobre o que ele e seus aliados do movimento dissidente haviam conquistado até aquele momento. Benda estava desapontado porque haviam falhado em construir a tal da pólis paralela, mas destacava um erro especialmente catastrófico: a incapacidade de instituírem um sistema escolar que servisse de alternativa ao do Estado.

Como cristão, Benda queria criar uma contracultura que defendesse a restauração da moral autêntica e dos valores cristãos da sociedade tcheca, reatando também os laços entre o povo e seu passado, rompido pelos comunistas. Como professor universitário, ele acreditava que a educação era o meio mais viável de se alcançar isso.

Por que falharam, então? Seus esforços foram exclusivos demais, e suas táticas foram muito frágeis. Por mais que tenha afrouxado as rédeas em outras áreas da vida cívica, o Estado comunista manteve punho de ferro sobre a educação. E a destruição das famílias tchecas sob o domínio comunista, disse Benda, dificultou o sucesso de qualquer reforma educacional.



A Polônia, com sua cultura solidamente católica, chegou muito mais perto de concretizar a pólis paralela. De lá vieram as centelhas do incêndio que trouxe abaixo o comunismo — na forma do movimento trabalhista solidário e de Karol Wojtyła, o Papa João Paulo II. No entanto, alguns católicos, como o dissidente Ryszard Legutko, lamentam hoje que a fé e a cultura de seu povo, preservadas durante a longa noite do totalitarismo, estão se dissolvendo devido à ação solvente do liberalismo secular tipicamente ocidental (no que se inclui o hedonismo e o consumismo).

Nós, cristãos tradicionais americanos, devemos aprender com esses dois exemplos da Europa Oriental. Não estamos diante de nada tão terrível quanto o que os tchecos agüentaram sob o domínio comunista, é claro, mas as forças mais insidiosas do liberalismo secular estão conquistando a passo firme o mesmo objetivo: furtar nossos valores morais, nossas crenças religiosas e nossa memória cultural, tornando-nos peões a serviço de forças muito além do nosso controle.

É por isso que devemos nos concentrar, justamente e sem hesitação, no problema da educação. Temos muito mais liberdade do que Benda e seus companheiros, e o povo da nossa nação, ainda que esteja sofrendo contenções, está muito menos desmoralizado do que os tchecos estavam.

“A educação deve estar no centro dos esforços de sobrevivência cristãos — como sempre esteve”, diz Michael Hanby, professor de religião e filosofia da ciência no Instituto Pontifício João Paulo II de Washington. “O objetivo do monasticismo não era simplesmente retirar-se de um mundo corrupto para poder sobreviver, ainda que por vários momentos essa tenha sido uma das dimensões do problema”, continua ele. “Mas no coração de tudo estava uma busca pelo próprio Deus. Essa busca orientou a preservação do ensino clássico e da tradição pagã para os monges, pois eles amavam tudo que fosse verdadeiro e belo onde quer que estivesse”.

Por mais que a sobrevivência cultural seja essencial, Hanby alerta que os cristãos não podem se contentar em ficar com a



cabeça para fora da água em meio a essa modernidade líquida. Devemos buscar a verdade apaixonadamente, refletir com rigor sobre a realidade e, ao fazê-lo, descobrir o que de fato significa viver como um autêntico cristão neste mundo moderno e desencantado. A educação é o meio mais importante para se alcançar isto.

Ele diz:

A conservação da imaginação necessária para se ver a Deus ou buscá-lo será indispensável para a preservação da verdadeira liberdade cristã, no momento em que a liberdade outorgada a nós pela lei for mais e mais limitada.

Há um movimento crescente nas comunidades cristãs de hoje chamado Educação Cristã. É algo que vai contra a cultura tanto na forma quanto no conteúdo e apresenta aos alunos a tradição ocidental — greco-romana e cristã — em toda a sua profundidade. É necessário um grande esforço para fazer tudo corretamente, bem como um comprometimento ao qual os americanos de hoje não estão acostumados — mas que alternativa nos resta?

Se quer saber quão crucial é a educação para a sobrevivência cultural e religiosa, pergunte aos judeus. Diz o Rabino Mark Gottlieb: “Os judeus ortodoxos põem a escolarização acima de quase tudo. Há famílias que farão praticamente de tudo, exceto aquilo que as levaria à falência, para dar a seus filhos uma educação judaica ortodoxa”. Os cristãos nem de longe estão tão alertas quanto à importância da educação, e isso precisa mudar.

Para tanto, uma das peças mais importantes que compõem o movimento da Opção Beneditina é a propagação de escolas de educação clássica cristã. Em vez de permitir que seus filhos passem quarenta horas por semana aprendendo sobre os “fatos” e alguns minutinhos tendo uma educação mais abrangente que é jogada por cima de tudo para enfeitar o embrulho, os pais precisam tirar seus filhos da escola pública e lhes dar uma educação corretamente ordenada — isto é, baseada na premissa



de que há uma estrutura da realidade unificada e construída por Deus e que pode ser descoberta. Precisam lhes ensinar história e as Sagradas Escrituras. E isso não deve parar ao final do terceiro ano do ensino médio — um plano cristão de educação superior também é necessário.

Será preciso que os pais, as igrejas, os colegas de trabalho e outros amigos cristãos trabalhem juntos na construção de escolas que possam fornecer uma educação apropriada. Será caro, mas que escolha temos?

*Dê à sua família uma educação devidamente organizada*

A educação, para pais cristãos que levam as coisas a sério, não pode se resumir a tentativas de melhorar o histórico escolar dos filhos para que eles sejam aceitos nas melhores universidades. Se esse é o modelo que sua família segue (talvez com pitadas de Deus aqui e ali para garantir o tempero), você será pressionado a formar adultos cristãos contra a cultura, capazes de resistir as desordens do nosso tempo.

O tipo de educação que poderá desenvolver uma fé mais resistente e madura nos jovens cristãos é aquele que os imbuir de uma percepção de ordem, sentido e continuidade. Aquele que integrar o conhecimento a uma visão harmoniosa do todo, que una todas as coisas que são, foram e virão a ser em Deus.

Todo modelo educacional pressupõe uma antropologia: uma idéia a respeito do que o ser humano é. *Grosso modo*, o modelo corrente está orientado a equipar os estudantes a serem bem-sucedidos no mercado de trabalho, a garantir a eles e a suas futuras famílias uma vida segura e, idealmente, fazê-los atingir seus objetivos — quaisquer que sejam eles. Hoje em dia, a estrutura padrão da educação cristã se baseia nesse modelo e adiciona a ele umas aulinhas de religião e algumas orações.

Porém, do ponto de vista do cristianismo tradicional, esse modelo está baseado numa antropologia falha. Na perspectiva das tradições cristãs, o fim último da alma é amar e servir a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento,



a fim de ser uno com Ele na eternidade. Em preparo para a vida eterna, devemos nos unir a Cristo para viver em harmonia com a vontade divina.

Ser completamente humano é estar completamente conformado a esta realidade — ou, como diria C. S. Lewis, às coisas que são — através da cooperação com a graça dada livremente por Deus. Impelidos pelo amor de Deus, cambaleamos alegres pela estrada dos peregrinos, preenchendo nosso entendimento com o conhecimento d'Ele e de sua Criação, e deixando que nosso coração se converta numa entrega radical ao Seu amor. Humanizar-se é crescer, através da contemplação e da ação, da fé e da razão, no amor ao Bom, ao Belo e ao Verdadeiro, que são reflexos do Deus Uno e Trino, em quem vivemos, nos movemos e somos.

Compartimentar a educação e separá-la da vida da Igreja é criar uma falsa distinção. Em sua Regra, São Bento chamou o mosteiro de “escola para o serviço do Senhor”. Isso não era uma simples figura de linguagem. São Bento acreditava que o apostolado era questão de pedagogia, de treinamento tanto do coração quanto da razão, para que fosse possível crescer para além da infância espiritual. No capítulo 7 da Regra, em meio a uma instrução sobre a humildade, ele diz para os irmãos lembrarem que nada fica escondido de Deus, citando o Salmista que O descreve como “perscrutador de corações e rins”.

Na tradição beneditina, o aprendizado é totalmente integrado à vida de oração e ao trabalho. Para ser um monge fiel era preciso saber ler, obviamente, mas a capacidade de escrever era essencial para a vida monástica. Os mosteiros viraram oficinas em que incontáveis monges assumiram o meticuloso trabalho de copiar a mão a Sagrada Escritura, livros de oração, escritos patrísticos e a literatura do mundo clássico. Esses homens de Deus estabeleceram as bases de uma nova civilização, e o fizeram porque amavam a Deus.

Hoje, o sistema educacional enche a cabeça dos alunos de fatos, sem que haja nenhuma aspiração maior do que o sucesso nas empreitadas profissionais. Desde a Alta Idade Média, a busca



do conhecimento pelo conhecimento foi aos poucos separada da busca pela virtude. Esse racha está claro hoje.

O educador Martin Cothran, líder do movimento nacional pelas escolas clássicas cristãs, diz que hoje em dia muitos cristãos não compreendem como a natureza da educação mudou ao longo dos últimos cem anos. O progressismo da década de vinte queria envolver as escolas no processo de modificação da cultura. O vocacionalismo das décadas de quarenta e cinquenta tentou usar as escolas para conformar as crianças à cultura. Mas o modelo tradicional de educação, que vigorou desde o período greco-romano até a era moderna, visava à transmissão de uma cultura e apenas de uma cultura em particular: a cultura do Ocidente, e durante a maior parte desse período, do Ocidente cristão.

“A educação clássica dos pagãos transformada pela Igreja almejava a inculcar em cada nova geração um ideal humano através do contato constante com exemplos desse ideal e do estudo dos grandes feitos do homem”, disse-me Cothran. E continuou:

Esta era uma cultura que tinha um objetivo claro e definitivo: passar adiante a sabedoria do passado e produzir uma nova geração com os mesmos ideais e valores — ideais e valores baseados na sua visão a respeito do que era um ser humano. Por mais de dois milênios, isto foi a educação. Hoje ela continua com o mesmo rótulo, mas não é a mesma coisa. Não é nem o mesmo *tipo* de coisa. Foi abandonada na escola moderna — incluindo as várias escolas cristãs modernas. Mesmo os pais cristãos que não aceitam o politicamente correto das escolas de hoje acolheram totalmente o conceito utilitário de educação.

Que fique claro: em princípio, não há nenhum problema em aprender alguma técnica utilitária ou alcançar a excelência nas ciências, nas artes, na literatura ou em qualquer campo do trabalho intelectual. Mas o domínio dos fatos e de suas aplicações



não é o mesmo que educação, assim como um mestrado em teologia não faz de ninguém um santo.

A separação do processo de aprendizado e o da busca pelas virtudes cria uma sociedade que admira as pessoas pelo sucesso que obtêm no manejo da ciência, das leis, do dinheiro, das imagens, das palavras e por aí vai. Se suas conquistas são moralmente dignas ou não, é uma questão de segunda ordem, que parecerá até ingênua a quem quer que ela ocorra (se vier a ocorrer).

Se o modelo de vida cristão não está integrado à vida intelectual e espiritual dos estudantes, eles correrão o risco de vagar à deriva sem que tenham culpa disso. “Os jovens cristãos que tiveram um encontro pessoal e definidor com Cristo e que conhecem a apologética cristã, mas não a integraram em suas vidas, estão muito mais vulneráveis do que pensam”, diz John Mark Reynolds, que recentemente fundou a Escola de São Constantino, em Houston. Eles têm de aprender a transpor sua experiência de conversão e o conhecimento que têm da fé para um modo de vida cristão — ou então sua fé será sempre frágil.

Se é verdade que uma fé cristã simplista e anti-intelectual é um junco esguio em meio ao vendaval da vida acadêmica, também é verdade que uma fé primariamente intelectual — isto é, que se concentra em abarcar uma série de informações — é surpreendentemente frágil. A missão de armar os estudantes cristãos para enfrentarem um ambiente bastante secularizado e até hostil não se reduz a dar-lhes um escudo protetor. O tal escudo pode rachar sob pressão ou então ser descartado. Trata-se, em vez disso, de robustecer a força interna de seus corações e mentes.

### *Ensine a Bíblia para as crianças*

Justamente porque a Bíblia é a Palavra viva de Deus, é fundamental criar modelos educacionais para que as crianças integrem o conhecimento e a meditação das Escrituras em suas vidas. Neste ponto, infelizmente, estamos devendo a nossas crianças.



Há alguns anos, num jantar com mais três professores de uma faculdade evangélica, eu, que não sou evangélico, disse o quanto admirava os evangélicos por causa da educação bíblica que dão a seus filhos.

O professor à minha esquerda disse que eu tinha uma visão romantizada ou, no mínimo, desatualizada dos evangélicos. “Você ficaria surpreso com o número de estudantes que chegam aqui sem saber quase nada da Bíblia”, contou-me, pesaroso.

Isso de fato me chocou. Disse àqueles colegas que eu estava acostumado a ouvir essa queixa da parte dos professores de faculdades católicas, mas então com os evangélicos a coisa também estava assim? Ainda mais em uma faculdade conservadora?

Olhei em volta da mesa. Todas as cabeças acenaram afirmativamente. Eles me explicaram que, embora muitos daqueles alunos tivessem vindo da igreja e de uma cultura de grupos de jovens, seu conhecimento teológico era assustadoramente raso. “Damos o nosso melhor, mas ficamos com eles por apenas quatro anos”, disse um dos professores. “Nesse período tão curto, não dá para compensar tudo aquilo que eles nunca tiveram”.

Desde aquela noite, fiz questão de pedir aos professores de todas as faculdades cristãs que me convidavam para dar palestras que avaliassem o grau de conhecimento de seus alunos sobre o cristianismo. Em praticamente todos os casos, tanto em faculdades evangélicas quanto nas católicas, a resposta foi a mesma: eles são teologicamente analfabetos.

“Muitos de nossos alunos vêm das escolas católicas mais bem avaliadas e respeitadas da região”, disse um professor. “Eles não sabem nada de sua fé e não vêem problema algum nisso. Foi-lhes inculcado na cabeça que o catolicismo é tudo aquilo que eles quiserem que seja”.

Nada disso é surpreendente para quem está familiarizado com a literatura científica da área de ciências sociais que documenta a ignorância generalizada dos americanos quanto aos fundamentos cristãos. Afinal de contas, o Deísmo Moralista Terapêutico tinha de vir de algum lugar.





Os pais que quiserem contra-atacar o DMT ensinando a Bíblia a seus filhos podem encontrar um bom exemplo em São Bento. Os preceitos da Regra estipulam períodos diários em que os monges devem praticar a *lectio divina*, o método beneditino de leitura da Bíblia. O santo também ordenava que seus monges se lançassem a outras formas de leitura e pesquisa a fim de enriquecer seu estudo da Escritura. Durante a Quaresma, por exemplo, a Regra exige que cada monge receba um livro da biblioteca do mosteiro e o leia. Ela instrui os monges a lerem não só a Escritura, mas as obras dos Padres da Igreja e as vidas dos santos, pois estas são “ferramentas de virtude” para quem quer que deseje construir uma morada de fé sobre sólidas fundações.

O estudo da Escritura não só levará os jovens cristãos a Deus, como também os unirá de tal modo que lhes servirá de auxílio para suportarem as investidas do secularismo. Aqui podemos aprender mais uma vez com a educação judaica. O Arcebispo da Califórnia Charles Chaput testemunhou o poder da educação dos judeus ortodoxos quando, em 2012, visitou a Yeshiva University. Depois de ver os estudantes lendo a Torá como parte das tarefas mais básicas da universidade, Chaput escreveu a respeito de quão impressionado ficara com “o poder da Escritura de criar vida nova”.<sup>1</sup>

“A Palavra de Deus é um diálogo vivo entre Ele e a humanidade. Esse diálogo divino foi espelhado no diálogo de aprendizagem entre os estudantes”, escreveu o arcebispo na revista *First Things*. “Os estudantes começaram como estranhos, mas o trabalho que fizeram de meditação sobre a Escritura e de compartilhamento mútuo de suas descobertas criou algo maior que eles mesmos: uma amizade entre eles e para além deles, com Deus”.

Os estudantes judeus ortodoxos estudam a Escritura não com uma distância acadêmica, mas como se fosse o pão da vida e o sustentáculo de toda a comunidade. Alcançar esse grau de devoção na educação soa como uma meta nada realista para as

1 Charles J. Chaput, “Yeshiva Lessons” [Lições da Yeshiva], *First Things*, agosto de 2012.



escolas e faculdades cristãs, mas nós não deveríamos ao menos tentar? Se o Rabino Gottlieb está certo, a sobrevivência de uma cultura autenticamente cristã requer justamente isto, ou algo muito parecido.

*Faça os jovens mergulharem na  
história da civilização ocidental*

A educação não só tem de reestabelecer nossa relação com a realidade última, mas também a nossa ligação com a nossa própria história. Dizendo de outro modo, a educação é essencial para a recuperação da memória cultural. Quanto mais profundas forem as nossas raízes no passado, mais segura fica a nossa âncora para suportar as correntezas velozes da modernidade líquida. Quanto maior for a nossa compreensão a respeito de onde viemos, mais seguramente podemos nos orientar neste presente pós-cristão, e com mais confiança podemos traçar um itinerário para o futuro pós-cristão.

O cristianismo surgiu da confluência entre a religião hebraica, a filosofia grega e o direito romano. A forma e o conteúdo da civilização ocidental vêm do mesmo lugar, bem como do encontro da fé cristã com vários povos europeus. Só para esclarecer, Jesus Cristo — e não Aristóteles, nem Tomás de Aquino, nem César Augusto — é que é o salvador da humanidade. Ainda assim, a *Divina comédia* de Dante, obra-prima medieval e um dos pináculos da civilização ocidental, mostra imaginativamente como Deus fez uso dos povos pagãos do Ocidente antigo para preparar as almas para a chegada de Cristo.

A educação clássica cristã parte da convicção de que Deus continua fazendo isso através das artes, da literatura e da filosofia do passado, tanto greco-romanas quanto cristãs. Não é possível compreender o Ocidente sem a fé cristã, e não é possível compreender a fé cristã que vivemos hoje sem que se entenda a história da cultura ocidental. Se as futuras gerações do Ocidente falharem na tarefa de aprender a amar nossa bagagem cultural, vamos perder a luta.



Considere o lamento recente de Patrick Deneen, teórico político da Universidade de Notre Dame. Em um ensaio publicado num *blog* sobre educação, Deneen disse que seus alunos eram jovens bacanas, agradáveis e decentes, mas também “ignorantes”, cujos “cérebros estão amplamente vazios” de qualquer conhecimento de valor. “Eles são a culminação da civilização ocidental, uma civilização que esqueceu quase tudo sobre si mesma e atingiu como resultado uma indiferença quase perfeita para com sua própria cultura”,<sup>2</sup> escreveu.

Esses jovens não são burros. Deneen, que ensinou em Princeton e em Georgetown antes de chegar a Notre Dame, salientou que não é fácil entrar em nenhuma dessas universidades. Esses alunos vão muito bem nas provas e sabem o que têm de fazer para tirar boas notas e “construir currículos maravilhosos” que os lançará lá adiante na meritocracia. “Eles são a nata da sua geração”, escreveu Deneen, “os donos do universo, uma geração à espera de governar a América e o mundo inteiro”.

Inteligente e bem-sucedida quanto possível, essa gente jovem poderia muito bem ser a última geração disso que nós chamamos de civilização ocidental. Eles não sabem nem que há algo que eles não sabem — e não estão nem aí. Por que deveriam estar? Assim como é o caso de seu escasso conhecimento da fé cristã, eles só estão fazendo aquilo que seus pais, suas escolas e sua cultura os ensinaram a fazer.

Que fique claro: esta não é uma crise recente. Em 1943, uma reportagem do *The New York Times* lamentava a ignorância miserável dos estudantes americanos a respeito de fatos históricos. O colérico profeta secular Philip Rieff, avaliando a destruição das universidades no alvorecer dos protestos de contracultura, disparou uma jeremiada trovejante contra o estamento educacional do ensino superior da década de setenta. Em seu livro de 1973 chamado *Fellow Teachers* [Colegas professores], Rieff, que também era professor de universidade, esfolou

2 Patrick Deneen, “How a Generation Lost Its Common Culture” [Como uma geração perdeu sua cultura], *Minding the Campus*, 2 de fevereiro de 2016.



os educadores por se submeterem às demandas estudantis da moda, que pediam por mais “relevância”. Em sua visão biliosa, eles haviam desistido da autoridade magisterial e abdicado da responsabilidade de passar às próximas gerações sua herança civilizacional. “Ao final desse desenvolvimento cultural tremendo, nós, modernos, devemos chegar ao barbarismo”, escreveu Rieff. “Os bárbaros são povos que não têm memória histórica. O barbarismo é o verdadeiro sentido da contemporaneidade radical. Livres de todo passado oficial, progredimos em direção à barbárie, e não para longe dela”.<sup>3</sup>

Sou um cidadão americano que concluiu o ensino superior. Em nenhum de meus anos de educação formal li Platão ou Aristóteles, Homero ou Virgílio. Nunca soube nada da história grega nem da romana e quase nem cheguei a compreender o significado da Idade Média. Dante, para mim, era um estranho, assim como Shakespeare.

Os mil e quinhentos anos de cristianismo decorridos entre o fim do Novo Testamento e a Reforma Protestante me eram páginas em branco; eu sabia apenas os fatos mais batidos sobre a revolução de Lutero. Não conhecia Descartes nem Newton. O meu conhecimento da história do Ocidente começava com o Iluminismo. Tudo o que vinha antes disso era encoberto pela neblina do esquecimento.

Ninguém havia feito isso de propósito. Ninguém tentara me privar do meu patrimônio civilizacional. Mas ninguém sentiu a obrigação de apresentá-lo a mim e à minha geração de uma forma ordenada e coerente. As idéias têm conseqüências — e a falta delas também. A melhor maneira de criar uma geração de ignorantes à deriva desprovidos de um senso de obrigação que os ultrapassa é negar-lhes um passado.

Todo governo totalitário do séc. XX sabia que, para dominar um povo, era necessário controlar o acesso dele à sua memória cultural. No Ocidente contemporâneo, nossa memória

3 Philip Rieff, *Fellow Teachers* [Colegas professores]. Nova York: Harper & Row, 1973 *apud* Jeremy Beer, “Pieties of Silence” [A devoção do silêncio], *American Conservative*, 23 de outubro de 2006.



cultural não nos foi tirada por um ditador. Pelo contrário: nós, como os zangões de *Admirável mundo novo* que só buscavam o prazer e o conforto, deixamos de nos preocupar com o passado porque isso inibe a nossa habilidade de buscar o prazer no presente.

Não basta apresentar aos estudantes os fatos que compõem a história da civilização ocidental — a civilização que é pai e mãe de todo cidadão do Ocidente, por mais que seus ancestrais venham da África ou da Ásia, ou que sua fé cristã seja bizantina, como é o meu caso. Reynolds, um veterano educador cristão e fundador do Torrey Honors Institute da Biola University, diz que os professores têm de ir além da mera apresentação de informações, integrando a história e a cultura na imaginação moral dos estudantes. “Você não pode simplesmente dizer: ‘Eis aqui a glória da civilização cristã! Fique olhando pra ela e aproveite’”, diz.

Ou seja, para os estudantes de hoje não é provável que seja amor à primeira vista. O assunto pode lhes parecer muito distante, principalmente porque eles foram formados por uma cultura que salienta a contemporaneidade (ou seja, a “relevância”) e que os incentiva a ser passivos, conformados ao expediente de fazer provinhas.

Em face desses obstáculos, os educadores cristãos clássicos têm de exercer a arte milenar da sedução intelectual, aperfeiçoada há cerca de dois mil e quinhentos anos, na Grécia. “Você tem de ser mais socrático”, diz Reynolds, “para atrair os alunos para dentro do assunto e torná-lo parte de suas identidades. Este foi o tipo de educação que gerou um C. S. Lewis e um J. R. R. Tolkien. Por que deveríamos querer menos que isso para as nossas crianças de hoje?”.

### *Tire seus filhos da escola pública*

A educação pública nos EUA não anda nem bem orientada, nem bem informada religiosamente e nem capaz de formar a imaginação dos alunos de modo fiel à civilização ocidental.



Por isso, este é o momento de todos os cristãos tirarem seus filhos do sistema público de ensino.

Não bastassem esses motivos, o efeito corrosivo da tóxica cultura de panelinhas que vigora entre os estudantes em muitas escolas públicas (e nas particulares também) acabaria com todas as dúvidas. É bem verdade que, em âmbito nacional, as modas que influenciam os adolescentes em questões como o uso de drogas, o consumo de bebidas alcoólicas e o sexo prematuro vêm se movendo numa direção positiva. As taxas de gravidez na adolescência e de aborto decaíram notavelmente, e o número de crianças fazendo sexo antes dos quinze anos diminuiu um pouco. Mas os números em geral ainda são muito preocupantes para os pais cristãos. Afinal, quão realmente confortante é saber dos Centros de Controle de Doenças que mais de 20% dos alunos do último ano do ensino médio fumam maconha pelo menos uma vez por mês? Que quase seis a cada dez desses graduandos do colegial afirmam já ter transado?<sup>4</sup>

Além do mais, as escolas públicas, por natureza, estão na linha de frente das modas mais baixas da cultura popular. Por exemplo: sob pressão do governo federal e de militantes LGBT, agora muitas escolas estão abraçando e normalizando a teoria de gênero — com o apoio de muitos pais.

O teólogo Carl Trueman fez essa descoberta quando tentou reunir os pais e as mães do distrito escolar do seu subúrbio na Filadélfia no intuito de se oporem a uma lei pró-transgêneros que havia sido proposta e que ele alegou que acabaria com os direitos dos pais e prejudicaria os esportes femininos.

“Fiquei espantado porque os pais ou não viam nenhum problema naquela lei ou então consideravam-na boa mesmo. Ninguém pareceu perceber que o problema era muito maior do que

---

4 National Center for Health Statistics, *Health, United States, 2015: With Special Feature on Racial and Ethnic Health Disparities* [Saúde, Estados Unidos, 2015: com acréscimo especial sobre disparidades de saúde entre raças e etnias]. Washington: U. S. Government Printing Office, 2016, mesa 51, pp. 194–196; Centers for Disease Control and Prevention, *MMWR Surveillance Summaries* [Resumo de vigilância MMWR], 65, n. 6, 10 de junho de 2016, mesa 69, p. 119.



ajudar ou não uma criança a enfrentar seus problemas de identidade”, diz Trueman. “Eles simplesmente não eram capazes de perceber que aquela proposta envolvia a criação de um precedente muito significativo para a expansão do poder da escola a custo da redução dos direitos dos pais. Não preciso dizer que a lei passou sem maiores oposições”.

Confirmando o que parece ser uma tendência, uma mulher do subúrbio de Baltimore me disse, de modo um tanto anedótico: “Essa gente toda que diz que você é um alarmista com esse negócio de Opção Beneditina provavelmente não tem nenhum filho para criar”. Ela continuou dizendo que na escola de sua filha, que está no ensino médio, um número assustador de adolescentes estava pedindo para seus pais lhes darem hormônios porque achavam que eram transgêneros.

E o que os pais fazem?

“Você se surpreenderia se soubesse quantos deles acabam dando mesmo”, contou a mulher. “Eles têm muito medo de perder seus filhos. É assim que a cultura os ensina a reagir. Esse tipo de pai é o que se torna o mais ferrenho defensor da teoria de gênero”.

Três meses depois da nossa conversa, a filha dessa mulher chegou em casa e lhe disse que era na verdade um menino, e ordenava que sua família a tratasse como um.

Uma leitora do meu *blog* disse que vê o mesmo tipo de coisa acontecer com sua filha, que está no ensino fundamental. “Nada se compara a assistir à sua filha de doze anos voltar da escola e começar a contar quais de suas amigas são bi”, disse ela. “Eu disse para a minha filha que era estatisticamente impossível que houvesse tantas bissexuais na classe dela, e que para a maioria das meninas — pois eram todas meninas —, a sétima série não é lá um bom momento para fazer declarações definitivas sobre a própria sexualidade. Em troca, ouvi um blá-blá-blá interminável sobre como o gênero é fluido, não-binário etc”.

A leitora então ligou para uma amiga cuja filha estudava na mesma classe da sua e lhe perguntou o que raios estava



acontecendo. A outra respondeu, rindo: “Em que mundo você vive? Pelo menos um terço dessas meninas estão dizendo que são bissexuais”.

Poucos são os pais que têm a cabeça no lugar e a presença de espírito para fazer o que é necessário para proteger seus filhos das várias formas da desordem sexual aceita pela cultura jovem dominante. Para começar, o poder que a mídia tem para determinar o que é considerado normal ou não é imenso, e isso afeta tanto os adultos quanto as crianças. Para piorar, os pais são tão suscetíveis à pressão dos pares quando suas crianças.

“As pessoas criam seus filhos do mesmo jeito que seus amigos e conhecidos criam os deles, e não como seus pais as criaram”, diz a pesquisadora em psicologia Judith Rich Harris, “e isto é assim não só em sociedades como a nossa, que é guiada pela mídia”.<sup>5</sup>

Esse é o tipo de coisa que está levando mais e mais pais cristãos a concluir que não podem mais manter seus filhos em escolas públicas. Alguns dizem a eles que têm de deixar seus filhos lá para que sejam “sal e luz” para as outras crianças. No entanto, conforme a cultura popular continua indo ladeira abaixo, essa lógica começa a soar bastante ilógica. Seria como um pai que jogasse seu filho num rio bravo na esperança de que ele salvasse as outras crianças do afogamento.

Os pais podem tentar neutralizar os efeitos da educação secular levando os filhos à igreja, às formações dominicais e aos grupos de jovens, mas duas ou três horinhas semanais de educação religiosa provavelmente não bastarão para compensar as quarenta ou mais gastas na escola ou em atividades escolares que seguem a mesma programação. Tampouco é uma aposta razoável crer que medidas assim tão exíguas serão capazes de contrabalancear a hostilidade anticristã, tanto ativa quanto passiva, que os jovens de fé têm de enfrentar num mundo pós-cristão. Se queremos que nossos filhos sobrevivam, devemos agir.

5 Judith Rich Harris, *The Nurture Assumption: Why Children Turn Out the Way They Do* [A hipótese da criação familiar: por que as crianças crescem do jeito que crescem]. Nova York: Free Press, 2009, p. 194.



*Não se engane com as escolas cristãs*

Nenhum lugar é um “espaço seguro”.<sup>6</sup>

Quando um pai solteiro, evangélico, ex-professor da rede pública, cansou-se de ver a filha, que estava na nona série, sofrendo retaliações porque havia se recusado a celebrar a declaração de lesbianismo de uma coleguinha de sala, ele a transferiu para uma escola particular cristã. Esse pai — que pediu para permanecer anônimo — confessa hoje que isso só resolveu parte do problema:

Minha filha saiu de uma escola pública onde não tinha amizade com ninguém que fosse cristão e foi para uma escola cristã onde só uns 15 ou 20% dos alunos parecem ter uma verdadeira vida de fé. Isto é melhor do que o que ela tinha antes, e pelo menos ela está tendo aula de estudos bíblicos.

Mesmo em muitas escolas cristãs, o cristianismo é um verniz que se passa sobre um modo secular de encarar a vida. Ele não é forte o bastante para suportar as investidas do secularismo. Muitos pais usam as escolas cristãs como um escudo para proteger seus filhos dos problemas mais nocivos das escolas públicas, mas seu interesse em que seus filhos recebam uma educação cristã é só da boca para fora.

Há alguns anos, uma amiga minha que é cristã e mora em Dallas recusou-se a matricular seus filhos em duas das escolas cristãs mais bem-conceituadas da cidade. Eu, que era novo na cidade, achei que o motivo era o preço alto das mensalidades. Nada disso: ela disse que não queria que seus filhos absorvessem aquela cultura materialista das escolas, na qual se dá extremo valor ao *status* social.

---

<sup>6</sup> *Safe space* foi o termo utilizado pelo autor. A reivindicação por “safe spaces” começou como uma bandeira LGBT; o que se pedia era que nos campi universitários não houvesse discriminação sexual. O termo hoje já se ampliou e abarcou a queixa de quase todas as ditas minorias, que querem que as universidades sejam um lugar sem discriminação de qualquer tipo — NT.



O diretor de uma escola cristã me disse que lá eles vivem discutindo com alguns pais que acham o conteúdo moral e teológico do currículo muito pesado. “Eles só querem saber se o filho deles vai conseguir entrar nas melhores universidades e ter uma boa carreira profissional”, completou. Outro diretor, este de um colégio cristão bem caro no Deep South, disse o seguinte: “Os pais dos nossos alunos acham que, pagando mil e setecentos dólares de mensalidade, já fizeram tudo que se esperava deles com relação à educação religiosa de seus filhos”.

No sul, algumas escolas cristãs carregam um legado racista que, de modo injusto (porém compreensível), fazem os americanos afro-descendentes criarem grandes suspeitas quanto a iniciativas educacionais como a Opção Beneditina. No fim da década de sessenta e no começo da de setenta, a integração racial chegou às escolas públicas e então alguns pais criaram escolas menores, privadas, só de crianças brancas, que ficaram conhecidas como “colégios segregacionistas”. É vergonhoso dizer que, dentre essas escolas, não eram poucas as que se diziam cristãs.

Os tempos mudaram e muitas igrejas também, mas o estigma permanece. As escolas da Opção Beneditina fariam bem em tomar medidas especiais no sentido da reconciliação racial, recrutando famílias negras, principalmente porque as escolas públicas estão num caminho de re-segregação. Além do mais, o futuro do cristianismo nos EUA, tanto o católico quanto o evangélico, será mais hispânico do que nunca. Assim deve ser também o futuro da educação cristã.<sup>7</sup>

Em todo caso, se uma escola cristã estiver tão mergulhada no mundo a ponto de engrossar o veneno da cultura secular e extirpar a fé histórica de seus alunos, ela deixará as crianças desamparadas. Nesses casos, ainda que os alunos aprendam as verdades básicas de sua fé, esse conhecimento raso que

7 Numa projeção da Pew Research (*10 demographic trends that are shaping the U.S. and the world*, março de 2006), em 2042 as populações imigrantes serão maioria nos EUA, sobretudo a hispânica. Além disso, um censo realizado pela Universidade de Yale (*Who is my Neighbor? Facing Immigration*, 2008) demonstra que os hispânicos já são maioria nas igrejas cristãs, ao passo que os americanos natos vêm abandonando a fé no cristianismo — NE.



herdarem não lhes servirá para muita coisa a longo prazo. Continuarão sendo aquilo que São Paulo chamou de “criancinhas em Cristo” (1Cor 3, 1). Na verdade, essa educação teológica vulgar que muitos receberam de escolas cristãs servirá muito mais como vacina contra a decisão de levar a sério do que como incentivo. Tire seu filho dessa.

### *Abra escolas cristãs de ensino clássico*

Felizmente, há uma boa alternativa para quem quer fugir tanto da escola pública quanto das escolas cristãs medíocres: a educação cristã clássica. Ela é construída a partir do casamento entre o ideal de educação greco-romano de cultivo da virtude e do conhecimento e a cosmovisão cristã tradicional. O Instituto CiRCE, uma organização cristã que fica na Carolina do Norte e é especializada no treinamento de professores dentro do modelo da pedagogia clássica, esclarece: “O cristão tradicional não pergunta ‘o que eu posso fazer com esse conhecimento?’, mas sim ‘o que esse conhecimento pode fazer comigo?’”.

Assim como um mosteiro beneditino, uma escola cristã clássica ordena tudo ao redor do Logos, que é Jesus Cristo, e da busca por conhecê-lo com todo o coração, toda a alma e todo o entendimento. A educação clássica incorpora a noção essencial que provém da Grande Tradição de que toda a realidade está fundamentada em princípios transcendentais — na verdade, está fundamentada n’Aquele em quem nós vivemos, nos movemos e somos.

Todas as escolas cristãs deveriam assumir como parte de sua missão a tarefa de fazer que cada aluno cultive em seu coração uma devoção pessoal a Cristo. A educação cristã clássica parte de uma perspectiva mais abrangente e universal. Nesse modelo, um amor que procura Cristo embasa e harmoniza todo o aprendizado na sala de aula. O objetivo é criar alunos cujos corações desejem a verdade, a bondade e a beleza e que usem seu intelecto para descobri-los.



Para formar seu currículo, a educação cristã clássica assume uma abordagem baseada nos Grandes Livros do mundo ocidental. Apresenta aos alunos esses textos canônicos e as grandes obras de arte usando uma estrutura medieval chamada Trivium, que corresponde às capacidades mentais dos jovens alunos nas várias idades de seu desenvolvimento, segundo diz Dorothy Sayers em seu ensaio “The Lost Tools of Learning” [As ferramentas perdidas da aprendizagem], de 1947, documento que fundou o movimento atual de educação clássica.

No ensino clássico, a carreira de estudos do aluno normalmente começa com o aprendizado da gramática, em que ele aprende e retém na memória algumas constatações mais básicas sobre o mundo. A segunda parte da experiência educacional da criança é o aprendizado da lógica, que corresponde aos anos intermediários da educação. É quando o aluno aprende a usar a razão para analisar os fatos e tirar deles algum sentido. O terceiro e último estágio de aprendizado é a escola de retórica, que foca no pensamento abstrato, na poesia e no aperfeiçoamento da auto-expressão.

A abordagem clássica apresenta o cânon ocidental de um modo sistemático, profundamente integrado na antropologia cristã e em uma visão abrangente da realidade. Não há um meio contracultural mais poderoso de cultivar cristãos resistentes desde a sua juventude.

Nem todo o mundo tem a chance de mandar seus filhos para escolas cristãs clássicas de período integral. Felizmente, com um aumento semestral de materiais didáticos disponíveis, está crescendo o universo da educação domiciliar [*homeschooling*] que adota a educação cristã clássica. Também há as escolas híbridas, como a Escola Clássica Sequitur, em Baton Rouge (Louisiana), na qual meus filhos estão matriculados.

O modelo adotado na Sequitur exige que as crianças estejam lá por meio período e que os pais completem a educação em casa. Eu e minha mulher consideramos que esse método tem a vantagem de assegurar a melhor parte do ensino domiciliar enquanto ainda dá aos nossos três filhos uma educação complementar,



e também os benefícios provenientes de uma comunidade de colegas e famílias engajadas na mesma missão educacional.

Uma boa escola de educação cristã clássica não só ensina a Bíblia e a cultura da civilização ocidental para seus alunos, como também os integra na vida da Igreja. Na Escola de São Constantino, recém-aberta em Houston — escola cristã clássica que pertence à tradição Ortodoxa Oriental —, o modelo adotado pelo diretor John Mark Reynolds une tanto quanto possível as famílias e a igreja. Ele chama isso de “um novo monaquismo”, cujo objetivo é harmonizar a igreja, a escola e a vida em família.

“No passado, as escolas funcionaram de modo bastante independente da família e da igreja. Isto era justificável quando nossa cultura ainda era mais cristã, o que já não acontece”, diz ele. A escola crê que, se o intuito é fazer os paroquianos e os estudantes crescerem na fé, deve então fortalecer a vida eclesial, e por isso ela funciona de acordo com o calendário da igreja, garantindo que seus alunos tenham tempo e disponibilidade na agenda para a vida espiritual.

Os resultados espirituais desse tipo de integração são palpáveis. Um diretor de uma escola cristã clássica do sudoeste me contou que essas escolas vivem se surpreendendo quando vêem que estão servindo de líderes de um movimento que traz as igrejas e as famílias cristãs de volta para a tradição. “Ainda que nós sejamos a única dessas três instituições que não foi designada pela Bíblia para criar e formar as crianças, é isso que está acontecendo em vários lugares por aí”, disse ele.

A integração entre escola e igreja numa era pós-cristã tem também uma vantagem prática. Estabelecer-se sob a tutela de uma igreja dá à escola uma proteção legal que não está disponível para as outras escolas cristãs. Os peritos no assunto dizem que as escolas cristãs que estão enfrentando desafios antidiscriminatórios na justiça têm maior proteção quando conseguem demonstrar que são guiadas clara e completamente pelas doutrinas particulares de certa denominação, ainda mais quando podem comprovar que reforçam essas doutrinas.



Ao mesmo tempo, é importante reconhecer de que maneira as escolas cristãs clássicas podem impulsionar um ecumenismo saudável diante de um inimigo comum. Do mesmo modo que há vantagens em estabelecer uma escola dentro de determinada tradição, também há benefícios em uma estratégia mais inclusiva, contanto que a escola permaneça dentro de um credo antigo. “A boa notícia é que esse tipo de escola tem chances reais de sanar antigas divisões, até porque essas divisões já não fazem mais sentido”, diz Reynolds, da Escola de São Constantino.

A Escola Clássica Sequitur é ortodoxa com “o” minúsculo, apesar de acolher várias denominações cristãs. A maioria dos estudantes e professores é evangélica, mas minha mulher dá aula lá, e ela é Ortodoxa Oriental, e meus filhos, que também o são, estudam lá. Também há católicos tradicionalistas na comunidade da escola. Brian Daigle, co-fundador da escola, que cresceu como católico e depois passou por algumas denominações reformistas, diz que sua própria jornada dentro da tradição cristã o ensinou uma espécie de amor e de respeito por aquilo que cada ramo da fé cristã acrescenta à escola.

“Fazer parte de uma comunidade como aquela me deu convicções mais sólidas em algumas áreas e mais humildade em outras”, diz ele. “E fez-me também um acadêmico mais completo, capaz de entender melhor as várias linhas e denominações, e a importância das nuances teológicas de um autor para as decisões literárias que ele fez, por exemplo”.

Daigle diz que a colaboração e a associação intelectualmente honesta entre escolas cristãs tradicionais deveriam fortalecer o testemunho das igrejas locais nesses tempos de secularização mais militante. Ele está convicto de que o estudo compartilhado dentro da Grande Tradição forjará os laços de amizade e solidariedade espiritual que manterão os estudantes firmes pelos dias que estão por vir. “A vantagem para nossos alunos, eu espero, é que os estaremos preparando não para empregos que ainda não existem, mas para uma igreja que ainda não existe”, diz Daigle.



Os benefícios da união entre a escola clássica e as igrejas locais ficam evidentes na história da Escola de São Jerônimo que fica em Hyattsville, Maryland — indiscutivelmente a escola cristã clássica mais famosa do país.

Em 2010, a Arquidiocese de Washington D.C. planejava fechar a escola ligada à Paróquia São Jerônimo, no subúrbio de Maryland. As matrículas eram pouquíssimas para uma escola que oferecia desde o maternal até a oitava série, e as dívidas se amontoavam. Foi quando Chris Currie, um empresário católico local, Michael Hanby, católico e professor de filosofia na universidade, e outros pais propuseram aos diretores uma bóia de salvação: transformá-la em escola clássica.

A diretora Mary Pat Donoghue topou. O padre da paróquia também decidiu que não tinha nada a perder, apesar de ter lá suas dúvidas. A arquidiocese aprovou a proposta e deu seu aval. Então Currie, Hanby e os outros cancelaram um currículo, os pais e a paróquia levantaram fundos suficientes para cobrir a dívida de 117 mil dólares da escola e eles contrataram oito novos professores comprometidos com a abordagem clássica.

Hoje, a singela escola católica que estava à beira do precipício está transbordando de alunos e se tornou um modelo nacional de utilização do modelo clássico na revitalização de escolas paroquiais decadentes. Currie diz que a reforma e o renascimento da Escola de São Jerônimo jamais teriam acontecido numa comunidade católica próspera e de elite. Aconteceu numa paróquia suburbana pelo fator da necessidade: era mudar ou morrer.

E tudo começou com a iniciativa de leigos e paroquianos comuns. A equipe da São Jerônimo, formada por bons católicos tradicionais, fez questão de submeter-se à autoridade do padre da paróquia e do bispo local — e teve a sorte de contar com o apoio das autoridades da igreja, que deixaram os visionários livres para tentar algo radicalmente diferente.

“É preciso mudar o modo de ensinar, e isso requer que se jogue fora muitos recursos e textos-base aos quais as escolas



estão acostumadas”, diz Currie. “Além disso, a educação clássica não pode só servir de atrativo para aumentar o número de matrículas. É preciso que você tenha um comprometimento sólido com sua missão em tudo o que faz. Esse é o único meio de tornar a coisa efetiva e desejável para os que são de fora”.

A nova Escola de São Jerônimo assumiu como prioridade a aproximação com os pais e o envolvimento deles na vida da escola e em sua abordagem clássica. A equipe também seguiu uma visão educacional católica, com “c” minúsculo, rejeitando a idéia de que a educação clássica era apenas para os católicos de mais estrita observância.

Diz Currie:

Isto não quer dizer que aceitamos qualquer um dentro da escola. Algumas crianças podem não ser capazes de tirar proveito de uma educação clássica e, assim, corromperão seus colegas de classe. Mas são poucas. Aceitamos uma boa diversidade e temos alunos de todas as raças e grupos socioeconômicos. Quando os pais vêem a diferença que o curso faz na vida das crianças, eles se rendem. Do modo como nós entendemos, esse tipo de educação é para todos os tipos de pessoa.

É possível abrir uma escola cristã de educação clássica na sua comunidade? A Associação de Escolas Clássicas e Cristãs, uma organização protestante (e ortodoxa) com membros em quarenta e cinco estados e em quatro países estrangeiros, oferece em seu *site* ([accsedu.org](http://accsedu.org)) um guia prático de como iniciar um projeto desses, que inclui uma série de perguntas que as comunidades locais devem se fazer antes de começar a jornada.

O Instituto de Educação Liberal Católica é uma organização rica em recursos para os católicos e disponibiliza em seu *site* ([catholicliberaleducation.org](http://catholicliberaleducation.org)) o plano educacional da Escola de São Jerônimo. (Na verdade, Mary Pat Donoghue, a diretora que coordenou a transição que mudou a história do colégio de Hyattsville, trabalha agora em tempo integral como consultora para esse instituto.)





### *Não há escolas clássicas? Faça homeschooling*

Recentemente, temos passado por uma explosão de recursos que dão suporte para os cristãos que buscam implementar um ensino clássico domiciliar. O Instituto CiRCE é um dos maiores redutos, através de seu *site* e suas conferências, assim como a Sociedade para os Estudos Clássicos [Society for Classical Learning]. O método “Classical Conversations” é um dos programas mais famosos.

Também está crescendo a popularidade de escolas que provêm uma instrução em sala de aula que deve ser complementada pelo ensino domiciliar, como a já citada Escola Clássica Sequitur, de Baton Rouge, e a Escola Coram Deo, no norte do Texas.

Para muitas famílias cristãs, as escolas cristãs mais ortodoxas e confiáveis ou são economicamente inviáveis ou não estão ao alcance local. Essas famílias então partem para o ensino domiciliar — uma estratégia que pode economizar um bom dinheiro num cenário econômico como este, em que a maioria das famílias conta com apenas dois salários para viver.

Uma mãe católica que mora no Vale do Silício, e que chamei aqui de Maggie, contou-me que ela e o marido optaram pelo ensino domiciliar em parte porque acreditaram que podiam cuidar melhor da educação de seus filhos do que as escolas públicas. As particulares estavam fora de questão, e a experiência que ela teve com uma escola católica local abalou a sua confiança.

A popularidade do ensino domiciliar vem crescendo no país, ainda que ele dê conta de apenas 3,4% do número total de crianças em idade de escolarização: de acordo com o Departamento Americano de Educação, esse índice cresceu 62% de 2003 a 2012.<sup>8</sup> Mas, como dizem todos os pais que adotaram o

8 Terence P. Jeffrey, “1,773,000: Homeschooled Children Up 61.8% in 10 Years” [1.773.000: o número de crianças educadas em ensino domiciliar cresceu 61,8% em dez anos], *CNSNews.com*, 19 de maio de 2015.



ensino domiciliar, ele não é para todo o mundo. Exige algumas habilidades específicas — certo saber organizacional, por exemplo —, bem como inteligência e uma boa dose de paciência. Além disso, é preciso que a família tenha os dois pais presentes e a possibilidade de viver de apenas um salário — coisa que impossibilita o ensino domiciliar na realidade de muitas famílias.

Mas para outras é possível, contanto que estejam dispostas a viver asceticamente. Maggie acrescentou ainda que ela e suas colegas mães que também adotaram o ensino domiciliar estão abrindo mão de suas carreiras, do sucesso e, dado o alto custo de vida daquela região, de um considerável conforto material — tudo pelo bem de seus filhos.

Por mais que sua família tenha de se virar com um salário — um salário de professor, ainda por cima —, Maggie continua achando que vale a pena. As outras mães do seu círculo de colegas também:

Nós não podemos ser arrastados pelo redemoinho de loucura que nos rodeia, de jeito nenhum, e também não queremos que nossos filhos sejam levados por ele. Não queremos que nossos filhos pensem que o único propósito que devem ter na vida é ser aceitos em Stanford ou juntar o seu primeiro milhão de dólares antes dos trinta. Precisamos estar a serviço de algo — de Deus, na minha opinião — maior do que nós, e as escolas todas, pelo menos aqui, sejam quais forem suas linhas, não ensinam isso.

### *A Opção Beneditina e a universidade*

A necessidade de colegas cristãos ortodoxos não acaba na graduação. A faculdade também é um período de desafios espirituais, e nem todos os fiéis passam por ele com a fé intacta. Os cristãos devem não só encontrar maneiras de ajudar os estudantes a navegar por entre o sistema acadêmico vigente, mas também encontrar maneiras de reinventá-lo.

Em 2016, numa discussão interna entre acadêmicos conservadores e evangélicos, eu ouvi diretores de faculdade e professores



conversando abertamente sobre como a ideologia sexual progressista está tomando de assalto as convicções dos seus alunos, incluindo os seminaristas — e como isso está afetando o comportamento sexual deles.

Numa escala maior, o declínio dramático da fé entre os jovens adultos (dentre os quais 35% diz não ter nenhuma religião ou tradição religiosa) indica que os estudantes que têm fé sofrem hoje mais pressão social para abandonar a ortodoxia cristã do que sofreram as gerações anteriores. Onde é que eles poderão encontrar uma esperança?

De imediato, podem fundar ou participar de associações cristãs presentes no campus — em suma, encontrar ali formas de viver dentro das comunidades da Opção Beneditina.

Os estudantes católicos que estudam em universidades que não são católicas geralmente recorrem ao Centro Cultural Newman em seu próprio campus, que costuma ser o vínculo de entrada das pastorais universitárias. Nem todos esses centros Newman são confiáveis, mas o St. John's, que fica na Universidade de Illinois, em Champaign-Urbana, tem a reputação de oferecer cursos solidamente católicos, estudos bíblicos, retiros e um ambiente fraterno para os mais de dez mil católicos que freqüentam aquele campus.

O Centro Cultural Newman St. John's foi também o pioneiro da vida católica em comunidade dentro de universidades públicas. Seu sistema de moradia, o Newman Hall, é uma residência estudantil moderna que oferece abrigo a seiscentos estudantes católicos, num ambiente tocado por um padre presente em tempo integral e toda uma equipe pastoral, com uma capela aberta vinte e quatro horas por dia. Em 2013, baseados no modelo do St. John's, alguns líderes católicos no Texas e na Flórida abriram dois programas de moradia — um na Universidade do Texas A&M e o outro no Instituto Tecnológico da Flórida.

Ryan Mattingly afirma que sua experiência no St. John's foi responsável por restaurar a sua fé católica e por fazê-lo descobrir sua vocação sacerdotal. Ele, que é hoje um seminarista



cuja ordenação está marcada para 2018, contou ao National Catholic Register que a vida naquela comunidade de estudantes o levou para mais perto da oração e dos sacramentos, e para mais longe das festas. Disse: “Aquilo deu substância para a minha fé — vivê-la, apenas, no dia-a-dia, numa universidade enorme e secular, onde a fé não é lá muito encorajada”.<sup>9</sup>

O Padre Bryce Sibley, que dirige a pastoral universitária católica no campus da Universidade de Louisiana em Lafayette (ULL), contou-me que a Sociedade dos Estudantes de Universidade Católicos (FOCUS), um programa nacional de pastoral universitária que tem grupos em mais de cem universidades, incluindo a ULL, foi uma peça-chave para a construção de consistentes comunidades de estudantes católicos entre a geração dos *millennials*.

Disse o padre:

Esses jovens católicos são ortodoxos. Eles querem se confessar, querem os sacramentos, querem formação. Não estamos aí só para comer pizza e tirar uma onda. O resultado, nos últimos seis anos, é que quase cinquenta pessoas dentre os nossos entraram para o seminário ou para a vida religiosa.

Ele continuou dizendo que, ao contrário do que viveu na pastoral universitária quando ele estava na faculdade, uma geração atrás, a FOCUS concentra-se intensamente no apostolado através da oração, do estudo e da adoração — geralmente em grupos pequenos — e na preparação dos alunos para a evangelização. “Quando você conversa com a maioria das pastorais universitárias hoje em dia, tem uma esperança real”, afirma o Padre Sibley. “Esses jovens querem a verdadeira fé, não uma versão aguada dela. Quando você quer evangelizar, tudo muda”.

Da parte dos evangélicos, o movimento dos Centros de Estudos Cristãos oferece uma vida comunitária contracultural aos jovens crentes. Ele começou em 1968, quando um grupo de

<sup>9</sup> Peter Jesserer Smith, “Keeping the Faith on College Campuses” [Mantendo a fé durante a faculdade], *National Catholic Register*, 15 de abril de 2013.



líderes evangélicos e estudantes da Universidade da Virgínia inauguraram uma associação informal para promover uma atitude cristã intelectual e cultural no campus. Inspirados pela Associação L'Abri, uma rede internacional de centros de estudo evangélicos fundada por Francis e Edith Schaeffer, o grupo reunido em Charlottesville comprou uma casa na Rua Chancellor, perto da Universidade da Virgínia, e lá armou o seu centro estratégico.

A organização mudou de nome algumas vezes ao longo dos anos, mas hoje é chamada de Centros de Estudos Cristãos. A casa na Rua Chancellor é um reduto agitado e cheio de atividades, onde os estudantes podem se encontrar em grupos, estudar na nova e magnífica biblioteca e assistir a palestras e estudos bíblicos. O centro também serve de sede para inúmeras corporações “para-evangélicas”<sup>10</sup> que trabalham no campus.

Dizer que o casarão da Rua Chancellor é um clube de universitários cristãos seria diminuí-lo, e muito. Trata-se de um verdadeiro ponto nevrálgico a partir do qual se desenvolve uma vida artística e intelectual muito séria e no qual se dá uma associação verdadeira entre a comunidade dos alunos evangélicos da Universidade da Virgínia e qualquer um que deseje passar por ali. O centro leva a sério a união entre o apostolado cristão e a vida intelectual, o que fica evidente.

Hoje em dia, entre os campi universitários americanos, já existem mais de vinte Centros de Estudos Cristãos afiliados, todos moldados pelo original fundado na Virgínia. Deste centro originário da Rua Chancellor surgiu um fenômeno que promete ser de grande valor para a construção de comunidades verdadeiramente cristãs nos campi de toda a nação: uma rede privada de moradia estudantil unissex para os alunos cristãos que lá estudam.

A uma distância do Centro que pode ser feita a pé, há mais de vinte residências nas quais alunos e alunas da universidade encontram várias formas de viver em comunidade durante os

10 Espécie de organização cristã que não tem denominação, mas atua no serviço dos cristãos em geral — NT.



anos de graduação. Não há uma Regra estabelecida para todas as casas, e algumas nem mesmo têm uma Regra; são apenas cristãos morando juntos. O que todos fazem é proporcionar ajuda mútua e algumas obrigações compartilhadas entre os estudantes que moram ali.

Certa tarde de outono, sentei-me para conversar com alguns universitários que moram ou já moraram naquelas residências cristãs. Todos eles falaram com um entusiasmo genuíno e verdadeira afeição sobre como a vida naquelas casas os havia estabilizado e aprofundado seu comprometimento com seus cursos de graduação. Um deles disse: “Conheci pessoas que me contaram histórias que me ajudaram a ver quem eu sou e a encontrar sentido na vida”.

Alguns deles ficaram tão marcados pelos anos que passaram morando ali que permaneceram em Charlottesville depois de formados, arrumaram emprego e estreitaram seu relacionamento com os colegas que haviam feito na moradia.

Dois destes são Sam Speers e Jed Metge. Em 2011, fundaram com outros colegas a Chancellot, comunidade universitária masculina e voluntária, bem próxima ao Centro. Eles me disseram que sua comunidade chegou a contar com mais de vinte estudantes que atuavam no campus através da Associação Cristã InterVarsity.

A Regra da casa era simples: uma comunidade de homens cristãos, que atuavam através da InterVarsity e se comprometiam a morar juntos em espírito de apostolado e de auxílio mútuo, a fim de viverem de acordo com um padrão moral elevado. Tinha a estrutura toda elaborada para que fosse possível acolher membros de todos os anos. A sede da fraternidade era “apertada, mas aconchegante”, cujo intuito era servir e evangelizar a comunidade estudantil da universidade.

Os dois colegas recordaram um estudante que era vizinho da comunidade logo em seu primeiro ano de existência. Ele começou a passar mais tempo com eles do que em sua própria moradia. Perguntaram-no, então, por que ele sempre estava por lá.



“Ele disse: ‘É porque tem algo diferente na maneira como vocês se relacionam’”, recordou Metge.

O rapaz falou sobre como ele e seus colegas estavam sempre brigando por causa de louça suja e outros problemas domésticos. Ele queria saber o que é que gerava essa diferença toda na vida comum dos rapazes da Chancelot.

“Dissemos a ele: é o Cristo”, contou Metge. “Dissemos que ele podia ter a mesma paz. Eu e outro colega da casa rezamos junto com ele e o levamos a Cristo”.

A Regra da casa se desenvolveu com o tempo. Eles foram experimentando algumas coisas. Era difícil fazer as orações matinais em grupo, mas era mais fácil fazer as noturnas. Eles confessam seus pecados publicamente para a comunidade, a fim de que pudessem se ajudar em suas batalhas (“Não chamávamos isso de confissão, na época”, diz Speers; “chamávamos de prestação de contas, o que soava melhor para os evangélicos”). Também era requerido que mantivessem conversas e estudos teológicos entre si.

Havia algumas regras menores, porém rigorosas. Não era permitido que recebessem garotas nos quartos com as portas fechadas. Não podia haver álcool no estabelecimento, exceto nos quartos daqueles que já tinham idade para isso. Aqueles que tinham maiores problemas com pornografia deixavam seus computadores na sala comum, para que não ficassem tentados.

Aquilo fazia milagres. Metge disse que a vida na Chancelot deu-lhe uma estabilidade e uma saúde tanto físicas quanto espirituais que ele jamais havia experimentado. “Quando lembro meus anos de faculdade, recordo que minha alegria era imensa e que era devido quase que totalmente a essa comunidade”, diz ele. “Pude ampliar e aprofundar minhas concepções a respeito da seriedade de comprometimento com o próximo que é possível alcançar sendo cristão. Ao sair daquela comunidade e entrar na da igreja local, e na vida adulta, aquilo me ajudou a ver que é possível estabelecer laços comunitários independentemente da circunstância em que me encontro”.



Grupos como o de Metge são importantes para ajudar os estudantes a manter a fé durante a faculdade como ela está agora, mas talvez venham a ser mais importantes ainda no futuro. Se se concretizarem as temidas tentativas de invalidar o estatuto acadêmico das faculdades e universidades cristãs com base em argumentos antidiscriminatórios, haverá muito menos opções para estudantes e professores de fé.

Alguns alunos cristãos que fazem graduação na área de humanidades me disseram que, lendo as pichações nas paredes das faculdades, não conseguem ver nenhum futuro para eles enquanto professores universitários. No outono de 2016, certos membros recentes da Sociedade dos Filósofos Cristãos criticaram publicamente o filósofo Richard Swinburne — um dos mais eminentes da atualidade — como intolerante, porque ele havia defendido o ensinamento cristão ortodoxo a respeito da homossexualidade em uma palestra. Alguns professores mais eminentes de universidades como Yale, Columbia e Georgetown, que não são cristãos, passaram do ponto e xingaram Swinburne e seus defensores em termos baixos e profanos. Esse tipo de coisa é o que levou um colega meu cristão, candidato ao doutorado em literatura inglesa por uma prestigiosa universidade americana, a me confidenciar que a total ideologização esquerdista do curso de literatura o fez desistir de seus planos de seguir a carreira acadêmica.

O chão está se abrindo sob nossos pés lenta e definitivamente. Está na hora de os cristãos reconhecerem o perigo e começarem a criar uma contracultura cristã dentro da academia. John Mark Reynolds está se preparando para esse momento de virada. Quando ele deixou o emprego de reitor da Universidade Batista de Houston, alguns anos atrás, foi-lhe oferecida a presidência de uma faculdade. Ele recusou o convite, ainda que se tratasse de um cargo de prestígio que pagava muito mais do que ele recebe hoje como diretor da Escola de São Constantino, colégio cristão clássico que ele fundou.

Ele tem de vestir um punhado de camisas na escola recém-nascida — inclusive a de zelador, de vez em quando. É um



pouco frustrante para o seu orgulho, mas ele diz que está sendo bom para ele, que está percebendo quão mimado ele era dentro da academia cristã convencional — e quanto isso o fez dependente de um modelo de educação superior que ele crê economicamente insustentável, à beira do colapso.

Reynolds explica que mesmo as faculdades cristãs estão dentro de uma bolha financeira prestes a estourar. Quando ele era reitor de uma universidade cristã, via que menos de um terço do orçamento da instituição ia para o corpo acadêmico.

“A universidade como a conhecemos tem de acabar”, ele afirma. “Não estou disposto a receber um rapaz interiorano que vem me tomar centenas de milhares de dólares por um diploma de bacharel que pode ou não render-lhe um emprego, enquanto ele fica sem um professor de tempo integral por dois anos inteiros. Esta é a realidade”.

Um dia, o modelo de ensino adotado na Escola de São Constantino incluirá um curso superior de Artes Liberais, com duração de quatro anos. A escola está bastante alinhada com as igrejas locais, de modo que quando seu programa universitário for lançado ele se afiliará ao King’s College, instituição cristã de Nova York. Segundo Reynolds, o motivo é o seguinte: “Aqueles instituições cristãs que receberam validação antes desses problemas que estão por vir serão as últimas a ser desafiadas”.

O diretor da São Constantino já tem uma lista cheia de currículos excelentes, que inclui um bom número de mestres e doutores. “Há muitos professores cristãos inteligentes, ortodoxos e conservadores por aí precisando de trabalho”, disse ele.

Quem concorda é Anthony Esolen. Católico tradicional, aclamado professor e tradutor de Dante, Esolen sofreu críticas pesadas em meados de 2016 na faculdade em que lecionava, a Providence College — que é católica —, por ter se pronunciado contra a tentativa da diretoria de desvalorizar, de acordo com ele, a identidade católica da instituição pelo bem do multiculturalismo.



“Já passou da hora de os diretores de faculdades católicas abandonarem as políticas de contratação que, antes de mais nada, nos colocaram nessa situação embaraçosa”, disse. “Nós sabemos que há vários acadêmicos cristãos excelentes e jovens que estão lutando para conseguir um emprego. Ora, façamos isso então, e imediatamente. Nós é que deveríamos estabelecer uma rede de contatos com esse propósito”.

Esolen tem razão — ainda que, infelizmente, também esteja certo em duvidar que a maioria das faculdades e universidades cristãs terão coragem de fazer isso. Ainda assim, as escolas cristãs clássicas deveriam aproveitar a oportunidade para reunir seus contatos e criar um banco de empregos para que os acadêmicos cristãos talentosos que estiverem dispostos a dar aulas no ensino primário ou secundário saibam onde estão as vagas. Os cristãos não podem esperar que os bons professores trabalhem de graça. Os pais devem se dispor a pagar altas taxas de matrícula para que a escola possa pagar salários justos para professores qualificados, mas, além disso, os cristãos mais abastados também deveriam redirecionar parte de suas contribuições políticas para escolas cristãs clássicas. Elas são fundamentais para o futuro do cristianismo nos EUA.

### *Voltar aos clássicos e partir para o futuro*

Os cristãos de hoje em dia estão vivendo as dores do parto da igreja de amanhã — que podem ser bastante intensas. Do mesmo modo que antigas certezas estão ruindo, novas oportunidades surgem. Aqueles que insistirem em modelos pedagógicos — públicos, particulares ou paroquiais — que não conseguem mais tocar o coração e nem mover o intelecto das próximas gerações de um modo autenticamente cristão correm o risco de prejudicar seus filhos deixando-os moral e espiritualmente vulneráveis.

A educação cristã clássica é a nova contracultura. Os cristãos, em pouco mais de cem anos, deslocaram-se do centro para as periferias da cultura. Pois que assumamos a nossa condição e nos orgulhemos dela. Já dizia Chesterton: “O que já



morreu é que segue a correnteza, pois só o que está vivo pode contrariá-la”.

Essa frase de *O Homem Eterno* é o lema da Scuola Libera G. K. Chesterton, a escola da comunidade dos Tipi Loschi, os leigos católicos de San Benedetto del Tronto, na Itália. A escola foi criada porque Marco Sermarini e sua esposa Federica tiveram a coragem de assumir suas convicções cristãs contraculturais.

Há quase uma década, Marco e Federica começaram a se preocupar achando que o estado das escolas públicas e dos colégios católicos locais destruiriam o trabalho de formação cristã que seus filhos haviam recebido em casa e na comunidade dos Tipi Loschi.

Em junho de 2008, Marco assistiu a uma palestra do Padre Ian Boyd, sacerdote americano especialista em Chesterton que estava visitando a Itália. O Padre Boyd disse que o problema que estamos enfrentando é a nivelação por baixo dos padrões de conduta. Além disso, as pessoas não têm mais tempo para fazer nada relacionado à criatividade — mas elas precisam criar esse tempo, porque seguir a correnteza significa morrer espiritualmente.

Quando voltou para casa, Marco disse à esposa que eles tinham de abrir um colégio. Tinham três meses para isso. “Muita gente achou que eu estava louco, e é capaz que eu estivesse mesmo, mas o fato é que inauguramos dia quinze de setembro”, disse Marco. Tinham quatro alunos, dois deles seus próprios filhos. Hoje já são setenta alunos tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

O sucesso da escola chestertoniana inspirou os Tipi Loschi a aumentar os sonhos. “Quando descobrimos que éramos capazes de fazer algo tão novo, começamos a pensar no que mais podíamos fazer de um modo assim tão engenhoso”, diz Sermarini. “Já sabíamos que não era possível viver uma vida normal revestida de cristianismo, mas que tínhamos de rever as raízes”.

Os Tipi Loschi alcançaram não só um ótimo sucesso lançando sua escola contra a correnteza da educação italiana como



também uma boa dose de inspiração para ser, de várias outras formas, cristãos contra a cultura.

“Muitas vezes nesta vida você vai achar que qualquer outro tipo de ordem é inviável”, continuou Marco. “Mas, se você começa a mudar as coisas, a colocá-las onde devem estar — e, se coloca Deus acima de tudo, você se surpreenderá em como elas começam a se encaixar”.

“Será custoso e arriscado construir um novo sistema educacional cristão. Dá certo medo enfrentar o *status quo*”, eu lhe dizia — ainda mais quando você não sabe se terá o apoio de alguém.

“Grande Rod!”, esbravejou, batendo uma sonora palma. “Ninguém deve temer. Tenha fé! Somos cristãos! E sabemos que, para Deus, tudo é possível”.

É verdade. Os educadores cristãos, tanto em casa quanto na sala de aula, precisam desse tipo de fé para manter-nos de pé toda vez que damos de encontro com a parede. Mas é importante lembrar que a esperança deve estar baseada na realidade.

Anos atrás, meu amigo Mitch Muncy foi monitor de alguns graduandos na Universidade de Dallas, escola católica de artes liberais com grande tradição no método dos Grandes Livros. Na época, Mitch me contou que ficava contente sempre que via quão animados esses jovens ficavam com as artes, os livros, as idéias e a com a fé. Mas tinha de lembrá-los constantemente de uma realidade nada romântica: que, se não tivessem ambições mais altas do que ler e falar sobre os Grandes Livros, ou não tivessem as habilidades necessárias para tanto, não seriam capazes de responder à sua vocação de ter uma família, servir a Deus e à Igreja da maneira como sonhavam fazer.

Esta verdade deve servir para manter esclarecidos todos os pedagogos visionários da Opção Beneditina. Pelo que parece mostrar o futuro próximo, o mundo profissional é incerto para todos, especialmente para os cristãos. Os desafios práticos que



nos aguardam não se comparam a nenhum outro que os cidadãos deste país jamais enfrentaram. As escolas e os colégios deverão preparar os jovens fiéis — moralmente, espiritualmente e vocacionalmente — para realidades cada vez mais duras.

Como já aconteceu com decoradores, confeitheiros e fotógrafos, que foram arrastados para a corte por litigantes *gays*, sabemos agora que alguns cristãos ortodoxos perderão o emprego e seu meio de subsistência se se recusarem a reconhecer a nova ortodoxia secular. É de esperar que a muitos outros cristãos também sejam negadas ofertas de trabalho, pelo simples fato de terem sido expulsos de algumas carreiras por conta de puro preconceito ou porque não podiam continuar nelas mantendo a consciência limpa. O que farão eles?

Como veremos adiante, não é nada cedo para os cristãos começarem a se fazer essas perguntas e a traçar alguns planos.





## CAPÍTULO 8

# *Preparando-se para o trabalho duro*

QUANDO JOVEM, NO TEXAS, o Irmão Francis Davoren pensava que seria um homem que trabalharia primordialmente com a inteligência. Era bom aluno, intelectual e tinha aptidão especial para matemática e ciências. Na faculdade, estudou física mas trocou-a pela teologia quando começou a se perguntar se Deus o estava chamando para ser padre ou monge. Ele só foi perceber isto mais tarde, mas durante boa parte da vida o Irmão Francis acreditou que aqueles cujos ofícios eram intelectuais eram melhores do que aqueles que faziam trabalhos braçais.

Hoje, aos quarenta e três anos, o Irmão Francis tem novo respeito pelo serviço braçal graças ao trabalho duro que tem de fazer no mosteiro, como carregar grandes sacos de grãos e consertar o encanamento. “Tem sido ótimo para mim, porque me ajuda a lembrar que o ser humano é feito de corpo e espírito, e não só de espírito”, explica. “É preciso que haja uma integração entre corpo e alma. Você pode usar o corpo para se santificar pelo trabalho. É ótimo saber que você não precisa só ficar pensando nas coisas, mas tem de fazê-las mesmo”.

O Irmão Francis também fica satisfeito ao saber que seu trabalho é vital para o bom funcionamento do monastério e de sua missão. Diz ele: “Esta é a minha singela participação na Igreja. Cada um tem seu papel na tarefa de manter o todo funcionando”.



Na era em que vivemos, o modelo de santificação do trabalho ordinário seguido pelo Irmão Francis e pelos beneditinos servirá, de várias maneiras importantes, como um exemplo para os cristãos tradicionais em suas vidas profissionais. Antes de tudo, o modelo beneditino nos faz lembrar que o trabalho e o culto estão integrados e que nossas carreiras não estão separadas de nossa fé. Em segundo lugar, nos recorda que o trabalho manual é um dom — um dom que os cristãos talvez tenham de redescobrir caso a pós-cristandade nos expulse de nossas profissões. E finalmente, ensina-nos a ver o trabalho como uma retribuição a Deus e à comunidade. Para que as comunidades da Opção Beneditina sobrevivam, será necessário que descubram esse tipo de solidariedade, não apenas em nível “meramente espiritual”, mas também em nível prático.

### *Para que serve o trabalho?*

A maioria dos cristãos ainda usa a palavra *chamado* para se referir à convicção de que Deus convida certas pessoas para dedicarem-se inteiramente ao seu ministério. Os católicos tendem a usar a palavra *vocação* — do latim *vocare*, “chamar” — para se referir a um chamado de Deus para a vida monástica ou para a ordenação sacerdotal. No mundo secular, a palavra *vocação* caiu em desuso, exceto enquanto sinônimo de profissão.

Nem sempre foi assim. Em 1603, William Perkins, um teólogo inglês puritano, fez um sermão no qual definiu *vocação* como “um tipo de vida determinado, estabelecido e imposto ao indivíduo pelo próprio Deus para servir ao bem comum”.<sup>1</sup> Perkins explicou que todo homem — seja rei, pastor, soldado, marido, pai etc. — tem uma vocação dada por Deus. Ele comparou a sinfonia de vocações ao trabalho de um relógio, em que todas as engrenagens funcionam em harmonia para marcar o tempo.

William Perkins, “A Treatise on the Vocations” [Um tratado sobre as vocações], citado em Patrick J. Deneen, *Conserving America? Essays on Present Discontents* [Conservar a América? Ensaaios sobre descontentamentos atuais]. South Bend, IN: St. Augustine’s Press, 2016, p. 33.



Patrick Deneen, teórico político, diz que, dentro dessa compreensão mais antiga, encaramos o trabalho de alguém não tanto como uma escolha pessoal, mas mais como uma tarefa recebida de Deus para o benefício de todos. O trabalho de cada um, portanto, e de um modo às vezes misterioso, é parte de um empreendimento maior que pertence tanto à economia mundana quanto à divina.

“Apesar de o uso contemporâneo da palavra ‘vocacional’ significar um treinamento limitado para determinada profissão”, escreve Deneen, “a origem do termo faz referência ao modo como o trabalho individual está relacionado não só com as outras atividades da vida da pessoa — sua ‘carreira’ — mas, mais significativamente ainda, com um todo muito maior que está fora da vida do sujeito e vai para além dela”.<sup>2</sup>

Esta é uma compreensão profundamente beneditina. Um monge aprende a realizar a tarefa que lhe foi confiada para a maior glória de Deus e para auxiliar a comunidade dos fiéis. Na tradição beneditina, nosso trabalho é um modo pelo qual participamos da obra criadora de Deus de ordenação da Criação para que dela surjam bons frutos. Quando assumido com o espírito correto, nosso trabalho também serve de meio para Deus nos ordenar internamente.

O equilíbrio é o principal. A Regra prescreve trabalhos apenas certas horas do dia, e há um motivo para isso. Trabalhar é algo bom, e até santo, mas não se deve deixar que o trabalho domine a própria vida. Se isso acontece, a nossa vocação pode tornar-se um ídolo. Vale lembrar que, se um abade de mosteiro percebe que um dos monges está se orgulhando indevidamente do trabalho que fez, a Regra pede que o abade lhe dê outro tipo de trabalho. Dura pena, mas que serve para lembrar todos os cristãos de que o valor mais alto do nosso trabalho está no papel que ele desempenha na economia divina.

Trabalhar é bom, mas somente em relação à sua participação no desdobramento da vontade de Deus, e para beneficiar

2 *Ibid.*, p. 34.



o próximo. Na América moderna, viciada em trabalho, perdemos a consciência do que significa a vocação. Ironicamente, ela ainda é vivida assim, pelo menos por automatismo, na Europa secular.

O sogro de Deneen é católico e trabalha como açougueiro em uma cidade pequena no sul da Alemanha. A seu genro americano ele contou que agradece a Deus pelas estritas leis alemãs que regulam o horário de fechamento das lojas. Essas leis tornam as coisas menos convenientes para os consumidores, admitiu o açougueiro, mas sem elas ele jamais teria conseguido gerenciar sua lojinha familiar enquanto criava seus filhos. Sem a proteção dessa regulação, só as lojas grandes que têm muitos funcionários prosperariam. Nesse sentido, a cultura alemã de consumo consegue cultivar vidas mais balanceadas e integradas para o povo alemão.

Mas a lição mais importante que há na Regra referente ao trabalho é que o cristão deve realizar seu trabalho e qualquer outra coisa que faça como se fosse um presente para Deus — como participação na ordenação que Ele opera da Criação. Isto é verdade tanto para o carpinteiro e o contador quanto para o professor e o primeiro-ministro. Se encaramos o trabalho como se tivesse fim em si mesmo, sem conexão com os desígnios de Deus, ou então como algo que fazemos só para pagar as contas, corremos o risco de racionalizar qualquer coisa apenas para manter nosso emprego.

### *Acendendo um incenso a César*

A tentação de vender a própria fé em troca de autoproteção não é de maneira alguma uma ameaça abstrata. Pode ser que (ainda) não estejamos vivendo a época em que é proibido aos cristãos comprar e vender qualquer coisa sem a aprovação do Estado, mas estamos bem próximos da era em que áreas inteiras da vida profissional e comercial estejam fora de alcance aos fiéis cujas consciências não permitem que acendam incensos para os deuses do nosso tempo.



À medida que o compromisso do país com a liberdade religiosa enfraquece, os ambientes de trabalho estão ficando cada vez mais insuportáveis para os fiéis americanos. Os de esquerda costumam zombar toda vez que se fala em discriminação ou perseguição anticristã. Não devemos acreditar neles. A maioria dos conhecedores do assunto com quem conversei a respeito só se pronunciou abertamente depois de eu ter prometido não divulgar suas identidades. Eles temem que as palavras que disserem hoje lhes tirem o emprego amanhã.

Não estão nem um pouco paranóicos. Ainda que os cristãos não estejam sofrendo perseguições por conta da sua fé *per se*, já estão sendo marcados toda vez que se posicionam de acordo com o que sua fé predispõe, principalmente em matéria de sexualidade. Conforme os avanços da agenda LGBT, os cristãos serão afastados do mercado por conta de interpretações cada vez mais amplas de leis antidiscriminação, e o mundo corporativo se tornará hostil para os mais ortodoxos, que serão considerados uma ameaça para o ambiente de trabalho.

A fundação Human Rights Campaign, poderoso grupo de pressão LGBT, publica um índice anual de igualdade corporativa. Em seu relatório de 2016, mais da metade das vinte maiores empresas americanas ganharam pontuação máxima. Entre as empresas que lideram o *ranking*, é considerado um sério problema não atingir uma pontuação alta.

Dentre os critérios adotados pela fundação em suas avaliações referentes ao ano de 2016 estava: “a avaliação do rendimento do gestor sênior ou executivo inclui o fator diversidade LGBT”. Uma empresa que queira receber o selo de aprovação da fundação terá de dar provas concretas de que está colaborando com a agenda LGBT dentro do ambiente de trabalho. O fenômeno dos “aliados” — propagado com heterossexuais declarando-se apoiadores da causa LGBT — é um meio pelo qual as empresas podem tanto demonstrar avanços na campanha pelos direitos dos *gays* quanto identificar eventuais dissidentes que estejam no caminho do progresso.



Conversei com um bom número de cristãos que trabalham em áreas diversas como o direito, a gerência bancária e a educação, e que têm de resistir a uma pressão cada vez maior por parte de suas empresas e instituições para que se declarem publicamente “aliados” de seus colegas LGBT. Em alguns casos, é dada aos funcionários a oportunidade de usar um distintivo especial que torna pública a sua aliança. Naturalmente, aqueles que não usam o distintivo têm mais chances de precisar responder a perguntas embaraçosas de seus companheiros, e mesmo de ser evitados pelos demais.

Tais funcionários temem que em breve isso se torne um juramento de fidelidade *de facto* que os cristãos terão de fazer — e se não o fizerem, será o fim de seus empregos e possivelmente até de suas carreiras. Fazer um juramento desses seria o equivalente moderno de acender um incenso a César.

Será impossível obter licença para trabalhar na maioria dos lugares sem a obrigação de endossar o dogma da diversidade sexual. Em 2016, por exemplo, a Associação dos Advogados Americanos votou a favor de incluir uma regra “anti-assédio” em seu Código Modelo de Conduta. Se adotada, essa regra impossibilitaria qualquer um de discutir levemente qualquer questão relativa à homossexualidade (dentre outros assuntos) sem que corresse o risco de sofrer sanções profissionais — a não ser que assumisse o lado progressista do debate.

Nesse sentido, em muitos ambientes de trabalho será difícil haver um diálogo aberto sem que um dos lados corra sérios riscos. Um professor cristão de universidade pública, da faculdade de ciências, recusou-se a responder uma pergunta que lhe fiz sobre a biologia por trás da homossexualidade porque tinha medo de que qualquer coisa que ele dissesse, não importa o quão inócua e comprovadamente científica, o colocasse em apuros em sua universidade, fazendo-o responder a processos e sofrer ataques das máfias nas redes sociais. Todo mundo que trabalhar numa grande empresa será forçado a passar por um treinamento de “diversidade e inclusão” e a ter de não só tolerar



a presença de colegas LGBT, mas também endossar a sexualidade e identidade de gênero deles.

E tem mais: as empresas que não cumprirem os estatutos estaduais e federais antidiscriminação que protegem os LGBT não receberão contratos do governo. Na verdade, de acordo com um litigante pela liberdade religiosa que já teve de defender seus clientes contra uma lista interminável e exasperante de ações judiciais antidiscriminatórias, a única coisa entre um funcionário ou um empregador e uma ação judicial é a imaginação dos militantes LGBT e seus advogados.

“Estamos todos vulneráveis a esse tipo de ameaça”, ele disse.

Diz outro advogado da liberdade religiosa: “Não há solução aparente para esses conflitos; não estamos prestes a alcançar um equilíbrio. Apenas a intensificação. Esse trem não vai parar enquanto houver impulso e trilhos”.

David Gushee, conhecido eticista evangélico que tem uma posição agressivamente progressista com relação aos assuntos da pauta *gay*, publicou um texto em 2016 dizendo que, na questão a respeito da tolerância ou não da discriminação contra *gays* e lésbicas fundada em razões religiosas, o meio-termo estava desaparecendo rapidamente.

“A neutralidade não é uma opção”, escreveu. “Tampouco a meia-aceitação simpática. Evitar o assunto também não adianta. Onde quer que se esconda, o assunto encontrará você”.<sup>3</sup>

Professores de escola pública, de faculdade, médicos e advogados, todos deverão encarar, como condição para contratação, uma pressão tremenda para capitularem ante essa ideologia. Assim será também com os psicólogos, assistentes sociais e todos que tiverem profissões assistenciais; é claro que tampouco escaparão os floristas, fotógrafos, confeitheiros e todos os ramos sujeitos às leis referentes a estabelecimentos públicos.

3 David Gushee, “On LGBT Equality, Middle Ground Is Disappearing” [Quando o assunto é a igualdade LGBT, o meio-termo está desaparecendo], *Religion News Service*, 22 de agosto de 2016.



Os estudantes cristãos e seus pais devem considerar tudo isso cuidadosamente quando chegar a hora de escolher uma área de estudos numa faculdade ou escola profissionalizante. Um médico nacionalmente reconhecido que também é devoto cristão contou-me que vive desencorajando os filhos a seguirem seus passos. Hoje em dia e num futuro próximo, os médicos deverão lidar com problemas relacionados a sexo, sexualidade e identidade de gênero, mas também ao aborto e à eutanásia. A “autonomia do paciente” e a não-discriminação são os princípios que ultrapassam qualquer objeção de consciência, e espera-se que os médicos entrem na linha.

Diz o médico:

Caso eles imponham essa condescendência como condição para a obtenção da licença médica, não haverá para onde fugir. E o que é que você vai fazer se estiver devendo trezentos mil para a Escola de Medicina e tiver uma família com três filhos e um parente doente? É um problemão, ainda mais porque não há muitas paróquias ou comunidades eclesiais que entrariam no jogo para ajudar.

No passado, algumas minorias religiosas já se viram excluídas de certas profissões. Na Idade Média, por exemplo, uma intolerância anti-semita impediu os judeus de participarem de vários negócios e profissões, restringindo-os aos trabalhos marginais que os cristãos não queriam fazer. Entraram nos negócios bancários, por exemplo, porque na cristandade medieval a usura era pecado<sup>4</sup> e, portanto, fora de cogitação para os cristãos.

Do mesmo modo, os cristãos ortodoxos nesta era emergente terão de se adaptar a um tempo de hostilidade, pois as listas negras serão para valer. No Canadá, os profissionais da lei estão tentando proibir os graduados em Direito pela Trinity Western University — uma faculdade de artes liberais cristã — de exercer a profissão, como forma de punição pelo fato de a faculdade

4 Continua sendo. “Papa Francisco: ‘A usura é um pecado que clama diante de Deus’”, *Zenit*, 10 de fevereiro de 2016 — NT.



não ser suficientemente progressista com relação às questões LGBT. Assim também o grupo militante LGBT chamado Campus Pride colocou mais de cem faculdades cristãs numa “lista da vergonha” e clamou para que os negócios e as indústrias não contratassem seus formandos. Seria inocência relevar a influência de grupos como esse na cultura empresarial — e isso, por sua vez, terá um efeito devastador nas faculdades cristãs.

“Os desafios para a educação cristã — especialmente para o ensino superior — estão prestes a se tornar agressivos”, disse um erudito da área. “Os diplomas de universidades desacreditadas, que não conseguem inserir seus formandos no mercado ou que não recebem verba do governo para pesquisas, valem muito pouco”.

Isso significa que nenhum cristão deve entrar para a faculdade de Medicina, de Direito ou em um programa de treinamento profissionalizante de outras áreas? Não necessariamente. Mas significa, no entanto, que os cristãos não devem se esquecer de que, em determinados campos de atuação, podem ter de passar pelo enorme desafio de escolher entre o cristianismo e sua carreira. Muitos cristãos serão forçados a construir suas vidas de maneiras que não comprometam sua consciência religiosa. Isto pede prudência, ousadia, criatividade vocacional e solidariedade social para com os outros fiéis.

### *Seja prudente*

No ambiente de trabalho, nem toda batalha é digna de ser travada até o fim. Nem todo escritório é o Coliseu Romano.

David Hall, funcionário público em Illinois, arriscou seu emprego ao recusar repetidamente o pedido de seu chefe para que visse um vídeo de treinamento sobre diversidade LGBT. Ele, cristão, disse a sua agência que assinar um documento reconhecendo que ele assistira ao vídeo seria “uma abominação”.

Ainda que Hall, em última instância, tenha de obedecer à sua consciência, é difícil simpatizar com alguém disposto a sacrificar seu emprego por conta de algo tão banal. Assinar um



documento que diga que o sujeito viu um vídeo de treinamento não é a mesma coisa que assinar uma declaração de homossexualidade.

Os cristãos devem ser sábios nessas horas. A vida é cheia de acordos e nem todo mundo é capaz de convencer um fiel a virar Judas. Clamores desnecessários de que há perseguição religiosa não servirão de ajuda. Ao contrário: darão à esquerda secular as bases para dizer que todo e qualquer interesse pela liberdade religiosa é uma farsa.

“Se for possível, quanto depender de vós, vivei em paz com todos os homens”, instruiu São Paulo na Carta aos Romanos (12, 18). Os cristãos não devem procurar briga, mas obedecer sempre que possível às autoridades legais dentro e fora do ambiente de trabalho. Que lição fica para o fiel de hoje? Que o silêncio nem sempre significa conformismo, e em alguns casos pode ser uma abordagem mais sábia e caridosa. No fim, pode ser que tenhamos de perder o emprego, ou, infelizmente, coisa pior. Mas os desafios agressivos para a nossa fé em meio ao ambiente de trabalho podem ser desviados ou bloqueados por um santo exercício de prudência. O silêncio pode ser um escudo.

Os cristãos nunca devem negar sua fé, mas isso não significa que eles são obrigados a esfregá-la na cara dos outros. “Acho possível ser cristão e evitar as armadilhas, contanto que tenhamos o direito de permanecer em silêncio e de exercitá-lo com prudência”, diz um professor de direito. Um médico católico experiente alerta seus assistentes cristãos para não saírem dos trilhos e causarem atritos:

Se alguém, incluindo um paciente, emite uma opinião contrária às suas convicções, mas a situação não pede que você viole sua consciência, deixe passar. Construa o seu futuro. Faça contatos, preserve a boa vontade, ensine com discrição, procure ofícios, práticas e sistemas com os quais possa trabalhar sem contendas.



Servir como testemunha do cristianismo entre seus colegas, evitando quando possível as discordâncias religiosas, também pode ser um ato de amor. “Quanto mais assustados e paranóicos formos, mais difícil será fazer contato e amizades com as pessoas que precisam de Jesus”, disse um cristão que trabalha na área de Recursos Humanos da Fortune 500. “Se estivermos sempre em pé de guerra, eles vão notar”.

Esse funcionário de Recursos Humanos, que pediu para permanecer anônimo, aconselha os cristãos a liderar com compaixão e empatia, errando mais para o lado do não-julgamento. Ele tem colegas LGBT que sabem que ele é um cristão ortodoxo, mas que também entendem que ele não quer demonizá-los. Esse tipo de amizade pode dar ao fiel boas noções das dificuldades concretas que esses colegas enfrentam no dia-a-dia e pode servir também para que eles saibam que são amados por seus colegas de trabalho cristãos.

Diz ele:

O que me anima na Opção Beneditina é que estamos preservando uma cultura para que, quando todo esse experimento social com a sexualidade falhar — porque vai falhar —, essas pessoas tenham para onde ir. Não podemos deixar as pessoas pensarem que elas não podem se aproximar dos cristãos. Disto não pode vir nenhum bom fruto.

### *Seja ousado*

Mas é claro que chega um momento em que a prudência acaba e começa a ousadia. Em certas situações, se os cristãos forem corajosos o bastante para elevar a voz, talvez possam prolongar ainda mais a liberdade religiosa. “Sou um pecador que está longe de ser perfeito, mas não aceitei ser um pecador encarcerado”, diz o católico Stephen Bainbridge, professor de Direito da Universidade da Califórnia (UCLA). “Continuarei pendurando uma imagem de São Thomas More na minha sala. E continuarei resistindo quando quiserem infringir a liberdade religiosa e de expressão, especialmente dentro do campus”.



Ele continua: “Se meus colegas não gostarem, tudo o que posso dizer é: ‘Vamos resolver isso lá fora’. Afinal, e se me perdoa citar o grande reformador, ‘Eis-me aqui; não posso agir de outro modo’”.

Com o que o fiel não pode consentir dentro do ambiente de trabalho? Em quais casos não basta apenas dizer “pessoalmente me oponho, mas...”? Um médico cristão deve se recusar a tirar uma vida inocente: aborto e eutanásia estão proibidos. Professores cristãos de escola pública ou privada não podem consentir em ensinar como norma essa nova ideologia de gênero, tal como alguns sistemas de ensino estão começando a exigir. Participar na realização ou distribuição de conteúdos pornográficos é outra proibição. Todo e qualquer trabalho que force o sujeito a afirmar algo falso ou não-cristão (o que é diferente de se opor à aprovação da coisa), independentemente de quão inocente pareça ser, não é digno de ser mantido, custe o que custar.

Ao reconhecer esses desafios, os cristãos devem se fazer perguntas difíceis: Recebi um chamado para exercer esta profissão? Se sim, como posso viver nela mantendo minha fé? Se não, consigo encontrar outro lugar para trabalhar?

Uma jovem cristã amiga minha, estudante de medicina muito competente que tem seus vinte e poucos anos, estava indo muito bem no caminho da pesquisa científica. Empenhava-se em se formar e fazer residência num dos melhores laboratórios do país. Mas o tipo de comportamento que ela observou naquele laboratório e os projetos de pesquisa nos quais esperava-se que ela trabalhasse no futuro fizeram-na duvidar das perspectivas para a sua carreira.

Criada em uma família cristã tradicional e devota, essa minha amiga há muito queria ser médica-cientista, mas, certa de sua fé e de suas convicções, discerniu que não poderia seguir esse caminho mantendo a consciência limpa. Mudou então de área e foi estudar administração hospitalar.

“Simplesmente não valia a pena para mim”, ela contou:



Não queria seguir naquela estrada por muito tempo e então ter de encarar uma encruzilhada em que deveria ou acabar com a minha carreira ou violar minha consciência. E ver a ferocidade com que aqueles cientistas trabalhavam só para subir na carreira me fez pensar que, se seguisse aquele estilo de vida, talvez me tornasse o tipo de pessoa que faz aquelas mesmas coisas e nem percebe o problema.

### *Seja empreendedor*

Esta é a hora para os cristãos cujas vidas podem estar em perigo começarem a pensar e agir de modo criativo naquelas áreas profissionais que ainda nos estão abertas e não oferecem o perigo da capitulação. O objetivo é criar negócios e oportunidades de carreira para cristãos afastados de suas áreas e empregos.

“Nossas igrejas precisam ser mais empreendedoras e precisamos ensinar nossos filhos a pensarem seu futuro de modo empreendedor”, diz Calee Lee, cristã da Igreja Ortodoxa Oriental de Irvine, Califórnia.

“O segredo para a vida de trabalho dentro da Opção Beneditina não é diferente do que vemos hoje: identifique uma necessidade em sua comunidade, crie um produto ou um serviço que atenda a essa necessidade e então ‘faça-o de bom coração, como para o Senhor e não para os homens’”, diz Lee, citando a Carta aos Colossenses. “Precisamos desenvolver um faro para bons negócios, não ter medo de lucrar e entender que, ao oferecer algo valioso, seja um parafuso ou um serviço de jardinagem, estamos fazendo algo bom para o mundo”.

Lee fundou sua empresa de publicações digitais infantis — a Xist Publishing — porque viu uma demanda. A Xist une autores e ilustradores com o intuito de produzir o tipo de livro que Lee gostaria que os seus filhos lessem. Hoje, a editora tem mais de duzentos livros no catálogo e paga rendimentos para escritores e artistas visuais — todos eles trabalham fora do mercado editorial tradicional.



Ainda que ela não tenha fundado sua empresa por conta de perseguições ou assédios anticristãos, Lee cita seu negócio como um exemplo de como aqueles fiéis afastados de suas profissões podem tirar vantagem da economia de *internet* para se sustentar de um modo não comprometedor.

Ela destaca o sucesso de empresas como a LuLaRoe, fabricante de roupas fundada em 2012 por DeAnne Stidham, mãe e dona de casa mórmon que notou que havia uma demanda por roupas modestas, porém atraentes, para mulheres como ela. Distribuindo para uma rede nacional com mais de doze mil consultores — a maioria são mães donas de casa —, a LuLaRoe se tornou uma gigante do nicho.

Lee diz o seguinte:

Eu poderia caluniar as grandes editoras por não venderem os livros que escrevo ou as coisas que eu gostaria que meus filhos lessem, ou então poderia editá-las por conta própria. Você pode ficar frustrada com a indústria da moda ou você pode *ser* a indústria da moda. Essa é a postura que os cristãos deverão ter quando as coisas esquentarem nas empresas onde trabalham. Por exemplo: professores que não querem dar aula em escola pública podem criar suas próprias empresas de tutoria particular.

Ela reconhece que os tempos ficarão mais difíceis para os cristãos tradicionais dentro do ambiente de trabalho, mas isso não é o fim do mundo. Significa apenas que terão de ser mais inovadores comercialmente e de adotar uma mentalidade mais independente.

*Compre dos cristãos, mesmo que seja mais caro*

Eles também terão de começar a criar a comunidade de negócios cristã através de gastos mais disciplinados — isto é, escolhendo direcionar seu patrocínio para empresas criadas por cristãos.



Já faz uma década que Richard Starr é membro da Grace Bible Chapel, uma denominação evangélica com muitos adeptos que fica no norte de Maryland. Essa igreja publica um anuário com informações de todos os seus membros e das empresas que mantém, caso alguém da congregação queira patrociná-los.

Starr conta o seguinte:

Quando a minha bomba hidráulica quebrou e eu não tinha à mão os dois mil dólares para o conserto, os Encanadores McDowell me deixaram pagar em dois meses. Quando precisei de dois pneus novos, recorri ao Steve Foster, que me deu quatro, me ligou e disse: ‘Suas filhas dirigem esse carro, então achei que você precisaria disso por segurança. Pague quando puder’. E, sim, a Foster’s Auto é um pouco mais cara do que as outras lojas do ramo, mas a longo prazo vale a pena, não só economicamente, mas por tratar-se de apoiar um negócio que cuida bem dos seus clientes.

Não obstante, como regra geral, Starr diz que “deveríamos nos comprometer a descobrir quais bons negócios são geridos por nossos irmãos e irmãs em Cristo, e patrociná-los”. O comércio diário conduzido dentro da comunidade gera capital social.

### *Construa redes cristãs de classificados de empregos*

Os cristãos também devem levar muito mais a sério a prática de contratar funcionários a partir das comunidades de suas próprias igrejas. Muitas igrejas já têm redes internas e informais que ajudam seus membros a encontrar emprego com aqueles empregadores que são da comunidade, ou pelo menos conhecidos de vários membros. Para que a Opção Beneditina funcione bem, essa estratégia terá de se tornar mais formalizada e sustentada.

Andrew Pudewa, o guru instrutor de *homeschooling* que dirige o bem-sucedido Institute for Excellence in Writing (IEW), emprega muitos membros de sua comunidade agrária católica



tradicionalista de Oklahoma. O IEW não só publica materiais para *homeschooling* nacionalmente reconhecidos, mas também provê os meios de subsistência para um bom número de famílias que pertencem ao círculo da igreja de Pudewa, o que se deve ao rápido crescimento de suas atividades editoriais, impulsionadas pela *internet*.

Do mesmo modo, a Associação Reba Place, comunidade menonita ativa desde a década de cinquenta que fica nos subúrbios de Chicago, expandiu uma série de negócios que começaram como parte do ministério da igreja, incluindo uma loja de bicicletas e uma loja de móveis amish.

“Auxiliei esses negócios e vim a saber de seu impacto real na comunidade”, diz Chad Comello, que vive num apartamento pertencente à Reba Place. “Eles empregam muitos membros da associação ou jovens ligados a ela, assim como eu, tanto para trabalhos provisórios quanto fixos. Foram esses empregos que me mantiveram respirando e me deram algum norte enquanto passei um tempo vagando, sem rumo”.

Se Starr chegasse perto de perder o emprego, poderia ter a certeza de contar com o apoio da congregação da Great Bible Chapel até que encontrasse outro, e eles certamente ajudariam na busca. Eles são desta estirpe de cristãos: fiéis que vivem em uma comunidade tão unida que, quando um deles passa por maus bocados, os outros seguram as pontas o máximo que puderem.

Na Itália, os Tipi Loschi criaram três cooperativas de negócios para fornecer empregos tanto para seus membros quanto para ex-viciados em drogas já reabilitados e ex-presidiários. Os Tipi Loschi são entusiastas do distributismo — modelo econômico baseado na Doutrina Social da Igreja Católica e que favorece as pequenas cooperativas e negócios de família — e esperam criar mais cooperativas conforme crescerem.

A Reba Place, os Tipi Loschi e outras iniciativas parecidas são exemplos de como as igrejas e demais associações cristãs podem criar empreendimentos econômicos para sustentar sua



própria comunidade — justamente como os beneditinos vêm fazendo há séculos. O ambiente atual, marcado por mudanças culturais e legais, indica que todas as comunidades cristãs de todos os tamanhos devem começar a pensar como se essas iniciativas fossem o centro de sua missão.

O movimento global católico Comunhão e Libertação (CL), que tem base na Itália mas age para muito além do âmbito local, dirige a Company of Works, rede nacional italiana de negócios pequenos e médios, além de ações de caridade e organizações sem fins lucrativos. Todos esses empreendimentos são geridos por membros do CL dedicados a cooperar para viverem os princípios católicos na vida econômica. Os que lideram a vida cristã ortodoxa nos EUA deveriam levar em consideração a formação de associações parecidas de negócios, a fim de criar suporte e colaboração mútuos.

### *Redescubra o trabalho braçal*

Para alguns cristãos, a transição será tão radical quanto a de Irmão Francis: passar do trabalho mental para o trabalho braçal. Talvez, essa transição seja também espiritualmente mais recompensadora.

Sam MacDonald, católico, é responsável pelo sistema escolar paroquial do condado rural de Elk, na Pennsylvania, duas horas a nordeste de Pittsburgh. O condado não é mais a força industrial que já fora, mas ainda há muitos fabricantes de peso na região.

O condado de Elk (cuja população é de 31.479 pessoas) é amplamente católico e culturalmente conservador. MacDonald, nascido lá, foi um dos bons alunos encorajados pela cultura a sair daquela terra para trilhar seu caminho mundo afora. Depois de conquistar um diploma em Yale no meio da década de noventa e de trabalhar como jornalista em Washington, D.C., voltou para a terra natal com sua mulher e seus filhos, e hoje é um educador inovador que se esforça para inserir algumas das escolas católicas do condado nos moldes clássicos.



“Farei uma academia clássica que capacita a pessoa para tudo. É por aí que estamos indo”, diz ele. “Se voltarmos cinquenta anos, as crianças católicas das redondezas eram todas educadas por freiras. Todos eram capazes de qualquer coisa; aprendiam latim e dominavam a trigonometria como ninguém”.

Se você tem uma ética de trabalho consistente, consegue sobreviver a um teste de drogas e chegar no horário para trabalhar, há um emprego à sua espera no condado de Elk. Os fabricantes locais sabem que dentro de dez anos precisarão de dez mil trabalhadores para substituir os funcionários habilidosos que estão se aposentando. Muitos dos moradores atuais do condado que normalmente preencheriam essas vagas não são capazes ou já terão se mudado dali. Em vez de transferir a fábrica daqui a dez anos, os industrialistas do condado estão considerando fazer uma campanha para atrair bons trabalhadores para a área.

“Querem contratar e construir uma força-tarefa de funcionários residentes”, diz MacDonald, “não só gente que seja confiável, mas também bons cidadãos, que vão à igreja e se envolvem com a comunidade”.

MacDonald diz que já existe ali uma boa base para a criação de uma comunidade católica da Opção Beneditina. Há muitas igrejas, um belo sistema escolar católico que está crescendo e um *ethos* culturalmente conservador favorável à vida em família. Além do mais, cabe no bolso: você consegue comprar uma boa casa por cerca de sessenta mil dólares, o que não é muito mais do que muitos trabalhadores habilidosos ganham num ano.

O ruim é você ter de trabalhar em uma fábrica, apesar de esta ser uma alternativa muito mais interessante hoje em dia do que em décadas passadas, quando os pisos de todas elas eram encardidos que só. E você também tem de aceitar viver num lugar que MacDonald diz ficar “no meio do nada”.

É uma questão de prioridades.



“Se você está naquele momento da vida em que decide que não pode mais trabalhar na sua empresa porque não pode mais servir de aliado, o condado de Elk pode ser uma boa. Ninguém vai exigir que um funcionário seja um aliado. Isso não importa para eles”, afirma.

Os cristãos de mentalidade tradicional que mergulharam nos escritos de Wendell Berry já devem ter compreendido que o agrarianismo não é nenhuma panacéia. “Não dá para ganhar a vida como fazendeiro, mas dá para ganhar a vida como operário”, diz MacDonald. “O industrialismo é o novo agrarianismo. Não se trata de voltar para a terra, mas para os trabalhos manuais”.

O desafio da Opção Beneditina para alguns cristãos será encontrar os condados de Elk espalhados pelo país e mudar para eles — recantos longínquos nas margens do Império. O engraçado é que as “margens do Império” podem ser tão próximas quanto os limites de um trabalho aceitável dentro da classe social do indivíduo. Fiéis cristãos que previam uma carreira profissional para si mesmos e para seus filhos terão de reconsiderar o trabalho braçal. É melhor ser um encanador de consciência limpa do que um advogado comprometido.

*Esteja preparado para ser mais pobre e marginalizado*

No fim, tudo se resume ao que cada fiel está disponível a sofrer pela fé. Estamos preparados para ver nosso capital social ser desvalorizado e para perder privilégios profissionais, inclusive a possibilidade de guardar dinheiro? Estamos preparados para ter de nos mudar para lugares distantes do conforto e da riqueza das grandes cidades do Império, em busca de um estilo de vida religiosamente mais livre? Chegará essa hora para cada um de nós. O tempo de provação está próximo.

“Muitos cristãos não vêem diferença entre ser fiel ao cristianismo e ser ambicioso profissional e socialmente”, diz um ativista pela liberdade religiosa. “Isso está acabando”.



Eis uma história verdadeira: um casal dos subúrbios de Washington, D.C., abordou seu pastor pedindo que ele ajudasse a filha deles, que estava na faculdade e sentia um chamado para ser missionária além-mar.

“Que maravilha!”, disse o pastor.

“Não, não, o senhor não entendeu”, disseram os pais, “nós queremos que o senhor nos ajude a convencê-la a não arruinar a própria vida”.

Cristãos feito esse casal não suportarão o que está por vir. Cristãos feito a filha deles, sim. Mas lhes custará muito.

Uma jovem cristã que sonhe em ser advogada pode ter de abandonar essa esperança e começar uma carreira na qual ganhará menos do que ganha uma advogada ou uma médica. Um cristão que pretendia seguir carreira acadêmica pode ter de se contentar com um salário menor e um prestígio também menor de dar aulas numa escola cristã clássica.

Uma família cristã pode se ver forçada a vender ou fechar seu negócio em vez de se submeter aos ditames do Estado. A família Stormans de Washington tomou essa decisão depois que a Suprema Corte promulgou uma lei que requeria que a farmácia deles vendesse pílulas abortivas. Diante do mesmo problema está a florista Barronelle Stutzman, que está dependendo das últimas reviravoltas de sua batalha legal depois que recusou-se, por motivos de consciência, a fazer a decoração de um casamento *gay*.

Quando chegar a hora de pagar esse preço, os cristãos da Opção Beneditina devem estar prontos para prestar ajuda econômica mútua — oferecendo empregos, patrocinando empresas e redes de trabalho profissional e assim por diante. Isto não acabará com todos os problemas; a conversão da praça pública em uma zona politizada está longe demais do alcance das redes profissionais de cristãos tradicionais, que não conseguirão empregar ou ajudar financeiramente todos os economicamente refugiados. Mas alguns, nós poderemos ajudar.



Dado que os americanos se acostumaram demais com o conforto, a liberdade e a estabilidade da classe média, os cristãos se sentirão tentados a fazer ou dizer qualquer coisa para manter aquilo que já conquistamos. Este é o caminho da morte espiritual. Quando o pré-cônsul romano disse a São Policarpo que ele seria queimado na estaca se não adorasse o imperador, o velho bispo do séc. II respondeu que a ameaça do pré-cônsul era com um fogo passageiro, que não tinha comparação com o fogo eterno do julgamento que esperava os ímpios.

Se São Policarpo preferia perder sua vida a negar sua fé, como é que nós, cristãos de hoje, não somos capazes de largar nossos empregos na hora da provação? Se Barronelle Stutzman está preparada para fechar sua empresa a custo de testemunhar sua fé cristã, como é possível fazermos menos que isso?

Só seremos capazes de tomar uma decisão corajosa e correta em meio à provação quando já estivermos preparados de todas as maneiras possíveis. Podemos começar vendo nosso trabalho como um chamado, como uma vocação no sentido antigo da palavra: um modo de vida que nos foi dado por Deus para Sua própria glória e para o bem de todos. Não é impossível servirmos a nossa comunidade e também os nossos anseios pela excelência profissional enquanto médicos, advogados, professores ou quase tudo o mais — contanto que saibamos em nossos corações que somos, antes de tudo, bons servos do Senhor.

Até agora falamos a respeito de como criar as estruturas e adotar as práticas que treinarão nossos corações para sermos, antes de tudo, bons servos do Senhor, ao ponto mesmo de termos de nos sacrificar. É isso que a Opção Beneditina deve fazer: ajudar-nos a ordenar todas as áreas da nossa vida em torno d'Ele. No entanto, nenhuma dessas estratégias funcionará se os cristãos não pensarem de modo radicalmente diferente a respeito de duas das mais poderosas forças que moldam e dirigem a vida moderna: o sexo e a tecnologia.





## CAPÍTULO 9

# *Eros e a nova contracultura cristã*

PODER TRABALHAR É UM DOM DE DEUS QUE, quando bem empregado, gera vida e nos conduz de volta a Ele. No entanto, se o trabalho — ou a família, ou a comunidade, ou a escola, ou a política ou qualquer outra coisa — torna-se um fim em si mesmo, transforma-se num ídolo. Mais cedo ou mais tarde, virará uma prisão, um deserto ou mesmo um cemitério para o espírito. Essas coisas servem ao desenvolvimento humano verdadeiro somente quando através delas brilha a luz de Cristo, que as torna meios pelos quais o reino de Deus floresce.

Com o sexo também é assim: é um dom divino que, quando bem ordenado, torna-se fonte de alegria, plenitude e prosperidade — tanto para o casal quanto para a comunidade. O sexo, quando guiado pelos desígnios de Deus, une o homem e a mulher tanto física quanto espiritualmente. Dessa união fértil uma vida pode ser gerada, e uma família, criada.

Mas o sexo feito de modo desordenado pode tornar-se uma das forças mais destrutivas do planeta. Veja ao redor o sofrimento das crianças que cresceram sem a figura do pai por perto, o flagelo da pornografia destruindo a imaginação de milhões, as famílias desestruturadas pela infidelidade e pelo abuso, e por aí vai.

Para um cristão, só há uma maneira de ordenar corretamente a prática sexual: dentro de um casamento entre um homem e uma mulher. Isto é uma heresia para o mundo moderno e uma verdade dura por conta da qual muitas famílias, muitos cora-



ções, muitas amizades e até muitas igrejas já se desestruturaram. Não há um ensinamento basilar da fé cristã que seja hoje menos popular, e talvez não haja também nenhum que mais necessite ser obedecido.

É fácil entender por que o mundo secular não compreende os fundamentos da prática sexual cristã: muitos cristãos hoje também não os compreendem. Por gerações e gerações a Igreja deixou que a cultura catequizasse sua juventude sem fazer muito alarde. A vida beneditina oferece uma saída melhor.

Por que os cristãos deveriam prestar atenção aos ensinamentos dos monges sobre sexualidade — justo deles, que vivem a castidade? Eles não odeiam sexo?

É claro que não, assim como não odeiam comida boa só porque costumam jejuar, não odeiam as palavras só porque vivem num grande silêncio, não odeiam a família porque não se casam e não odeiam as coisas materiais só porque vivem uma vida simples. Deveríamos ouvir o que os monges têm a falar sobre sexualidade pelo mesmo motivo que devemos ouvi-los quando o assunto é riqueza e pobreza: porque o ascetismo deles é um testemunho da bondade desses dons divinos.

É preciso lembrar que todo cristão é chamado a viver algum nível de abstinência sexual. Os beneditinos se comprometem a uma vida de pureza sexual porque faz parte de seu apostolado radical. Seu celibato comprova a santidade do sexo, que para a cosmovisão cristã está reservado apenas aos casados. E o exemplo que eles dão transformando o instinto erótico em paixão espiritual mostra aos leigos que viver dentro de limites sexuais prescritos por Deus, mesmo nas circunstâncias mais extremas, não é só possível como necessário para que se possa aproveitar todos os frutos da vida em Cristo. Conforme diz Wendell Berry: “O motivo da temperança, na qual se inclui a disciplina sexual, não é reduzir o prazer, mas resguardar a abundância”.<sup>1</sup>

1 Wendell Berry, “What Is Sex For?: Interview with Wendell Berry” [Para que serve o sexo? Entrevista com Wendell Berry], *Modern Reformation*, novembro-dezembro de 2001, pp. 38–41, disponível em: <http://allsaintsaustin.typepad.com/files/what-is-sex-for-1.pdf>.



O exemplo radical dos monges é uma graça especial para os leigos cristãos em tempos como estes. Em nenhuma outra área os cristãos ortodoxos deverão ser tão contra a cultura quanto em sua vida sexual, e ainda teremos de nos apoiar para mantermos nossas posições impopulares. Precisamos entender a visão cristã da sexualidade, compreender como a Revolução Sexual a minou, reconhecer nossa culpa no processo e ficar preparados para lutar pela ortodoxia de nossos filhos.

Na vida cristã, a prática sexual é algo tão fundamental que quase sempre que um fiel deixar de afirmar a ortodoxia da matéria, deixa também de ser um cristão verdadeiro. Foi a força contracultural da sexualidade cristã que reverteu as práticas desumanizantes do mundo pagão. Foi o cristianismo que ensinou que o corpo é sagrado e que, pelo fato de o homem ter sido feito à imagem de Deus, era-lhe devido um tratamento à altura.

É por isso que essa repaganização moderna chamada Revolução Sexual jamais pode ser conciliada com o cristianismo ortodoxo. Tal revolução infelizmente demoliu a autoridade da Igreja sobre a cultura e agora está abalando a própria Igreja em suas bases. Os cristãos que se comprometerem a viver a Opção Beneditina devem também firmar o propósito de resistir e de ajudar os amigos a fazer o mesmo.

### *O sexo e a Encarnação*

Certa vez eu ouvi uma mulher evangélica desabafar numa conversa em grupo sobre sexualidade: “Por que é que a gente tem de falar só de sexo? Não dá para voltar a falar do Evangelho?”.

O cristianismo não é uma fé incorpórea, mas encarnada. Deus veio ao mundo em forma de homem — Jesus Cristo — e nos redime tanto o corpo quanto a alma. O modo como tratamos nosso corpo (e toda a Criação, na verdade) diz algo sobre como julgamos Aquele que no-lo deu, cuja Presença preenche todas as coisas. Eis o Evangelho.



Conforme ensinam os beneditinos, uma das nossas missões na vida é servir de meio para Deus ordenar a Criação, harmonizando-a com a vontade d'Ele. Bem, a sexualidade é parte inextricável desse trabalho.

Wendell Berry escreveu:

O amor sexual é o coração de uma comunidade. Ele é para nós a força corporal que nos une mais intimamente à Criação, à fertilidade do mundo, à agricultura e ao cuidado dos animais. Traz-nos para a dança que mantém unida toda a comunidade e que a faz entrar no eixo.<sup>2</sup>

Isso é mais importante para a sobrevivência do cristianismo do que muitos de nós pensamos. Quando alguém decide que o cristianismo historicamente normativo está errado sobre sexo, geralmente não encontra nenhuma igreja que endosse sua visão liberal. Ele simplesmente deixa de ir à igreja.

Isso levanta questões importantes: o sexo é o eixo ordenador da cultura cristã? Será mesmo que descartar o ensinamento cristão sobre sexo e sexualidade é remover o fator que dá — ou deu — ao cristianismo seu poder enquanto força social?

Phillip Rieff provavelmente diria que sim, ainda que talvez não colocasse a questão dessa maneira. Em *O triunfo da terapêutica* ele analisa aquilo que chama de “desconversão” do Ocidente em relação ao cristianismo. Quase todo mundo é capaz de reconhecer que esse processo está em andamento desde o Iluminismo, mas Rieff demonstra que ele já atingiu um estágio mais avançado do que pensa a maioria das pessoas — e especialmente os cristãos.

Escrevendo em 1960, Rieff apontou a Revolução Sexual — ainda que não tenha usado esse termo — como principal indicador da morte do cristianismo. Na cultura cristã clássica, escreveu ele, “a rejeição do individualismo sexual” estava “bem

2 Wendell Berry, *Sex, Economy, Freedom, and Community: Eight Essays* [Sexo, economia liberdade e comunidade: oito ensaios]. Nova York: Pantheon, 1994, p. 133.



próxima do centro daquele simbolismo que não era disputado”. Ele quis dizer que a renúncia da autonomia sexual e da sensualidade da cultura pagã, bem como o redirecionamento do instinto erótico, eram intrínsecos à cultura cristã. Sem o cristianismo, o Ocidente estaria voltando ao seu estado anterior.<sup>3</sup>

Para os americanos de hoje, é quase impossível compreender por que o sexo era uma preocupação central no começo do cristianismo. Sarah Ruden, tradutora de textos clássicos formada em Yale, explica em seu livro *Paul Among the People* [Apóstolo Paulo], de 2010, como era a cultura dentro da qual o cristianismo surgiu. Ela sustenta que é uma ignorância descomunal pensar que o Apóstolo Paulo era um protopuritano rígido pregando para um bando de *hippies* pagãos, pedindo-lhes que acabassem com a farra.

Na verdade, os ensinamentos paulinos sobre a pureza sexual e o casamento foram adotados como uma espécie de libertação da cultura greco-romana da época, marcadamente pornográfica e sexualmente exploradora — principalmente de escravos e mulheres, cujo valor para os homens pagãos variava principalmente de acordo com sua capacidade de reproduzir e de prover prazeres sexuais. O cristianismo conforme Paulo pregava gerou uma revolução cultural, retendo e canalizando o *eros* masculino, elevando tanto o estatuto da mulher quanto o do corpo humano, e infundindo o amor no casamento — e na sexualidade matrimonial.

O casamento cristão, escreve Ruden, era “tão diferente de tudo que havia ou já existira quanto à ordem de dar a outra face”. A castidade — o uso devidamente ordenado do dom da sexualidade — era a grande distinção entre os cristãos da Igreja primitiva e o mundo pagão.<sup>4</sup>

3 Philip Rieff, *The Triumph of the Therapeutic: Uses of Faith After Freud* [O triunfo da terapêutica: os usos da fé depois de Freud]. Edição comemorativa dos 40 anos de publicação. Wilmington, DE: ISI Books, 2006, p. 12.

4 Sarah Ruden, *Paul Among the People: The Apostle Reinterpreted and Reimagined in His Own Time* [Apóstolo Paulo]. Nova York: Pantheon, 2010.



O ponto não é que no cristianismo tratava-se apenas, ou essencialmente, de redefinir e revalorizar a sexualidade, mas que, com a antropologia cristã, o sexo ganhava um sentido novo e diferenciado, que exigia uma mudança radical de comportamento e novas normas culturais. No cristianismo, é impossível desassociar aquilo que uma pessoa faz em sua vida sexual daquilo que ela é. Em certo sentido, o mundo moderno crê na mesma coisa, mas de uma perspectiva completamente diferente daquela da Igreja primitiva.

O historiador Peter Brown, falando sobre como os homens e mulheres da era cristã primitiva viam seus corpos, escreve que o corpo

estava embutido em uma matriz cósmica de tal modo que sua percepção de si mesmo era profundamente diferente da percepção que nós temos hoje do nosso corpo. Em última instância, o sexo não era a expressão de necessidades interiores alojadas num corpo isolado. Pelo contrário: era visto como a pulsação — através do corpo — daquela mesma energia que mantinha vivas as estrelas. Viesse essa pulsação de energia de deuses benevolentes ou de demônios malévolos (como muitos cristãos radicais acreditavam), o fato era que o sexo não podia jamais ser visto como algo restrito apenas ao corpo humano isolado.<sup>5</sup>

Os ensinamentos sexuais do cristianismo primitivo não vinham apenas das palavras de Cristo ou do Apóstolo Paulo; emergiam, de modo geral, da antropologia bíblica. No ser humano há a imagem de Deus, ainda que manchada pelo pecado, e ele é o pináculo de uma ordem criada por Deus e preenchida de sentido por Ele.

Em tal ordem, o homem tem um propósito. Ele é feito para alguma coisa, para alcançar algum fim. Quando Paulo alertou os coríntios dizendo que transar com uma prostituta era uni-la

5 Peter Brown, *The Body and Society: Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity* [O corpo e a sociedade: homens, mulheres e a Revolução Sexual no cristianismo primitivo]. Nova York: Columbia University Press, 2008, pp. xlv–xlvj.



ao próprio Jesus Cristo, ele não disse nenhuma metáfora. Como pertencemos a Cristo enquanto um só corpo e um só espírito, o modo como usamos corpo e alma no sexo não é brincadeira.

Tudo aquilo que fazemos que não chega a se harmonizar com a vontade de Deus, mas fica aquém dela, é pecado. Pecar não é simplesmente quebrar uma regra, mas deixar de viver de acordo com a própria estrutura da realidade.

O cristão que vive na realidade jamais unirá seu corpo ao de outro fora da ordem que Deus nos dá. Isso significa que não deve haver sexo fora da aliança pela qual um homem e uma mulher estabelecem a exclusividade de seu amor em Jesus Cristo. O ensinamento ortodoxo cristão diz que os dois tornam-se “uma só carne” de um modo que transcende todo simbolismo.

Se o sexo é santificado pelos votos matrimoniais, o sexo dentro de um casamento é um ícone do relacionamento de Cristo com seu povo, a Igreja. Revela o poder miraculoso e vivificante da comunhão espiritual que se dá quando um homem e uma mulher — e somente um homem e uma mulher — entregam-se um ao outro. Que o casamento pudesse ser assexuado é novidade para a tradição teológica cristã.

“A importância da diferenciação sexual jamais foi contingente às preferências de uma criatura, tampouco depende de Deus ter ou não concedido a uma criatura em particular, de modo episódico, a capacidade de ter estas ou aquelas preferências”, escreve o teólogo católico Christopher Roberts. Ele continua dizendo que, para os cristãos, o sentido por trás da sexualidade sempre dependeu da relação entre ela e a ordem criada, bem como à escatologia — ao fim último do homem. “Como ficou especialmente claro, talvez pela primeira vez com Lutero, o fato de que a criação é sexualmente diferenciada foi revelado aos seres humanos como um dado de informação concedido por Deus para salientar o *que* significava ser humano, e *quem* era o homem”, escreve Roberts.<sup>6</sup>

6 Christopher C. Roberts, *Creation and Covenant: The Significance of Sexual Difference in the Moral Theology of Marriage* [Criação e Aliança: O significado da diferença sexual na teologia moral do casamento]. Nova York: T&T Clark International, 2007, p. 213.



Ao contrário do que diz a moderna teoria do gênero, a questão não é *se somos homens ou mulheres*, mas *como podemos ser, juntos, homem e mulher*? A legitimidade de nossos desejos sexuais é limitada pelos dados da natureza. Os fatos de nossa biologia não são acidentais à nossa personalidade. O casamento tem de ser sexualmente complementar porque somente o par masculino-feminino é capaz de espelhar o caráter gerativo da ordem divina. “Homem e mulher Ele os criou”, diz o Gênesis, revelando que a complementaridade está inscrita na natureza da realidade.

O divórcio legalizado mitiga a sacralidade do laço matrimonial ao ponto de fazê-la desaparecer, mas não chega a negar a complementaridade. A união homossexual nega. Do mesmo modo, a teoria do gênero não só relativiza mas nega a realidade biológica e metafísica do homem e da mulher. Tudo nesse debate (e em muitos outros entre cristianismo tradicional e modernidade) se resume a como responder a esta questão: o mundo natural e seus limites são dados imutáveis ou estamos livres para fazer deles o que bem entendermos?

Para que fique claro, é bom dizer que nunca houve uma era de ouro em que todos os cristãos viveram de acordo com seu ideal sexual. A Igreja lida com a imoralidade sexual dentro da própria casa desde o começo — e sejamos francos: muitas das medidas que ela pôs em jogo para combater esse problema foram cruéis e injustas.

No entanto, o que interessa é que, para a imaginação cristã pré-moderna, o sexo era preenchido de um sentido cósmico e já não é assim. São Paulo exortou os coríntios a “abandonarem a imoralidade sexual” porque o corpo era um “templo do Espírito Santo” e os alertou de que eles não eram “de si mesmos”. Ele estava lhes dizendo que seus corpos eram vasos sagrados que pertenciam a Deus, que, em Cristo, “mantém unidas todas as coisas”. A autonomia sexual, que parece ser a conquista mais valiosa do homem moderno, não só está errada moralmente como é também uma mentira metafísica.



### *A revolução mais revolucionária da história*

Mas a nossa compreensão dessa verdade se perdeu há muito tempo. Agora estamos na outra ponta de uma Revolução Sexual que não foi menos do que catastrófica para a cristandade. Foi um golpe quase direto no centro do ensinamento bíblico sobre o sexo e o ser humano e derrubou a concepção cristã fundamental de sociedade, família e da natureza das pessoas. Não pode haver acordo entre o cristianismo e a Revolução Sexual, pois são radicalmente opostos. Conforme a Revolução Sexual avança, o cristianismo recua — e já recuou muito mais expressivamente do que muitos imaginavam.

Em 1996, a organização de consultoria e pesquisa Gallup fez pela primeira vez um levantamento para saber o que os americanos pensavam sobre o casamento homossexual. Gritantes 68% se opuseram à idéia. Em 2015, pouco antes da decisão da Suprema Corte para o caso *Obergefell*, que concederia o direito constitucional ao casamento *gay*, uma pesquisa da Gallup revelou que 60% dos americanos passaram a apoiar a causa.<sup>7</sup> Esse número crescerá continuamente conforme forem morrendo as gerações mais antigas e sobrando espaço para as mais novas, que em sua esmagadora maioria são a favor dos direitos LGBT.

Estudos mostram que a enorme maioria dos *millennials*, tanto os religiosos quanto os seculares, é a favor dos direitos *gays*. Os que se afastaram do cristianismo dizem que um fator importante para sua decisão foram as atitudes negativas da fé para com a homossexualidade. Grandes porções de *millennials* que se dizem cristãos acham que a Igreja deveria mudar suas posições.

Se esse fosse o caso, era de se esperar que as igrejas que tivessem revogado seus ensinamentos sobre a homossexualidade, como algumas grandes denominações protestantes, ou os afrouxado, como algumas paróquias católicas progressistas, estivessem apinhadas. Não estão. Estão, ao contrário, ruindo mais rapidamente do que as mais ortodoxas.

7 Justin McCarthy, "Record-High 60% of Americans Support Same-Sex Marriage" [Um número recorde de 60% dos americanos apoia a união entre pessoas do mesmo sexo], *Gallup.com*, 19 de maio de 2015.



Os historiadores do futuro ficarão espantados ao ver como os desejos sexuais de apenas 3 ou 4% da população desbancaram e desalojaram toda uma cosmovisão. Uma resposta parcial seria a de que a mídia tem lá sua parcela de culpa. Em 1993, saiu uma reportagem no *Nation* identificando a causa pelos direitos homossexuais como o topo e a chave para a guerra cultural:

Todas as contracorrentes da luta atual pela liberalização estão englobadas na luta *gay*. A vez dos *gays* é, de certo modo, parecida com a vez que tiveram outros movimentos no passado, mas também vai um pouco além, porque a identidade sexual está em crise em todo o país, e os *gays* — que são ao mesmo tempo os mais evidentes agentes e pacientes dessa crise — foram forçados a inventar toda uma cosmologia para compreendê-la. Ninguém disse que as mudanças vêm facilmente. Mas é possível que uma pequena e desprezada minoria sexual venha a mudar os EUA para sempre.<sup>8</sup>

Estavam certos. Unir a luta pelos direitos LBGT com o movimento pelos direitos civis foi uma tacada de mestre. Ainda que raça e homossexualidade sejam dois fenômenos completamente diferentes, a mídia assumiu que eram equivalentes e raramente deu, se é que deu, às vozes discordantes uma chance de serem ouvidas.

Por mais que a campanha midiática implacável em favor do casamento *gay* tenha sido de suma importância para o sucesso da causa, não foi o fator decisivo. Os americanos aceitaram a coisa assim tão rapidamente porque ela se alinhava com o que já pensavam a respeito do sentido do casamento e do sexo heterossexual.

O casamento *gay* existe hoje porque a maioria hétero passou a ver a sexualidade como algo primordialmente direcionado para o prazer pessoal e para a auto-expressão, e apenas secundariamente à procriação. O casamento *gay* existe hoje porque

<sup>8</sup> Andrew Kopkind, "The Gay Moment" [A vez dos *gays*], *Nation*, 3 de maio de 1993.



a maioria hétero, no fim, passou a ver o casamento justamente da mesma forma — e já se foram duas gerações de americanos que cresceram tendo como norma esses valores nominalistas quanto ao sexo e ao casamento.

Como já vimos, ser moderno é crer que os desejos do indivíduo são o centro de autoridade e de definição de si mesmo. Escreve o filósofo Charles Taylor: “Toda a postura ética da modernidade parte do pressuposto de que Deus está morto (e, é claro, o sentido do universo também)”.<sup>9</sup>

O casamento *gay* e a ideologia de gênero são o triunfo final da Revolução Sexual e a deposição do cristianismo, porque negam a antropologia cristã na sua base e esmigalham a autoridade da Bíblia. A sexualidade estritamente ordenada não está no centro do cristianismo, mas, como notou Rieff, está tão próxima do centro que perder o claro ensinamento da Bíblia a esse respeito é arriscar perder também a integridade fundamental da fé. Este é o motivo por que os cristãos que começam a se afastar do cristianismo negando a ortodoxia sexual terminam negando o próprio cristianismo, ou preparando o terreno para que seus filhos o façam.

“A morte de uma cultura começa quando suas instituições normativas falham na tarefa de comunicar os ideais por meios intrinsecamente envolventes”, escreve Rieff. Se é assim, o cristianismo nos EUA corre sério risco de morte.

Se os remanescentes querem continuar sobrevivendo, devem resistir à Revolução Sexual. Mas como?

*Não se comprometa na tentativa de não perder a juventude*

Atenuar ou enterrar a verdade bíblica a respeito da sexualidade somente para que os *millennials* continuem frequentando a sua igreja é uma estratégia que não funciona. Algumas das principais denominações protestantes já o tentaram e continuam em

9 Charles Taylor, *A Secular Age* [Uma era secular]. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007, p. 588.



pleno colapso demográfico. É bem verdade que as igrejas cristãs mais ortodoxas também estão sofrendo, mas não é uma boa resposta jogar o ensinamento bíblico para fora do barco na tentativa de mantê-lo flutuando.

Mesmo a estratégia de dizer que a doutrina sexual é uma questão de opção — dizendo-o explícita ou implicitamente ou ignorando o problema e fazendo vista grossa — é um erro. É impossível botar entre parênteses a claríssima doutrina cristã sobre como viver uma vida de integridade sexual e separá-la de todo o resto da vida cristã. É uma hipocrisia.

“A indiferença quanto aos assuntos sexuais significará o fim da ortodoxia cristã”, diz um amigo evangélico, comentando a atitude que têm muitos cristãos, mesmo os conservadores.

É verdade que a pessoa pode muito bem ir para o inferno tendo sido perfeitamente casta, se seu coração for uma pedra. Mas isso não serve de argumento contra o claro ensinamento da Bíblia. Gostemos ou não, o sexo está no centro da cultura contemporânea e vem dividindo a Igreja de ponta a ponta. Não é possível fugir à briga, seja dentro da sua igreja ou da sua família. Não tomar uma posição é tomar uma posição — que não é a da Bíblia.

Além do mais, atenuar a verdade no intuito de preservar ou expandir a congregação é fazer da comunidade um ídolo.

### *Enfatize a bondade da sexualidade*

Andrew T. Walker, líder leigo da Convenção Batista do Sul, que é da geração dos *millennials*, diz que cresceu em uma boa igreja, mas nunca ouviu um único sermão sobre antropologia cristã (isto é, sobre a pergunta “o que é o homem?”) ou sexualidade bíblica que tenha ido além das banalidades conservadoras.

“Não me lembro de ter tido uma palestra sobre por que meu corpo é uma coisa boa. Ninguém nunca me explicou por que a complementaridade é importante”, conta Walker. “Vivemos mo-



vidos por uma cultura do entretenimento, mas, se você dissesse para uma congregação que nas próximas semanas haveria uma série de sermões sobre antropologia bíblica, ninguém receberia essa idéia com muito entusiasmo”, continua. “Isso está errado. Isso tem de mudar se queremos sobreviver e passar a fé adiante”:

Temo que, tragicamente, o americano cristão médio não seja diferente do americano médio — tudo o que queremos é que alguém nos diga o que fazer e o que sentir. Isso não significa que nossas igrejas têm de ser enfadonhas, mas precisaremos encontrar maneiras criativas de mergulhar em assuntos importantes.

Walker não está sozinho em sua experiência. Vou à igreja regularmente há vinte anos, tanto em paróquias católicas quanto em ortodoxas orientais espalhadas pelo país. Ainda estou para ouvir um sermão que explique com alguma profundidade o que o cristianismo ensina sobre a pessoa humana e o uso ordenado do sexo. Nesse sentido, lembro-me de ouvir apenas um sermão ao longo desses anos todos em que o padre endossou a visão cristã ortodoxa da sexualidade.

Muitos pastores têm medo de falar sobre sexo. Eles precisam superar esse problema. É muito difícil viver casto em meio à cultura erotizada, e os pastores não deveriam deixar a coisa ainda mais difícil negando a seu povo a doutrina e o apoio de que precisam para manter a fé. O silêncio que vem do púlpito e dos professores e catequistas cristãos passa a idéia de que o sexo e a sexualidade não são importantes e de que a Igreja não tem nada a ensinar sobre o assunto.

Isso é ridículo, é cruel. Quando, já adulto, comecei a praticar a fé, a doutrina da Igreja sobre o sentido do sexo foi para mim uma libertação. Eu vivia pelos padrões do mundo, havia feito da minha vida uma bagunça e machucado outras pessoas. Por fim, encurralado por meus próprios desejos desordenados, rendi-me a Cristo.



Para um americano de vinte e cinco anos que mora numa cidade grande e trabalha num meio secular e hedonista, escolher a castidade por pura fidelidade a Jesus é assumir uma tremenda cruz. Odiei fazer isso, mas queria o Cristo mais do que seguir a minha própria vontade. Isso foi cinco anos antes de eu me casar, tendo percorrido um caminho ascético por um deserto de abstinência — jornada que eu não sabia que acabaria em casamento.

Hoje, porém, está claro para mim que a renúncia sexual em obediência aos padrões bíblicos era precisamente aquilo de que eu precisava para purificar meu coração e me preparar para o casamento. Por mais que tenha sido duro praticar a castidade, foi mais difícil do que precisava ser porque jamais pude contar com o apoio das paróquias das quais fazia parte.

Em que isso teria ajudado? Primeiro: a Igreja deveria levantar sua própria bandeira de vez em quando. Isto é, naquele contexto de batalha pela obediência, seria para mim uma fonte de vigor se o pastor tivesse indicado para a congregação que a disciplina sexual é parte importante da vida cristã.

Segundo: as paróquias poderiam ter oferecido algumas aulas para adultos solteiros em que eles pudessem examinar profundamente a doutrina sexual cristã e as estratégias de vivê-la. Poderiam também ter-se unido em pequenas comunidades de fiéis que contariam um com o outro para uma ajuda mútua.

Mas eu mesmo não estava livre de culpa. Não há nenhuma regra que diga que um leigo não possa criar, sozinho, um grupo como esses na sua paróquia. Esperei que outra pessoa o fizesse. Essa minha passividade de cristão de vinte e poucos anos foi um erro do qual hoje me arrependo.

Essa não foi a única vez que minha passividade me deixou na mão. Não fiz muito esforço para cultivar amizades com outros cristãos ortodoxos comprometidos a andar na linha. Naquele tempo, não entendia quão difícil é permanecer no caminho da fidelidade à moral sexual cristã quando você está sozinho no barco. Devia ter tomado mais cuidado.



Apesar desses erros, andei na linha — mas porque sabia por experiência que não queria voltar para aquele Egito particular. E, como um convertido adulto, instruí-me quanto ao que Cristo espera de seus seguidores em matéria de comportamento sexual e quanto ao modo como o sexo está entretecido na grande tapeçaria da doutrina cristã.

Ser, digamos, um auto-didata em matéria de moral sexual fez-me um estranho para a maioria dos católicos que eu conhecia e que eram da minha geração. Ninguém nunca lhes havia apresentado toda a completude do ensinamento da Igreja sobre o amor e a sexualidade, se é que algum ensinamento lhes havia sido apresentado. Parecia-me que tinham sido formados — ou melhor, *deformados* — por padres e outros católicos adultos que se envergonhavam da doutrina da Igreja sobre a matéria e que a atenuavam, talvez para não ter de mostrar aos jovens algumas verdades que lhes seriam difíceis de engolir. Com o passar dos anos, entendi que uma abordagem mais leve, prazerosa e egocêntrica da catequese serve menos como porta de acesso a um cristianismo maduro do que como um antídoto contra ele.

“Quando a cultura enfatiza mais as necessidades do eu e menos as regras sociais, o resultado quase inevitável é o surgimento de atitudes mais relaxadas para com a sexualidade”, afirmou a pesquisadora Jean Twenge, ao *Los Angeles Times*.<sup>10</sup>

Há uma enorme diferença entre a juventude evangélica e a católica quando o assunto é sexo. Estudos mostram que, enquanto os *millennials* em geral são mais liberais nos assuntos sexuais, os evangélicos estão muito mais propensos do que os católicos a professar um cristianismo tradicional. De fato, os católicos vêm fazendo um trabalho tão ruim na formação de sua juventude que os *millennials* católicos têm muito mais chance de ser permissivos em questões sexuais do que os americanos médios.

10 Jean Twenge, “The Paradox of Millennial Sex: More Casual Hookups, Fewer Partners” [O paradoxo da sexualidade dos *millennials*: mais encontros casuais, menos parceiros], *Los Angeles Times*, 9 de maio de 2015.



Ainda assim, há um movimento crescente dentro de muitas igrejas cujo intuito é atenuar ou mesmo descartar a doutrina bíblica sobre sexualidade e, em vez dela, enfatizar a luta contra a pobreza, o racismo e as outras formas de injustiça social. Essa escolha é falsa. O ativismo pela justiça social é até louvável, mas não lhe garante nenhuma indulgência que pague os pecados sexuais. Os padres e pastores jovens têm especialmente de deixar isso claro.

### *Não basta o moralismo*

Como vimos, muitos americanos acreditam que ser cristão é sobretudo tratar Deus como um terapeuta cósmico, estar contente consigo mesmo e ser legal com os outros. Isso não passa de um pseudocristianismo; ou seja, um cristianismo que reduz a vida em Cristo a um código moral e ético pode até ser melhor do que nada — mas não é a fé cristã.

Se a guerra contra a Revolução Sexual é cosmológica, então a igreja que trazer à baila um moralismo burguês de classe média estará entrando com facas numa briga de fuzis. As ordens frágeis e áridas do moralismo viram pó diante do drama erótico revelado na Bíblia.

O Gênesis nos mostra que a masculinidade, a feminilidade e o sexo são criados desde o princípio por Deus e atrelados à Criação. Homem e mulher tornam-se “uma só carne”, permanecendo, porém, eles mesmos, completamente, pois é assim que Deus estabelece a natureza do laço entre Ele e cada um de nós.

Isso era totalmente novo no mundo. Conforme escreveu o Papa Emérito Bento XVI: “A maneira de amar de Deus torna-se a medida do amor humano. Essa ligação estreita entre o *eros* e o casamento na Bíblia praticamente não tem equivalente em todo o resto da literatura”.<sup>11</sup>

Ao longo do Antigo Testamento, seus autores descrevem a relação pactual entre Deus e Israel em termos de casamento e fidelidade. Deus ama Israel pessoalmente, e é pela aliança que

<sup>11</sup> Bento XVI, carta encíclica *Deus caritas est*, 25 de dezembro de 2005.



estabelece com ele que trará o Messias ao mundo, que irá redimir toda a Criação decaída. Somente sendo fiel ao Senhor, recebendo d'Ele seu amor e mandando-Lhe de volta é que Israel pode se conhecer.

Jesus, nascido de uma Virgem, cumpriu a Lei em sua vida e esvaziou-se todo na Cruz num ato de perfeito amor pela salvação de todos. Ainda que no Novo Testamento haja muitas exortações vigorosas contra a imoralidade sexual, a castidade nunca é um fim em si mesma. Pelo contrário, ela é, como vimos, um meio pelo qual o instinto erótico do homem é canalizado e redirecionado, em contínua relação com Deus.

A paixão erótica desgovernada gera o caos e a desintegração. O *eros* que se submete a Cristo dá frutos em forma de dons: filhos, famílias estáveis e comunidades. O teólogo ortodoxo oriental Olivier Clément, contemporâneo, diz que o segredo espiritual do cristianismo é que o amor de Deus vem pelo corpo humano e se espalha por todo o universo ao qual está unido. No cristianismo, o desejo individual (*eros*) é purificado e transformado em *ágape* — amor incondicional e desinteressado.

A *divina comédia* de Dante, maior criação literária de toda a Idade Média, é um retrato incrivelmente poderoso das muitas dimensões do amor: a paixão do peregrino por Beatriz e a glória que transfigura a Criação quando um homem permite que seu desejo por Deus condicione todos os seus outros amores. Isto é o amor enquanto glorioso drama cósmico, que transcende o espaço e o tempo, no qual cada indivíduo se une à dança eterna, compartilhando “o amor que move o Sol e as outras estrelas”.

Reduzir o ensinamento cristão sobre sexo e sexualidade a um moralismo entediante, vazio e cheio de não-farás é uma farsa e um erro imaginativo. Enquanto pode-se elogiar a coragem de alguns pastores conservadores que não fogem da sua tarefa de dizer a verdade sobre o assunto, aqueles que querem triturar a imoralidade sexual como se fosse o único pecado grave, ou estivesse de alguma forma separada de uma horda de outros pecados passionais, distorcem o Evangelho e enfraquecem sua



credibilidade. Esse reducionismo lamentável é uma falha na tentativa de beber do poço inextinguível de recursos que é a tradição teológica e artística cristã. No fim, tudo se resume ao fato de que os cristãos esquecemos nossa própria história sobre o *eros*, o cosmos e a *theosis* — “união com Deus” em grego —, que é o fim último da peregrinação cristã.

“A vida toda está sendo orientada por narrativas e imagens que não refletem os limites antigos”, diz o sociólogo Christian Smith. “As igrejas têm algo a dizer sobre isso. Elas deveriam voltar de novo e de novo ao poço inextinguível do evangelho e oferecer uma história transcendente verdadeiramente alternativa. Se não fizerem isso, se continuarem seladas pelo moralismo, é melhor que desistam desde já”.

Se o cristianismo é uma história verdadeira, a história que o mundo conta sobre a liberdade sexual é uma enorme ilusão. É mentira. Conforme avisou o romancista Walker Percy, é preciso que ataquemos o falso em nome do verdadeiro. Os cristãos devem tornar-se contadores mais capacitados da própria história. Os jovens não serão convencidos com argumentos a assumirem a castidade cristã e nem intimidados por máximas moralistas. A única saída que resta são a beleza e a bondade, encarnadas em grandes obras artísticas e de ficção e nas vidas de cristãos ordinários, solteiros ou casados.

### *Os pais devem ser os primeiros a tratar de sexualidade*

Se não o fizermos, a cultura o fará por nós. A “pornificação” da praça pública progride a galope. Fazendo uma paráfrase do falecido Neil Postman, grande estudioso de mídias, quando uma criança, através de um celular ou de um computador, pode assistir à pornografia pesada, é porque a infância acabou.

Pais e mães têm de ser muito mais combativos na hora de controlar o acesso de seus filhos às mídias e à tecnologia. Mas não é possível mantê-los na bolha para sempre. Numa época em que as escolas públicas de lugares como Washington estão ensinando ideologia de gênero no jardim de infância, os pais



não podem confiar em mais nada. Nós precisamos começar a falar sobre sexo e sexualidade com os nossos filhos mais cedo e com mais frequência.

Hoje em dia as crianças crescem numa cultura que quer destruir a família natural — um homem e uma mulher, unidos exclusivamente um ao outro, e seus filhos. Hoje é considerado preconceito dizer que a família natural é superior a qualquer outro tipo de arranjo. Hoje, nas escolas, e certamente na cultura popular também, dizem às crianças que o gênero não é uma categoria fixa unida ao sexo biológico. Além disso, hoje a cultura de “ficar com alguém”, de se divorciar e de ter filhos fora do casamento é tão normal que não se pode culpar a juventude por estar confusa. O novo normal é que não há normal.

“Todo dia eu me preocupo com meus alunos, se algum dia serão capazes de manter uma família”, disse-me um professor de uma faculdade evangélica e bem conservadora. “Muitos deles jamais viram como é uma família tradicional”.

De acordo com tudo isso, é urgente que criemos nossos filhos de modo que eles saibam que ter filhos é uma bênção inestimável e que fertilidade não é doença.

É difícil saber por onde e quando começar uma conversa dessas. Um ótimo recurso para as famílias é a *The Humanum Series*, série de seis filmes curtos, todos disponíveis no YouTube, que apresenta a visão cristã tradicional sobre sexo, gênero, casamento e família.

Produzida pelo Vaticano, contando com a participação de cristãos e não-cristãos de todo o mundo, os filmes da *Humnum* investigam a dimensão cósmica do plano de Deus para a família, em imagens e textos profundos mas de fácil compreensão. Examinam o sentido do casamento e da sexualidade, o papel da família, a masculinidade e a feminilidade, como o casamento ajuda as pessoas a suportar as contradições, a relação entre casamento e sociedade e outras coisas mais. Nenhum dos filmes dura mais de vinte minutos. Não são nem um pouco proselitistas; na verdade, são surpreendentemente sofisticados



no modo como transmitem a alegria da visão tradicional sobre o sexo, o casamento e a família.

Assistimos em casa, com nossos três filhos — um de dezesseis anos; outro, de doze; e a outra, de nove. Todos os filmes são apropriados para a família e serviram como base para uma série de discussões. Poucas coisas são mais difíceis para pais cristãos do que formar a imaginação moral de seus filhos quanto à sexualidade, até porque é difícil saber como explicar a verdade bíblica de uma maneira atraente e cativante. A série *Humanum* é um verdadeiro presente para as famílias — e para as igrejas.

Os pais cristãos jamais devem achar que seus filhos já sabem que a família natural é o plano de Deus para a humanidade. Temos de deixar isso explicitamente claro com o nosso ensinamento. Devemos deixá-lo implícito também através da prática do respeito mútuo, do sacrifício, do afeto e de tudo o que é bom que provém de um casamento espiritualmente fecundo.

### *Ame e apoie os membros solteiros da comunidade*

Os jovens americanos estão demorando mais para casar, e é provável que sua igreja local esteja cheia de cristãos solteiros. Como já disse antes, uma igreja pode ser um lugar enfadonho para solteiros. Eu mesmo não me casei até pouco antes dos trinta e sempre me senti invisível nas paróquias que freqüentava antes disso.

É compreensível que as igrejas destaquem os casais e as famílias como formas ideais da vida cristã, mas isso às vezes deprecia a vida e o testemunho daqueles que não recebem o chamado ao casamento. Os cristãos casados tendem a ter pena dos solteiros, isso quando não os esquecem de vez. Para os solteiros, desencorajados pela dificuldade do desafio posto diante deles, é muito fácil cair na amargura e na autocomiseração.

Uma vida monástica bem vivida serve como exemplo dos frutos espirituais que podem vir do estado de solteiro quando é bem ordenado a Cristo.



“Todo mundo está buscando o amor. É o desejo humano mais básico. Seja no prazer carnal, nas coisas materiais, em Deus — o fato é que todos estão buscando”, diz o Irmão Evágrio de Nórcia. “Em poucas palavras, a vida monástica é abrir mão de todos os outros prazeres por amor a Deus. Tudo na vida monástica está construído para ajudar o sujeito a alcançar isso”.

Uma congregação não pode ser um mosteiro, mas não há motivos para que não busque seus membros solteiros e os mantenha mais próximos, como membros da família eclesial. Como me disse o Irmão Agostinho, há dias em que ele se sente exausto por causa dos rigores da vida monacal — e nesses dias ele conta com a caridade dos outros irmãos monges para continuar. Por que não podemos ajudar nossos colegas solteiros da comunidade desse mesmo jeito?

Além do mais, se uma paróquia tem os recursos para tal, deveria considerar a fundação de casas comuns separadas por sexo em que seus membros solteiros pudessem compartilhar uma vida de oração vivendo como “monges leigos”, por assim dizer. É difícil viver a castidade em uma cultura tão erotizada quanto a nossa, especialmente quando há tão pouco respeito pela castidade. É de se esperar que seja assim no mundo, mas na igreja isso tem de ser diferente.

Todos os cristãos solteiros são chamados a viver o celibato, mas os heterossexuais têm pelo menos a opção do casamento. Os cristãos *gays*, não, o que torna sua batalha muito mais intensa.

Para piorar sua situação, muitos *gays* cristãos são rejeitados por aqueles mesmos que deveriam apoiá-los: membros da igreja. A veemência colérica com a qual muitos ativistas *gays* condenam o cristianismo está em boa parte fundamentada pela memória cultural da rejeição e da aversão por parte da Igreja. Os cristãos precisam confessar esse passado e se arrepender dele.

Mas isso não significa — e jamais poderá significar — que devemos abandonar a claríssima e necessária doutrina bíblica



sobre a homossexualidade. Os cristãos *gays*, assim como todos os cristãos solteiros, são chamados a viver uma vida casta. É uma cruz pesada de se carregar, mas que quem quer permanecer obediente não pode rejeitar.

Nossos irmãos e irmãs em Cristo que forem *gays* não deveriam ter de carregá-la sozinhos. Recentemente, muitos cristãos homoafetivos que vivem fiéis ao ensinamento ortodoxo encontraram uma voz no movimento Amizade Espiritual. Ele é baseado nos escritos de Santo Elredo de Rievaulx, um abade do séc. XII.

Ron Belgau, um dos fundadores do movimento, escreve o seguinte: “Santo Elredo me ajudou a entender que a obediência a Cristo me oferecia mais do que a negação do sexo e do romance. As amizades castas cujo centro é o próprio Cristo abrem um caminho positivo e recompensador — ainda que desafiador, às vezes — para a santidade”.<sup>12</sup>

Este é um ponto importante tanto para os cristãos *gays* quanto para os solteiros. A castidade costuma ser apresentada apenas como uma negação do sexo. Ainda que não possamos negar o sacrifício real e doloroso que a ética cristã requer dos fiéis solteiros, também não devemos nos negar a ensinar e a examinar o bem que pode vir da decisão de abrir mão da própria sexualidade. À época em que o Novo Testamento foi escrito, o monasticismo ainda não tinha se desenvolvido, mas Jesus já dissera que alguns são chamados por Deus a ser castos sozinhos (“eunucos por amor do Reino dos céus”). Esse é um caminho íngreme para a santidade, e especialmente traiçoeiro em nossa cultura largamente erotizada, mas que, para alguns, é um caminho para a santidade, isso é. Cristo é quem garante.

Para os cristãos solteiros, é difícil manter-se nesse caminho, mas, de novo, os heterossexuais têm ao menos a perspectiva do casamento para confortá-los. Se esperamos que os cristãos *gays* vivam o celibato, é preciso que em nossas paróquias, famílias e vidas individuais lhes ofereçamos amor, respeito e amizade.

12 Ron Belgau, “Spiritual Friendship in 300 Words” [Amizade espiritual em 300 palavras], *Spiritualfriendship.org*, 29 de agosto de 2012.



Além do mais, os cristãos *gays* que rejeitam o ensinamento tradicional também devem ser tratados com amor, afinal, também são imagem e semelhança de Cristo. O amor vence — não do jeito que quer o movimento LGBT; mas mesmo assim, vence. Os cristãos que façam o favor de não se esquecer disso.

*Lute com todas as forças contra a pornografia*

Certa vez, perguntei a um padre católico amigo meu qual era o problema que mais comumente ouvia e com que tinha de lidar no confessional. “Pornografia”, ele respondeu. “Nenhum outro chega nem perto”.

Ouvi a mesma coisa durante muitos anos de vários outros padres e pastores. O problema é devastador — e a Igreja não é um abrigo. Em 2014, o Barna Group publicou um estudo mostrando que, em geral, os cristãos não diferem muito do resto da população quando o assunto é pornografia.<sup>13</sup>

Por mais que o índice de uso da pornografia seja alto em todos os grupos demográficos — em parte porque a *internet* torna tudo mais acessível —, os pesquisadores vêem uma mudança tectônica no grupo dos jovens adultos. Entre os que têm de dezoito a vinte e quatro anos, 96% dos entrevistados não acham que haja algo negativo com a pornografia. Nove a cada dez adolescentes concordam. E, ainda que esse seja um problema tipicamente masculino, quase uma a cada cinco jovens adultas admitem que também vêem pornografia.

Os problemas morais e espirituais da pornografia deveriam ser óbvios. A pornografia desumaniza e destrói a imagem de Deus que há em seus adeptos. Conseqüentemente, ela treina seus usuários a ver o próximo como um objeto despersonalizado que serve para dar prazer sexual. Ela destrói a conexão entre sexo e amor. Nada disso é novidade.

13 “Pornography Use Among Self-Identified Christians Largely Mirrors National Average, Survey Finds” [Estudo descobre que, em geral, o uso da pornografia entre autoproclamados cristãos reflete a média nacional], *CNSNews.com*, 27 de agosto de 2015.



Porém, mais recentemente, alguns neurocientistas descobriram que o uso da pornografia tem efeitos potencialmente devastadores no cérebro. Assistir a um filme pornográfico faz os centros de prazer do cérebro serem inundados de dopamina. Quanto mais o sujeito usa pornografia, mais ele sente a necessidade de usá-la, e em versões cada vez mais extremas, para que a mesma injeção de dopamina aconteça. A pornografia literalmente reprograma o cérebro, fazendo que seus usuários de longa data tenham cada vez mais dificuldade de excitar-se com pessoas reais.

Em 2015, a reportagem de capa da revista *Time* sobre a onipresença da pornografia destacou a experiência de jovens adultos do sexo masculino que haviam se tornado adolescentes depois do advento do *smartphone*, em 2007, e que portanto tiveram acesso constante a vídeos pornográficos. Diz a redatora Belinda Luscombe:

Sua geração consumiu conteúdos adultos em quantidades e variedades nunca antes possíveis, em aparelhos projetados para disponibilizá-los de modo instantâneo e privado, tudo isso numa idade em que seu cérebro era mais plástico — mais propenso a mudanças que se enraízam permanentemente — do que em épocas mais tardias da vida. Esses jovens se sentem como porquinhos-da-índia involuntariamente submetidos a um experimento vastamente descontrolado, de uma década de duração, cujo intuito era o condicionamento sexual.<sup>14</sup>

Jovens na flor da idade, que deveriam ser viris, hoje alegam impotência e incapacidade de manter relacionamentos normais com as mulheres. Assim é que morre qualquer possibilidade de pôr filhos no mundo e criar uma família.

Cristãos, especialmente *pais cristãos*: não se atrevam a levar isso na brincadeira. Além de ter a afamada conversa sobre pornografia com seus filhos mais cedo na vida, os pais deveriam

14 Belinda Luscombe, "Porn and the Threat to Virility" [A pornografia e a ameaça à virilidade], *Time*, 11 de abril de 2016, *apud* Conor Friedersdorf, "Is Porn Culture to Be Feared?" [Deve-se temer a cultura pornográfica?], *Atlantic*, 7 de abril de 2016.



estabelecer o firme propósito de não dar a seus filhos *smart-phones* com acesso à *internet* — ou com acesso não-monitorado — e ponto final. Os pais têm de observar de perto o grupo de colegas de seus filhos e tomar medidas drásticas e decisivas caso a pornografia se infiltre no meio deles. Se você descobrir que a pornografia faz parte da vida social do seu filho, não pode simplesmente dizer: “Bem, todo mundo faz isso”. Você deve agir de modo decisivo.

No entanto, cortar os possíveis acessos à pornografia não é uma solução cabal. Devemos criar nossos filhos de modo que eles compreendam a relação entre sexo e amor dentro de toda a economia da Criação. Isso não é coisa que se resolva com uma ou duas conversinhas com as crianças. É algo que requer anos de trabalho paciente, cujo sucesso depende também do apoio da Igreja.

Uma resposta cosmológica à Revolução Sexual requer que eduquemo-nos a nós mesmos (e a nossos filhos) quanto à dimensão social da sexualidade. O sexo não se une apenas à ordem divina, mas também une os indivíduos, as famílias e a comunidade.

“Assim como qualquer outro poder necessário, precioso e volátil que todo o mundo tem, o sexo diz respeito a todos”, afirma Wendell Berry.<sup>15</sup>

Nós, americanos modernos, encaramos o sexo — como vários outros tópicos da sociedade contemporânea — como uma questão privada, que diz respeito a direitos individuais. Mas isso é falso. As regras, os ritos e as tradições de uma comunidade no que diz respeito à sexualidade, diz Berry, têm o intuito de “preservar sua energia, sua beleza e seu prazer; preservar e esclarecer o poder que têm de unir não só a esposa e o marido, mas também os pais e os filhos, as famílias e a comunidade, a

15 Wendell Berry, *Life Is a Miracle: An Essay Against Modern Superstition* [A vida é um milagre: um ensaio contra a superstição moderna]. Washington, D.C.: Counterpoint, 2001, p. 55.



comunidade e a natureza; garantir, na medida do possível, que os herdeiros da sexualidade, conforme adentrarem a maturidade, sejam dignos dela”.

Berry chega até a dizer que, “se a comunidade não consegue proteger esse dom, ela não pode proteger nada — o que nosso tempo está comprovando”.

Fato. Nosso trabalho enquanto cristãos da Opção Beneditina é formar comunidades nas quais se pode viver uma castidade e uma fidelidade saudáveis, comunidades capazes de proteger esse dom e passá-lo adiante para as próximas gerações. Para isso, temos de dominar uma das tecnologias culturalmente mais transformadoras em toda a história humana: a *internet*.





## CAPÍTULO 10

# *O homem e a máquina*

CERTO FIM DE SEMANA QUENTE DA PRIMAVERA DE 2016, fui a uma conferência da Opção Beneditina na Abadia de Nossa Senhora da Anunciação de Clear Creek, que fica em um mosteiro na zona rural de Oklahoma. Quando cheguei, fiquei um tanto perturbado quando soube que estávamos tão distantes da civilização, que não havia sinal para telefone celular. Só era possível conectar-se via *wi-fi* se você estivesse dentro do local da conferência, parado no lugar certo, ou se fosse para um canto solitário na ala dos quartos de hóspedes da abadia e rezasse para funcionar. Naquela semana, fiquei boa parte do tempo desconectado do mundo exterior.

Surpreendi-me ao ver o quão inquieto isso me deixou. Vinte anos atrás eu nem notaria. Muitos americanos também não. Em 2013, pela primeira vez na história, mais de 90% de nós possuíamos telefone celular, e, em 2015, 64% destes eram *smartphones* — um número assombroso.<sup>1</sup> O Pew Research Center chamou o telefone celular de “a tecnologia mais rapidamente adaptável ao consumidor em toda a história do mundo”.<sup>2</sup> Hoje já é algo tão normal estar conectado através do celular que nós nem nos damos conta... até que ficamos sem ele.

---

1 “Cell Phone Ownership Hits 91 Percent Adults” [91% dos adultos têm telefone celular], Pew Research Center, 6 de junho de 2013.

2 “U.S. Smartphone Use in 2015” [Uso de *smartphones* nos EUA em 2015], Pew Research Center, 1º de abril de 2015.



Ao longo do fim de semana, toda vez que a conversa dava uma trégua minha mão buscava automaticamente o iPhone no bolso para que eu pudesse checar *e-mails*, Twitter, Facebook e o noticiário. Mas o aparelho não estava lá. Eu estava desligado e desconectado, em um jejum digital inadvertidamente imposto por essa conferência monástica. Esse exercício de ascetismo fora dos planos foi revelador — e não gostei do que vi.

Enquanto ouvia as palestras, toda vez que minha atenção se desfocava o mínimo que fosse, eu puxava meu iPhone. Os palestrantes eram muito bons, mas ainda assim achava difícil conceder-lhes toda a minha atenção. Será que sou sempre assim? Infelizmente, sim, este sou eu. Aquilo já era a minha segunda natureza, tanto que meu vício estava oculto para mim, em parte porque quase todo mundo que conheço faz exatamente a mesma coisa.

Esse é um problema enorme para todos nós hoje em dia, mas especialmente para os cristãos. Aquele fim de semana tecnologicamente imprevisto forçou-me a pensar seriamente sobre como o *smartphone* e o computador dominam a minha vida — e que grande desafio é a tecnologia para os cristãos autênticos deste séc. XXI.

Há o problema mais imediato dos indivíduos que não sabem controlar o uso de seus *smartphones* e acabam servindo-se dele para ver pornografia ou jogar o dia todo, sentações no sofá, em vez de cuidar da própria vida. Mas o problema é mais profundo. A tecnologia *online*, em suas várias formas, é um fenômeno que por sua própria natureza fragmenta e dispersa nossa atenção como nenhuma outra coisa, comprometendo radicalmente a nossa capacidade de absorver um sentido do mundo, reprogramando nossos cérebros fisiologicamente e nos deixando cada vez mais desamparados diante de nossos impulsos.

Achamos que as várias tecnologias nos dão mais controle sobre os nossos destinos. Na verdade, elas é que vieram nos controlar. Este é o ponto mais fundamental a respeito da tecnologia: é uma ideologia que condiciona o modo como nós, seres humanos, compreendemos a realidade.



Usar a tecnologia é participar de uma liturgia cultural que, se não ficamos atentos, nos treina a aceitar o princípio vital da modernidade: de que o único sentido que há na vida é aquele que escolhemos dar a ela em meio a nossa busca sem fim pelo controle da natureza. Conforme já vimos num capítulo anterior, o período moderno gerou a idéia de que a ciência deveria ser usada para conquistar a natureza e “para aliviar a condição humana”, nas palavras de Francis Bacon. E foi René Descartes quem disse que poderíamos nos tornar “mestres e possuidores” da natureza — aquele cuja filosofia ensinou o homem ocidental a pensar essa natureza (incluindo o corpo humano) como uma espécie de máquina.

Se podemos usar a tecnologia como quisermos, contanto que o resultado seja a nossa própria felicidade, então toda realidade é uma “realidade virtual”, aberta a quaisquer construções que desejemos. Não há limites naturais, apenas aqueles que não podemos ultrapassar por ainda não termos a capacidade tecnológica. Esse pensamento é ubíquo na modernidade, mas profundamente anti-ético para o cristianismo ortodoxo.

As famílias e comunidades da Opção Beneditina que se mantêm indiferentes quanto ao modo como utilizar corretamente a tecnologia destroem inadvertidamente tudo aquilo que tentam alcançar. A tecnologia em si é uma espécie de liturgia que nos ensina a enquadrar nossas experiências de mundo de determinadas maneiras, e que, se não tomarmos cuidado, distorce profundamente o nosso relacionamento com Deus, com os outros e com o mundo material — e até o nosso autoconhecimento.

### *A tecnologia não é moralmente neutra*

A maioria das pessoas acha que a tecnologia não passa de uma ciência aplicada, cujo valor moral depende do que o usuário pretende fazer com ela. Pura ingenuidade. O filósofo da ciência Michael Hanby, em discurso vigoroso proferido num encontro católico de 2015, na Filadélfia, explicou que, “antes de a tecnologia ser um instrumento, ela é fundamentalmente



um modo de considerar o mundo, que contém em si toda uma concepção a respeito de ser, de natureza e de verdade”.<sup>1</sup>

Onde Hanby quer chegar? Por milhares de anos, os homens usaram ferramentas para remodelar seu ambiente. O que deu à tecnologia o estatuto de cosmovisão abrangente foi a noção, que surgiu com o nominalismo e emergiu no começo da era moderna, de que a natureza não tem nenhum significado intrínseco. É só uma coisa. Para o Homem Tecnológico, “verdade” é aquilo que contribui para expandir seu domínio sobre a natureza e fazer com que aquela coisa se transforme em algo que lhe seja útil ou agradável, justificando assim sua existência. Encarar o mundo tecnologicamente, portanto, é vê-lo como uma matéria sobre a qual deve-se ampliar o domínio, limitado apenas pela imaginação de cada um.

No entendimento cristão clássico, a verdadeira liberdade para a humanidade, de acordo com sua própria natureza, é encontrar-se em amorosa submissão a Deus. Tudo aquilo que não for de Deus é servidão. Em seu livro de 1993 chamado *Technopoly* [Tecnópole], Neil Postman explicou que as culturas pré-modernas permitiam que suas convicções metafísicas e teológicas orientassem a maneira como usavam suas ferramentas. Foi somente na modernidade, com o surgimento da tecnologia, que nossas ferramentas viraram o jogo e assumiram o poder de orientar as nossas convicções metafísicas e teológicas.<sup>2</sup>

O Homem Tecnológico entende liberdade como libertação de qualquer tarefa que não tenha sido livremente escolhida pelo indivíduo autônomo. Isso explica de modo plausível o otimismo ingênuo dos americanos para com a tecnologia. Como já observou o filósofo Matthew Crawford, as sementes da cosmo-

1 Michael Hanby, “The Truth Shall Set You Free: Liberal Order and the Future of Christian Freedom” [A verdade vos libertará: a ordem progressista e o futuro da liberdade cristã]. Discurso proferido no St. Charles Borromeo Seminary, Filadélfia, 7 de dezembro de 2015; texto cedido por Hanby ao autor.

2 Neil Postman, *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology* [Tecnópole: A rendição da cultura para a tecnologia]. Nova York: Vintage, 1993, p. 184.



visão tecnológica estão embutidas nas idéias iluministas sobre as quais os EUA foram fundados.

Em certo sentido, a tecnologia de fato é neutra. Afinal, a mesma escavadeira usada na construção de um hospital também pode ser usada para construir um campo de concentração. Mas a tecnologia como cosmovisão, porém, nos condiciona a privilegiar o que é novo ou inovador em vez do que é antigo e familiar, e a valorizar indiscriminadamente o futuro. Ela destrói a tradição porque recusa qualquer limite à sua criatividade. O Homem Tecnológico diz: “Se podemos fazê-lo, devemos ser livres para fazê-lo”. Para a mentalidade tecnológica, questões como “devemos ou não aceitar determinado desenvolvimento tecnológico?” são difíceis de compreender.

Elaborando a idéia de modo provocativo, mas bastante perspicaz, Hanby diz que a Revolução Sexual é o que acontece quando aplicamos a ideologia tecnológica ao corpo humano. Sujeitamos a biologia à vontade humana. A tecnologia contraceptiva deixa as mulheres (e seus parceiros) totalmente livres para aproveitar uma vida sexual sem qualquer medo de engravidar. A tecnologia reprodutiva amplia o domínio sobre a procriação, separando totalmente o corpo humano e a concepção.

Considere a fertilização *in vitro*, uma técnica inovadora que permite que casais inférteis tenham filhos. O nascimento de Louise Brown, em 1978 — a primeira “bebê de tubo de ensaio” — causou enorme controvérsia na época, especialmente entre líderes religiosos, muitos dos quais denunciaram a prática como antinatural e alertaram que ela levaria à mercantilização da gravidez, uma vez que separava a concepção da união sexual. Mas a maioria dos americanos não concordou. Uma pesquisa da Gallup na época mostrou que 60% do público aprovava a fertilização *in vitro* (FIV).<sup>3</sup>

Quando Robert G. Edwards, o cientista britânico que ajudou a abrir o caminho para a FIV, ganhou o Prêmio Nobel de

3 Heather Mason Keifer, “Gallup Brain: The Birth of In Vitro Fertilization” [Cérebro Gallup: O nascimento da fertilização *in vitro*], *Gallup.com*, 5 de agosto de 2003.



Medicina, em 2010, a prática já era amplamente aceita. Uma pesquisa de 2013 do Pew Research Center revelou que só 12% dos americanos consideram a FIV algo moralmente errado. O resultado é praticamente o mesmo entre os cristãos americanos.<sup>4</sup>

Quanto à mercantilização da gravidez, considere-se o casal do Tennessee que não tinha nenhum filho, mas tinha comprado óvulos fertilizados com o esperma do marido, somando dez embriões. Quatro filhos depois, o casal decidiu que não queria o restante dos embriões e anunciou-os no Facebook em busca de um bom lar que os recebesse.

De acordo com o *The New York Times*, a esposa fez o seguinte anúncio:

Temos seis embriões de seis dias de idade, muito bem congelados, para doar a uma família maravilhosa que queira aumentar de tamanho. Preferimos pessoas casadas há alguns anos e que vivem um relacionamento amoroso, com uma boa base cristã, e que não tenham filhos ainda, mas queiram uma baciada deles.<sup>5</sup>

De acordo com a doutrina cristã tradicional, aqueles eram seis seres humanos. Mas a comunidade de doação de embriões havia inventado um eufemismo mais lindinho para aquelas crianças não nascidas: “flocos de neve congelados”.

Enquanto isso, no Reino Unido, algumas estatísticas publicadas em 2012 revelaram que 3,5 milhões de embriões foram criados nos laboratórios britânicos desde 1991, quando começou o processo de registro.<sup>6</sup> Desse número, 93% não resultaram

4 “Abortion Viewed in Moral Terms: Fewer See Stem Cell Research and IVF as Moral Issues” [O aborto visto em termos morais: menos pessoas consideram a pesquisa com células-tronco e a fertilização *in vitro* problemas morais]. Pew Research Center, 15 de agosto de 2013.

5 “Industry’s Growth Leads to Leftover Embryos, and Painful Choices” [O crescimento industrial leva à sobra de embriões e a escolhas dolorosas], *New York Times*, 17 de junho de 2015.

6 Andrew Hough, “1.7 Million Human Embryos Created for IVF Thrown Away” [1,7 milhão de embriões humanos criados através de fertilização *in vitro* são jogados fora], *Daily Telegraph*, 31 de dezembro de 2013 ([telegraph.co.uk](http://telegraph.co.uk)).



em gravidez, e praticamente metade dessa quantia foi descartada sem que houvesse ao menos uma tentativa. Não há nos EUA nenhum registro confiável para que se faça uma comparação justa, mas, considerando uma população cinco vezes maior do que a do Reino Unido e fazendo um cálculo proporcional, temos que 17,5 milhões de seres humanos não nascidos teriam vindo à existência em laboratórios, sendo que 16,2 milhões teriam morrido e 8,8 milhões teriam sido jogados no lixo sem uma tentativa de implantação.

Imagine todos os homens, mulheres e crianças de Nova York, ou então a população inteira de Houston multiplicada por cinco, e terá uma noção da imensidão do império da morte sobre as clínicas de fertilidade. Isto é, se você crê que a vida começa na concepção, assim como crêem 52% dos americanos, conforme afirmou uma pesquisa de 2015 da empresa YouGov.<sup>7</sup>

Fica evidente que há muito cristão por aí que não está enxergando que dois mais dois são quatro. Muitos cristãos conservadores opõem-se ao aborto e apóiam as leis que o restringem. Mas não há movimento algum pelo banimento ou pela restrição da FIV, ainda que, do ponto de vista de quem crê que a vida começa na concepção, tal prática elimine milhões de vidas não nascidas. O que gera essa hipocrisia? A mentalidade tecnocrática.

O argumento é mais ou menos assim: bebês são coisas boas, então qualquer tecnologia que ajude as pessoas a terem mais bebês é boa. O amor, como dizem, vence. O tecnocrata decide o que quer, e, uma vez que a coisa torna-se possível por vias tecnológicas, racionaliza sua aceitação. Uma das características da cosmovisão tecnocrata é esconder de nós aquilo que a tecnologia nos rouba. Tendemos a pensar que o avanço tecnológico é inevitável porque ele é irresistível. Assim como, para o tecnocrata, “verdadeiro” é aquilo que é útil e eficaz, “bom” para ele é aquilo que é possível e desejável.

7 “Three-quarters Say Longmont Attack Is Murder” [Três quartos dos entrevistados acham que o ataque de Longmont foi um assassinato], YouGov.com, 7 de abril de 2015.



O Homem Tecnológico acha que tudo o que amplia suas possibilidades de escolha e lhe dá mais poder sobre a natureza faz parte do progresso. Os americanos admiram o *self-made man* porque ele se libertou da dependência dos outros através de seus próprios esforços e de sua própria criação. Para o Homem Tecnológico, vale mais a escolha do que o que é escolhido. Ele não se preocupa muito com o que deveria querer; em vez disso, está preocupado com o modo como pode adquirir ou realizar o que quer. A semente plantada no séc. XIV pelo triunfo do nominalismo brota e floresce em todo o seu esplendor no Homem Tecnológico.

### *A internet, comporta da modernidade líquida*

A tecnologia mais radical, corruptora e transformadora já criada é a *internet*. É o facilitador derradeiro da modernidade líquida, pois condiciona a maneira como vivemos a vida (“como um fluxo de partículas que se move rapidamente”, diz o escritor Nicholas Carr) e molda todas as nossas experiências. A *internet* acelera bastante o processo de fragmentação política, social e cultural que está em vigor desde meados do séc. XX e compromete profundamente nossa capacidade de prestar atenção.

Isso é mais grave do que parece. Como já vimos no capítulo 5, o famoso teórico da comunicação Marshall McLuhan disse: “O meio é a mensagem”, uma frase enigmática que já confundiu muitos. O que ele quis dizer foi que as mudanças que um novo meio causa na cultura são freqüentemente mais importantes do que as informações carregadas por esse meio. Por quê? Porque o meio altera o modo como nós percebemos e interpretamos o mundo.

Mergulhar no mundo que se apresenta na tela do seu computador ou *smartphone* é entrar num universo em que você geralmente não tem de lidar com aquilo que não quer lidar. Você pode ficar invisível na *internet* ou então criar sua própria identidade. Não há qualquer lógica linear funcionando na *internet*: você pode pular de um *site* a outro, entrando e saindo



das redes sociais, conforme desejar. Eu mesmo trabalho como jornalista *online* e passo a maioria dos meus dias fazendo exatamente isso.

E adivinha só? É uma maravilha. Isso melhorou a minha vida em tantos aspectos que nem consigo enumerar, além de tornar possível que eu trabalhasse onde quisesse, já que posso trabalhar em casa. A *internet* já fez poucas e boas por mim, e hoje em dia continua fazendo.

Porém, ela, como todas as novas tecnologias, também nos rouba algo. O que ela nos tira é o nosso senso de ação. Matthew Crawford identifica um paradoxo intrínseco à *internet* enquanto tecnologia: ela promete nos dar mais liberdade e mais escolhas, mas na verdade nos seduz a uma escravidão passiva. Aquela experiência de compulsão interna que tive na abadia se repete de um modo menos visível todo dia.

Há uma explicação científica para isso. Em nível neurológico, são as distrações constantes da *internet* que alteram a estrutura psicológica do nosso cérebro. Ele se reconfigura para conformar-se à aleatoriedade constante da experiência *online*, que, por sua vez, nos condiciona a desejar aqueles sobressaltos que vêm com as novidades. Nicholas Carr escreve:

Algo está bem claro: se hoje, conhecendo o que já nos é familiar sobre a plasticidade do cérebro, lançássemos-nos à invenção de um meio que reconfigurasse nossos circuitos mentais o mais rápida e completamente possível, provavelmente acabaríamos projetando algo que lembraria muito a *internet* e funcionaria como ela.<sup>8</sup>

O resultado disso é a incapacidade cada vez maior de prestar atenção, de se concentrar e de refletir profundamente. Estudos e mais estudos confirmam a experiência comum que muitos têm reportado na era da *internet*: que o seu uso facilita infinitamente

---

8 Nicholas Carr, *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains* [Os frívolos: O que a *internet* está fazendo com o nosso cérebro]. Nova York: W. W. Norton, 2011, p. 116.



a tarefa de encontrar informações, mas dificulta muito a tarefa de dedicar o foco permanente necessário para o conhecimento das coisas.

Junto disso, a mentalidade tecnológica nega que exista algo de importante a ser conhecido além do que é preciso saber para realizar os próprios desejos: em grego antigo, trata-se do confronto entre *techne*, ou “técnica” — capacidade de produção —, e *episteme*, ou “conhecimento adquirido pela contemplação”. *Techne* refere-se ao conhecimento que ajuda o sujeito a fazer as coisas, enquanto que *episteme* refere-se ao conhecimento do que são as coisas, para que ele saiba o que fazer com elas.

Tanto a contemplação quanto a ação são necessárias para o florescimento humano. A Idade Média valorizava a contemplação, motivo por que as sociedades medievais eram ordenadas — bem como os produtos provenientes de seu conhecimento tecnológico — a Deus. O ícone, considerado uma janela simbólica para a realidade divina, é um bom símbolo daquela época. A contemplação está alheia ao modo de vida moderno. O ícone do nosso tempo é o iPhone, um portal luminoso que nos promete mostrar o mundo, mas que é realmente um espelho do mundo que há dentro das nossas cabeças.

Sob o regime da tecnologia, as condições que tornam possível uma vida cristã autêntica desaparecem. E a maioria de nós não faz a menor idéia do que está acontecendo.

### *O jejum digital enquanto prática ascética*

Na cosmovisão cristã tradicional, o Bom, o Belo e o Verdadeiro são realidades objetivas, qualidades de Deus e, portanto, intrínsecas à Criação. Ser livre é poder participar desses bens supremos, consumando assim nossa verdadeira natureza. Como cristãos, comportamo-nos virtuosamente não por mera obediência a um pedido de Deus, mas porque a aquisição das virtudes nos ajuda a ver o Cristo mais claramente e, ao vê-lo, revelá-lo aos outros. A Igreja primitiva não buscou senão ver a face de Deus. Todo o resto veio atrás.



Se o nosso maior desejo é ver a face de Deus e, no processo, tornarmo-nos semelhantes ao Cristo, devemos nos manter concentrados nesse objetivo supremo. Na *Divina comédia*, de Dante, o peregrino protagonista (que também se chama Dante) aprende que o pecado é o amor desordenado. A raiz de todas as desordens é amar mais as coisas finitas do que o Deus infinito. Até mesmo o amor a coisas boas, como a família e a pátria, pode ser fonte de condenação se a pessoa ama aquilo mais do que ama a Deus, e se busca realizar-se nessas coisas em vez de no Criador.

É muito difícil manter-se focado na contemplação de Deus. O peregrino Dante descobre que ele perdeu seu caminho na vida porque amou uma mulher, Beatriz, que era boa, bela e verdadeira, achando que ela era, em si mesma, a Bondade, a Beleza e a Verdade. Na vida eterna, Beatriz, que morreu jovem, repreende Dante dizendo-lhe que todo bem que nela havia apontava para a Fonte de todos os bens. A incapacidade de entender isso quase o levou à destruição.

William James, fundador da psiquiatria, escreveu: “A minha experiência nada mais é do que aquilo com que concordo participar. Somente os itens que noto moldam a minha mente”. Nossos pensamentos realmente determinam nossas vidas. Tim Wu, que escreve sobre tecnologia, ao refletir sobre o apontamento de James, observa que a religião sempre entendeu que era extremamente importante direcionar a atenção do homem para aquilo que é santo. É por isso que a cristandade medieval era recheada de orações, rituais, jejuns e festas: para manter a vida, tanto a pública quanto a particular, ordenada em torno de coisas divinas.<sup>9</sup>

Mas isso foi em outra época. Não veremos um retorno a uma vasta cultura cristã tão sólida quanto aquela em um futuro

9 Tim Wu, *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads* [Os comerciantes da atenção: A desordem épica para entrar nas nossas cabeças]. Nova York: Knopf, 2016, p. 344. Só a explicação de Wu sobre como a vida monástica é capaz de focar a atenção da pessoa, em contraste às forças dilacerantes da vida moderna, já valeria um outro livro.



próximo, o que não tira a calma dos cristãos, pois significa que, enquanto indivíduos e comunidades, teremos de trabalhar muito mais para manter nossos olhos fixos em Deus.

Desenvolver o controle cognitivo que levará a uma vida cristã mais contemplativa é a chave para se viver como seres livres nessa América pós-cristã.

O homem cujos desejos estão sob o controle de sua razão é um homem livre. O homem que faz tudo que lhe dá na telha é um escravo. Os publicitários já gastaram incontáveis bilhões de dólares ao longo do último século para convencer as pessoas de que só seremos capazes de conhecer nossa identidade verdadeira se atendermos a todos os nossos desejos. Eles dizem: compre este produto ou essa experiência, e então você conhecerá você mesmo — aquele que você quer ser, não o que você já é.

Não funciona. Tudo volta ao pó do cotidiano. Então tentamos algo novo, achando que isto, enfim, nos fará felizes. E assim vamos nós, fugindo e nos esquivando pela vida, escondendo-nos de Deus e de nós mesmos, com pavor da quietude, da permanência, de nossos próprios pensamentos. Somos como os monges vagantes que São Bento condenou em sua Regra como o pior tipo de monge, movido apenas por seus desejos incansáveis. “Da conduta miserável de todos estes, é melhor que eu me cale e não diga nada”, escreveu o santo.

Os monges encontram a verdadeira liberdade sujeitando-se a uma regra de vida, que é dizer que ordenam-se a Deus de um modo estruturado. E não só os monges: quase todos que vivem por escolha própria uma vida disciplinada e constante encontrarão a verdadeira liberdade. O marceneiro que entregou-se por inteiro à tarefa de aprender as tradições de seu ofício tem muito mais liberdade para exercitar sua criatividade dentro do seu *métier* do que o tolo amador que acha que pode improvisar conforme for criando suas peças.

Se você não controlar a própria atenção, haverá muitas pessoas querendo controlá-la por você. O primeiro passo para a reconquista do controle cognitivo é criar um espaço de silêncio



no qual você possa pensar. Durante uma profunda crise espiritual por que passei, a maré tóxica de ansiedade crônica só começou a baixar quando meu padre diretor me ordenou que assumisse um tempo diário de oração contemplativa. Sossegar minha mente para uma hora de oração foi incrivelmente difícil, mas aquilo enfim abriu uma brecha através da qual o Espírito Santo podia trabalhar para acalmar as águas tempestuosas do meu interior.

Uma organização judaica chamada Reboot propõe o conceito não-sectário de “sabá digital”. É um dia de descanso no qual as pessoas se desconectam da tecnologia — especialmente dos computadores, iPads e *smartphones* — para que possam reconectar-se com o mundo real. O sabá digital não é uma punição, mas, ao contrário, um meio pelo qual se pode deixar de lado as preocupações mundanas (pelo menos aquelas que nos chegam via tecnologia digital).

Esse hábito é parente do costume cristão antigo do jejum ritual, que ainda é observado com relativa rigorosidade por muitos cristãos da Igreja Ortodoxa Oriental. Estes vivem a Grande Quaresma — os quarenta dias que antecedem a Semana Santa — abstendo-se de carne, peixe, derivados de leite e outros alimentos, de acordo com suas forças. Também costumam intensificar a oração, o arrependimento e a adoração. Assim como a observância sabática dos judeus, nada disso é encarado como punitivo, mas é para o bem da humanidade.

“Quando um homem sai em viagem, ele deve saber aonde está indo”, escreve o Padre Ortodoxo Alexander Schmemmann, em seu estudo sobre a Quaresma.<sup>10</sup> É por isso que todo fiel sério deve submeter-se a períodos de ascetismo. Eles nos ensinam a livrarmo-nos das distrações acumuladas que nos fazem perder o nosso objetivo de vista. Neil Postman, ainda que seja um homem secular, louva a ascética religiosa dizendo que ela “destrói” as informações que distraem o nosso olhar do fim último

<sup>10</sup> Alexander Schmemmann, *Great Lent: Journey to Pascha* [A Grande Quaresma: A jornada para a Páscoa]. Crestwood, Nova York: St. Vladimir's Seminary Press, 1974, p. 11.



que assumimos. Parafraseando o título do livro mais famoso de Postman, as práticas do ascetismo religioso nos previnem de divertirmo-nos até a morte espiritual.

Quando nos abstermos de práticas que desordenam nossos amores e nesse tempo de jejum redobramos a contemplação de Deus e das coisas boas da Criação, recolocamos nossas mentes naquela estabilidade interior necessária para que criemos um caráter coerente e preenchido de sentido. A *internet* é um fenômeno dispersivo, que encoraja o sujeito a se render a impulsos passionais. Se não conseguirmos restringir o uso da *internet* com a mesma intensidade com que ela nos reprime, será inevitável que passemos de queda em queda. E, se continuarmos caindo, perderemos o reto caminho da vida. Este é um conhecimento passado de geração em geração, pois os cristãos sabem disso desde a Igreja primitiva.

Mas esse conhecimento se perdeu entre nós. Nicholas Carr lamenta: “Estamos acolhendo o delírio dentro de nossa própria alma”.

### *Tire os smartphones de perto das crianças*

Certa vez, minha esposa perguntou a uma nova amiga também cristã por que ela educava seus filhos pelo ensino domiciliar se morava num bairro onde havia uma boa escola pública. A amiga respondeu: “O dia em que meu filho, que estava na quinta série, chegou em casa dizendo que ele e seus amigos estavam assistindo a vídeos pornográficos pesados em seus *smartphones* — nesse dia eu e meu marido tomamos a decisão”. Não era culpa da escola. Lá os *smartphones* eram proibidos. Os garotos acessavam a pornografia em seus tempos livres — e não havia nada que as autoridades escolares pudessem fazer.

Os pais que dão a seus filhos computadores portáteis com acesso ilimitado à *internet* não deveriam se surpreender quando eles (especialmente os meninos) estiverem mergulhados na pornografia. Infelizmente, isso faz parte — pelo menos nos meninos — da natureza da fera indomada movida a hormônios.



Pais e mães que jamais deixariam seus filhos sozinhos numa sala cheia de DVDs pornográficos não vêem problema nenhum em dar-lhes um *smartphone*. Isso não faz o menor sentido.

Não se deveria esperar que nenhum adolescente ou jovem tivesse o autocontrole necessário para dizer não a essa tentação por si mesmo. Há poucas páginas já discutimos os impactos catastróficos que a pornografia pode causar no cérebro dos viciados nela. De acordo com o Centro de Pesquisa de Crimes contra Crianças da Universidade de New Hampshire, 93% dos garotos e 62% das garotas já viram pornografia *online* na adolescência.<sup>11</sup> Talvez seja impossível proteger seus olhares constantemente, mas seria irresponsável da parte dos pais não tentar. Além do mais, os pais enquanto grupo deveriam trabalhar juntos para impor uma proibição do uso de *smartphones* por seus filhos.

Além disso, os adolescentes são muito imaturos para compreender o problema legal em que podem se meter por causa de *sexting*.<sup>12</sup> Em muitas jurisdições, o envio de imagens sexualmente explícitas de menores é considerado crime de pornografia infantil. É justo colocar um moleque impulsivo da oitava série na mesma categoria que um perverso? Não, mas isso é uma questão para os juízes e advogados distritais. Ainda que seu filho escape da condenação, pode ser emocionalmente e financeiramente devastador para uma família ver o jovem atravessar todo o processo legal com a possível categorização de agressor sexual pairando sobre sua cabeça.

Por fim, ainda que a maioria dos adolescentes adeptos do *sexting* jamais corram perigos legais, as dimensões morais da exposição podem ser catastróficas. O hábito treina os jovens a objetificar o sexo oposto, a tratá-lo como mercadoria e a considerar a própria sexualidade algo a ser comercializado por *status*. Uma mísera imagem explícita que circule pelas redes

11 Nick Bilton, "Parenting in the Age of Online Pornography" [Ser pai na era da pornografia], *New York Times*, 7 de janeiro de 2015.

12 Troca de mensagens íntimas, geralmente acompanhadas de fotos ou vídeos de mesmo teor — NT.



sociais pode destruir a reputação de um adolescente e deixá-lo à mercê de abusos e chacotas.

Fora o risco dos conteúdos pornográficos, há também o problema fundamental de saber o que a longa exposição *online* causa ao cérebro de uma pessoa. Se não tratarmos nossas casas e escolas como mosteiros, limitando estritamente tanto a informação que chega aos nossos filhos (pelo bem da formação interior deles) quanto o acesso deles a essas tecnologias que reconfiguram o cérebro, estamos abdicando de nossas responsabilidades enquanto guardiões de suas almas — e das nossas.

Você sabia que Steve Jobs, o fundador da Apple, não deixava seus filhos usarem iPads e limitava de modo bastante rigoroso o acesso deles à tecnologia? E ele não era o único.

Chris Anderson, ex-jornalista especializado em tecnologia de ponta e atual CEO de uma empresa no Vale do Silício, contou em 2014 ao *The New York Times* que sua casa era como um mosteiro para seus filhos: “Meus filhos me acusam e acusam a minha mulher de fascistas e de sermos preocupados demais com tecnologia, e dizem que nenhum amigo deles tem de obedecer a essas mesmas regras”, contou Anderson. “Mas isso é porque vimos em primeira mão os estragos da tecnologia. Vi em mim mesmo, e não quero ver isso acontecer com meus filhos”.<sup>13</sup>

Se é assim que os pais e gênios do Vale do Silício educam seus filhos, que desculpa temos nós para ser mais liberais? Sim, você será considerado um esquisitão, um louco varrido. Mas e daí? *São seus filhos.*

Diz o filósofo Michael Hanby:

O fato de que colocamos esses aparelhos nas mãos dos nossos filhos em uma idade muito precoce e com pouquíssima orientação, e de eles viverem a vida na base do “curtir ou não curtir”; o fato de que para eles, hoje, a tecnologia é quase

13 Nick Bilton, “Steve Jobs Was a Low-Tech Parent” [Steve Jobs controlava o uso de tecnologia dos filhos], *New York Times*, 10 de setembro de 2014.



uma prótese — todas essas coisas me parecem incrivelmente limitantes e perigosas.

“Está afetando a capacidade deles de pensar e de manter relacionamentos humanos mais básicos”, completa. “É um experimento social muito amplo e sem precedentes. Submetemos nossos filhos a ele sem saber muito bem o que estamos fazendo”.

### *Não idolatre as redes sociais*

Algumas igrejas encorajam o uso do Twitter e o envio de mensagens durante os serviços de culto. O argumento é que se trata simplesmente de mais um meio de propagar o evangelho. Talvez esse pensamento esteja correto genericamente, mas é um grave erro trazer essas tecnologias para o culto.

Em primeiro lugar, não há nenhuma chance de as pessoas que estiverem mandando mensagens ou usando o Twitter se restringirem apenas a comentários sobre o sermão ou as leituras. E o mais importante: o culto dominical é o último lugar do mundo em que se deve aceitar uma atenção dividida. As redes sociais dividem nossa atenção com a eficiência cortante de um *sushiman*. Muitas pessoas — especialmente os jovens — vivem a semana inteira imersas no mundo mental fragmentado que hoje já é norma. Trazer a rede social para o culto de domingo é uma exacerbação do problema, devida em parte a uma negação de que haja mesmo um problema nisso.

A neurociência já demonstrou que para lembrar-se de algo é preciso manter a atenção focada. Envolver-se com as redes sociais durante o culto é a garantia de que tudo o que o pastor disser será efêmero. Além disso, o encorajamento do uso das redes sociais durante o serviço de adoração é algo que vai contra o estado contemplativo que todo fiel deve assumir na igreja.

Mais profundamente ainda, os pastores e líderes que endossam uma idéia dessas deveriam se perguntar: *Como isto é útil para o evangelho?* Se “propagar o evangelho” significa disseminar informações soltas sobre Jesus, simplesmente, então talvez



a estratégia faça sentido. Mas sabemos que tornar-se um discípulo de Cristo é submeter-se a uma formação, e não absorver algumas informações. Nesse sentido, as redes sociais agem como uma verdadeira ventania que impedem que as sementes do evangelho criem raízes no solo da alma.

### *Trabalhe com as mãos*

Por mais de uma década, meu amigo Andrew Sullivan foi um dos mais influentes e prolíficos blogueiros da *internet*. Certo dia, em 2015, no ápice da fama e do sucesso, ele largou tudo e sumiu do mapa.

Poucos meses depois, quando aconteceu de nós dois estarmos em Boston, eu e Andrew nos encontramos para um café. Mal pude acreditar em como ele estava bem. Radiante e em forma, podia-se notar nele uma surpreendente serenidade. Andrew me disse que isso era fruto de sua ausência da *internet*.

Um ano mais tarde, Andrew explicou sua epifania dramática num ensaio publicado na *New York Magazine*:

Cada minuto que passava absorto numa interação virtual era um minuto longe de um encontro humano real. Cada segundo absorto em alguma questão menor era um segundo a menos de reflexão, de calma ou de qualquer forma de espiritualidade. “Trabalho multitarefa” é uma miragem. Essa era uma equação de soma zero para mim. Ou eu vivia como uma voz *online* ou como um ser humano no mundo em que os humanos viveram desde o início dos tempos.

Então decidi, depois de quinze anos, viver na realidade.<sup>14</sup>

Para a maioria de nós não é possível abandonar inteiramente a *internet*. Mas podemos no mínimo impor a nós mesmos uma disciplina parecida com a dos monges beneditinos, que, em observação à Regra, limitam-se a tarefas específicas que duram um tempo determinado.

14 Andrew Sullivan, “I Used to Be a Human Being” [Eu costumava ser um ser humano], *New York Magazine*, 18 de setembro de 2016.



Também podemos fazer mais trabalhos manuais. Dito deste modo parece papo de criança, mas há uma questão crítica aqui. A tecnologia faz com que o nosso trato com o mundo material — com as pessoas, os lugares e as coisas — fique cada vez mais abstrato. Portanto, uma maneira crucial de restaurar em nós o senso de pertença ao mundo real é realizar tarefas como cuidar da horta, cozinhar, costurar, exercitar o corpo... Numa palavra: botar a mão na massa. Ajuda muito também trabalhar cara a cara com outras pessoas.

Devemos trabalhar duro para lutar contra a tecnologia que torna nossa vida cotidiana tão fácil para que possamos ser homens que vivem na realidade. O Irmão Francis, de Nórcia, diz que lhe serviu de muita ajuda ter de levantar sacos pesados de grãos como parte do seu trabalho no mosteiro, “porque me faz lembrar que um ser humano é corpo e espírito, não só espírito”.

### *Questione o tal progresso*

Do outro lado da equação, o corpo humano não é uma espécie de transposição biológica do funcionamento de um computador. O hábito de pensar o corpo mecanicamente nos faz baixar a guarda ética e moral. O progresso tecnológico não é a mesma coisa que o progresso moral — e pode muito bem ser o seu oposto.

Numa conversa tensa a respeito de bioética, um pesquisador médico cristão bastante conhecido me disse: “As coisas que estamos prestes a enfrentar nas próximas décadas são chocantes para a consciência”.

“Meus colegas não vêem”, continuou, referindo-se aos cientistas que trabalham com ele. “A maioria deles não é cristã, mas mesmo os cristãos, quando tento conversar sobre isso, não me dão nada senão um olhar vago e estático”.

A mente desses cientistas foi capturada e desarmada pela tecnologia, que nos treina a pensar em nós mesmos em termos instrumentais. No começo do séc. XX, os pensadores mais progressistas da elite americana abraçaram a causa pela eugenia —



a pseudociência que prometia melhorar a raça humana através do controle da natalidade. Muitos líderes de igreja apoiaram a idéia, dizendo que ela melhoraria a sociedade através da ciência aplicada. Sobrou para os católicos e para os fundamentalistas evangélicos a tarefa de objetar a eugenia com base na dignidade humana.

Depois que o mundo viu o que os nazistas fizeram com essas teorias racistas, a eugenia saiu de moda. Hoje, no séc. XXI, ela vem retornando à pauta graças ao rápido avanço da biotecnologia, que promete dar aos pais a capacidade de projetar seus filhos. Os cristãos contemporâneos farão ouvir sua voz profética? Se continuarem com a cabeça orientada pelo imperativo tecnológico, não.

A relação entre uma distopia futura movida pela tecnologia e o *shopping center* no subúrbio da cidade é muito mais íntima do que você pensa. Conforme vimos no capítulo 1, o sociólogo Christian Smith descobriu que apenas 9% dos *millennials* entrevistados por ele acham que o consumismo é um problema moral sério. Para a maioria dos americanos, todo desejo é auto-justificável. Para o consumidor, se é possível comprar o produto, por que não fazê-lo? Para os cidadãos de uma tecnocracia, se a tecnologia existe para lhe dar o que você quer, ninguém tem o direito de objetar nada.

A razão do Homem Tecnológico não é capaz de resistir aos desejos do seu coração, porque ele foi treinado por sua cultura a não questioná-los. O Homem Tecnológico por fim crê que o que limita suas possibilidades de ação sobre a natureza é primariamente a sua capacidade de subjugá-la à sua vontade. Os cristãos têm de se rebelar contra isso. A única fortaleza impenetrável é a metafísica, a convicção de que o sentido nos transcende e está fundado em Deus. Há fronteiras para além das quais não podemos passar se quisermos continuar vivos.

É um erro fatal pensar que o mundo mediado pela tecnologia é o mundo real. Se assim pensamos, não vemos a realidade; só vemos nós mesmos. Se não entendemos isso, se não acredita-



mos que todas as coisas existem independentemente dos nossos desejos, que há um mundo além das nossas cabeças, não há motivo para prestar atenção, porque não há nada para contemplar. Se as sensações são o que define a realidade, a contemplação é inútil, e também o é qualquer resistência. Se vivemos como se o tédio fosse a raiz de todo mal, jamais teremos forças para reagir, e, se não reagirmos, veremos nossas máquinas nos dominar. Talvez até já nos tenham dominado.

No capítulo 1 vimos que o cristianismo autêntico foi dominado por uma espécie parasitária de espiritualidade chamada de Deísmo Moralista Terapêutico, e que um dos efeitos disso é o surgimento de uma cultura de cristãos que crêem que Deus abençoa qualquer coisa que os faz felizes. Nesse sentido, a tecnologia torna-se uma espécie de teologia. Uma prototeologia, porque o deus do qual ela dá testemunho é o Eu constantemente mutável que busca sua libertação de todos os limites e de todas as obrigações que lhe foram impostas.

Toda vez que a Igreja adere a uma mania nova, especialmente àquelas modinhas que transformam a liturgia em espetáculo eletrônico, ela cede mais um pouco de seu espírito a essa teologia falsa. Não vai demorar muito — e talvez já seja o caso, em alguns lugares — até que a Igreja esteja completamente tomada pelo espírito deste mundo. O cristianismo ortodoxo e autêntico não pode, de maneira nenhuma, se reconciliar com o *Zeitgeist*.<sup>15</sup> Na medida em que a Igreja convida a mentalidade tecnológica para dentro da própria casa, as condições de vida do cristianismo deixam de existir.

O principal motivo para isso é que a imersão na tecnologia nos faz perder a memória coletiva. Sem memória, não sabemos quem somos, e, se não sabemos quem somos, tornamo-nos qualquer coisa que as nossas paixões momentâneas nos levem a ser.

Governo nenhum está tentando nos roubar o nosso passado cultural e a nossa identidade cristã. Nós é que estamos dando

15 O “espírito do tempo” — NT.



tudo de mão beijada. Neil Postman aconselha uma estratégia de resistência, dizendo que “um guerreiro da resistência sabe que a tecnologia jamais deve ser aceita como parte da ordem natural das coisas”. Do contrário, a guerra acaba.

Se os cristãos de hoje não ficarem firmes sobre a rocha da sagrada ordem conforme ela foi revelada na Tradição — os modos de pensar, falar e agir que encarnam o cristianismo na cultura e transmitem-no de geração em geração —, não nos sobra mais nada em que nos mantermos firmes. Se não assumirmos práticas diárias que sustentem a ordem sagrada presente para nós, para nossas famílias e comunidades, vamos perdê-la de vista. Se a perdermos, corremos sérios riscos de apagarmos da nossa memória Aquele para quem apontam todas as coisas dessa sagrada ordem, como um mapa divino de caça ao tesouro.

Este foi o principal argumento deste livro. Nestas páginas, tentei soar o alarme para os cristãos conservadores do Ocidente, alertando-os de que o maior perigo que enfrentamos hoje não vem das políticas agressivas da esquerda e nem do islã radical, como muitos parecem pensar. Esses são problemas que enfrentam os nossos irmãos e irmãs da China, da Nigéria e do Oriente Médio. Para nós, a maior ameaça vem da própria ordem progressista e liberal. E a incapacidade de entender isto reforça a nossa escravidão cultural e a aparentemente inevitável assimilação cultural que espera as nossas próximas gerações.

A Opção Beneditina não é uma técnica para reverter as perdas, políticas ou de outra ordem, que os cristãos sofreram. A estratégia não é voltar o relógio para uma suposta era de ouro. Muito menos construir comunidades de gente pura, separada do mundo real.

Ao contrário: a Opção Beneditina é um chamado a assumirmos a longa e obstinada tarefa de trazer o mundo real de volta da fantasia, da artificialidade, da alienação e da atomização típicas da vida moderna. É um modo de ver o mundo e de viver



no mundo que implode a grande mentira da modernidade: que os homens não são mais que fantasmas presos em máquinas, que podem ser configuradas do jeito que quisermos.

“Para mim, é natural pensar que a próxima grande cisão do mundo será entre as pessoas que querem viver como criaturas e as que querem viver como máquinas”, escreve Wendel Berry. Assumamos nossa posição ao lado das criaturas, e do Criador.





## CONCLUSÃO

# *A decisão beneditina*

*Em vez de um castelo guarnecido bem no meio da terra,  
devemos pensar num exército de estrelas espalhado pelo céu.*

— Jacques Maritain, sobre a Igreja e a modernidade

CERTA NOITE FRIA DE JANEIRO, sentei para conversar com o Pastor Greg Thompson num barzinho aconchegante da Virgínia, e, enquanto tomávamos um ponche bem quente, falávamos sobre a Opção Beneditina. O pastor, que naquela época guiava uma congregação presbiteriana em Charlottesville, estava preocupado com a iniciativa e receava que os cristãos aderissem a ela mais por medo do que por qualquer outra coisa. Ainda que o medo seja uma reação compreensível diante de tempos tão turbulentos quanto estes, disse Thompson, a Opção Beneditina tem de ser, no fundo, uma decisão de amor. “A partir do momento em que a Opção Beneditina for feita por qualquer outro motivo que não a comunhão com Cristo e a convivência amorosa com o próximo, ela deixará de ser beneditina”, disse ele. “Ela não pode se resumir a uma estratégia para o auto-aperfeiçoamento ou para salvar a Igreja ou o mundo”.

Esse apontamento do pastor traz à tona um dos principais desafios para os cristãos que pretendem seguir vivendo a Opção Beneditina: como é possível viver em alegria e confiança mútuas quando o mundo ao redor parece em pleno colapso? Como podemos guiar nossa barca em segurança por entre a dupla ilusão do falso otimismo e do medo exagerado?



A imagem da Igreja como uma barca que navega entre mares revoltos e destrutivos é uma das mais antigas em toda a história da fé cristã. Esse conceito icônico do modo como a Igreja compreende-se a si mesma deve ser recuperado com vigor.

Mas há também outra imagem bíblica apropriada para entendermos as águas que inundam o mundo, e que talvez seja tão importante para a Opção Beneditina quanto a história da Arca de Noé.

Durante o exílio hebraico na Babilônia, Deus concedeu ao profeta Ezequiel uma visão da Terra Santa de Jerusalém já restaurada. Nessa visão, um homem misterioso conduz o profeta por um Templo reconstruído. Ezequiel vê uma torrente de água jorrando do altar, fluindo para fora dos pórticos e atravessando o mundo todo. Ela se torna mais larga e mais profunda à medida que se afasta do Templo, até se tornar um rio intransponível. Por toda parte onde flui essa torrente, a vida cresce abundantemente.

A interpretação cristã tradicional dessa visão de Ezequiel diz que ela foi cumprida no Pentecostes, quando Deus derramou seu Espírito Santo sobre os discípulos reunidos, inaugurando assim uma nova era com o nascimento da Igreja. Através da Igreja — o Templo restaurado — escorreriam as águas vivas da graça salvífica.

A Igreja, então, é tanto a Arca quando a Fonte das águas — e os cristãos devem viver ambas as realidades. Deus nos deu a Arca da Igreja para que não afundássemos em meio à corrente revolta. Mas Ele também nos deu a Igreja como o lugar onde mergulhamos simbolicamente o nosso velho eu nas águas do batismo, para então emergirmos numa nova vida, nutridos pela torrente infindável de Sua graça. Não se pode viver a Opção Beneditina sem considerar essas duas visões simultaneamente.

O amor é o único modo de sobrevivermos ao que está por vir. O amor não é um êxtase romântico. Deve ser um amor forjado e fortalecido pela oração freqüente, pelo jejum e pelo arre-



pendimento constantes — e, para muitos cristãos, pela recepção dos sacramentos. E deve ser um amor já aprimorado pelo sofrimento. Não há outra saída.

Nas minhas viagens em busca de exemplos da Opção Beneditina, não encontrei nada que a encarnasse mais perfeitamente do que os Tipi Loschi, a comunidade católica italiana, vigorosamente ortodoxa e alegremente contracultural, que o Padre Cassian de Nórcia havia me indicado. Passeando com o líder dos Tipi Loschi Marco Sermarini pelas colinas de sua cidade, perguntei-lhe como nós outros podemos viver isso que sua comunidade havia descoberto.

Comecem levando a sério a idéia de viver como cristãos, respondeu ele. Aceitem que não pode haver meio-termo. Os Tipi Loschi começaram como um grupo de garotos católicos que queriam tirar mais da sua vida devota do que o que oferece o Deísmo Moralista Terapêutico.

“Essa era a minha vida”, disse Marco. “Eu não sabia que o ensinamento de Jesus Cristo era para *toda* a minha vida, e não somente para a parte ‘religiosa’ dela. Se você admitir que Ele é o Senhor de tudo, você passará a ordenar a sua vida de um modo radicalmente diferente”.

Para sua surpresa, o que Marco e seus amigos descobriram foi que tudo aquilo que eles deveriam viver fielmente juntos já estava bem diante de seus olhos o tempo todo. “Nós não inventamos nada”, disse ele. “Não descobrimos nada. Só estamos redescobrando uma tradição que havia sido trancafiada numa caixa velha. Estávamos esquecidos”.

Dirigindo pelos vilarejos e campos com vista para o Mar Adriático, tão lindos que chega a doer, Marco estacionou seu carro esportivo um pouco para fora de uma estrada de terra e me levou a uma encosta muito íngreme. Estava coberta de oliveiras. Aquele era o olival da família Sermarini. Quando o avô de Marco, hoje com noventa e um anos de idade, era garoto, ele ajudava seu pai (o bisavô de Marco) a colher olivas daquelas árvores. Marco foi criado fazendo a mesma coisa, e hoje leva



seus próprios filhos anualmente para colher olivas e espremer seu óleo para uso da família.

Isto é que é estabilidade, disse eu.

Ele deu de ombros, e lançou um olhar pensativo sobre suas árvores.

“Eu não sei o que vai acontecer em seguida na minha vida, mas nesse meio-tempo nós temos de lutar pelo que é bom”, ele me disse. “A possibilidade de salvar as coisas boas do mundo é apenas isto: uma possibilidade. Temos de aproveitar todas as nossas chances para erigir uma rocha no mundo e mantê-la firme”.

Voltamos para o carro e seguimos viagem. Meu amigo continuou a filosofar sobre a estabilidade num mundo de mudanças.

“Nada que fazemos nesta vida será eterno, mas temos de fazer tudo como se fosse eterno”, continuou ele. “É isso que Deus quer. Se você se compromete com uma mulher para toda a vida, esse é um jeito de trazer o eterno para o tempo presente”.

Temos de confiar que, com o tempo, as pequenas coisas que fazemos podem evoluir para grandes obras, explicou. Tudo depende de Deus. Tudo que nós podemos fazer é dar o nosso melhor para servi-Lo.

Marco às vezes vai dormir preocupado, pensando que os esforços que vêm fazendo — ele e sua pequena comunidade — não farão muita diferença diante de uma oposição tão vasta. Ele teme que as correntes sejam fortes demais a ponto de poderem derrubá-los.

“Consigo saber pelas oliveiras que a colheita será farta em determinado ano, e em outro, será escassa”, disse ele. “Os monges, quando trouxeram a agricultura para este lugar há um século, ensinaram a nossos antepassados que há períodos em que temos de estocar sementes. Esse é o motivo pelo qual acredito que devemos andar pelo caminho de São Bento, fazer essa Opção Beneditina. Esta é a época de estocar sementes. Se não o fizermos agora, não teremos nenhuma colheita nos próximos anos”.



A tarde já ia embora e eu me preocupava cada vez mais, com medo de perder meu ônibus para o aeroporto de Roma. “Não devíamos ir agora?”, perguntei.

“*Grande* Rod, não se preocupe, meu amigo!”, respondeu. “Você se preocupa demais. Chegaremos a tempo!”. E partimos estrada abaixo, espiralando em direção ao mar.

O sol se punha no céu a oeste enquanto conversávamos mais uma vez sobre o desafio posto diante dos cristãos ortodoxos do Ocidente e quão intimidador ele parecia. Marco me deixou com estas linhas inesquecíveis.

“Na Itália nós temos um ditado: ‘Quando não há cavalos, um burrinho pode fazer um bom trabalho’. Pois eu me considero um burrinho. Há muitos cavalos de raça saindo do caminho, mas este burrinho velho está fazendo seu trabalho. Você e eu, continuemos a fazer o nosso trabalho como burrinhos. Mas não se esqueça de que foi um burrinho que carregou Jesus Cristo para dentro de Jerusalém”.

*Grande!* Então, burrinhos, sigamos adiante, percorrendo o caminho dos peregrinos na esteira de São Bento para fora da cidade imperial devastada, para um lugar onde possamos, com calma, aprender a ouvir a voz do nosso Mestre. Encontramos outros como nós e construímos nossas comunidades, escolas e outros serviços para o Senhor. Fazemos isso não para salvar o mundo, mas por nenhum outro motivo senão porque O amamos e sabemos que precisamos de uma comunidade e de um estilo de vida ordenado para servi-Lo plenamente.

Vivemos liturgicamente, contando nossa História Sagrada em canções e adorações. Jejuamos e festejamos. Casamo-nos e damos nossos filhos em casamento, e, ainda que no exílio, lutamos pela paz em nossa cidade. Acolhemos o próximo e enterramos nossos mortos. Lemos a Bíblia e falamos dos santos para os nossos filhos. E também lhes contamos, no jardim ou diante da lareira, as histórias de Odisseu, Aquiles e Enéas, de



Dante e de Dom Quixote, de Frodo e de Gandalf, e todos os outros contos que contêm o significado do que é ser um homem ou uma mulher no mundo ocidental.

Trabalhamos, rezamos, confessamos nossos pecados, somos misericordiosos, acolhemos os estrangeiros e guardamos os mandamentos. Quando sofremos, ainda mais quando é por Cristo, damos graças, porque é o que fazem os cristãos. Quem poderá saber o que Deus, por sua vez, fará com a nossa fidelidade? Não cabe a nós dizer. O que nos cabe, nas palavras do poeta cristão W. H. Auden, é “cambalear adiante em regozijo”.<sup>1</sup>

Os monges beneditinos de Nórícia tornaram-se um sinal para o mundo de tal modo que jamais suspeitei quando comecei a escrever este livro. Em agosto de 2016, um terremoto devastou sua região. Quando teve início, no meio da noite, os monges estavam acordados rezando as matinas, e então saíram do mosteiro para a segurança da praça a céu aberto.

O Padre Cassian, em reflexão posterior, encarou o terremoto como um símbolo da ruína da cultura cristã ocidental, mas notou que também havia um segundo símbolo mais esperançoso naquela noite. “O segundo símbolo foi o ajuntamento das pessoas para rezar em torno da estátua de São Bento, que fica no meio da praça”, escreveu a apoiadores. “Este é o único caminho da reconstrução”.

Os tremores deixaram a basílica estruturalmente instável para a adoração, e a maior parte do mosteiro ficou inabitável. Os irmãos evacuaram a cidade e foram morar em suas terras nas encostas de cima da montanha, um pouco fora dos muros de Nórícia. Armaram suas barracas nas ruínas de um mosteiro antigo e continuaram sua vida de oração, interrompida apenas por algumas visitas à cidade para ministrarem para seu povo.

Enquanto estavam exilados, os monges receberam visitas ilustres, incluindo Matteo Renzi, então Primeiro-Ministro da Itália, e o Cardeal Robert Sarah, que comanda a congregação de liturgia do Vaticano. O Cardeal Sarah abençoou as instala-

1 “Stagger onward rejoicing”, parte do poema *Atlantis* — NT.



ções temporárias dos monges, celebrou uma missa com eles e lhes disse que suas tendas “me fazem lembrar de Belém, onde tudo começou”.

“Estou certo de que o futuro da Igreja esteja nos mosteiros”, disse o cardeal, “porque, onde está a oração, está o futuro”.

Cinco dias depois, mais terremotos tremeram Nórchia. A cruz que ficava sobre a fachada da basílica caiu por terra. Foi então que, logo cedo na manhã de domingo, 30 de outubro, o terremoto mais forte que a Itália já vira nos últimos trinta anos começou, com seu epicentro no norte da cidade. A Basílica de São Bento, patrono da Europa, construída no séc. XIV, ruiu violentamente. Dela sobrou apenas a fachada. Em toda a cidade de Nórchia não sobrou uma única igreja em pé.

A poeira dos destroços ainda não havia baixado quando o Padre Basil ajoelhou-se sobre as rochas da praça, diante da basílica destruída, e, acompanhado por freiras e alguns conterrâneos mais idosos — incluindo um senhor em cadeira de rodas —, começou a rezar. Alguns vídeos amadores postados mais tarde no YouTube mostram o Padre Basil, o Padre Benedict e o Padre Martin correndo as ruas por entre os escombros da cidade arruinada em busca dos moribundos necessitados de seus últimos ritos. Pela graça de Deus, não havia nenhum.

Daqui dos EUA, o Padre Richard Cipolla, sacerdote católico de Connecticut e amigo de longa data do Padre Benedict, escreveu um *e-mail* para o superior assim que ouviu do último terremoto: “Houve estragos? O que está acontecendo?”.

“Sim, estrago dos grandes”, respondeu Padre Benedict. “Mas estamos bem. Tenho muito a lhe contar, mas por enquanto apenas reze. Estou bem, e Deus continua nos purificando e nos dando coisas muito boas”.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, Padre Benedict, que em breve assumiria como abade depois da aposentadoria de Padre Cassian, mandou uma mensagem para todos os amigos do mosteiro espalhados pelo mundo. Ele disse que nenhum cidadão de Nórchia havia morrido por conta dos terremotos porque



tinham escutado os avisos a respeito dos primeiros tremores e logo saíram da cidade. “[Deus] passou dois meses nos preparando para a destruição completa da igreja do nosso patrono, para que quando isso finalmente acontecesse pudéssemos assistir — em choque, é claro, mas em segurança — lá de cima da cidade”, escreveu o padre-monge.

E acrescentou: “Estes são mistérios que levarão anos — e não dias, e nem meses — para serem compreendidos”.

Certamente isso é verdade. De fato, quando alguns meses antes eu deixara Nória, naquele mesmo ano, invejara a segurança de que os monges gozavam na solidez daquela sua montanha. Mas estava errado. Não há nenhum lugar na Terra inteiramente livre de catástrofes. Quando a terra tremeu, a Basílica de São Bento, que há séculos permanecia firme e forte, desmoronou. Restou apenas a fachada, mero semblante de uma igreja. Mas note-se isto: justamente porque foram para as colinas depois dos terremotos de agosto é que os monges sobreviveram. Deus os preservou na pobreza sagrada de sua Belém coberta de lona, onde continuaram vivendo a Regra à moda antiga, inclusive celebrando a Missa Antiga. Agora eles podem começar a reconstrução em meio às ruínas, contando com sua fé beneditina a ensinar-lhes a aceitar a catástrofe como um chamado para uma santidade e um sacrifício mais profundos. Se Deus quiser, um dia brotará vida nova daqueles escombros.

Porque viveram a Opção Beneditina em tempos de bonança, desenvolveram dentro deles mesmos a estabilidade e a resiliência necessárias para suportar o tempo mais árduo — e para começar de novo, no tempo de Deus.

“Permanecemos rezando e vigiando na encosta da montanha, pensando nos três longos anos que São Bento passou na caverna antes que Deus decidisse chamá-lo para ser uma luz no mundo”, escreveu Padre Benedict. “*Fiat. Fiat*”.

*Faça-se. Faça-se.*

Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça o que o Espírito está dizendo às igrejas.





## AGRADECIMENTOS

A CLINT BARRON, RYAN T. ANDERSON e aos outros que leram versões prévias deste manuscrito; às comunidades em torno da Eighth Day Books, de Wichita, e da Abadia de Nossa Senhora da Anunciação de Clear Creek, na zona rural de Oklahoma, por sua hospitalidade calorosa e por seu testemunho. Correndo o risco de soar pomposo, também gostaria de expressar minha gratidão pela vida e pela obra de Joseph Ratzinger, o Papa Emérito Bento XVI, a quem considero o segundo Bento da Opção Beneditina.

Meu agente literário Gary Morris é tudo o que um escritor poderia querer, e o trabalho que ele fez para que este e todos os outros livros que escrevi viessem à vida é algo que jamais poderei retribuir. Foi um prazer trabalhar com Bria Sandford, a editora deste livro, que foi especialmente prestativa ensinando-me como eu deveria explicar todos esses termos monásticos a evangélicos como ela. Muitas das idéias deste livro foram esculpidas através de conversas com os leitores do meu *blog* no site *The American Conservative*. Agradeço-lhes também pelo encorajamento e pelas críticas construtivas. Agradeço aos meus chefes do *The American Conservative*, especialmente Jeremy Beer e Daniel McCarthy, por seu apoio infalível, e é com profunda gratidão que agradeço a Howard e Roberta Ahmanson por sua generosidade inesgotável. Agradeço a minha mulher, Julie, e a meus filhos Matthew, Lucas e Nora, por sua infinita paciência. Não é fácil ter um escritor na família, mas espero que meus filhos entendam um dia que este livro é pelo bem de seu futuro.



Por fim, faltam-me palavras para expressar minha gratidão aos monges de Nórchia por abrirem seus corações e celas para mim. Nenhum de nós jamais imaginaria que, quando este livro estivesse pronto, sua basílica e seu mosteiro estivessem em ruínas. Esses homens de Deus estão passando pelo caminho da Cruz agora, mas confio que o Senhor os usará de modo especial para fazer Sua luz brilhar no mundo. Por entre todas as dores, confusões e tristezas do mundo, os monges de Nórchia e seus alegres amigos que mais parecem *hobbits*, os Tipi Loschi, fazem-me lembrar da exortação de um dos Anciãos do livro do Apocalipse: “Não chores, pois o Leão da Tribo de Judá, a Raiz de Davi, triunfou” (Ap 5, 5). Porque eles o crêem, e porque o vivem, é que eu também vivo e também creio. E assim pode ser para todos nós.





## ÍNDICE REMISSIVO

### A

- A divina comédia* (Dante Alighieri) 184, 251, 271  
*A imagem descartada* (C. S. Lewis) 38-39  
*A origem das espécies* (Charles Darwin) 53  
aborto 11, 33, 59, 100, 101, 103, 123, 188, 224  
Adams, John 36-37  
*Admirável mundo novo* (Huxley) 187  
*After Virtue* [Depois da virtude] (MacIntyre) 27  
Agostinho, Santo 24, 109, 114, 130, 131  
Alemanha nazista 149  
Alfeyev, Metropolita Hilarion 167  
Alighieri, Dante 184, 207, 251, 271, 290  
alma 20, 21-22, 77, 79, 121, 152, 213  
Amizade Espiritual (movimento) 256  
amor 75, 81, 84, 89, 91-92, 118, 120, 127, 146-147, 257,  
285, 286-287  
a Deus 71, 152, 159, 178-179, 251-252  
altruísta 21, 251



- ao próximo 31, 152, 89-90, 222-223
- em busca do 254-257
- sexual 237-238, 241, 249, 258-259
- Anderson, Chris 276
- Aniol, Scott 138, 139
- Anticristo 66
- Antão do Deserto, Santo 26
- Aristóteles 42, 46, 47, 184, 186
- Arnold, Matthew 53
- arte 52, 54, 145-148
- ascetismo 44, 57, 82-85, 91, 127, 145, 150, 262
- Associação Cristã InterVarsity 204
- Associação dos Advogados Americanos 218
- Associação de Escolas Clássicas e Cristãs 198
- Associação L'Abri 203
- Associação Reba Place 228-229
- ateísmo 53, 57, 62, 159, 167
- Auden, W. H. 290

## B

- Bacon, Francis 47, 263
- Bainbridge, Stephen 223
- Balducci, Paul 155, 162
- Balducci, Rachel 155, 162-163
- bárbaros 24-27, 28, 186
- Barna Group 257
- Basílica de São Bento 291-292



- batismo 36, 82, 126
- Bauman, Zygmunt 55, 86
- beleza 97-98, 145-149, 252, 270
- Belgau, Ron 256
- Benda, Václav 117-122, 175-176
- Bernhard, Martin 80, 87, 90-91, 97, 162-164
- Berry, Wendell 142, 191, 236-238, 259-260
- Bento, São 15, 23-27, 36, 63, 65, 69-70, 79, 83-86, 88-89,  
91, 98, 114, 272, 290  
discípulos de 26, 63, 73-75, 95-96, 155  
enquanto pai do monasticismo ocidental 12, 26-27,  
28-30, 68-69, 179  
os primeiros anos de 23-24, 292
- Bento XVI, Papa 14, 18, 67, 145, 250
- Bíblia 21, 22, 31, 44-45, 54, 68, 70-71, 76-78, 85, 113,  
129, 131-134, 140, 240-241, 245-246  
estudo da 181-183
- Bloy, Léon 96
- Boersma, Hans 135
- bondade 97, 145-146, 148, 246-249, 252, 270-271
- Bonhoeffer, Dietrich 89-90, 149
- Boyd, Ian 209
- Brown, Louise 265
- Brown, Peter 117, 240
- Brownback, Sam 107
- Buber, Martin 152
- Burk, Denny 144-145, 156



## C

- Calciu, Gheorghe 149
- Calvino, João 130
- caminho da Cruz 21
- Campus Pride 221
- capitalismo 22, 35
- caridade 104, 117, 148
- Carr, Nicholas 268, 269, 274
- cativeiro na Babilônia 286
- casamento 19, 104, 145, 248
- homossexual 11, 13, 19, 101, 206, 242, 243-245 256-257
  - sexo e 235-237, 238-240, 241-242, 244-245, 250-251, 253-254
- castidade 236, 239, 245-246, 248, 255, 260
- Catedral de São João (Alaska, EUA) 169
- celibato 236, 255
- Centro Cultural Newman 201
- da Universidade de Illinois (St. John's) 201
- Centro de Ética e Políticas Públicas 105
- Centro de Pesquisa de Crimes contra Crianças, Universidade de New Hampshire 275
- Centros de controle de doenças 188
- Centros de estudos cristãos 202-203
- Chan, Simon 137-138
- Chancellot 204-205
- Chaput, Charles 183
- Chesterton, G. K. 208-209
- Cidade de Deus* (Sto. Agostinho) 24, 108



- Cipolla, Richard 291  
 Clément, Olivier 251  
 Clinton, Bill 101, 151  
 Clinton, Hillary 33, 102, 151  
 Colson, Chuck 166-167  
 Comello, Chad 228  
*Coming Apart* [Caindo aos pedaços] (Charles Murray) 34  
 Comunhão e Libertação (movimento) 229  
 comunidade 14-15, 19, 22, 28-30, 34, 60, 72, 87-91, 94-95,  
     98, 105, 111-112, 117-123, 126-128, 151-155  
     amor à 169-170  
     construção da 170-174  
     relações dentro da 160-165, 228-229  
 Comunidade Aleluia 162-163  
 comunismo 99, 114-117, 121-122, 149  
 Connerton, Paul 135-136  
 consciência 22, 216, 221-222, 224  
 conservadorismo 11-12  
     religioso 11, 19-20, 29, 100-107  
     social 103-104, 151  
*Conserving America?* [Conservar a América?] (Patrick J. De-  
 neen) 113-114  
 Constituição dos Estados Unidos da América 50-51  
     Primeira Emenda à 106, 110  
 consumismo 12, 22, 88, 162, 176, 216, 280  
 Contra-reforma católica 46  
 contemplação 270, 272-273, 281  
 conversão 24, 68, 104, 120, 126, 146-147, 249



- Copérnico 46
- Coragem 223-225
- corpo humano 239, 251, 263
- Cothran, Martin 180
- Crawford, Matthew 146, 264, 269
- Criação 215, 216, 237-238, 250, 251, 259, 274
- cristandade 11-16, 24-27, 34-46, 50, 54-55, 76-77, 120
- abordagem pró-ativa e contracultural da 12, 13-15, 15-16, 23, 29-30, 164-165, 178, 206-207, 208-209, 236-237
  - ameaça à 11-13, 14,
  - declínio da 18-23, 34-35, 55-59, 62, 67, 87-88, 125-126, 134-135, 238
  - negócios paternalistas na 226-229, 232
  - Padres da Igreja na 130-131, 183
  - perseguição contra a 23, 217, 226
  - pseudo 20-22, 250
  - restauração da 14, 71-72, 97-98, 101
  - tradicional conservadora 11-12, 14, 19, 21, 23, 29-30, 33-34, 72, 97, 99, 102-106, 112-113, 123-124, 131, 122-123, 167-168, 282
- Crunchy Cons* [Direita canhota] (Rod Dreher) 12
- culto litúrgico 126, 128, 131-141, 150
- Currie, Chris 163-165, 170-171, 197-198

## D

- Daigle, Brian 196
- Darwin, Charles 53



- Davoren, Francis 92-93, 94-95, 213-214, 229, 279
- de Waal, Esther 66
- Declaração de Independência 50
- Deísmo 20-21, 49, 61, 182, 287
- Deísmo Moralista Terapêutico 20-22, 183, 60-61, 281, 287
- Demant, Vigo Auguste 152
- democracia 35, 51, 52, 54, 62, 112
- Democracia na América* (Alexis de Tocqueville) 52
- Deneen, Patrick J. 113-114, 185, 215-216
- Denton, Melinda Lundquist 20-21
- Departamento de Educação do Governo Americano 199
- Descartes, René 47-48, 61, 186, 263
- desejo 57-60, 133, 145-146, 148, 272
- sexual 243-244
- Deus 18, 21, 27, 31, 35-41, 46-49, 53, 56, 62-63, 67-76, 80-94, 112, 121, 138
- Direita religiosa 23, 100
- direitos dos transgêneros 13, 59, 188
- direitos homossexuais 13, 19, 101, 211, 216-221, 243-245
- disciplina espiritual 125, 126, 135-137, 141-142, 143-145
- distribuição 228
- divórcio 59, 144-145, 242, 253
- Donoghue, Mary Pat 198-199
- Doom, Erin 167-168
- Dover Beach* (Matthew Arnold) 53
- Dreher, Lucas 17
- Dreher, Matthew 11, 151
- Dreher, Rod 11, 17, 86-87, 151-152, 158-159, 248-249



Dreher, Ruthie 86

Dunaway, Marc 169

## E

Eberstadt, Mary 152

ecumenismo 166-168

Edsall, Thomas Byrne 100

educação 15, 98, 115, 118-119, 123, 151, 174-211, 218

    cristã 176-187, 191-211, 229-230

    em casa 194, 199-200, 227-288, 274

    em escola pública 187-190, 224, 226, 253

    judaica 177, 183

    na faculdade 200-208, 218-221, 229

    sexual 252-254

Edwards, Robert G. 265

eleições presidenciais americanas de 2016 14, 33, 101-102, 113

Elredo de Rievaulx, Santo 256

embriões congelados 265-267

Encanadores McDowell 227

Engels, Friedrich 53

ensino domiciliar (ver *homeschooling*)

equilíbrio 94-96, 122, 215

era greco-romana 180, 184-185, 186, 239-240

eremitas 25-26, 152, 163

Escola Clássica Sequitur (Baton Rouge, Louisiana) 194, 196, 199

Escola de São Constantino (Houston, Texas) 181, 195-196,  
206-207



- Escola de São Jerônimo (Hyattsville, Maryland) 197-198
- Esolen, Anthony 207-208
- Espírito Santo 98, 128, 140, 170, 242, 273, 286, 292
- estabilidade 85-87, 91, 150, 288, 292
- Estados Unidos da América 33, 52, 53, 163-164
- Pais Fundadores dos 49-51
- queda da religiosidade nos 19-20
- pós-cristão 15, 23, 101, 108, 112, 127, 150, 190, 195
- eu (ego) 19, 21, 48, 55, 96
- Eucaristia 36, 133, 134, 140
- eugenia 279-280
- Europa 18, 26, 42-43, 45-46, 52, 61, 66, 125, 132
- movimentos de resistência na 99, 114-120, 121-122
- eutanásia 224
- Evangelho de São João 127
- Evangelho Social (movimento) 54
- evangelhos 23, 44, 74-75, 76, 83, 127, 134, 139, 146, 237
- evangélicos 51, 54, 100-104, 106, 126-129, 137-138, 141,  
145-148, 157, 165, 182, 249-250
- excomunhão 88, 145
- Ezequiel 286

## F

- família 11, 15, 22, 23, 86, 89, 98, 104, 112-113, 120, 143,  
123-160, 167-168, 232
- colapso da 18, 235
- natural 254-257



- Família Stormans 232
- Farha, Warren 168
- fé 14-15, 18, 23, 27, 29, 48, 55, 66, 79, 82, 118, 120, 125,  
128-129, 141, 143, 145-146, 151  
desafios para a 222-225, 231-233, 237, 245
- felicidade 21, 50, 56, 82, 120, 133, 250, 263, 281
- Fellow Teachers* [Colegas professores] (Phillip Rieff) 185-186
- fertilização *in vitro* 265-267
- filhos 128-129, 161, 165, 174, 225-226, 251  
criação dos 151-152, 154-160, 163, 169, 188-191, 235  
fora do casamento 34, 265  
grupo de pares e 157-158  
*ver também* educação
- Finkler, Jerry 160-161
- Finkler, Shelley 160-161
- First Things* (periódico) 125, 183
- Folsom, Cassian 65-70, 77, 98, 287, 290-291
- Foster, Steve 227
- Franklin, Benjamin 49
- Frassati, Pier Giorgio 171
- Freud, Sigmund 55-56
- Fundação *Human Rights Campaign* 217

## G

- Gardner, Stephen L. 58
- giróvagos 85-87
- Givens, Terryl L. 162, 166



globalismo 101  
 Gorbachev, Mikhail 175  
 Gottlieb, Mark 153-154, 160, 177, 184  
 Grace Bible Chapel 227, 228  
 Grande Depressão (Crise de 1929) 100  
 Grandes Livros do Mundo Ocidental 194, 210  
 Gregory, Brad 45-46  
 Guardini, Romano 72, 84  
 Guerra dos Cem Anos 42  
 Guerras Religiosas 46, 61  
 Guilherme de Ockham 39-41  
 Gushee, David 219

## H

Haguewood, Ben 139-140  
 Hall, David 221  
 Hanby, Michael 176-177, 197, 263-265, 276-277  
 Harrington, Matthew 136  
 Harris, Judith Rich 157-158, 190  
 Hart, David Bentley 39, 40  
 Hauerwas, Stanley 141  
 Havel, Václav 100, 115-117, 122  
 Hayden, Evagrius 74, 84, 255  
 heresia 235-236  
 Hitler, Adolf 149  
*homeschooling* 194, 199-200, 227-288, 274  
 homossexualismo 255-257



*How Societies Remember* [Como funciona a memória das sociedades] (Paul Connerton) 135-136

*How the West Really Lost God* [Como o Ocidente perdeu Deus de verdade] (Mary Eberstadt) 152

humanismo 43-44

*Humanum* (série de filmes) 253-254

## I

Idade das Trevas 15, 29, 62, 63

Idade Média 26, 36-44, 47, 62, 63, 179, 251, 270

Igreja Batista do Sul (EUA) 144-145, 156-157, 246-247

Igreja Católica Apostólica Romana 11, 21, 45, 48, 50, 54, 60, 65, 101-103, 117, 129, 147-148, 171-172, 249

corrupção na 45

missa e sacramentos da 36, 132-133, 201-202, 292

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons) 162, 165

Igreja Presbiteriana (EUA) 108, 140, 285

Igreja Ortodoxa Oriental 11, 60, 83, 129, 136, 140, 141, 160-161, 169, 195, 196, 225

Igreja Ortodoxa Russa 136, 167

Iluminismo 35, 46-52, 57, 62, 63, 113, 238

imaginação 22, 35, 38, 42, 92, 128, 132, 177, 235, 252

Império Romano 29, 62, 84

declínio e queda do 12, 18, 24-27, 43, 57, 114, 123

Inchausti, Robert 134

individualismo 22, 27, 42, 43, 57, 58



infidelidade 195, 251  
 intolerância (preconceito) 211, 253  
 Institute for Excellence in Writing (IEW) 227-228  
 Instituto CiRCE 193, 199  
 Instituto de Educação Liberal Católica 198  
 Instituto Oitavo Dia 166-168  
*internet* 70, 132, 259, 268-270  
     desconectar-se da 261-263, 274-276, 278-279  
 Israel 251  
 Itália 24-27, 287-289

## J

James, William 271  
 Jefferson, Thomas 49  
 jejum 82-85, 141-143, 272, 273-274, 286, 289  
 Jerônimo, São 24, 130  
 Jerusalém 286, 289  
 Jesus Cristo 15, 25, 30, 37, 63, 71-74, 76-78, 82-85, 87-97,  
     120, 126-127, 134, 184, 223  
     crucificação de 83, 135-136, 141-143, 251-252  
     divindade de 237, 242  
     ensinamento de 152, 249, 256, 287  
     ressurreição de 136  
     segunda vinda de 162  
 João Evangelista, São 149  
 João Paulo II, Papa 176  
 Jobs, Steve 276



judeus 220

ortodoxos 153, 160, 177, 183

justiça social 250

## K

Kennedy, Anthony 59

King's College 207

Kinzer, Lance 106-111, 130

## L

Le Guin, Ursula K. 63

*lectio divina* 77, 183

Lee, Calee 225-225

Legislatura do Kansas 106-108

Legutko, Ryszard 176

Lei Federal de Restauração da Liberdade Religiosa 13

Levin, Yuval 105-106

Lewis, C. S. 38, 41, 122, 179, 187

LGBT (agenda) 13-14, 19, 59, 188-190, 211, 216-222, 243-  
245, 256-257

liberdade 51, 57-59, 87

religiosa 19-20, 101, 104, 106-107, 109-111, 123, 153,  
219, 222-223, 223, 231

e discriminação 13

Liturgia das Horas (Ofício Divino) 73, 77

*Liturgical Theology* [Teologia litúrgica] (Simon Chan) 138



Livraria Oitavo Dia 166-168  
 livre-arbítrio 30, 52, 58, 87  
 Locke, John 49-50  
 Logos 37, 72  
 Louisiana 78, 86-87, 132, 136, 146  
     dilúvio de 2016 em 17-18, 31  
 LuLaRoe (loja) 226  
 Luscombe, Belinda 258  
 Lutero, Martinho 44-45, 186, 241

## M

MacDonald, Sam 229-231  
 MacIntyre, Alasdair 12, 14, 27-30, 135  
 Magno, São Gregório 25  
 Maritain, Jacques 152, 285  
 Martin, Ryan 139  
 martírio 148  
 Marx, Karl 53, 62  
 materialismo 22, 31, 163, 191  
 Mattingly, Ryan 201  
 McLuhan, Marshall 79, 131, 132, 134, 224  
 Medved, Michael 151  
 memória 28, 118, 125, 129, 132, 135, 281  
 Metge, Jed 204-206  
 modernidade 55, 56, 59, 67-68, 71-72, 126-127, 129, 141,  
     150, 177, 184, 245, 263-264, 268  
 monasticismo 12, 15, 26-27, 63-98, 154-156, 168, 213-214, 255



- fé e educação mantidas pelo 27, 66
- objetivo do 111, 176
- monges 15, 26, 44-45, 65-81, 83-98, 126, 144, 147, 161,  
213-215, 272, 290, 291-292
- Moore, Russel 126-127
- Moore, Scott 114-115
- moralidade 19, 22, 25, 100-101, 105, 111, 112, 126, 145,  
156, 157, 175
  - abandono da 28, 55-56
  - sexual 55, 249-250, 250-251
- Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciação de Clear Creek 261
- Mosteiro de São Bento (Nórcia, ITA) 65-68, 74-76, 96-97, 172
- muçulmanos 149
- Muncy, Mitch 210
- Murray, Charles 34
- música 123, 148

## N

- Napoleão I, Imperador da França 52, 65-66
- Nation* (jornal) 244
- natureza 52, 59, 263
- Neuhaus, Richard John 166-167
- New York Times* (jornal) 185, 266, 276
- Newton, Isaac 46-47, 186
- Nietzsche, Friedrich 53
- Nisbet, Robert 152, 153
- Nivakoff, Benedict 78, 84, 85, 91-94, 291-292



Nixen, Basil 74, 77-78, 80-81, 91, 94, 291

nominalismo 39, 40, 61, 268

Nórcia 24, 65-66, 75, 90, 96, 118, 128, 148, 162, 172, 255,  
279, 287, 290-292

## O

*O homem eterno* (G. K. Chesterton) 208-209

*O manifesto comunista* (Karl Marx e Friedrich Engels) 53

*O triunfo da terapêutica* (Philip Rieff) 56-57, 238

obediência 155, 236, 248

*Obergefell* versus *Hodges* (caso) 13, 19, 243

Opção Beneditina 92, 98, 106, 114, 118-123, 126, 144,  
153, 159, 170, 173-174, 210, 223, 285-289, 292

definição da 30

objetivos da 109, 111, 119, 121, 177, 192, 214, 225,  
233, 260, 282

oração 30, 67-69, 73-79, 91, 109, 128, 136, 143, 150, 154-  
155, 160-161, 178

Oração de Jesus 78

ordem 72-76, 81, 155

Ordem Beneditina 63-72, 76-81, 85-87, 89-98, 126, 134,  
144, 155, 161, 172, 179, 213-216, 236, 238, 261

Ordem Trapista 149

ostrogodos 57, 62

## P

Pacto de Varsóvia 175

Padres do Deserto 83



- parábola dos talentos 94
- Partido Democrata 13, 100, 101, 113
- Partido Republicano 13, 19, 99, 100-108, 109, 113, 124
- Paul Among the People* [Apóstolo Paulo] (Sarah Ruden) 239
- pecado 44, 60, 145, 155, 205, 223, 240-241, 271
- Percy, Walker 129, 257
- Perkins, William 214
- Peste Negra 42
- Pew Research Center 20, 261, 266
- Pico della Mirandola 43
- pílula contraceptiva 59
- Planned Parenthood* versus *Casey* (caso) 59, 123
- Platão 38, 186
- pobreza 33, 250
- poligamia 59
- pólis paralela 117-119
- política 14-16, 19, 30, 46, 98, 235
  - antipolítica 100, 111-123
  - cristã 104-111, 114-115
- Pontifício Instituto João Paulo II 176
- pornografia 205, 224, 235, 238-239, 252, 257-259, 274-275
- Postman, Neil 252, 264, 273-274, 282
- Prakarsa, Ignatius 75, 93, 118, 142, 148
- Primeira Guerra Mundial 25, 55
- Primeiro Grande Despertamento 51
- pró-vida 102, 123
- progressismo 19-20, 49-50, 113-115, 121-123, 176
- Protágoras 43



protestantismo (ou: protestantes) 11, 21, 45-46, 50, 54, 60,  
61, 129-130, 137, 198, 244, 246, 280

psicanálise 55

psicologia 55-57

psiquiatria 271

Pudewa, Andrew 227-228

## Q

Quaresma 142, 143, 183, 273

## R

racismo 13, 250

racionalismo 48, 48-49, 51, 52

Radner, Ephraim 20

razão 27, 35, 44, 52, 62, 118, 141, 146, 148

Reagan, Ronald 101, 103, 114

realidade 37, 38, 48, 193-195, 280-281

Reboot (organização judaica) 273

redes sociais 261-262, 277-278

Reforma Protestante 35, 44-46, 61, 129-130, 186

reforma social 54, 62

Regra de São Bento 9, 15, 26-27, 30, 63, 68-75, 77-86, 88,  
89, 92, 94-95, 98, 111, 128, 144, 165, 179,  
183, 215, 272, 292

relacionamentos 166-168, 222-223, 258-259

com Deus 152, 160, 263



com Jesus 163, 241  
construção de 166-168, 222-223, 258  
Renascimento 42-45, 61  
Renzi, Matteo 290  
Revolução Americana 51, 62  
Revolução Científica 46-50, 61-62  
Revolução Francesa 51, 62, 65  
Revolução Industrial 35, 51-53, 62  
Revolução Sexual 19, 35, 59, 99-100, 144, 223-224, 238-  
239, 243-245, 250, 259, 265  
Reynolds, John Mark 181, 187, 195-196, 206-207  
Rieff, Philip 56-58, 185-186, 245  
Roberts, Christopher 241  
*Roe versus Wade* (caso) 100, 104, 123  
romantismo 52, 59, 62  
Romênia 149  
Rousseau, Jean-Jacques 52  
Ruden, Sarah 239

## S

Saguão dos Homens 166-168  
Salmos 73, 77, 102, 179  
*samizdat* 119  
Sanchez, Carlos 147  
Santa Escolástica 26  
santidade 104, 133, 241  
Santo Tomás de Aquino 38-40, 130-131, 184



São Paulo 37, 70, 76, 128, 140, 142, 165, 173-174, 193,  
222, 239, 240, 242

São Pedro 40

São Policarpo 130-131, 149, 223

São Timóteo 70, 143

São Thomas More 223

Sarah, Cardeal Robert 290

Sargeant, Alexi 173

Sargeant, Leah Libresco 172-173

Sayers, Dorothy 194

Schaeffer, Edith 203

Schaeffer, Francis 203

Schmemmann, Alexander 273

Scuola Libera G. K. Chesterton 172, 209

secularismo 19, 20, 56, 60, 100, 122-123, 125, 127, 154,  
163, 167, 181, 211, 236

Sermarini, Federica 209

Sermarini, Marco 154, 171-173, 209-210, 287-298

sexo 15, 55, 98, 100, 157, 220, 233-260, 265

- abstinência de 236, 248
- adolescente 187-188
- amor e 237-239, 240-241, 249-250, 258-259
- casamento e 235-237, 238-240, 241-242, 244-245,  
250-251, 253-254
- desordenado 235
- educação para o 252-254
- prazeres do 246-250
- procriação e 235, 251, 252, 265
- visão cristã sobre o 235-260

Shakespeare, William 186



Sião 162  
Sibley, Bryce 202  
Sindicato Autônomo “Solidariedade” 176  
*smartphones* 261-262, 269-270, 271-273, 274-277  
Smith, Christian 20, 21-22, 54, 232, 280  
Smith, James K. A. 133  
Sociedade Chesterton 171  
Sociedade dos Estudantes de Universidade Católicos (FOCUS) 202  
Sociedade dos Filósofos Cristãos 206  
Sociedade para os Estudos Clássicos [Society for Classical Learning] 199  
Solzhenitsyn, Aleksandr 170  
Speers, Sam 204, 205  
Starr, Richard 227, 228  
Stidham, Deanne 226  
Stutzman, Barronelle 232-233  
Sullivan, Andrew 278  
Suprema Corte dos Estados Unidos 13, 19, 103, 107, 123, 232, 243  
Swinburne, Richard 206

## T

taoísmo 40  
Taylor, Charles 36, 38, 59-61, 245  
Taylor, Flagg 117-119, 120-121  
tecnologia 15, 51, 98, 132, 233, 260-292



apego à 262, 268-270

desassociando-se da 261-262, 273-274, 278-279

online 261-262, 268-270

*Technopoly* [Tecnópole] (Neil Postman) 264

Tchecoslováquia 100, 115-120, 121 175-176

Teodorico, o Grande (Rei) 25

Terceiro Grande Despertamento 54

terremotos 290-292

*The Lost Tools of Learning* [As ferramentas perdidas da aprendizagem] (Rodney L. Sayers) 194

*The Nurture Assumption* [A hipótese da criação familiar] (Judith Rich Frelson) 157-158

*The Power of the Powerless* [O poder dos sem poder] (Václav Havel) 1

Thompson, Greg 285

*Time* (revista) 258

Tocqueville, Alexis de 52, 112-113, 153

Torá 183

totalitarismo 121, 186

trabalho 15, 68-70, 79-81

enquanto vocação 214-216, 233

empreendedor 225-226

exercício físico como forma de 68, 213-233, 279

industrial 239-231

redes cristãs e 227-229, 232

Trinity Western University 220

Trivium 194

Trueman, Carl 188-189

Trump, Donald 100-104

eleição de 14, 33, 101-102, 123

Twenge, Jean 249



## U

União Soviética 175

colapso da 25

Universidade Batista de Houston 206

Universidade da Virgínia 203

Universidade de Dallas 210-211

Universidade Yeshiva 183

unitarismo 50

## V

Vaticano 44-45, 253, 290

verdade 60, 97, 112, 116-117, 121, 126, 145-149, 179, 247,  
263-264, 267

*Vida em comunhão* (Dietrich Bonhoeffer) 89-90

virtude 12, 15, 27, 31, 49, 52, 98, 180, 181

visigodos 24, 57

vocações 214-216, 233

## W

Walker, Andrew T. 246-247

Wilken, Robert Louis 125-126, 146-147

Willimon, Will 141

Wilmeth, Augustine 75, 83, 93, 255

Wu, Tim 271

Wurmbrand, Richard 149

## X

Xist Publishing (editora) 225



FICHA CATALOGRÁFICA

Dreher, Rod

A Opção Beneditina: uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão / Rod Dreher; tradução de Thomaz Perroni — Campinas, SP: Ecclesiae, 2018.

Título original: *The Benedict Option: A Strategy for Christians in a Post-Christian Nation.*

ISBN: 978-85-8491-099-1

I. Religião e cultura

I. Título II. Autor

CDD – 211:316.7

---

INDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

I. Religião e cultura — 211:316.7



“Nós, cristãos do Ocidente, estamos enfrentando o nosso próprio dilúvio milenar — ou, de acordo com as palavras do Papa Emérito Bento XVI, a crise espiritual mais séria desde a queda do Império Romano, no final do século V”.

\*\*\*

“As nuvens que prenunciam a tempestade vêm se amontoando há décadas, mas a maioria de nós, fiéis, continuamos agindo na ilusão de que elas se dispersariam. O colapso da família tradicional, a perda dos valores morais tradicionais e a fragmentação das comunidades — nos preocupávamos com esses acontecimentos, mas acreditávamos que eram reversíveis e que não eram sinais de que havia algo de fundamentalmente errado com a nossa abordagem da fé. Nossos líderes religiosos disseram que, reforçando as barragens da lei e da política, a enchente do secularismo ficaria contida nas baías”.

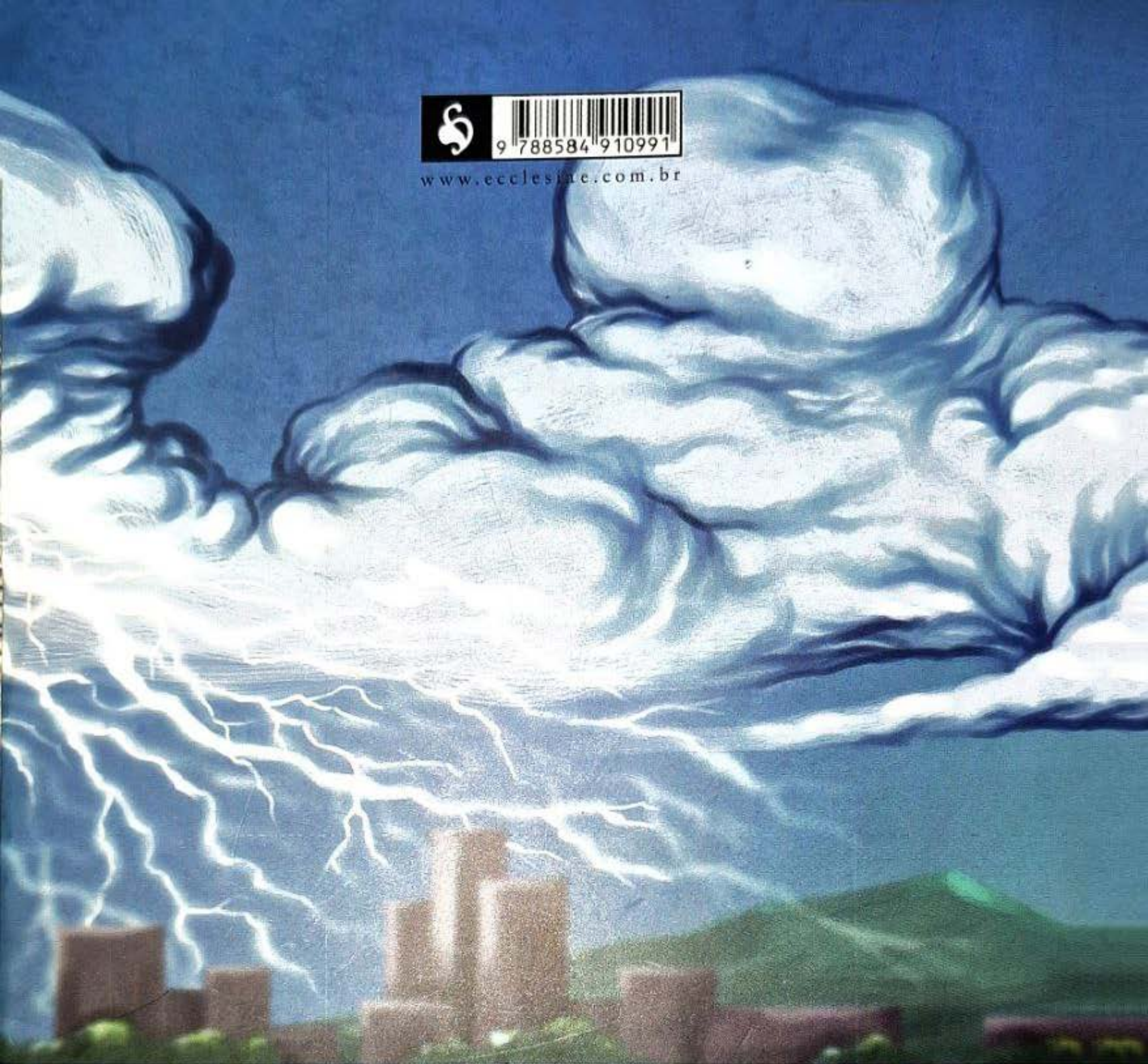
\*\*\*

“Hoje podemos constatar que perdemos em todas as frentes e que as correntes ágeis e impiedosas do secularismo esmagaram as nossas frágeis barreiras. O niilismo secular e hostil ganhou a vez no governo nacional e a cultura voltou-se com força contra o cristianismo tradicional”.





www.ecclesia.com.br



Apoiando-se na história de São Bento, que respondeu ao colapso da civilização romana fundando uma ordem monástica, Rod Dreher propõe algo semelhante, uma espécie de recolhimento estratégico baseado na autoridade das Escrituras e na sabedoria da Tradição da Igreja. O objetivo é apartar-se da cultura neopagã atual para construir uma contra-cultura genuinamente cristã que possa superar a decadência cada vez mais profunda da nossa civilização.

A vida cristã tornou-se incompatível com os valores seculares atuais, por isso é preciso chegar a soluções criativas e comunitárias que ajudem os cristãos a manter a fé em um mundo cada vez mais hostil. Portanto, segundo Dreher, “a *Opção Beneditina* é um chamado a assumirmos a longa e obstinada tarefa de trazer o mundo real de volta da fantasia, da artificialidade, da alienação e da atomização típicas da vida moderna”.